

O LIVRO QUE ORIGINOU O FILME *A REDE SOCIAL*

BILIONÁRIOS POR ACASO

A CRIAÇÃO DO FACEBOOK

Uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição

Ben Mezrich





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Bilionários por acaso

Copy right © 2009 Ben Mezrich

Tradução publicada mediante acordo com Doubleday, uma editora de Knopf Doubleday Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

título original

The Accidental Billionaires: The Founding of Facebook – A Tale of Sex, Money, Genius and Betrayal

preparação

Ana Julia Cury

revisão

Julio Ludemir

Rodrigo Rosa

revisão de ePub

Tatiane Souza

geração de ePub

Geográfica

e-isbn

978-85-8057-077-9

edição digital

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



[»](#)



[»](#)



[»](#)



[»](#)



[»](#)

**PARA TONYA,
ESSA GAROTA DOS SONHOS DE UM GEEK...**

Aviso

Esta obra foi postada pela equipe [iOS Books](#) em parceria com o grupo [LegiLibro](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é **totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras.

Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

[iOS Books](#)

[LegiLibro](#)

NOTA DO AUTOR

Bilionários por acaso é uma narrativa dramática baseada em dúzias de entrevistas, centenas de fontes e milhares de páginas de documentos, incluindo registros de algumas ações judiciais.

Há opiniões diferentes — e quase sempre contraditórias — sobre alguns dos eventos narrados. Tentar recriar uma cena a partir da lembrança de dúzias de fontes — algumas, testemunhas diretas; outras, indiretas — pode, com frequência, levar a discrepâncias. Recriei as cenas deste livro com base em informações que descobri em documentos e entrevistas, e em meu melhor julgamento sobre qual versão mais se aproximava dos registros documentados. Outras cenas foram escritas de forma a apresentar percepções individuais, sem endossá-las.

Tentei manter a cronologia o mais próximo possível da realidade. Em alguns exemplos, descrições e detalhes do ambiente foram modificados ou imaginados, e informações específicas que pudessem identificar algumas pessoas foram alteradas para manter sua privacidade. Com exceção das personalidades públicas que povoam esta história, nomes e descrições pessoais dos envolvidos foram alterados.

Utilizo, de fato, a técnica de recriar diálogos. Baseei tais diálogos nas memórias dos envolvidos sobre o teor destas conversas. Alguns dos diálogos recontados neste livro ocorreram durante longos períodos e em várias localidades; por isso, algumas dessas conversas e cenas foram recriadas e resumidas. Em vez de esticar essas conversações, às vezes as mantive em cenários prováveis.

Farei dedicatórias às minhas fontes nos agradecimentos deste livro, mas aqui devo reconhecer em particular a ajuda de Will McMullen por ter me apresentado a Eduardo Saverin, sem o qual esta história não poderia ter sido escrita. Mark Zuckerberg, em todo o seu direito, recusou-se a dar um depoimento para este livro, apesar de meus inúmeros pedidos.

Foi provavelmente o terceiro coquetel. Era difícil para Eduardo ter certeza, porque os três drinks se sucederam com tal velocidade — copos plásticos vazios agora se empilhavam como uma sanfona no parapeito da janela atrás dele — que ele não pudera ser preciso quanto ao momento da mudança. Mas não havia como negar, ele era a própria prova. O rubor delicioso e quente em suas bochechas normalmente amareladas; a forma relaxada, quase emborrachada, com que ele se recostava na janela — um contraste extremo em relação à sua habitual postura calcificada, quase encurvada; e, mais importante, o sorriso fácil em seu rosto, algo que ele praticara sem sucesso no espelho por duas horas antes de deixar seu quarto do alojamento naquela noite. Não havia dúvidas de que o álcool havia surtido efeito e Eduardo não tinha mais medo. Na pior das hipóteses, ele não estava mais se sentindo oprimido pela necessidade premente de *dar o fora dali*.

Certamente o salão à sua frente era intimidador: o imenso candelabro de cristais pendurado no teto arqueado de catedral; o grosso carpete vermelho que parecia sangrar das paredes de mogno real; a escada curvilínea que se bifurcava como uma serpente rumo às catacumbas ultrassecretas dos andares superiores. Até as cortinas atrás da cabeça de Eduardo pareciam traiçoeiras, iluminadas por trás pela fúria bruxuleante de uma fogueira que consumia boa parte do pátio estreito lá fora, labaredas de chamas que lambiam o vidro antigo cheio de marcas do tempo.

Era um lugar assustador, especialmente para um garoto como Eduardo. Ele não era pobre — havia passado a maior parte de sua infância entre comunidades de classe média alta no Brasil e em Miami antes de se matricular em Harvard —, mas sentia que o tipo de opulência do Velho Mundo que a sala representava lhe era completamente estranha. Mesmo com o álcool, Eduardo perceberia suas inseguranças remoendo as profundezas de seu estômago. Ele se imaginou mais uma vez como um calouro, pisando pela primeira vez o pátio de Harvard, pensando o que diabos estava fazendo ali e como poderia fazer parte de um lugar como aquele. *Como ele poderia fazer parte de um lugar como aquele?*

Ele se inclinou na soleira, analisando a multidão de jovens que enchiam a maior parte daquele salão cavernoso. Uma turba, de verdade, que se amontoava ao redor dos bares improvisados que haviam sido instalados especialmente para aquele evento. Os próprios bares eram muito malfeitos — mesas de madeira que não passavam de meras tábuas, completamente fora de sintonia em um ambiente tão austero —, mas ninguém sequer notava, pois eles eram coordenados pelas únicas garotas no lugar; loiras peitudas parecidas umas com as outras vestindo tops pretos e curtos, trazidas de alguma faculdade local só para mulheres a fim de atender aquele bando de garotos.

O bando era, de muitas formas, mais assustador que o local. Eduardo não poderia dizer com certeza, mas achava que havia cerca de duas centenas deles — todos homens, todos vestidos com ternos escuros parecidos. A maior parte era do segundo ano; uma mistura de todas as raças, mas havia algo muito comum em todos os rostos — os sorrisos pareciam muito mais seguros do que o de Eduardo, havia confiança naqueles duzentos pares de olhos —, eles não estavam acostumados a serem postos à prova. *Eles eram dali*. Para a maioria deles, essa festa — e esse lugar — era só uma formalidade.

Eduardo respirou fundo, e fez uma leve careta ao inalar o ar poluído. As cinzas da

fogueira lá fora aos poucos atravessavam as cortinas, mas ele sequer se moveu de onde estava, pelo menos não por enquanto. Ainda não estava pronto.

Em vez disso, dirigiu sua atenção para um grupo de ternos ao seu redor — quatro garotos de porte médio. Não os reconheceu de nenhuma de suas aulas; dois deles eram loiros e com cara de calouros, como se tivessem acabado de saltar de um trem vindo de Connecticut. O terceiro era oriental e parecia um pouco mais velho, mas era difícil dizer com certeza. O quarto, contudo — afro-americano e aparentemente muito educado, do sorriso ao cabelo perfeitamente aparado —, era certamente veterano.

Eduardo sentiu suas costas se enrijecerem e olhou para a gravata do garoto negro. A cor do material era a certeza de que Eduardo precisava. O garoto era veterano e agora era a hora de ele fazer o que tinha de fazer.

Endireitou seus ombros e descolou-se da janela. Acenou para os garotos de Connecticut e para o asiático, mas sua atenção permanecia concentrada no mais velho — e em sua gravata preta, com estampas tão peculiares.

— Eduardo Saverin — apresentou-se, apertando a mão do garoto com força —, prazer em conhecê-lo.

Ele respondeu com seu próprio nome, Darron alguma coisa, que Eduardo arquivou em sua memória. O nome dele pouco importava; sua gravata já havia lhe contado tudo o que precisava saber. O propósito de toda essa noite resumia-se nos pequenos pássaros brancos que salpicavam o tecido preto. A gravata o apresentava como sendo integrante do Phoenix K-S; ele era um das duas dezenas de anfitriões que estavam espalhados entre os duzentos alunos de segundo ano.

— Saverin. Do fundo de hedge, certo?

Eduardo corou, mas por dentro ele estava excitadíssimo com o fato de que um Phoenix o reconhecia pelo nome. Havia algum exagero — ele não tinha um fundo de hedge, só conseguiu ganhar algum dinheiro em uma aplicação que fez com o irmão no segundo verão na universidade —, mas não iria corrigir Darron. Se os integrantes do Phoenix falavam sobre ele, se de alguma forma ficaram impressionados com o que ouviram — bem, talvez ele tivesse alguma chance.

Era um pensamento excitante, e seu coração começou a bater mais forte enquanto ele tentava tirar onda na medida certa para manter o veterano interessado. Mais do que qualquer prova que ele tivesse feito em seus dois primeiros anos, esse momento poderia definir seu futuro. Eduardo sabia que poderia significar seu ingresso no Phoenix — garantindo seu status social nos últimos dois anos de faculdade, e também seu futuro, fosse qual fosse o futuro escolhido.

Como as sociedades secretas de Yale que ganharam tanta cobertura da imprensa nos últimos anos, os Clubes Finais² eram a alma pouco secreta do campus de Harvard; instalados em mansões com séculos de idade que se espalhavam por Cambridge, os oito clubes só para homens alimentaram gerações de líderes mundiais, conglomerados financeiros e corretores poderosos. Talvez tão importante quanto isso, ser membro de um desses oito clubes garantia uma identidade social instantânea; e cada clube tinha uma personalidade diferente — do ultraexclusivo Porcellian, o clube mais velho no campus, cujos integrantes tinham sobrenomes como Roosevelt e Rockefeller, ao recente Fly Club, que já havia feito dois presidentes e um punhado de bilionários —, cada um deles com seu próprio, distinto e instantaneamente

reconhecido poder. O Phoenix, por sua vez, não era o mais prestigioso deles, mas de muitas formas era o point mais concorrido do pedaço; o prédio austero no número 323 da Mt. Auburn Street era o destino preferido nas sextas e nos sábados, e se você fosse integrante do Phoenix, não apenas fazia parte de uma rede com mais de um século de existência, como também tinha de passar seus dias úteis nas melhores festas do campus, cercado pelas maiores gatas selecionadas a dedo de faculdades de toda a área de código postal 02138.

— Na verdade, o fundo é um hobby — Eduardo confessou, humildemente, enquanto o pequeno grupo de ternos dava atenção às suas palavras. Nosso foco é o mercado de futuros. Sabe, eu fiquei meio obcecado com o clima e pude prever alguns furacões que passaram batidos pelo mercado.

Eduardo sabia que estava andando na corda bamba, lutando para que sua “nerdice” fosse minimamente aplacada pelo fato de ele ter acertado o resultado do mercado de petróleo; ele sabia que o Phoenix queria saber dos 300 mil dólares que ele havia ganhado ao negociar petróleo, não da obsessão nerd por meteorologia que tornara o negócio possível. Mas Eduardo também queria tirar sua onda, já que a menção que Darron fizera ao “fundo de hedge” apenas confirmava o que ele já suspeitava — que o único motivo para ele estar naquela festa era sua reputação de homem de negócios em ascensão.

Diabos, ele sabia que não tinha muito mais do que isso. Não era um atleta, não vinha de uma família tradicional e certamente não estava no centro social das atenções. Ele era desajeitado, os braços longos demais para o tamanho de seu corpo, e só ficava calmo quando bebia. Mesmo assim, ele estava lá, naquele lugar. Com um ano de atraso — a maior parte das pessoas era “fisgada” durante o outono do segundo ano, não do terceiro, como Eduardo —, mas ainda assim ele estava lá.

Todo o processo de ser “fisgado” o pegou de surpresa. Apenas duas noites antes, ele estava em sua mesa trabalhando num artigo de vinte páginas sobre uma tribo bizarra da floresta amazônica, quando um convite apareceu debaixo de sua porta. Não era nada parecido com um bilhete dourado de um conto de fadas — dos duzentos e tantos alunos do segundo ano que tinham sido convidados para essa festa, apenas vinte e poucos seriam admitidos como membros do Phoenix —, mas o momento foi tão excitante para Eduardo como quando ele recebera a carta de admissão em Harvard. Ele esperava havia tanto tempo para ter uma chance em qualquer um dos clubes desde que chegara lá, e agora, finalmente, tinha sua chance.

Agora só dependia dele — e, claro, dos rapazes que usavam gravatas pretas com pequenos pássaros estampados. Cada um desses eventos de admissão — como a festa de apresentação de hoje à noite — era uma espécie de dinâmica de grupo em grande escala. Depois que Eduardo e o resto dos convidados fossem mandados embora para seus lares em alojamentos espalhados pelo campus, os integrantes do Phoenix se reuniam em um dos quartos secretos dos andares de cima para decidir seus destinos. Após cada evento, uma porcentagem cada vez menor dos convidados seria chamada para o próximo — e, aos poucos, os duzentos virariam vinte.

Se Eduardo conseguisse, isso mudaria sua vida. E se essa conquista lhe custara certa “elaboração” criativa em um verão gasto em análises das mudanças barométricas e previsões sobre como essas mudanças afetariam os padrões de distribuição do petróleo — bem, Eduardo dispunha de um pouco de criatividade aplicada.

— O segredo é descobrir como transformar 300 mil em 3 milhões — Eduardo riu —,

mas essa é a graça dos fundos de hedge. Você tem que ser muito criativo.

Ele tirou sua onda com o maior entusiasmo possível, levando o grupo de paletós consigo. Havia treinado essas qualidades em inúmeras festas nos dois primeiros anos de faculdade; e o segredo era esquecer que não era mais um treino — agora era pra valer. Na sua cabeça, ele tentou fingir que estava numa daquelas festas menos importantes de outros dias, quando não estava sendo julgado nem tentava garantir sua vaga em uma lista seleta. Ele podia se lembrar de um evento em que ele tinha se dado especialmente bem; uma festa de tema caribenho, com palmeiras de mentira e areia no chão. Ele tentou voltar para aquele lugar — lembrando os detalhes menos importantes da decoração, lembrando como a conversa fluíra de forma simples e fácil. Em poucos minutos estava ainda mais relaxado, deixando-se envolver por sua história, pelo som da própria voz.

Ele estava de volta à festa caribenha, em todos os detalhes. Lembrava como o reggae ressoava nas paredes, o som da bateria ferindo seus ouvidos. Lembrava-se do gosto do ponche de rum, das garotas de biquíni florido.

Lembrou até do garoto de cabelo enroladinho que estava no canto da sala, a poucos metros de onde ele encontrava-se agora, observando seu avanço, tentando arrumar coragem para aproveitar sua deixa e aproximar-se de um dos veteranos do Phoenix antes que fosse tarde demais. Mas o garoto nunca saiu de seu canto; na verdade, sua capacidade para se sabotar era tão palpável, que parecia agir como um campo de força, criando uma área ao seu redor que funcionava como um magnetismo às avessas, que fazia com que ninguém sequer passasse perto dele.

Eduardo sentiu certa pena na hora — porque ele havia reconhecido o tal garoto de cabelo enroladinho, e porque não havia jeito de aquele cara entrar no Phoenix. Um garoto como ele não tinha como se dar bem em nenhum dos Clubes Finais — sabe Deus que diabos ele estava fazendo naquela festa. Harvard tem inúmeros nichos para garotos desse tipo; laboratórios de computação, clubes de xadrez, dúzias de organizações *underground* e provedores de hobbies para qualquer tipo de interesse social imaginável. Bastou um relance para Eduardo perceber que, obviamente, aquele garoto sequer sabia como funcionava a rede de relacionamentos sociais que se deve criar para chegar a um clube como o Phoenix.

Mas naquela hora, como agora, Eduardo estava muito ocupado atrás de seu sonho para perder tempo pensando em um garoto esquisito no canto da sala.

Certamente, ele não tinha como saber, nem antes nem então, que aquele garoto com o cabelo enroladinho viraria do avesso todo o conceito de rede de relacionamentos sociais — que um dia aquele garoto com o cabelo enroladinho que tentava entrar nas primeiras festas da faculdade mudaria mais a vida de Eduardo que qualquer Clube Final.

1 Fundo de investimento de alto risco que, ao trabalhar em diversas frentes ao mesmo tempo, exige poucos investidores com muito dinheiro disponível. (N. do T.)

2 Em Harvard, os Final Clubs são o último estágio na formação do graduando, que antes de entrar em uma dessas casas, passou pelo "freshmen club" (o clube dos novatos) e pelo "waiting club" (o clube de espera). São treze Clubes Finais naquele campus, sendo oito para alunos (A.D., Delphic, Fox, Owl, Fly, Spee, Phoenix-SK e o Porcellian, ou "Porc") e cinco para alunas (La Vie, Sabliere Society, Bee, Isis e Pleiades Society). (N. do T.)

CAPÍTULO 2 | HARVARD YARD

Uma e dez da manhã e algo começou a dar muito errado com a decoração. Não eram só as faixas azuis e brancas de papel crepom que começavam a descolar da parede. Uma delas, tão recurvada, que suas ondulações lembravam tafetá, ameaçava cair sobre a enorme tigela de ponche logo abaixo. Agora eram os cartazes com cores fortes que ocupavam todo o espaço livre entre as faixas de crepom que aos poucos começavam a desgrudar e cair no chão num ritmo alarmante. Em alguns lugares, o carpete bege quase sumia sob pilhas de páginas de papel acetinado impressas no computador.

Olhando mais de perto, a catástrofe da decoração fazia mais sentido; as fitas que seguravam tanto os cartazes quanto as faixas de papel crepom estavam claramente à vista, e, mais do que isso, uma massa de calor descolava lentamente o adesivo na medida em que os aquecedores sobrecarregados que se alinhavam nas paredes destruíam a decoração produzida às pressas.

O calor era necessário, claro, pois era outubro na Nova Inglaterra. A faixa pendurada no teto sobre os cartazes que caíam era só calor — alpha epsilon pi, apresentações, 2003 —, mas ela não tinha como competir com o gelo que já começava a se acumular nas enormes janelas alinhadas ao fundo do cavernoso auditório. Bem ou mal, o comitê de decoração havia feito o que podia com o lugar — uma sala que era normalmente local de inúmeras aulas de filosofia e história, alojada nas profundezas do quinto andar de um velho edifício no Harvard Yard. Eles retiraram cada fileira de cadeiras de madeira descascada e carteiras dilapidadas, tentaram cobrir as paredes sem graça e lascadas com cartazes e fita crepe e erguer a faixa escondendo boa parte das horrendas lâmpadas fluorescentes do teto. Por cima de tudo, havia um *coup de grâce*: um iPod conectado a duas caixas de som enormes e que deviam ter sido caríssimas, no pequeno palco no centro do cômodo, onde comumente estaria o professor.

Dez para a uma da manhã e o iPod estava dando tudo de si, enchendo o ar com uma mistura de música pop e folk rock fora de moda — resultado tanto de um repertório esquizofrênico quanto de uma rixa entre dois integrantes do comitê. Mesmo assim, a música não estava propriamente ruim, as caixas de som foram um golpe menor aplicado por quem quer que estivesse organizando o evento. A festinha do ano anterior tivera uma TV colorida no canto da sala, com um DVD sobre as cataratas do Niágara sendo repetido sem parar. Não importava o fato de as cataratas do Niágara terem ou não alguma coisa remotamente associada à Alpha Epsilon Pi ou mesmo a Harvard; o som de água corrente de alguma forma parecia apropriado a uma festa e não havia custado um centavo ao comitê.

As caixas de som eram um avanço — como também o eram os cartazes caindo. A festa, por outro lado, era tão desanimada quanto o curso desse processo.

Eduardo estava de pé sob a faixa, calças finas cobrindo pernas de cegonha, camisa social fechada até a garganta. Ao seu redor havia quatro outros caras vestidos da mesma forma, do primeiro e do segundo anos. Juntos, o pequeno grupo era quase um terço da festa. Em algum lugar do outro lado da sala havia duas ou três garotas misturadas com o restante das pessoas. Uma delas até arriscara vestir uma saia para aquele evento — apesar de ter escolhido usá-la sobre uma meia-calça grossa e cinzenta, devido ao clima.

Não era exatamente uma cena de Clube dos [Cafajestes](#),¹ mas ora, a vida *underground* das fraternidades de Harvard era muito distante das bacanais gregas que aconteciam em outras

universidades. E Epsilon Pi não era exatamente uma joia do submundo; sendo a principal fraternidade judaica no campus, suas admissões eram mais atreladas a uma média de notas e avaliações do que a um espírito festivo. Esta reputação em nada tinha a ver com inclinações religiosas específicas; os verdadeiramente judeus, que seguiam sua vida kosher e só namoravam integrantes da mesma tribo, iam para a Hillel House, que tinha sua própria casa no campus e gabava-se de um dote de verdade, sem contar que incluía integrantes homens e mulheres. Epsilon Pi era para os garotos laicos, aqueles cujos sobrenomes eram os únicos traços de identificação com judeus. Para os garotos Epsilon Pi, uma namorada judia seria legal porque deixaria papai e mamãe felizes, mas era mais provável que namorassem alguma oriental.

Pois esse assunto era exatamente o que Eduardo explicava aos companheiros de fraternidade ao seu redor — um tema recorrente de suas conversas, pois dizia respeito a uma filosofia que podiam adotar.

— Não é que caras como eu sejam atraídos por garotas orientais — ele comentava, enquanto bebericava o ponche —, é que garotas orientais são geralmente mais atraídas por caras como eu. E como eu estou tentando otimizar as minhas chances de me dar bem com a mais gata possível, preciso guardar o que tenho para o tipo de garotas com as quais é mais provável que eu me dê bem.

Os outros rapazes balançavam as cabeças, apreciando sua lógica. No passado, eles tinham essa equação simples e a transformavam num algoritmo muito mais complexo para tentar explicar a conexão entre garotos judeus e garotas asiáticas, mas naquela noite preferiam deixar tudo mais simples, talvez em respeito à música, que estava tocando tão alto que era difícil engrenar qualquer tipo de pensamento complexo.

— Apesar disso, nesse momento — Eduardo sorriu enquanto olhava em frente para a garota de saia e meia-calça —, acho que estou esperando há tempo demais.

De novo, todos concordaram, mas aparentemente nenhum dos quatro camaradas de fraternidade faria algo para mudar aquela situação. O garoto à direita de Eduardo tinha mais de um metro e oitenta e era meio gordo; ele também era parte do time de xadrez de Harvard e falava seis idiomas fluentemente, mas nada disso parecia ajudá-lo a se comunicar com as garotas. O garoto ao seu lado escrevia uma tirinha em quadrinhos para o *Crimson2* — e passava a maior parte de seu tempo livre jogando RPG no alojamento próximo ao refeitório na Leverett House. O colega de quarto do desenhista, perto dele, tinha quase dois metros de altura; mas em vez de jogar basquete, escolheu esgrima quando era aluno do ensino médio em uma escola judaica; ele poderia ser bom com um florete, que era tão útil para descolar garotas quanto para qualquer outro aspecto da vida moderna. Se piratas do século XVIII atacassem o alojamento feminino ele estaria a postos, mas tirando essa situação ele não tinha a menor utilidade.

O quarto garoto, diretamente em frente a Eduardo, também tinha sido esgrimista — em Exeter —, mas não tinha o porte físico do garoto à sua esquerda. Tinha um jeito mais desengonçado, como Eduardo, apesar de seus braços e pernas serem proporcionais ao seu corpo esguio. Usava bermudas em vez de calças e calçava sandálias sem meia. Tinha um nariz proeminente, seu cabelo era loiro e um pouco enrolado e tinha olhos azul-claros. Havia algo divertido naqueles olhos — mas era ali que algum sentido de emoção natural ou qualquer outra possível leitura de sua personalidade terminava. Seu rosto fino não parecia ter nenhuma

expressão. E sua postura, sua aura em geral — o jeito como ele parecia fechado em si mesmo, mesmo para se envolver em alguma dinâmica de grupo, mesmo aqui, na segurança de sua própria fraternidade —, era quase dolorosamente esquisita.

Seu nome era Mark Zuckerberg, estava no segundo ano, e apesar de Eduardo ter passado uma boa parte dos eventos da Epsilon Pi em sua companhia, e em pelo menos uma festa de admissão para o Phoenix, ele mal conhecia o garoto. Sua reputação, por outro lado, o precedia de longe: aluno de ciência da computação e vivendo na Eliot House, Mark cresceu na cidade de classe média alta de Dobbs Ferry, em Nova York, filho de um dentista e de uma psiquiatra. No ensino médio, ele era uma espécie de mestre hacker — tão bom em invadir computadores, que seu nome foi parar em uma lista do fbi, ou pelo menos assim rezava a lenda. Fosse ou não verdade, Mark era um gênio da computação. Ele havia construído sua reputação ainda na Exeter quando, depois de apurar suas habilidades de programação numa versão computadorizada do jogo Risk, ele e um amigo criaram um programa chamado Synapse, um plug-in para mp3 que conseguia inferir as preferências do ouvinte e criar repertórios sob medida com base naquelas informações. Mark havia liberado o programa para ser baixado por quem quisesse na internet — e quase imediatamente duas grandes empresas ligaram, querendo comprá-lo. O boato era que a Microsoft havia oferecido entre um e dois milhões de dólares para Mark trabalhar para eles — e ele surpreendentemente recusara.

Eduardo não entendia de computadores e sabia muito pouco sobre hacking, mas tinha tino para os negócios e a ideia de que alguém pudesse recusar um milhão de dólares lhe parecia tanto fascinante quanto assustadora. Tudo isso tornava Mark um enigma maior do que sua esquisitice fazia parecer. Um enigma — e obviamente um gênio. Depois do Synapse ele escrevera um programa em Harvard chamado Course Match, com o qual os alunos da universidade podiam descobrir a que aulas outros alunos assistiam; o próprio Eduardo já o havia usado algumas vezes, tentando descobrir onde estavam as garotas que ele via no refeitório, sem resultado. Mas o programa era bom o suficiente para ter muitos seguidores; boa parte do campus gostava do Course Match — além do próprio garoto que o havia criado.

Quando os outros três seguiram rumo ao ponche para encher outra vez seus copos, Eduardo aproveitou a oportunidade para estudar o loirinho do segundo ano com mais atenção. Ele sempre se gabava de sua capacidade de conseguir chegar ao fundo da personalidade dos outros — algo que seu pai lhe ensinara, um jeito de se dar bem no mundo dos negócios. Para seu pai, os negócios eram tudo; filho de imigrantes abastados que sobreviveram a duras penas ao fugirem do Holocausto rumo ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, o pai criara Eduardo na dura perspectiva dos sobreviventes; ele vinha de uma longa linhagem de homens de negócio que sabiam da importância de ser bem-sucedido, não importavam as circunstâncias. E o Brasil era só o início. A família Saverin teve de se mudar quase à força para Miami quando Eduardo tinha treze anos porque seu nome fora descoberto numa lista de possíveis sequestráveis devido ao dinheiro de seu pai.

No ensino médio, Eduardo se viu à deriva num mundo novo e desconhecido, lutando para aprender uma nova língua — o inglês — e uma nova cultura — Miami — ao mesmo tempo. Se ele não entendia de computadores, entendia, totalmente, o que era ser um completo estranho, estar por fora, sejam quais fossem os motivos.

Mark Zuckerberg, pela sua própria natureza, era obviamente diferente. Talvez fosse pelo fato de ele ser tão esperto que não se enturmava, mesmo aqui, entre seus iguais. Afinal, ele

estava entre os seus: não judeus, mas garotos como ele. Garotos nerds que tinham mania de desenvolver algoritmos, que não tinham nada melhor para fazer numa sexta-feira à noite do que ficar numa sala de aula forrada de papel crepom e cartazes coloridos, falando sobre garotas que eles não estavam pegando.

— Isso é legal — Mark finalmente disse algo, quebrando o silêncio. Não havia nenhuma inflexão em sua voz e Eduardo teve dificuldades de perceber que tipo de emoção — se é que havia alguma — ela carregava.

— É — Eduardo respondeu —, pelo menos o ponche desse ano tem rum. O do ano passado tinha Capri Sun, eu acho. Ainda bem que acabou.

Mark tossiu e pegou uma das tiras de papel crepom, avaliando o material. A fita adesiva se retorceu e o papel foi ao chão, próximo da sua sandália Adidas. Ele olhou para Eduardo.

— Bem-vindo à selva — falou.

Eduardo riu, mesmo sem a certeza de que a fala de Mark dita em seu tom monótono era uma piada ou não. Mas ele começava a perceber que havia algo de anárquico por trás dos olhos azuis daquele garoto. Ele parecia capturar tudo ao seu redor, mesmo ali, num lugar tão sem estímulo. Talvez ele fosse mesmo o gênio que todos diziam que era. Eduardo teve uma intuição repentina de que ali estava alguém de quem ele precisava se tornar amigo, conhecer melhor. Qualquer um que recusa um milhão de dólares aos dezessete anos provavelmente está indo para algum lugar.

— Acho que isso aqui não dura mais do que alguns minutos — disse Eduardo. — Eu vou em direção ao rio... pra Eliot House. Em que casa você estava ficando mesmo?

— Kirkland — respondeu Mark. Ele apontou sua cabeça em direção à saída do outro lado do palco. Eduardo passou os olhos em seus outros amigos que ainda estavam perto do ponche; todos iam em diferentes direções depois que a festa terminasse. Era uma boa oportunidade para se conhecer um gênio dos computadores. Eduardo acenou e seguiu Mark entre os esparsos convidados.

— Se você quiser — sugeriu Eduardo quando passavam pela frente do palco do auditório —, a gente pode passar numa festa no meu andar. Deve ser uma merda, mas não vai ser muito diferente disso aqui.

Mark deu de ombros. Eles estavam em Harvard havia tempo suficiente para saber o que esperar de uma festa num alojamento: cinquenta caras e três garotas espremidos em um quarto um pouco maior do que um caixão enquanto alguém tentava descobrir como abrir um barril ilegal de cerveja vagabunda.

— Pode ser — respondeu Mark, sem animação —, tenho um problema para resolver amanhã, mas trabalho melhor com logaritmos quando estou bêbado.

Minutos depois, eles já tinham saído do auditório e iam pela escada de cimento que levava ao térreo. Desceram os degraus em silêncio, abrindo de supetão a porta dupla rumo ao Harvard Yard. Um vento seco e frio atravessou o tecido da camisa de Eduardo. Ele enterrou as mãos nos bolsos fundos das calças e rumou pela calçada que ia para o meio do Yard. Enfrentariam uma boa caminhada de dez minutos pelas casas à margem do rio, onde ele e Mark moravam.

— Merda, deve estar fazendo uns 10 graus negativos!

— Acho que tá uns 5 positivos — respondeu Mark.

— Eu sou de Miami. Pra mim, é menos 10!

— Devíamos correr.

Mark começou a correr sem pressa. Eduardo o seguiu, respirando com força para tentar alcançar o novo amigo. Eles estavam lado a lado quando passaram em frente aos austeros degraus de pedra que conduziam aos pilares da entrada da Biblioteca Widener. Eduardo passou muitas noites vagando entre as estantes da Widener — meditando sobre os trabalhos de teóricos da economia como Adam Smith, John Mills, até Galbraith. Mesmo após uma manhã, ela seguia aberta; uma luz alaranjada e quente vindo de dentro da entrada de mármore se esparramava pelas janelas de vidro, projetando sombras compridas sobre os degraus solenes.

— Terceiro ano — Eduardo bufou quando pisou o último degrau antes do portão de ferro na saída do Yard, rumo a Cambridge. — Eu ainda vou trepar aqui dentro, juro.

Era uma velha tradição de Harvard — algo que você tinha de fazer antes de se formar, mas a verdade é que apenas um punhado de garotos havia completado tal missão. Apesar das estantes — várias prateleiras atravessadas por trilhos de escadas automáticas — serem labirínticas e descenderem por vários degraus no enorme prédio, sempre havia alunos e funcionários fuçando as passagens mais estreitas; achar um canto isolado para fazer o que precisava ser feito já era um feito e tanto. Encontrar uma garota que quisesse dar continuidade à tradição era mais improvável ainda.

— Coisa de criança — respondeu Mark. — Talvez você pudesse começar tentando levar alguma garota para o seu dormitório.

Tenso, Eduardo riu de novo. Ele começava a gostar do senso de humor cáustico desse menino.

— Eu não estou tão mal. Estou tentando entrar no Phoenix.

Mark olhou para ele quando viraram a esquina ao lado da grande biblioteca.

— Parabéns.

De novo, emoção zero. Mas Eduardo havia percebido um pequeno brilho nos olhos de Mark que revelava como ele estava impressionado e talvez até sentindo inveja. Era a reação que Eduardo tinha aprendido a esperar quando comentava o processo de admissão em que estava envolvido. A verdade era que ele estava confidenciando a todos os seus conhecidos que ele estava cada vez mais perto de se tornar um integrante do Phoenix. Já tinha ido a três eventos; havia realmente uma boa chance. E talvez, apenas talvez, eventos como a festa no Alpha Epsilon Pi passassem a existir apenas como um passado distante.

— Olha, de repente, se eu entrar, eu posso pôr seu nome na lista. Para o ano que vem. Aí quem sabe você entra como novato.

Mark fez uma nova pausa. Talvez estivesse tomando fôlego. Mas o mais provável é que estivesse processando a informação. Havia algo meio computadorizado na forma como ele falava: a informação entrava e depois saía.

— Isso seria... interessante.

— Se você conhecer algum outro integrante, já é um bom começo. Tenho certeza que muitos deles usaram o Course Match.

Eduardo sabia, enquanto falava isso, que a ideia soava idiota. Os integrantes do Phoenix não iam ficar animados com esse menino estranho por causa de um programa de computador. Você não se torna popular escrevendo códigos de programação. Um programa de computador não faz ninguém comer ninguém. Você se torna popular — e come alguém — indo para festas,

saindo com garotas interessantes.

Eduardo não havia chegado lá ainda, mas na noite anterior tinha recebido o importante convite para o quarto evento. Em uma semana, na próxima sexta-feira à noite, aconteceria um banquete no hotel Hyatt ali perto, seguido de uma festa no Phoenix. Seria uma grande noite, talvez a mais importante antes da iniciação dos novos integrantes. O convite sugeria que Eduardo levasse um par para o jantar; ele havia ouvido de alguns colegas que os integrantes do clube julgariam os candidatos com base na qualidade das mulheres que levassem para o evento. Quanto mais gata, maior a possibilidade de ir para os testes finais.

Depois de receber a carta, Eduardo ficou pensando onde diabos ele iria arrumar uma garota — e uma que impressionasse — em tão pouco tempo. E ele não era do tipo que faz as garotas quererem invadir o alojamento.

E assim Eduardo se viu forçado a resolver a questão por conta própria. Às nove daquela manhã, no refeitório da Eliot, ele se aproximou da menina mais gata que conhecia — Marsha, loira, roliça, uma formanda de economia que parecia uma psicóloga. Ela era uns cinco centímetros mais alta que Eduardo e tinha uma estranha mania por chuquinhas dos anos 1980, mas era linda, o tipo de beleza de uma garota de escola preparatória do noroeste dos EUA. Resumindo, ela era perfeita para o evento.

Para a surpresa de Eduardo, ela disse sim. Eduardo percebeu na hora — não era ele, era o Phoenix — que estava prestes a ir ao evento final de admissão. O que confirmava tudo o que ele já sabia sobre os Clubes Finais. Eles não eram só uma rede social de relacionamentos poderosa, pois sua natureza exclusivista dava status imediato a seus membros — o poder de atrair o que há de melhor. Ele não alimentava ilusões sobre a possibilidade de Marsha se embrenhar pelas prateleiras da Widener com ele, mas se houvesse uma quantidade suficiente de álcool envolvida, ela talvez pudesse permitir que ele a levasse para casa. Mesmo se ela o enxotasse da porta de seu quarto com um beijinho, já seria muito mais do que ele havia conseguido nos últimos quatro meses.

Quando ele e Mark chegaram à esquina dos fundos da biblioteca, correndo sob a longa sombra dos arcaicos pilares de pedra do prédio, o amigo mais uma vez lançou-lhe um olhar indecifrável.

— E tudo rolou do jeito que você queria? — perguntou ele.

Ele estava falando da biblioteca? Da festa de que eles tinham acabado de sair? Da fraternidade judaica? Do Phoenix? Dois meninos estranhos correndo pelo Harvard Yard — um de camisa social abotoada, o outro de bermudas —, morrendo de frio e se apressando para chegar em uma festa de alojamento ruim?

Será que a vida universitária podia ser melhor do que aquilo para caras como Eduardo e Mark?

¹ Dirigido por John Landis em 1978, *National Lampoon's Animal House* talvez seja o maior clássico dos filmes de universidade nos EUA, acompanhando uma fraternidade — Delta Tao Chi — arruaceira e considerada a pior de seu campus. Uma das principais cenas do filme — aludida no trecho citado — apresentava uma festa destruidora, que tornava clássico o grito de guerra "Toga! Toga! Toga!". (N. do T.)

² The Harvard Crimson, fundado em 1873, é o jornal dos estudantes de Harvard. (N. do T.)

Cinco da manhã.

Um trecho desolado do rio Charles, trezentos metros que serpenteiam azul-esverdeados como um vidro, demarcados pela Weeks — a ponte de pedra para pedestres — por um lado e pelas várias vias da ponte de concreto da avenida Mass pelo outro. Uma trilha gelada de água que se retorce sob um toldo de neblina cinza, que paira denso e baixo, um ar tão espesso pela umidade que era difícil definir quando o rio terminava e quando o céu começava.

Silêncio fúnebre, um momento congelado no tempo, um único parágrafo em uma página num livro que encerra três séculos de momentos férteis e gelados como esse. Silêncio fúnebre — e, então, o mais sutil dos ruídos: o som de dois remos mergulhados como facas de forma precisa naquela água fria, girando num redemoinho azul-esverdeado, voltando para trás num casamento perfeito e complexo entre mecânica e arte.

Um segundo depois e um esquife de dois tripulantes desliza para fora da sombra da ponte Weeks, seu corpo fático de fibra de vidro fatiando a área central do rio retorcido, como uma lâmina de diamante talhando seu caminho em uma janela de vidro. O movimento artesanal era tão discreto que o barco quase parecia parte da própria água; o casco curvado e sintético parecia sangrar da água verde-azul, movendo-se em frente de forma tão pura, que mal deixava rastro.

Bastava olhar para o barco, para a forma como os remos perfuravam a superfície do Charles num ritmo perfeito, a forma como a embarcação flutuava sobre a água, e tornava-se óbvio o fato de que os dois jovens que conduziam aquele elegante dispositivo haviam passado anos aperfeiçoando aquela arte. Bastava olhar para os próprios jovens e era igualmente óbvia a certeza de que apenas treino não os havia feito atingir tal nível de excelência.

Vistos da margem, os dois remadores pareciam robôs; um a réplica exata do outro, das cabeças repletas de cabelo cor de areia às feições bem americanas, que pareciam ter sido talhadas no formão. Como o aperfeiçoamento de sua embarcação, eles eram fisicamente quase perfeitos. Músculos que ondulavam sob os moletons cinzentos de Harvard, corpos longilíneos e ágeis, ambos tinham facilmente quase dois metros de altura; suas presenças tornadas ainda mais impressionantes pelo fato de serem idênticos, do azul perfurante de seus olhos à expressão de determinação cruel de seus rostos de ídolos.

Tecnicamente, os irmãos Winklevoss eram gêmeos univitelinos — resultado de um óvulo que se abriu em dois como as páginas de uma revista. Tyler Winklevoss, na frente do esquife para dois, era destro — e o mais lógico e sério dos irmãos. Cameron Winklevoss, sentado atrás, era canhoto — e o mais criativo e artístico dos dois.

Naquele momento, suas personalidades se misturavam; eles não conversavam enquanto manipulavam os remos — não se comunicavam de forma alguma, verbalmente ou de outro jeito, enquanto impulsionavam o barco rio abaixo sem muito esforço. A concentração deles era quase desumana, resultado de anos aperfeiçoando suas habilidades inatas com diferentes técnicos em Harvard e, antes disso, em Greenwich, Connecticut, onde os gêmeos haviam crescido. De muitas formas, sua dedicação já havia sido recompensada; veteranos, eles tinham tudo para ser convocados para a equipe olímpica de remo. Em Harvard, estavam entre os melhores dos melhores; campeões dos campeonatos nacionais de juniores do ano anterior, eles levaram a equipe de remo Crimson a inúmeras vitórias e atualmente lideravam o ranking

da Ivy League² em várias categorias diferentes.

Mas nada disso interessava aos gêmeos Winklevoss enquanto eles remavam seu barco sobre a água fria. Eles conheciam o rio Charles desde os quatro anos, indo e voltando com seu barco entre as duas pontes — e assim continuariam sua vigília silenciosa pelo menos ao longo das próximas duas horas. Eles puxavam os remos até ambos chegarem perto da exaustão, até o resto do campus finalmente acordar — até que faixas amarelas claras da luz do sol enfim atravessassem a neblina de tom sobre tom cinzento.



Três horas mais tarde, Tyler ainda podia sentir o rio murmurando sob si quando desabou sobre uma cadeira próxima à de Cameron na cabeceira de uma longa mesa de madeira gasta no canto de trás do refeitório da Pforzheimer House. A residência universitária era moderna e ampla, bem-iluminada, um quarto retangular de pé direito alto, com mais que uma dúzia de mesas compridas; a maior parte delas ocupada por estudantes, em plena hora do café da manhã.

A Pforzheimer House era uma das maiores e mais novas casas de estudantes de graduação do campus — sendo que o termo “novo” era um conceito relativo em um campus com mais de três séculos de idade — e moradia de cerca de 150 alunos do segundo ano, calouros e veteranos. Os calouros viviam no Harvard Yard; no final do primeiro ano, eles entravam numa disputa acirrada para descobrir onde passariam o resto de sua temporada em Harvard — e a Pforzheimer não estava exatamente no topo da lista de desejos de ninguém, localizada no centro do “Quad”, um formoso conjunto quadrangular de prédios ao redor de um amplo gramado, situado precisamente no meio de nada. O Quad fazia parte da expansão da universidade em direção a Cambridge; oficialmente, fora construído para atender ao crescente número de alunos, mas era mais provável que fosse apenas o melhor destino para as enormes doações em dinheiro que a universidade recebia.

O Quad não era propriamente a Sibéria, mas para os estudantes “enquadrados” no final do primeiro ano certamente a sensação era de ter sido mandado para uma espécie de gulag. As casas do Quad ficavam a uns bons vinte minutos de caminhada até o Harvard Yard, onde acontecia a maioria das aulas para a graduação. Para Tyler e Cameron, o Quad tinha sido uma condenação ainda mais dura; depois de pegar carona até o Yard, eles tinham de andar mais dez minutos à margem do rio até chegar ao ancoradouro de Harvard, que ficava próximo às casas mais tradicionais: Eliot, Kirkland, Leverett, Mather, Lowell, Adams, Dunster e Quincy.

Lá as casas eram conhecidas pelo nome. Aqui era só o Quad.

Tyler olhou para Cameron, que estava debruçado sobre uma bandeja de plástico vermelha na qual mal cabia seu lauto café da manhã. Uma montanha de ovos mexidos se destacava entre montes de batatas cozidas, torradas com manteiga e frutas frescas; carboidrato suficiente para abastecer uma picape — ou uma estrela do remo de quase dois metros. Tyler assistia ao ataque de Cameron aos ovos e podia dizer que o irmão estava tão cansado quanto ele. Eles vinham dando tudo de si nas últimas semanas —, e não apenas no rio, mas também nas aulas —, e aquele esforço começava a cobrar seu preço. Acordar todo dia às quatro e ir para o rio. Depois aulas e trabalhos da faculdade. Depois volta para o rio, para mais treinos,

pesos, corridas. A vida de um atleta universitário era difícil; havia dias em que parecia que as únicas coisas que faziam eram remar, comer e às vezes dormir.

Tyler tirou seus olhos do irmão e dos ovos mexidos para o menino sentado do outro lado da mesa em que eles estavam. Divya Narendra estava quase encoberto pelo *Crimson*, o jornal da universidade, que segurava aberto com as duas mãos. Havia um prato de mingau de aveia intocado sob o jornal e Tyler tinha certeza de que se Divya não largasse o jornal a tempo, Cameron provavelmente ia acabar indo ali. Se Tyler não tivesse dado cabo de uma bandeja com quase o dobro de comida da de Cameron antes que tivesse se juntado a eles na mesa, ele mesmo comeria o mingau.

Divya não era um atleta como os dois, mas certamente entendia seu trabalho e sua paixão; ele era o garoto mais sagaz que Tyler conhecera e, juntos, os três estavam trabalhando duro numa espécie de projeto secreto havia um bom tempo. Uma espécie de passatempo que aos poucos começou a ganhar mais importância — ironicamente — à medida que suas vidas ficavam mais atribuladas.

Tyler limpou a garganta e esperou Divya baixar o jornal para começarem. Ele ergueu o dedo, pedindo um minuto; Tyler girou os olhos para cima, frustrado. Enquanto fazia isso, sua atenção repousava na mesa logo atrás de Divya. Um grupo de garotas continuava a olhar sem parar para ele e Cameron. Quando ele olhou de volta, elas logo viraram a cara.

Era algo com que Tyler já tinha se acostumado desde criança, pois acontecia o tempo todo. Diabo, ele e Cameron *eram* gêmeos univitelinos. Ele sabia que havia algo de incomum — um quê de show de horrores. Mas aqui, em Harvard, era mais do que isso. Eles iam se tornar atletas olímpicos — e, ainda assim, isso era só mais um detalhe. Tyler e Cameron tinham certo status no campus, que começou com o fato de eles serem atletas de destaque — mas não era só isso.

Era fácil para Tyler identificar o grande diferencial. Ele e seu irmão faziam parte do Porcellian Club desde o primeiro ano. O fato de terem sido admitidos quando eram calouros já era bastante incomum; não só o Porcellian era o clube mais prestigioso, secreto e antigo entre os Clubes Finais do campus, como também era o mais fechado e exclusivo de todos — e era particularmente rara a entrada de calouros no Porc.

Tyler tinha certeza de que, com o histórico deles, o clube aguardaria pelo menos um ano para convidá-los. A maioria dos integrantes do Porc tinha nomes com séculos de história em Harvard. Apesar do pai de Tyler e Cameron ser tremendamente rico, ele mesmo fez sua fortuna, construindo uma empresa de consultoria muito bem-sucedida do nada. Tyler e Cameron não tinham tradição — mas eles certamente tinham dinheiro. No Fly ou no Phoenix, isso já seria o suficiente. Mas no Porc era preciso mais.

O Porc, afinal, não era uma instituição social como o Phoenix. Para começar, mulheres não podiam entrar no clube. No dia do casamento de algum integrante, ele até poderia mostrar o clube para sua esposa; da mesma forma, poderia levá-la para a festa de 25 anos de formatura. E só. Só o famoso Bicycle Room — um lugar para aquecimento de festas, adjacente ao clube em si — era acessível aos não membros e mulheres.

O Porc não era lugar para festas e pegação como os outros clubes do campus. Era o lugar do futuro. Se baseava em status — o tipo de status que atrai olhares no refeitório, nas aulas, nos passeios pelo Harvard Yard. O Porc não era um clube social — era um grande negócio.

E se havia algo que Tyler sabia avaliar era um grande negócio. Negócio sério — no fim

das contas, era isso o que ele e seu irmão estavam fazendo com Divya naquela manhã no refeitório, uma hora depois do horário em que normalmente tomavam o café da manhã. *Um negócio sério pra caralho.*

Tyler desviou sua atenção das garotas envergonhadas na outra mesa e pegou uma maçã mordida na bandeja do irmão. Antes que ele pudesse reclamar, atirou-a para cima, fazendo-a flutuar num arco que terminava no centro do prato de mingau de Divya. O mingau esparramou e empapuçou o jornal com bolotas espessas de gosma branca.

Divya interrompeu a leitura, dobrou calmamente o jornal destruído e o colocou ao lado do prato, sobre a mesa.

— Por que você lê essa porcaria? — Tyler perguntou, rindo para o amigo. — É uma total perda de tempo — disse ele.

— Gosto de saber o que meus companheiros andam fazendo — respondeu Divya. — Acho que é importante tomar sempre o pulso da estudantada. Um dia vamos lançar nossa empresa e essa “porcaria” vai ser bem importante pra gente, não acha?

Tyler deu de ombros, mas sabia que Divya tinha razão. Ele quase sempre tinha razão. O que era o principal motivo para Tyler e Cameron terem iniciado uma sociedade com ele. Eles tinham encontros como este uma vez por semana, às vezes mais, desde dezembro de 2002. *Fazia quase dois anos.*

— Bem, nós não vamos lançar *nada* se não acharmos alguém para substituir o Victor — interrompeu Cameron, falando com a boca cheia de ovos. — Pode acreditar.

— Ele saiu mesmo? — perguntou Tyler.

— Saiu — respondeu Divya. — Ele disse que assumiu muita responsabilidade, que não pode mais perder tempo com isso. Precisamos de um novo programador. E vai ser difícil encontrar alguém tão bom quanto o Victor.

Tyler suspirou. Dois anos — e eles ainda estavam longe de lançar o projeto. Victor Gua tinha sido uma descoberta e tanto — um mago dos computadores que conseguia entender o que eles estavam tentando fazer. Mas ele não conseguiu terminar o site e agora já era.

Se ao menos Tyler, Cameron ou Divya tivessem experiência suficiente com computadores para tocar e concluir o projeto — Cristo, Tyler sabia no fundo de sua alma que a empresa seria um enorme sucesso. A ideia era sensacional — concebida por Divya e desenvolvida por ele e Cameron que os três humildemente reconheciam como algo genial.

O projeto chamava-se Harvard Connection e era um site que mudaria a vida no campus — até um estágio em que eles conseguissem achar alguém que pudesse escrever o código para colocá-lo no ar... A ideia central era simples: colocar toda a vida social de Harvard on-line, fazer um site no qual caras como Tyler e Cameron, que passavam todo o tempo remando, comendo e dormindo, pudessem conhecer garotas como as que os estavam olhando na mesa do outro lado, sem a dispersão, o desperdício de tempo e as voltas pelo campus exigidos pela vida real.

Como membros da elite de Harvard, Tyler e Cameron estavam numa posição privilegiada para perceber quão falha era a rede social do campus. Ótimos partidos como eles nunca tinham a oportunidade de conhecer as garotas certas, porque estavam muito ocupados com as atividades que lhes davam projeção em Harvard. Um site de relacionamentos que pudesse resolver esse problema e criar um ambiente amigável onde os caras e as meninas pudessem se encontrar.

O Harvard Connection eliminaria o principal obstáculo para a formação de uma rede social. Hoje, se você fosse do remo, do basquete ou do futebol, teria sua vida restrita a essas atividades. E as únicas garotas que você conheceria seriam aquelas que ficam pelo rio, no campo ou no alambrado. Se você morasse no Quad, só teria acesso às garotas do Quad. É claro que você poderia mandar um torpedo no seu raio de ação — o que queria dizer que era possível usar seu status de Macho Harvard para conseguir o que quisesse em suas proximidades —, mas num site como o Harvard Connection esse raio de ação aumentaria consideravelmente.

Simples, perfeito, capaz de atender a uma demanda reprimida. O site teria duas seções — contatos pessoais e profissionais. E tão logo conquistassem Harvard, Tyler e Cameron já viam o site alcançando universidades e talvez até mesmo as da Ivy League. Afinal de contas, cada faculdade tem sua própria estratégia de ação.

O único problema do empreendimento era o fato de que eles não tinham como fazer o diabo do site sem a ajuda de um gênio dos computadores de verdade. Tyler e Cameron até aprenderam os fundamentos de html quando estavam no ensino médio, mas não eram bons o suficiente para construir algo desse porte. A verdade é que eles precisavam de um nerd de verdade para fazer seu site de relacionamentos funcionar. Não só alguém capaz, mas também alguém que pudesse entender o que eles estavam querendo fazer. O Harvard Connection seria usado de verdade pelos garotos de Harvard, todo fim de semana, como parte de sua programação social. Você toma banho, faz a barba, algumas ligações e entra no Connection para saber quem está conectado.

— Victor disse que ele pode nos ajudar a encontrar uns nomes — continuava Divya enquanto balançava o jornal para tentar limpar o mingau. — Uns caras do curso de informática que ele faz. Podemos começar a entrevistar algumas pessoas, sair por aí avisando que estamos procurando alguém.

— Posso perguntar lá pelo Porc — continuou Cameron. — Quer dizer, ninguém lá vai entender nada de computador, mas sempre tem alguém que tem um irmão mais novo.

Ótimo, Tyler pensou, agora eles iriam pregar cartazes oferecendo a vaga no centro de ciências e em laboratórios de computação. Ele viu Divya limpando seu jornal e, apesar da frustração, teve que sorrir. Divya era um cara muito educado, filho de um casal de médicos indianos que moravam em Bayside, no Queens, que seguiu seu irmão mais velho rumo a Harvard. Ele sempre estava bem-vestido, bem-penteado e com boa reputação. Ninguém imaginaria que era um gênio da guitarra — especificamente um mestre na técnica de riffs de heavy metal. Em público, tinha mania de limpeza. Limpava até o próprio jornal.

Enquanto observava Divya e o jornal, seu olhar inadvertidamente se voltou para a mesa de garotas atrás do amigo. A mais alta do grupo — uma morena de olhos castanhos impressionantes, vestindo um top de ginástica sob um agasalho de Harvard cuidadosamente rasgado — agora estava olhando para ele, sorrindo sobre um ombro propositalmente deixado à mostra.

Divya tossiu, interrompendo os pensamentos de Tyler.

— Duvido muito que ela entenda de html — disse Cameron.

— Não faz mal perguntar — respondeu Tyler enquanto piscava para a morena. E então levantou-se da mesa. A reunião havia sido curta — mas até que eles encontrassem um novo Victor, não poderiam fazer muita coisa. Ele já estava indo em direção ao grupo de garotas,

quando resolveu parar e sorrir para seu amigo indiano e seu jornal coberto de mingau de aveia.

— De uma coisa eu sei: você não vai encontrar o nosso programador de computadores na porra do *Crimson*.

1 Crimson: carmesim, a cor de Harvard. É como é conhecida a associação atlética da universidade. (*N. do T.*)

2 Grupo das oito universidades de elite dos EUA, sempre associadas a excelência acadêmica e exclusividade. Originalmente designava uma liga esportiva formada por essas instituições, as mais antigas do país. (*N. do E.*)

CAPÍTULO 4 | GALINHAS CANIBAIS

Eduardo abriu as enormes portas duplas da forma mais discreta que pôde e se esgueirou para os fundos do enorme auditório. A aula já estava a toda; abaixo, no fundo do cômodo em forma de anfiteatro, num tablado com uma iluminação teatral, um pequeno e rotundo homem num blazer de *tweed* quicava para cima e para baixo atrás de um imenso púlpito de carvalho. O homem estava elétrico, suas pequenas bochechas redondas afogueadas pela paixão. Seus braços compridos sacudiam-se para cima e para baixo e a cada cinco minutos ele os batia na escrivaninha, fazendo um ruído de tiro espocar através das caixas de som penduradas no teto absurdamente alto do salão. Então ele fazia gestos por cima do próprio ombro, apontando para um quadro negro de três metros atrás de si, no qual havia um mapa colorido que parecia um cruzamento entre algo saído de um livro de Tolkien e algo que poderia estar pendurado na sala de operações de guerra de Franklin Delano Roosevelt.

Eduardo não tinha a menor ideia nem de que aula era aquela nem de qual era o assunto. Ele não reconheceu o professor, mas isso não era incomum; havia tantos professores, professores visitantes e monitores em Harvard que era impossível conhecer todos. Pelo tamanho da sala — e pelo fato de seus 300 lugares estarem quase tomados — ele poderia imaginar que era uma das aulas do ciclo básico. Pois só turmas do ciclo básico eram desse tamanho — as aulas obrigatórias, o que alunos como Eduardo e Mark consideravam males necessários à vida de Harvard.

O ciclo básico de Harvard era mais que um pré-requisito fundamental — era considerado uma filosofia. A ideia era que todo estudante deveria dedicar pelo menos um quarto de sua formação a cursos destinados a criar um saber geral. As cadeiras básicas eram culturas estrangeiras, história, literatura, ética, raciocínio quantitativo, ciência e análise social. A premissa parecia razoável, mas, na prática, o ciclo básico não chegava nem perto de atingir esses ideais elevados. Porque, no fundo, tais cursos diluíam esses conhecimentos, pois ninguém assistia a essas aulas por estar interessado nesses temas. Por isso, em vez de disciplinas acadêmicas sobre histórias e artes, o aluno tinha cursos como Folclore e Mitologia — ou, como era carinhosamente chamada pelos alunos que dormiam em suas longas aulas, “Grego para Gregos”; uma simples introdução à física era conhecida como “Física para Poetas”. E havia mais uma meia dúzia de cursos bizarros de antropologia que não tinha a menor relevância para o mundo real. Devido ao ciclo básico, quase todo estudante de graduação em Harvard já tinha tido pelo menos uma aula sobre os ianomâmis, o “povo selvagem” da floresta amazônica, uma pequena e bizarra tribo que ainda vivia como se estivesse na Idade da Pedra. Um estudante de Harvard não precisava saber muito de política ou de matemática, mas se perguntado sobre os ianomâmis, qualquer um lhe diria que eles são muito violentos — que brigavam com tacapes e que usavam estranhos piercings rituais ainda mais perturbadores do que aqueles usados pelos garotos da pista de skate no meio da Harvard Square.

Nos fundos do enorme salão, Eduardo observava o professor saltitar atrás da mesa, pescando uma ou outra palavra ou frase através dos ecos do sistema de som instalado no alto. Pelo que percebia, essa aula específica do ciclo básico tinha alguma coisa a ver com história ou filosofia; observando melhor, o mapa atrás do professor lembrava a Europa há 300 anos — mas isso também não ajudou em nada. Eduardo duvidou que a aula pudesse ter alguma coisa a

ver com os ianomâmis, mas, em Harvard, não dava para ter certeza de nada.

Naquela manhã em particular, ele não estava ali para “ampliar seus conhecimentos gerais”. Tinha uma missão de outra natureza.

Eduardo sondou a sala, usando uma mão para proteger seus olhos dos imensos spots no tablado, que lançavam luz exatamente na direção contrária da que interessava. Sua outra mão estava ocupada; aninhada sob seu braço havia uma enorme caixa, coberta por uma grande toalha azul. A caixa era pesada e Eduardo tinha bastante cuidado para não bater com aquele trambolho nos outros enquanto procurava por sua presa entre as fileiras de alunos.

Levou alguns minutos até localizar Mark, sentado a quase três fileiras do fundo da sala. Seus pés calçando sandálias estavam sobre a cadeira vazia em sua frente e havia um caderno aberto em seu colo. Ele não parecia estar anotando nada. Na verdade, ele sequer parecia acordado; olhos fechados, cabeça encoberta pelo capuz enorme do agasalho que sempre vestia, mãos enfiadas no fundo dos bolsos de seu jeans.

Eduardo riu sozinho; em poucas semanas, ele e Mark haviam se tornado amigos íntimos. Mesmo morando em casas diferentes e frequentando cursos diferentes, Eduardo percebeu que tinham muitas afinidades — e começara a sentir uma estranha sensação de que deveriam ser amigos, mesmo antes de serem. Em pouco tempo, ele havia aprendido a gostar de Mark de verdade, começara a imaginá-lo como um irmão, não só alguém com quem dividia uma fraternidade judaica, e ele tinha plena certeza de que Mark também pensava da mesma forma.

Ainda rindo, Eduardo se esgueirou em silêncio até o corredor da fileira de Mark. Ele passou por sobre as pernas esticadas de um novato dormindo que mal reconheceu de suas aulas de economia e passou pelas garotas do segundo ano, ambas ouvindo o MP3 que estava na mochila entre elas. Então sentou-se numa carteira vazia próxima à de Mark, cuidadosamente colocando a caixa coberta no chão entre seus joelhos.

Mark abriu os olhos e viu Eduardo sentado ao lado — e logo voltou sua atenção para o cesto no chão.

— Puta merda — disse Mark.

— É — Eduardo respondeu.

— Não me diga...

— Digo, sim.

Mark assobiou baixinho, abaixou-se para a frente e ergueu uma das pontas da toalha.

Instantaneamente, a galinha viva dentro da caixa de papelão ondulado começou a cacarejar a todo volume. Penas voaram para fora da caixa, subindo no ar e depois caindo ao redor de quem estava num raio de cinco metros de Eduardo e Mark. Os garotos nos bancos da frente e de trás deles abriram uma clareira ao redor dos dois. Em um segundo, todo mundo naquele lado do auditório estava olhando para eles com um misto de surpresa e bom humor em seus rostos.

As bochechas de Eduardo enrubesceram e ele logo pegou a toalha e cobriu de novo a caixa. Lentamente, a ave aquietou-se. Eduardo olhou para o tablado lá embaixo — mas o professor ainda estava divagando sobre os bretões e os vikings ou quem quer que estivesse por ali naquela época. Devido ao opressivo sistema de som, ele não havia percebido a comoção — graças a Deus.

— Fantástico! — comentou Mark, rindo para a caixa. — Essa sua nova amiga é uma maravilha. E tem um papo muito melhor que o seu.

— Fantástico, nada — sussurrou Eduardo, ignorando a alfinetada de Mark. — Essa galinha é um pé no saco. E só me criou um monte de problemas.

Mark continuava rindo. Para ser justo, a situação era engraçada para quem estava de fora. A galinha fazia parte da iniciação de Eduardo no Phoenix; ele havia sido instruído a carregá-la o tempo todo, levando-a para todos os lugares que fosse, noite e dia, todas as aulas, refeitório e alojamento que visitasse. Diabo, ele tinha que dormir com aquela maldita. Por cinco dias inteiros, sua única tarefa era manter a galinha viva.

Nos primeiros dias, tudo correu às mil maravilhas. A galinha parecia feliz e nenhum dos professores havia bancado o sabichão. Ele conseguira dispensa da maior parte dos seminários menores, simulando uma gripe. Nos refeitórios e alojamento foi mais fácil de administrar; a maioria dos estudantes no campus sabia das iniciações dos Clubes Finais, por isso ninguém o incomodou. E as poucas autoridades que ele pôde encontrar em sua rotina diária fizeram vista grossa. Entrar num Clube Final era importante, todo mundo concordava com isso.

Mas nos últimos dois dias da iniciação as coisas começaram a ficar um pouco complicadas.

Tudo começara a degringolar 48 horas antes, quando Eduardo voltara, com a galinha, para seu quarto na Eliot House, depois de um longo dia matando aulas. No final do corredor do quarto de Eduardo havia dois garotos que eram membros do Clube Porcellian; Eduardo já os vira algumas vezes, mas como frequentavam círculos sociais diferentes, nunca foram formalmente apresentados. Eduardo não desconfiou quando eles viram a galinha, em uma das vezes que se cruzaram. Nem se incomodou em esconder o fato de que, para o jantar, decidira dar para a galinha uns pedaços do frango frito que havia surrupiado do refeitório.

Em menos de vinte e quatro horas, o *Harvard Crimson* publicou uma denúncia explosiva — e só então Eduardo percebeu o que havia acontecido. Naquela noite, depois de testemunhar Eduardo alimentando uma com outra, os garotos do Porc escreveram um e-mail anônimo assinado por “Jennifer” — o e-mail original era friendofthePorc@hotmail.com —, que acusava o Phoenix de obrigar os novos integrantes a torturar e matar galinhas vivas como parte de sua iniciação. A União pelos Direitos das Aves já havia contatado a administração de Harvard, chegando ao próprio presidente Larry [Summers](#).¹ Uma investigação interna já estava sendo iniciada e o Phoenix estava se preparando para enfrentar acusações de crueldade contra animais — incluindo canibalismo aviário forçado.

Eduardo foi forçado a admitir que os garotos do Porc mandaram bem, mas foi uma dor de cabeça e tanto para o Phoenix. Felizmente a liderança do clube ainda não descobrira que o problema começara com ele — apesar de que, se conseguissem chegar até ele, certamente iriam rir da situação.

Claro que Eduardo não fora obrigado a torturar e matar sua galinha. Era exatamente o oposto: ele devia manter sua galinha viva e saudável. Talvez alimentá-la com outra galinha tivesse mesmo sido um erro; como é que ele iria saber o que essa ave come? Ela não tinha vindo com um manual. Eduardo frequentara uma escola preparatória na comunidade judaica de Miami. O que diabo os judeus sabiam sobre galinhas, além do fato de que elas serviam para fazer uma boa sopa?

Toda a confusão quase ofuscara o fato de que Eduardo estava praticamente terminando sua fase de iniciação. Em alguns dias, ele seria um membro pleno do Phoenix. Se o imbróglio da galinha não o derrubasse, logo, logo ele passaria todos os fins de semana no clube e sua

vida social iria mudar de forma radical. Na verdade, aqueles novos tempos já começavam a surtir efeito.

Ele inclinou-se em direção a Mark, mantendo as mãos sobre a caixa coberta, tentando manter a inquieta ave em silêncio por mais alguns minutos.

— Tenho de sair daqui antes que essa porra dê um novo chilique — sussurrou. — Só passei aqui para ver se está tudo certo para hoje à noite.

Mark ergueu as sobrancelhas e Eduardo balançou a cabeça, sorrindo. Na noite anterior, ele havia conhecido uma garota num coquetel no Phoenix. Ela se chamava Angie, era bonitinha, magrinha e asiática — e tinha uma amiga. Eduardo a convencera a levar a amiga e os quatro iriam se encontrar para tomar alguma coisa no Grafton Street Grille. Há um mês, uma conquista dessas seria impensável.

— Qual é o nome dela mesmo? — Mark perguntou. — Da amiga?

— Monica.

— E ela é gata?

A verdade era que Eduardo não tinha a menor ideia se ela era gata ou não. Nunca tinha visto a menina. Mas ele achava que nenhum dois podia ser exigente. Até aquele momento, nenhuma garota ficara histérica ao vê-los. Agora que Eduardo estava quase no Phoenix, ele havia começado a ter acesso às mulheres — e estava determinado a levar seu amigo junto. Ainda não tinha como indicar Mark para o Phoenix, mas poderia apresentá-lo a uma ou outra garota.

Mark deu de ombros, e Eduardo ergueu a caixa cuidadosamente e se levantou. Quando se aproximou do corredor de saída, deu uma rápida olhada na roupa de Mark — as costumeiras sandálias Adidas, *jeans*, o capuz. Então Eduardo ajeitou a própria gravata e sacudiu as penas de galinha do blazer azul-marinho. O blazer e a gravata eram quase um uniforme para ele; nos dias em que tinha de se encontrar com a Associação de Investimento, ele até vestia terno e gravata.

— Esteja lá às oito — disse para Mark já no corredor. — E Mark...

— Que foi?

— Coloca uma roupa legal, para variar.

¹ O economista americano Lawrence Summers, diretor do Conselho Norte-americano de Economia da Casa Branca da gestão de Barack Obama e ex-secretário do Tesouro americano da gestão de Bill Clinton, foi o 27º presidente de Harvard, entre 2001 e 2006. (N. do T.)

Por trás de toda grande fortuna, há um grande crime.

Se de alguma forma Balzac pudesse ressuscitar para testemunhar a entrada de supetão de Mark Zuckerberg em seu quarto na Kirkland naquela noite de gala na última semana de outubro de 2003, ele talvez corrigisse sua famosa frase; pois aquele momento histórico, que deu origem a uma das maiores fortunas da história moderna, não começou com um crime, mas com um trote de universidade.

Se o redivivo Balzac estivesse naquele alojamento claustrofóbico e espartano, ele teria visto Mark correr diretamente para o computador; não havia dúvidas de que o garoto estava furioso, e que já havia tomado algumas cervejas Beck's. Como sempre, ele provavelmente estava usando suas sandálias Adidas e seu agasalho com capuz. Era notório o fato de que ele odiava qualquer outro calçado que não fossem sandálias e estava determinado a, um dia, chegar a uma posição em que aqueles seriam os únicos calçados que usaria.

Talvez Mark tenha tomado um grande gole de cerveja, deixando a bebida amarga descer por sua garganta, enquanto martelava seus dedos sobre o teclado do laptop, despertando algo dentro de si.

Desde o ensino médio, vale observar, seus pensamentos sempre pareciam tornar-se mais claros à medida que os deixava sair por meio de seus dedos. Para quem via de fora, a relação que mantinha com o computador parecia muito mais delicada do que qualquer outra relação com qualquer pessoa no mundo exterior. Sua maior felicidade era ver o próprio reflexo na tela. Talvez, lá no fundo, tivesse a ver com controle; com seu computador, Mark estava sempre no controle. Ou talvez fosse mais do que isso, quase uma espécie de simbiose que começou a crescer depois de anos e anos de prática. O jeito como os dedos de Mark percorriam as teclas; era àquele lugar que ele pertencia. Às vezes, parecia que era o *único* lugar a que ele pertencia.

Naquela noite, um pouco depois das oito, ele olhava para a tela clara, seus dedos caçando as teclas certas, inaugurando um blog novinho — algo que provavelmente já vinha amadurecendo em sua cabeça nos últimos dias. A frustração — resultado da noite que acabara de ter — era, aparentemente, o empurrão de que precisava para colocar a ideia em prática. Começou com um título:

Harvard Face Mash / O Processo

Talvez ele tenha olhado as palavras por alguns minutos, pensando se realmente iria adiante com aquilo. Deve ter tomado mais um gole de sua cerveja e se inclinado para teclar mais:

20h13 — *** é uma vaca. Preciso pensar em algo para tirá-la da minha cabeça. Preciso ocupar minha cabeça. Tá bom, eu só preciso de uma ideia.**

Talvez em algum lugar da cabeça de Mark ele admitisse que culpar uma garota que havia lhe dado um fora era faltar com a verdade. A reação dela não fora muito diferente das outras garotas que deram um pé na bunda de Mark no ensino médio e na faculdade. Mesmo Eduardo, por mais nerd que fosse, tinha mais sorte com as meninas do que Mark Zuckerberg. E agora

que Eduardo estava entrando no Phoenix — bem, chegara a hora de Mark reverter aquela situação. Ele criaria algo que lhe colocasse novamente no controle, para mostrar a todos do que era capaz.

Talvez tenha tomado mais um gole antes de se concentrar no computador próximo ao laptop. A tela deu sinal de vida depois de ele pressionar algumas teclas. Rapidamente, conectou-se à internet e entrou com seu login na rede da escola. Mais alguns cliques e ele estava pronto.

Voltou para o laptop e começou a trabalhar no blog:

21h48 — Estou meio chapado, não vou mentir. E daí que não são nem dez horas de uma terça à noite? E daí? O álbum com imagens dos alunos da Kirkland está aberto no meu computador e as fotos de algumas dessas pessoas são horríveis.

Talvez ele tenha dado risadas enquanto observava as fotos na tela de seu computador. Certamente ele reconheceu alguns dos caras e até umas garotas — mas jamais fora apresentado à maioria daquelas pessoas, mesmo que cruzasse com elas no refeitório ou no caminho para as aulas. Ele provavelmente era um completo estranho para os outros, também; algumas garotas, é certo, haviam mudado o lado da calçada para evitá-lo.

Quería colocar essas fotos ao lado de fotos de cabeças de gado e pedir para as pessoas votarem em quem é mais bonito.

Em algum ponto durante esse processo, Mark começou a trocar ideias com os amigos que já haviam chegado do jantar, das aulas, do bar, e a maior parte dessa comunicação ocorria, como sempre, via e-mail. Ninguém em seu círculo de amizades usava mais o telefone; tudo era via e-mail. Tirando Eduardo, quase todos eram tão apaixonados por seus computadores quanto Mark. Ele voltou para o blog:

Não é uma grande ideia e talvez nem seja engraçada, mas Billy me sugeriu comparar duas pessoas do álbum de fotografias e de vez em quando incluir a foto de um animal no meio. Bela sacada, caro Olson! Acho que essa sugestão deve ser levada em consideração.

É, para um cara como Mark isso era realmente uma grande sacada. Ele achava um saco o álbum de fotografias da Kirkland — como todos os álbuns de fotografias,¹ nome pelo qual os anuários de todas as escolas eram conhecidos —, uma mera compilação em ordem alfabética.

Os pensamentos que Mark estava maquinando nos últimos dias começaram então a ganhar forma — uma ideia para um site. Para Mark, era provável que o melhor de tudo fosse a matemática que seria usada — a ciência da computação do trabalho, o código no coração da ideia de um site para a internet. Sua complexidade certamente seria admirada por seus amigos — mesmo que para a maioria ela passasse batido, mesmo que a maioria de gostosas e neandertais nunca fosse entender.

23h09 — É, é isso. Eu não sei bem como vou encaixar animais nessa história (nunca dá para se ter certeza com esse tipo de bicho...), mas eu gosto da ideia de colocar duas pessoas juntas e compará-las. Cria uma espécie de equação de Turing,² já que os comentários de uma pessoa sobre uma determinada foto serão mais implícitos do que, por exemplo, definir quão desejável uma pessoa é por intermédio de uma nota, como no hotornot.com.³ Também vamos precisar de muitas fotos. Como infelizmente Harvard não tem um anuário público e centralizado, vou precisar pegar essas imagens de cada uma das casas em que as pessoas estão. E

isso quer dizer que não iremos ter fotos dos calouros... Merda.

Àquela altura, ele talvez soubesse que estava perto de cruzar um limite, mas jamais foi de respeitar limites. Esse era o jogo de Eduardo, vestindo terno e gravata, entrando no Clube Final, brincando com todo mundo no parquinho. Pelo histórico de Mark, era óbvio que ele não gostava do parquinho. Ele era o tipo de cara que chutava o balde.

0h58 — Vamos hackear! A Kirkland é a primeira da lista. Eles deixam tudo aberto e permitem índices em suas configurações [Apache](#),⁴ por isso vamos precisar de um pouco de mágica [wget](#)⁵ para fazer o download de todo o facebook da Kirkland. Brincadeira de criança.

Era realmente simples assim para Mark. E era muito provável que, em questão de minutos, ele tivesse baixado todas as fotos do anuário da Kirkland dos servidores da universidade para seu laptop. Claro, de certa forma, aquilo era um crime — aquelas imagens não lhe pertenciam e a universidade certamente não as colocara ali para ser baixadas. Mas, ora, se a informação podia ser pega, por que Mark não teria o direito de pegá-la? Quem diabos poderia dizer que ele podia ou não acessar algo que estava tão à mão?

1h03 — A próxima da lista é a Eliot. Eles também estão abertos, mas não encontro os índices do Apache. Se eu executar uma busca vazia, ele me retornará todas as imagens do banco de dados em uma única página. Se salvar a página, o [Mozilla](#)⁶ salvará todas as imagens para mim. Excelente. Vamos nessa...

Ele mergulhou no paraíso hacker. Entrar no sistema de computadores de Harvard era brincadeira de criança para ele. Mark era mais esperto do que quem quer que Harvard houvesse contratado para criar o sistema, do que o administrador e do que os próprios sistemas de segurança. Na verdade, ele estava lhes dando uma lição — mostrando todas as falhas do sistema. Era uma boa ação, muito embora dificilmente alguém concordasse com isso. Mas Mark estava registrando tudo o que estava fazendo em seu próprio blog. E quando tivesse concluído o site, ele disponibilizaria o blog, para que todos pudessem ver. Parecia meio maluquice, mas era a cereja naquele bolo.

1h06 — Lowell tem alguma segurança. Eles exigem uma combinação de login e senha para acessar o anuário. Ignoro e digo que eles não têm acesso ao banco de dados de usuários do sistema de catalogação, que os impede de saber a senha das pessoas, e impede que o site exija estas senhas, mas pode ser que não dê certo. Talvez haja uma combinação de login e senha para todos os alunos. Ia ser meio difícil administrar isso, já que seria impossível para o webmaster contar para todos os moradores da Lowell como configurar seu login e senha sem que tivessem logo acesso a eles de forma completa. E você tem que mostrar para as pessoas que alguma autenticação é exigida, por isso também não deve ser isso. Então o que todo universitário deve ter que pode ser usado como autenticação a que o webmaster possa ter acesso? Talvez o número de identificação de estudante? Suspeitas confirmadas — é só achar uma combinação de nome com número de identificação de alguém de Lowell e pronto. Mas há mais problemas. As imagens ficam armazenadas em páginas diferentes e estou com muita preguiça para entrar em todas elas e salvar uma a uma. Basta escrever um programinha [Perl](#)⁷ para atalhar isso mole.

Era um hacker em seu habitat — como um criptógrafo trabalhando numa chave para decifrar um código nazista. O computador de Mark estava baixando as fotos; logo, teria em suas mãos metade do banco de dados de fotos de todos os alojamentos. Toda garota no campus — menos as calouras — sob o seu controle, em seu laptop, pequenos bits e bytes eletrônicos que representavam todos os rostos bonitos ou nem tanto de todas as loiras,

morenas, ruivas, peitudas ou não, altas e baixas, todas elas, todas as garotas. Isso ia ser fantástico.

1h31 — O Adams não tem segurança, mas só dá 20 fotos por página. O programinha que acabei de usar na Lowell resolve o problema.

Alojamento por alojamento, os nomes em ordem alfabética. Recolheu todos.

1h42 — O Quincy não tem um anuário on-line. Que vergonha. Não posso fazer nada em relação a isso.

1h43 — O Dunster é dureza. Não só não há diretórios públicos como não há diretório nenhum. Você tem que fazer pesquisas e se a busca retorna mais do que vinte resultados, não lista nada. E quando lista, em vez de linkar para as imagens, linka para [um php8](#) que redireciona para outro lugar. Bizarro. Isso deve ser mais complicado. Depois eu vejo.

Os alojamentos nos quais ele não conseguiu entrar ficariam para depois. Não havia muro que ele não pudesse escalar. Harvard podia ser a melhor universidade do mundo, mas não era páreo para Mark Zuckerberg e seu computador.

1h52 — Leverett é melhorzinha. Eles ainda lhe permitem fazer pesquisas, mas se você não fizer buscas vazias, obterá páginas com uma lista com links para fotos de todos os alunos. É meio ridículo que eles só lhe permitam exibir uma foto de cada vez e como não há a menor chance de eu entrar em 500 páginas diferentes só para baixar uma foto, precisarei invadir os [emacs9](#) e mudar seu código Perl. Assim, ele pode buscar no diretório e localizar as páginas de que precisa através dos links para as páginas que tenham arquivos regexes. Ai é só entrar nas páginas e pegar as imagens. Está ficando meio difícil compilar o programa... Mais uma Beck's!

Mark estava ligadaço, totalmente concentrado no trabalho. Ele não se importava com o horário ou se estava tarde. Para caras como ele, o tempo era outra arma do sistema, como a ordem alfabética. Os grandes engenheiros, os hackers — eles não têm as mesmas limitações de tempo que as outras pessoas.

2h08 — O Mather é praticamente igual ao de Leverett, com a diferença de que eles dividem seus diretórios em classes. E não há nenhum calouro no anuário deles... Que porcaria.

E assim ele foi pela noite adentro. Às quatro da manhã, já tinha feito tudo que estava ao seu alcance — baixara milhares de fotos dos bancos de dados de todos os alojamentos. Era provável que não conseguisse acessar alguns alojamentos de seu bat-esconderijo na Kirkland — bastaria conseguir [endereço IP10](#) dentro de um desses alojamentos. Mas também era bem provável que Mark soubesse como resolver isso — só precisaria de um pouco mais de trabalho. Em alguns dias, ele teria tudo de que precisava.

Quando tivesse todos os dados, ele só teria que escrever os algoritmos. Programas matemáticos complexos que fariam o site funcionar. E então era só fazer o próprio programa. Levaria um dia, no máximo dois.

Ele ia chamar o site de Facemash.com. E ia ser lindo.

Talvez Harvard o obrigasse a tirar o site do ar, sem perceber o valor comercial de um produto que poderia inclusive ser adotado em outras faculdades (talvez até por aquelas com gente bonita). Mas uma coisa é certa — só um idiota faria esse site. E daí? Alguém precisa fazê-lo...

Talvez rindo enquanto dava o último gole em sua Beck's, ele digitou uma mensagem de abertura para as pessoas que visitassem o site quando ele entrasse no ar:

Nós entramos pela nossa aparência? Não. Nós seremos julgados por ela? Sim.

Sim, isso ia ser bonito pra cacete.

1 O nome desses álbuns de fotos, em inglês, é facebook. *(N. do T.)*

2 O matemático inglês Alan Turing (1912-1954) é considerado um dos pais da ciência da computação e autor do teste Turing, que permite descobrir se um interlocutor é uma pessoa ou uma inteligência artificial. *(N. do T.)*

3 O site Hot or Not exibia duas fotos de pessoas diferentes ao mesmo tempo para que o usuário escolhesse qual das duas era a melhor. *(N. do T.)*

4 Os servidores Apache, adotados pela Netscape no início da popularização da internet nos anos 1990, são configurados segundo o protocolo http:// e formam a maior base da estrutura que conhecemos como world wide web. *(N. do T.)*

5 Wget é um programa que recupera conteúdo de servidores. *(N. do T.)*

6 Mozilla é o nome da fundação que desenvolve o programa de navegação Firefox, atualmente um dos browsers mais populares e o maior rival do Internet Explore, da Microsoft. No texto, Mark se refere ao programa pelo nome do grupo que o financia. *(N. do T.)*

7 Perl é uma linguagem de programação. *(N. do T.)*

8 Servidor em linguagem php. *(N. do T.)*

9 Programas de edição de comando. *(N. do T.)*

10 IP é o número de registro, que permite aos servidores reconhecer a origem de um computador que queira entrar em um sistema em rede. *(N. do T.)*

CAPÍTULO 6 | MAIS TARDE, NAQUELA NOITE

Se você perguntar ao hacker certo o que poderia ter acontecido depois daquela noite fria em Cambridge, a resposta pareceria bem óbvia. A partir do blog que ele havia criado, documentando todo o processo de criação do Facemash, não é difícil imaginar o que aconteceu em seguida. Talvez haja outras explicações, mas sabemos que Mark teve problemas para invadir o sistema de alguns alojamentos. Ele poderia ter conseguido o que queria de outras formas, cujos detalhes desconhecemos; no entanto, dá para imaginar o que aconteceu.

Um alojamento estudantil em Harvard. A calada da noite. Um garoto que entende tudo de segurança de computadores e como driblá-la. Um cara totalmente alienado do clima de azaração da vida universitária. Talvez um menino louco para se enturmar. Ou talvez um jovem querendo mostrar do que era capaz, que ninguém era mais sagaz do que ele.

Imagine o garoto escondido no escuro. Bem agachadinho, apoiando-se nas mãos, atrás de um sofá de veludo. O carpete sob seus dedos e sandálias é macio e carmim, mas o restante do cômodo está povoado por sombras, uma caverna de vinte metros quadrados de forma e silhuetas.

Talvez ele não estivesse sozinho — talvez duas das sombras sejam de pessoas, um garoto e uma garota encostados na parede do fundo entre as janelas que davam para o pátio do alojamento. De onde estava, não podia dizer se eram calouros, segundanistas ou veteranos. Mas tinha certeza de que estavam cometendo uma transgressão — assim como ele. Não é que o hall do terceiro andar fosse uma área restrita, mas só entrava ali quem tivesse chave. Ele não tinha, mas calculara tudo com precisão: esperou o faxineiro terminar de limpar o carpete e as janelas e no exato momento em que o sujeito arrumava suas coisas para sair, ele entrou furtivamente, deixando um livro como calço para segurar a porta.

Os outros dois, por sua vez, deram sorte. Eles provavelmente perceberam a porta entreaberta e entraram só por curiosidade. Enquanto pensamos nisso, o garoto se agachava na mesma hora por trás do sofá. O casal nem sequer o notou — eles tinham outras intenções.

Naquele momento, o garoto estava encostando a garota contra a parede, jaqueta de couro aberta e suéter erguido até o pescoço. As mãos do garoto sobem pela barriga nua e ela se inclina para trás enquanto os lábios dele roçam pelo pescoço dela. Ela parece pronta para se entregar, ali, agora, mas felizmente algo faz com que mude de ideia. Ela o deixa ficar um segundo a mais e o empurra, rindo.

Logo ela o puxa pela mão e o arrasta pelo hall, em direção à porta. Eles passam pelo sofá, mas nenhum dos dois olha na direção do cara. Quando a garota alcança a porta e a empurra, o rapaz passa o braço por sua cintura e a leva para fora dali. A porta se choca contra o livro — e por um breve momento ele acha que o livro vai escorregar, prendendo-o a noite inteira. Felizmente o livro não cai. E por fim ele está sozinho, entre as sombras e silhuetas.

Podemos imaginá-lo saindo de trás do sofá e retomando o que tinha vindo fazer antes de ter sido interrompido. Ele começa a perambular ao redor do salão, com os joelhos levemente dobrados enquanto tateia as paredes escuras, quase no nível do chão. Alguns minutos se passam até ele achar o que procurava — e ele ri, pegando a pequena mochila que carregava sobre o ombro esquerdo.

Ele se ajoelha e abre a mochila. Seus dedos encontram um pequeno laptop da Sony, que é retirado. O cabo de rede conectado ao computador balança enquanto a máquina é ligada. Com

destreza, ele pega a ponta solta do cabo e a conecta à tomada na parede, centímetros acima do rodapé de gesso.

Ele metralha o teclado do computador de modo a abrir o programa que escrevera havia poucas horas e vê o monitor piscar. Do mesmo modo que ele, quase podemos imaginar pequenos blocos de informação elétrica viajando através do cabo, minúsculos pulsos de pura energia sugados da alma eletrônica daquele lugar.

Os segundos passam enquanto o laptop chia como numa gulodice silenciosa e de vez em quando o garoto olha para trás para ter certeza de que o lugar continua vazio. Sem dúvida seu coração está batendo mais forte e dá para imaginar os pequenos fios de suor escorrendo por suas costas. Não parece ser a primeira vez que ele faz algo assim, mas o nível de adrenalina é sempre o mesmo; é uma porra de uma sensação meio James Bond. Em algum lugar do cérebro daquele garoto ele deve saber que o que está fazendo é ilegal — com certeza vai contra as regras da escola. Mas não estamos no *Murder One*.¹ Como dizem os hackers, não é nem mesmo como furtar pequenas coisas em uma loja.

Ele não está roubando dinheiro de um banco nem invadindo o site do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Ele não está fodendo a infraestrutura elétrica de uma empresa nem rastreando o e-mail de uma ex-namorada. Considerando o que um hacker de seu calibre pode fazer, ele não está fazendo nada demais.

Apenas pegando umas fotos de um banco de dados, só isso. Quer dizer, não são só umas fotos — *são todas as fotos*. E talvez seja um banco de dados particular, a que só se tem acesso com uma senha atrelada ao endereço de IP exclusivo do alojamento — bem, talvez não seja tão inocente assim. Mas não é um crime hediondo. E, na cabeça daquele garoto, certamente era consumado pelo bem de todos.

Só mais alguns minutos e pronto. *Um mal que vem para o bem*. Liberdade de informação e todo aquele papo furado — parece que para ele aquilo fazia parte de um verdadeiro código de conduta. Uma espécie de extensão do credo hacker — se há uma parede, você deve encontrar uma forma de tirá-la do caminho. Se há uma cerca, você deve atravessar. Quem construiu essas paredes — o “sistema” — é que é bandido. O garoto é o mocinho, brigando pelo que é justo.

Informação foi feita para ser compartilhada.

Fotos foram feitas para ser vistas.

No minuto seguinte, um bip eletrônico no laptop avisa que o trabalho foi concluído. O garoto arranca o cabo da parede e enfia o computador na mochila. Agora só faltam dois alojamentos. Dá para ouvir o tema de James Bond tocando em sua cabeça. Ele arremessa a mochila por sobre o ombro esquerdo e corre de volta para a porta. Resgata o livro, sai do salão e deixa a porta clicar ao fechar sozinha atrás de si.

Podemos até imaginá-lo sentindo aquele perfume da menina, que ainda paira no ar sedutoramente.

¹ Seriado de TV norte-americano sobre advogados, que teve duas temporadas entre 1995 e 1996. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 7 | O QUE ACONTECE DEPOIS

Mark só percebeu o que fez setenta e duas horas depois. A ressaca já passara; mas ele não parou o que havia começado, mesmo sem deixar de ir às aulas de ciência da computação, de estudar para as provas ou de conversar no refeitório com Eduardo e seus amigos. Mais tarde, ele diria aos repórteres do jornal da universidade que pensara no Facemash tão somente como uma tarefa que precisava ser concluída, um desafio matemático ou computacional a ser superado. Algumas horas depois de resolver o problema — de forma primorosa, espetacular, muito bem-executada —, enviou um e-mail para os amigos para que avaliassem o trabalho. Para receber críticas, algum retorno, talvez até alguns elogios. E saiu de seu quarto para se encontrar com uma de suas turmas, com a qual ficou muito mais tempo do que poderia esperar.

Quando voltou para o quarto na Kirkland, só pensava em se livrar da mochila, checar uns e-mails e dar um pulo no refeitório. Mas quando entrou no quarto, sua atenção imediatamente se desviou para o laptop aberto na escrivaninha.

Para a sua surpresa, a tela estava travada.

Foi aí que ele se deu conta de que o laptop travara porque estava funcionando como um servidor para o Facemash.com. Mas aquilo só fazia sentido se...

— Puta merda.

Antes de sair para a reunião, ele enviara o link do Facemash.com para alguns amigos por e-mail. Mas, obviamente, alguns deles o encaminharam para outros amigos. E, em pouco tempo, o site ganhou vida própria. Por meio do rastro deixado pelo programa, parecia que o link fora encaminhado para diversas listas de discussão — incluindo algumas moderadas por grupos de alunos do campus. Alguém o enviara para todo mundo do Instituto de Política, uma organização com mais de uma centena de integrantes. Outra pessoa o mandara para o Fuerza Latina — uma organização de questões sobre mulheres latinas. E alguém dali enviou para a Associação das Mulheres Negras de Harvard. Também foi parar na redação do *Crimson* e daí foi linkado em vários fóruns de alunos.

O Facemash estava em todo lugar. Um site no qual se podiam comparar fotos de duas alunas da graduação e votar na mais gata — e esperar alguns algoritmos complexos calcularem qual era a menina mais gata do campus — havia se tornado um viral de sucesso em todo o campus.

E em menos de duas horas o site já tinha computado vinte e dois mil votos. Quatrocentos alunos tinham estado no site só na última meia hora.

Carvalho. Isso não era bom. Não era para o link ter se espalhado tanto. Ele mais tarde explicaria que seu objetivo era ouvir algumas opiniões, para dar uma editada no site. Ele precisava avaliar as implicações legais do download de todas aquelas fotos. Talvez jamais o colocasse no ar. Mas agora era tarde. O problema da internet é que ela não é escrita a lápis — é sempre à caneta.

Se você coloca algo na rede, não dá mais para apagar.

O Facemash estava solto.

Mark inclinou-se para a frente, batendo nas teclas do computador, usando senhas para entrar no programa que ele havia escrito. Em poucos minutos, deletou tudo, tirou o site do ar e observou a tela de seu laptop se apagar. Então desabou em sua cadeira, com as mãos trêmulas.

Tinha a sensação de que havia se metido em uma grande enrascada.

CAPÍTULO 8 | O QUAD

De fora, os quatro andares do Hilles mais pareciam uma estação espacial depois de uma aterrissagem forçada do que uma biblioteca universitária; pilares de cimento e pedra expostos, a reluzente fachada de aço e vidro. Como o restante do Quad, sua biblioteca era um dos prédios mais novos do campus, e como estava afastado do Yard e suas tradicionais fachadas se viam cobertas por trepadeiras, os arquitetos acharam que eles poderiam impor qualquer projeto — mesmo uma monstruosidade futurista que parecia mais apropriada ao campus do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o mit, logo adiante.

Naquele momento, Tyler estava enclausurado num canto dos fundos do terceiro andar da espaçonave, seu corpo de quase dois metros de altura enfiado numa combinação de mesa e cadeira que parecia tanto um instrumento de tortura quanto uma peça de mobília Art Déco. Ele escolheu aquela carteira monstruosa justamente pelo fato de ela ser desconfortável; não eram nem sete da manhã de uma segunda-feira e, depois dos exercícios que tinha acabado de fazer, era preciso tomar medidas drásticas como esta para se manter acordado.

Havia um enorme livro de economia aberto à sua frente, perto de uma bandeja de plástico vermelho vivo do refeitório da Pforzheimer, que ficava ali perto. Metade de um sanduíche de carne moída estava jogada ali, parcialmente envolta num guardanapo. Mesmo que ele e Cameron tivessem terminado de tomar o café da manhã há menos de meia hora, Tyler ainda estava morrendo de fome. Estava ali por causa do livro, pois teria uma aula de economia em menos de meia hora, mas o sanduíche era a única coisa que o mantinha acordado. A outra metade ainda estava em sua boca, e ele estava tão ocupado mastigando, que não percebeu Divya se aproximando por trás.

Aparentemente vindo do nada, Divya tocou em seu ombro e jogou um exemplar do *Crimson* em cima da bandeja de plástico, derrubando o resto do sanduíche no chão.

— Quer dizer que eu não vou encontrar um programador no *Crimson*? — gritou Divya, como se estivesse fazendo um cumprimento. Tyler olhou-o de baixo até em cima, um pedaço de sanduíche mastigado ainda em sua boca.

— Que porra é essa, cara?

— Desculpe pelo sanduíche, mas olha a manchete.

Tyler pegou o jornal e limpou a mancha de ketchup da contracapa. Olhou de volta para Divya e só então percebeu o que seu amigo indiano queria que lesse. As sobrançelas de Tyler se ergueram quando ele saltou da manchete para a matéria, lendo rapidamente os primeiros parágrafos.

— Opa. Isso é bem legal — admitiu.

Divya assentiu, rindo. Tyler se inclinou para trás e esticou o pescoço de forma que pudesse ver a sala. Logo reconheceu as pernas compridas de Cameron saindo de uma carteira idêntica àquela em que ele mesmo estava sentado, a alguns metros de distância.

— Cameron, acorda e vem aqui!

Alguns estudantes ergueram a cabeça, viram que era Tyler gritando, e voltaram para seus trabalhos. Cameron teve dificuldade para sair da carteira, mas não demorou para se postar ao lado de Divya. Os pelos da nuca de Cameron estavam eriçados, seus olhos inchados e irritados. Ventara muito naquela manhã e o treino em equipe fora especialmente pesado. Mas Tyler não se sentia tão cansado quanto o irmão, pelo menos depois de ter visto o que Divya

mostrara.

Tyler deu o jornal para Cameron, que começou a ler o artigo, balançando a cabeça.

— É, eu ouvi uns caras do Porc falando disso na noite passada. Sam Kensington estava muito puto da vida, porque a namorada dele, Jenny Taylor, tinha ficado em terceiro lugar na lista do site e a menina que divide o quarto com ela, Kelly, estava em segundo — disse.

— E a outra menina que mora com elas, Ginny, estava em primeiro — interrompeu Divya. — Não que isso fosse surpresa para alguém.

Tyler tinha de sorrir. Jenny, Kelly e Ginny eram indiscutivelmente as segundanistas mais gatas do campus. Elas tinham sido colegas de quarto no primeiro ano também, supostamente colocadas juntas por acaso. Tirando o fato de que ninguém na universidade acreditava que tinha sido por acaso, principalmente desde que alguém descobriu que os últimos cinco dígitos do telefone do alojamento delas eram 3-fuck. Os responsáveis pelas moradias dos estudantes de Harvard eram famosos por brincadeirinhas desse tipo. Colocavam garotos com nomes parecidos nos mesmos alojamentos. Quando Tyler era calouro, ele conhecia um quarto que tinha um Burger e um Fries e quartos com dois alunos cujos sobrenomes eram Black e White. E havia Jenny, Kelly e Ginny, as três loiras mais gatas do campus num quarto cujo final do telefone era 3-fuck. Alguém estava pedindo para ser demitido.

Mas a matéria do *Crimson* não era sobre os responsáveis pelo alojamento. As três loiras tinham sido avaliadas por um site — que, de acordo com o jornal, se chamava Facemash, uma versão do Hot or Not em que os alunos poderiam dar notas para garotas com base em suas fotos — e isso estava causando um *frisson* no campus.

— O site foi tirado do ar rapidamente — Divya continuou, apontando para o *Crimson*. — Diz aí que foi o próprio garoto que fez o site que o tirou do ar. Quando ele o criou, não imaginou que as pessoas ficariam tão putas da vida. Mesmo que, em seu blog, ele tivesse comparado as garotas a gado.

Tyler se inclinou na cadeira.

— Quem ficou puto?

— As garotas, ora. Várias. Os grupos feministas do campus já enviaram dezenas de cartas. E também a universidade. Havia tanta gente no site ao mesmo tempo, que a conexão da universidade foi travada. Os professores não conseguiam sequer checar os próprios e-mails. Uma zona.

Tyler assobiou baixinho.

— Uau.

— É, uau. O site teve tipo vinte mil acessos em vinte minutos. Mas o cara que fez isso está enrascado. Parece que ele roubou todas as fotos dos bancos de dados dos alojamentos. Hackeou e baixou tudo. Ele e uns amigos vão ser advertidos pelo Conselho.

Tyler sabia tudo sobre o Conselho Administrativo — o órgão disciplinar normalmente composto de decanos e conselheiros estudantis, e até advogados da universidade, além dos próprios administradores do primeiro escalão. Tyler tinha um amigo no Porc que fora acusado de colar em uma prova de história. Ele teve que encarar dois decanos e um tutor sênior. O Conselho tinha muito poder — poderia suspender, até sugerir a expulsão. Apesar de, neste caso, Tyler duvidar muito de que a punição seria tão rígida.

O cara que fez o Facemash provavelmente ficaria em observação. Sua reputação, contudo, já era. Com certeza as garotas do campus não iriam mais levá-lo a sério. Apesar de,

pelo jeito, o garoto não ser exatamente um casanova. Comparar garotas com cabeças de gado? Esse é o tipo de comentário que um cara que se dá bem com as mulheres jamais faria.

— Aqui diz que esse não é o primeiro programa dele — disse Cameron, continuando a ler o texto. — Ele escreveu aquele programa Course Match. Lembra, Tyler, aquela agenda on-line, para marcar aulas? Parece que o cara é um mega-hacker desde o ensino médio.

Tyler começou a ficar excitado. Ele gostava de tudo o que estava ouvindo. Esse moleque talvez tivesse fodido tudo com o site dele, mas era óbvio que era um programador brilhante e certamente alguém com a mente aberta. Talvez ele fosse exatamente quem eles estavam procurando.

— Temos que falar com esse moleque.

Divya concordou.

— Já falei com o Victor. Ele disse que frequenta umas aulas de ciência da computação com ele. Mas disse também que ele é meio esquisito.

— Esquisito como? — perguntou Cameron.

— Como se ele fosse um autista.

Tyler olhou para Cameron. Eles sabiam exatamente o que Divya queria dizer. *Autista* talvez não fosse a palavra certa, *socialmente inábil* talvez fosse o termo certo. Havia dúzias de garotos assim em Harvard. Para entrar lá, você precisa ser incrivelmente bom em muitas coisas — como um aluno que só tira nota dez e também é capitão de equipe em algum esporte —, ou muito, muito, muito bom em uma coisa específica, ou seja, melhor do que qualquer outro: como um violinista virtuoso ou um poeta laureado.

Tyler gostava de imaginar que ele e o irmão eram bons, mas não iria se enganar, sabia que eram realmente incríveis quando estavam juntos, como uma tripulação.

Esse cara devia ser muito, muito, muito bom com computadores, já que parecia que ele não era capitão de nenhuma equipe esportiva titular da universidade.

— Qual o nome dele? — perguntou Tyler, seu cérebro zunindo rumo ao futuro.

— Mark Zuckerberg — respondeu Divya.

— Mande um e-mail para ele — Tyler decidiu, batendo os dedos sobre o *Crimson*. — Vamos ver se esse tal Zuckerberg quer entrar para a história.

Visto dos degraus da biblioteca Widener, na claridade das onze da manhã, o Harvard Yard continuava idêntico aos últimos trezentos anos. Estreitos caminhos arborizados serpenteando por gramados meticulosamente aparados. Nas antigas casas de tijolo e pedra, trepadeiras verdes faziam curvas tão intrincadas como veias que atravessam uma pele envelhecida. Eduardo tinha uma ampla visão do alto da escada de pedra, mas ele não podia ver nada além da torre da Memorial Church à distância, nem o centro de pesquisas espaciais, nem o quadrangular alojamento para calouros da Canaday, nem os prédios novos que quebravam a harmonia histórica do campus. Havia um peso naquela vista, séculos de momentos como aquele — embora Eduardo tivesse a sensação de que, em todas aquelas centenas de anos, nenhum aluno houvesse sido submetido a uma tortura tão bizarra quanto a que o cara sentado a seu lado acabara de sofrer.

Ele olhou para Mark, sentado de pernas cruzadas no mesmo degrau em que Eduardo estava, parcialmente envolto pela sombra projetada por um dos vastos pilares que sustentavam o teto da grande biblioteca de pedra. Mark usava terno e gravata e parecia desconfortável, como sempre — mas, naquele momento, Eduardo tinha certeza de que apenas parte do desconforto do amigo vinha das roupas.

— Isso foi desagradável — Eduardo comentou, voltando sua atenção ao Yard.

Ele viu um par de belas calouras correndo por um dos caminhos. Elas usavam cachecóis carmim semelhantes e uma delas prendia o cabelo num coque, que deixava à mostra uma pequena parte de um pescoço que parecia de porcelana.

— Como se fosse uma colonoscopia — respondeu Mark.

Ele também estava acompanhando o movimento das garotas pelo pátio. Talvez pensasse o mesmo que Eduardo: aquelas garotas provavelmente ouviram falar no Facemash, talvez tenham lido a matéria no *Crimson* ou visto algum post em um dos inúmeros fóruns on-line do campus. Talvez as garotas até soubessem que apenas uma hora antes Mark estava tendo que se explicar diante do Conselho, que ele tinha sido interrogado por nada menos que três decanos, para não falar dos peritos em computação, e fora obrigado a se desculpar pela confusão que havia causado sem querer.

O engraçado — embora os decanos não tivessem visto nenhum motivo para humor — era que para começar Mark parecia não entender por que todos estavam tão aborrecidos. Sim, ele havia invadido os computadores da universidade e fizera o download de várias fotos. Ele sabia que cometera um erro e indubitavelmente pedira desculpas por isso. Mas ele estava realmente confuso em relação à fúria que atraía por parte de vários grupos feministas no campus — e não só os grupos, mas as próprias garotas, inclusive as que tinham divulgado o site por e-mails, cartas e até mesmo através dos namorados. No refeitório, nas salas de aula, mesmo nas estantes da biblioteca, elas evitavam falar com Mark.

Durante a reunião com o Conselho, ele prontamente admitiu sua culpa no que dizia respeito ao hacking, mas também lembrou que suas ações haviam lançado luz sobre as graves falhas no sistema de segurança dos computadores da universidade. Sua façanha tinha um lado bom, argumentava, e ele logo se prontificou a ajudar os alojamentos a corrigirem as falhas em seus sistemas.

Mark também não se furtou a dizer que tirara o site do ar tão logo percebera que o link

havia se alastrado. Ele não tinha a menor intenção de lançar o Facemash no campus — era como se a versão beta de um produto tivesse se espalhado pela rede. Um acaso, pois não tinha a menor intenção de fazer mal-uso do site.

Com efeito, a inabilidade social de Mark e o susto com a reação ao Facemash eram sua grande defesa. Os decanos ali reunidos ouviram e observaram a maneira afetada e desajeitada como Mark se defendia e perceberam que ele não era um mau garoto — apenas não pensava do mesmo jeito que os demais alunos. Ele não imaginara que as meninas iriam ficar furiosas, pois os garotos votariam com base apenas na aparência — porém, Mark, Eduardo e provavelmente todo jovem universitário do mundo cria a própria lista de garotas mais gatas desde os primórdios da educação formal. Eduardo tinha plena certeza de que algum dia um paleontólogo descobriria uma caverna com inscrições rupestres que indicavam uma lista com as melhores garotas neandertais. Esse tipo de relação fazia parte da natureza humana.

Para um observador externo, parecia que Mark não sabia que revelar intimidades — aquele tipo de conversa que se tem com seus amigos nerds na privacidade das tocas dos lares nerds — não pegava bem entre o público em geral. Se você sugerir comparar pessoas com gado, é óbvio que vai deixar muita gente zangada.

E Mark tinha deixado muita gente zangada. Mas os decanos, do alto de suas boas índoles, decidiram não suspender ou expulsar Mark por causa do Facemash. Eles deixaram-no numa espécie de período probatório — na verdade, só disseram a Mark que ele deveria evitar problemas nos próximos dois anos, senão... Não deixaram claro o significado daquele “senão”, mas de qualquer modo o aviso foi bastante duro.

Mark sobreviveu ao incidente sem maiores danos à sua situação acadêmica. No entanto, sua reputação no campus ficaria abalada. As dificuldades que já tinha com as mulheres só fariam aumentar.

Em todo caso, as pessoas ficaram informadas sobre o nome de Mark Zuckerberg. A matéria do *Crimson* confirmou isso. O jornal chegou a repercutir a matéria sobre o fenômeno do Facemash com um editorial afirmando que o grande número de acessos ao site mostrava que, sim, havia um interesse numa espécie de comunidade de compartilhamento de fotos — talvez sem uma conotação tão pejorativa. Com certeza, Mark tinha mexido num vespeiro, o que parecia ser ótimo, não?

Quando as duas calouras desapareceram, Mark enfiou a mão no bolso de trás de sua calça e tirou um papel dobrado, que entregou a Eduardo.

— Quero mostrar uma coisa a você. O que você acha disso?

Ao receber o papel, Eduardo o desdobrou; era um e-mail, que Mark havia imprimido:

Oi Mark, peguei seu e-mail com um amigo meu. Em todo caso, eu e minha equipe precisamos de um desenvolvedor de web que conheça PHP e SQL e, de preferência, saiba trabalhar com Java. Estamos muito concentrados na criação de um site, do qual gostaríamos que você fizesse parte. Temos certeza de que o site vai chamar muita atenção no campus. Por favor, ligue para o meu celular ou responda a este e-mail e diga quando poderemos ligar para bater um papo e encontrar nosso atual desenvolvedor. Isso poderá ser uma experiência gratificante, principalmente se você tiver uma personalidade empreendedora. Nós o deixaremos a par dos detalhes quando você responder a este e-mail. Abs.

O e-mail era assinado por Divya Narendra, que o copiara para alguém chamado Tyler Winklevoss. Eduardo leu o e-mail duas vezes, digerindo o convite. Parecia que esses caras estavam trabalhando num site secreto — provavelmente leram sobre Mark no *Crimson* ou

viram o Facemash e pensaram que ele poderia ajudar no que fosse que estivessem construindo. Eles certamente não conheciam Mark, mas ficaram impressionados com sua súbita notoriedade.

— Você conhece esses caras? — perguntou Mark.

— Não conheço o Divya, mas eu sei quem são os gêmeos Winklevoss. Eles são veteranos. Acho que moram no Quad. São da equipe de remo.

Mark assentiu. Com certeza ele também conhecia os gêmeos Winklevoss. Não pessoalmente, claro, mas a partir de certo momento era impossível não saber quem eram aqueles gêmeos univitelinos, de dois metros de altura. Mas nem Mark nem Eduardo haviam trocado uma palavra que fosse com os dois playboys; eles não frequentavam as mesmas rodas. Tyler e Cameron eram caras do Porc. Eles eram atletas, circulavam entre os atletas.

— Você vai falar com eles?

— Por que não?

Eduardo deu de ombros. E olhou de novo o e-mail. Para falar a verdade, ele não achava que aquilo terminaria bem. Não conhecia nem os gêmeos, nem Divya, mas conhecia Mark o suficiente para saber que aquela amizade não tinha futuro. Era preciso paciência para aturar Mark por muito tempo. E caras como os Winklevoss, bem, eles não tinham paciência para nerds como Eduardo e Mark.

Desde o começo do processo de iniciação no Phoenix, Eduardo fizera um grande progresso. Em uma semana ou mais ele tinha certeza de que aquele processo teria terminado — e ele poderia se considerar um membro pleno de um Clube Final. Mas havia uma enorme diferença entre ser um membro do Phoenix e ser do Porcellian. Quem é do Phoenix aprende a falar com as garotas, a beber muito e com alguma sorte comer alguma delas no final. A turma do Porcellian aprende a governar o mundo.

— Por mim, foda-se — respondeu Eduardo —, não precisamos dele.

Mark pegou o e-mail de volta e enfiou no bolso da calça. E então pegou os próprios cadarços, afrouxando o sapato.

— Não sei — Mark disse, e Eduardo sabia que ele já tinha se decidido. Talvez a ideia de circular com caras como os Winklevoss tivesse algum apelo para Mark, talvez fosse apenas mais um gracejo, como o Facemash — algo que parecia ser potencialmente divertido.

Ou, como Mark diria, como ele sempre diz:

— Poderia ser interessante.

— Fodeu. Escondam suas namoradas. Olha quem veio para o jantar.

Tyler e Cameron estavam no meio do refeitório da Kirkland, passando por entre as mesas, quando aconteceu. Tyler viu a silhueta de touro do veterano aproximando-se, mãos abertas como se estivesse aprontando alguma, um sorriso debochado naquela mandíbula caída — ele tinha que rir. A simples ideia de que eles poderiam marcar uma reunião naquele lugar sem ser reconhecidos era uma sandice: tanto ele quanto Cameron tinham vários amigos ali, incluindo alguns integrantes do Porc e companheiros da equipe de remo. Davis Mulroney não era um deles, mas ele era difícil de ser evitado, ainda mais porque devia pesar bem mais de 120 quilos e era titular do time de futebol americano da universidade — e estava indo na direção deles.

Tyler tentou esquivar-se para a esquerda, mas não conseguiu ser rápido o suficiente e levou um abraço de urso de Davis, que o ergueu a ponto de tirar seus pés do chão por mais de cinco segundos. Depois de deixar Tyler cair, ele cumprimentou os dois irmãos e franziu o cenho para falar com eles.

— Misturando-se com os pobres? O que vocês estão fazendo aqui no Quad?

Tyler olhou para Cameron. Os dois acharam que por enquanto seria melhor manter o encontro com o moleque do computador entre eles. Não que seu site fosse um segredo completo; seus amigos sabiam do que se tratava, assim como alguns dos companheiros do Porc. Mas esse garoto, Zuckerberg, era o centro das atenções no campus naquele instante, e eles com certeza não estavam querendo terminar nas manchetes do *Crimson*.

Diabos, eles ainda nem haviam encontrado o garoto, mas sabiam que ele estava bastante interessado no site e queria participar do projeto. Tanto Divya quanto Victor Gua trocaram alguns e-mails com ele, e, segundo disseram, Zuckerberg realmente parecia interessado. Suas palavras exatas em uma recente troca de e-mails deram-lhes certeza de que valeria a pena visitá-lo:

Podem vir aqui conversar, mas eu preciso resolver alguns problemas do Facemash. Que tal amanhã? Eu realmente estou interessado em saber mais sobre o projeto de vocês.

Mas um jantar na Kirkland não era uma parceria de verdade e Tyler não precisava que todo o campus ficasse sabendo que ele e seu irmão estavam trabalhando com o moleque do Facemash antes que eles de fato tivessem chegado a um acordo. Ainda assim, era um tanto ingênuo achar que ele e seu irmão poderiam ir à Kirkland sem ser vistos por nenhum amigo. A namorada de Davis dividia o quarto com uma ex de Cameron e, de qualquer forma, o pessoal do futebol e do remo estava sempre se encontrando, pois treinavam mais ou menos no mesmo horário.

— Ouvimos falar que era a noite dos caipiras — Tyler respondeu. — Sempre que for noite caipira, a gente tá dentro.

Davis riu. Ele apontou para uma mesa perto da janela cheia de caras ainda mais altos que ele, vestindo agasalhos de Harvard.

— Vem com a gente. Vamos beber depois na Spi e talvez ir até o Grafton. Um amigo meu descolou umas garotas que estão vindo no Fuck Truck da Wellesley. Vai ser legal.

Tyler virou os olhos. O “Fuck Truck” era uma instituição de Harvard: um micro-ônibus que circulava entre o campus de Harvard e meia dúzia de escolas femininas da região, carregando a molecada para as festas mais liberais da universidade, quase sempre nos fins de semana. Quem participava da badalação de Harvard já tinha passeado no Fuck Truck pelo menos uma vez durante sua vida universitária. Tyler ainda podia fechar os olhos e sentir a mistura maravilhosamente densa de perfume e álcool que impregnava os assentos de plástico do ônibus. Mas hoje não era dia de se interessar pelo Fuck Truck ou por suas passageiras.

— Putz, foi mal, mas hoje não dá. Me chama outro dia.

Ele deu um tapa no ombro do grandão, acenou para os playboys da mesa e seguiu andando pelo refeitório. Enquanto caminhava, não conseguia parar de pensar que, de alguma forma, o Fuck Truck era análogo ao projeto em que vinha trabalhando com o irmão; o Harvard Connection tinha características que permitiriam que o chamassem de Fuck Truck eletrônico — uma conexão superdescolada para garotos e garotas, só que em vez de uma longa viagem no ônibus, bastava apertar uma tecla do laptop para ficar cara a cara com a estudante dos seus sonhos.

Cameron cutucou seu braço e apontou para uma mesa no fundo do salão retangular, onde um garoto acenava para eles. O garoto era esguio e tinha um topete castanho-claro. Ele usava sandálias e bermudas, mesmo que estivesse fazendo quase zero grau lá fora, e suas bochechas tinham uma palidez de marfim, como se não vissem o sol havia muito tempo.

Outro garoto estava na mesa com ele — baixo, de cabelo escuro, com o queixo grudado no pescoço, talvez fosse seu colega de quarto —, mas ele saiu assim que os dois se aproximaram, deixando Mark sozinho. Tyler chegou primeiro à mesa, estendendo sua mão.

— Tyler Winklevoss. Esse é meu irmão, Cameron. Desculpe, mas Divya não pôde vir, pois ficou preso em um seminário.

A mão de Mark era fria como um peixe morto. Tyler caiu sobre uma cadeira do outro lado da mesa e Cameron sentou-se à sua direita. Como Mark deu a entender que não iria dizer nada, Tyler começou de uma vez.

— Nós vamos chamá-lo de Harvard Connection — disse, indo direto ao assunto. E começou a descrever minuciosamente o site que eles queriam criar. Ele tentou simplificar, explicando a ideia por trás de um ponto de encontros on-line em que os caras e as garotas de Harvard poderiam se conhecer, trocar informações e se relacionar. Contou que o site teria duas seções, uma para contatos pessoais e outra para contatos profissionais. Os estudantes poderiam postar as próprias fotos, escrever um breve perfil com informação pessoal para tentar encontrar algum vínculo comum. E então ele começou a explicar a ideologia do projeto — a certeza de que as pessoas tinham muita dificuldade de se conhecer, que havia inúmeros obstáculos até você encontrar uma pessoa ideal, que o Harvard Connection poderia aproximar as pessoas graças às suas personalidades — ou o que quer que elas postassem on-line —, mais que à proximidade física.

Apesar do seu rosto impassível, Mark entendeu o conceito no ato. Ele gostou da ideia de um site para encontrar garotas e tinha certeza de que poderia programá-lo facilmente. Ele perguntou em que ponto estava o trabalho de Victor e Cameron sugeriu que visse com os próprios olhos — eles dariam as senhas necessárias para que Mark pudesse conferir. Ele podia até fazer o download do código do programa para trabalhar em seu próprio computador. Cameron acreditava que o programa seria concluído em dez a quinze horas de trabalho — o

que não era nada demais para um cara como Mark. Cameron começou a dar mais detalhes enquanto Tyler observava a cena recostado em sua cadeira, e o garoto ouvia.

Ele percebia que Mark ia ficando cada vez mais entusiasmado conforme seu irmão falava. Sua misantropia ia ficando em segundo plano à medida que eles falavam em linguagem de computação e, diferentemente de outros sujeitos de informática com os quais tinham negociado, Mark parecia compartilhar a energia e a visão que Tyler e seu irmão haviam trazido para a mesa. Ainda assim, Tyler sabia que o garoto iria querer saber o que ganharia caso fizesse o site funcionar, por isso ele se adiantou assim que seu irmão se aquietou.

— Se o site fizer sucesso, nós vamos ganhar dinheiro — disse ele. — Porém mais do que dinheiro, será muito legal para todos nós. E nós queremos que você seja o centro das atenções. Isso fará com que você possa voltar ao *Crimson*... só que dessa vez o jornal estará te elogiando, não te destruindo.

Para Tyler, a proposta era bastante simples. Como seriam sócios no projeto, se ele rendesse algum dinheiro todos iriam se dar bem. Mas enquanto isso não acontecesse, Mark poderia usar o lançamento do site para reabilitar sua imagem. E ele poderia ser o centro das atenções — algo que nunca acontece com os caras da informática, que quase sempre ficam escondidos nos bastidores — e usar o site do jeito que quisesse para se promover.

Olhando para o garoto, sozinho nos fundos daquele refeitório, visivelmente desajeitado, como se estivesse se sentindo desconfortável na própria pele, Tyler sabia que aquilo era uma ideia sedutora. Fazer o site funcionar, tornar-se famoso — quem sabe, transformar esse garoto em uma pessoa completamente diferente. Dar-lhe uma vida social, arrancar-lhe a fantasia nerd, fazer com que ele se dê bem com o tipo de garota da qual nunca se aproximaria em um laboratório de computação.

Tyler mal o conhecia, mas quem recusaria uma proposta dessas?

Quando a reunião terminou, Tyler sabia que o garoto tinha sido fisgado. Quando eles se cumprimentaram novamente, o aperto de mãos não lembrava mais um peixe morto, e sim um engenheiro animado, e Tyler saiu daquela mesa excitado por finalmente ter feito contato com alguém que realmente pareceu entender aquilo que eles estavam tentando fazer.

Ele estava tão animado que decidiu que ele e o irmão teriam tempo para dar uma passada na Spi e tomar um drink com os caras do futebol. O Harvard Connection estava a um passo de se tornar realidade, talvez valesse uma pequena comemoração.

E o que poderia ser mais adequado para essa celebração do que uma visita do Fuck Truck?

Num bom dia, o cheiro de alho frito e queijo parmesão saindo da cozinha seria convidativo, para não dizer irresistível. Mas hoje era tudo menos um bom dia. A cabeça de Eduardo estava latejando e seus olhos ardiam como se tivessem pingado água sanitária neles. Aquele cheiro o sufocava e ele não queria fazer outra coisa senão se enfiar embaixo da mesa onde estava sentado, se encolher em posição fetal e mergulhar em um sono profundo. Em vez disso, tomava enormes goles da água gelada que tinha à sua frente e tentava entender as palavras borradas no cardápio em suas mãos.

Ele não culpava o restaurante por seu estado físico, mesmo porque o Cambridge, 1. era um de seus locais favoritos para comer em Harvard Square e ele sempre ia atrás das suas pizzas de massa grossa. Dava para sentir o cheiro do restaurante a até duas quadras da Church Street e havia uma boa razão para que todas as mesas naquele pequeno lugar moderninho estivessem sempre cheias, e todos os bancos do balcão que dava para uma cozinha americana ficassem ocupados. Mas naquele momento Eduardo não estava interessado em pizza. Só pensar em comida já abalava seu frágil equilíbrio e ele lutava contra a gana de sair correndo para o quarto, se enfiar debaixo do cobertor e passar dois dias sumido.

Ele poderia ter se safado dessa, se quisesse. Era a primeira semana de janeiro e as aulas sequer haviam começado após o recesso de duas semanas do fim do ano. Na verdade, tinha acabado de chegar de Miami na noite anterior. Depois de pousar no aeroporto de [Logan](#),¹ foi direto rumo ao Phoenix, para se desintoxicar do excesso de afeto familiar.

Eduardo voltou ao campus em busca de uma experiência que permitisse espairecer, o que não era difícil de conseguir no Phoenix. Ele também encontrou alguns de seus novos e recém-admitidos colegas, que já estavam com a corda toda. Era como se estivessem tentando recriar o clima de trote da noite em que foram admitidos — o que acontecera havia apenas dez dias.

Eduardo riu, mesmo em meio à sua dor, ao lembrar aquela noite — sem dúvida, uma das mais divertidas de sua vida. Começou quase de forma inofensiva: vestidos de smoking, ele e outros calouros marcharam como garbosos soldados até a Harvard Square. Seguiram então para a mansão da Mt. Auburn Street e foram levados para a sala no andar superior do clube.

Os rituais começaram com a boa e velha competição alcoólica; os iniciados eram divididos em dois grupos, postos em frente a uma mesa de sinuca, e o primeiro garoto de cada grupo recebia uma garrafa de Jack Daniel's. Bastava um dos membros do clube soprar um apito para a corrida começar. Cada calouro tinha de tomar o máximo que conseguisse e passar a garrafa para o próximo garoto da fila.

Infelizmente, a equipe de Eduardo não ganhou a prova, e como castigo eles tiveram que repetir o exercício, dessa vez com uma garrafa ainda maior, de vodca.

Depois daquilo, as lembranças que Eduardo tinha daquela noite eram um tanto vagas — mas ele se lembrava de ter sido conduzido até o rio, ainda de smoking. Ele se lembrava do frio do cacete que estava fazendo e ele ali com seu paletó curto, com o vento frio de dezembro perfurando sua dispendiosa camisa branca. E então se lembrava dos irmãos dizendo que ele e os outros iriam participar de uma nova competição — a diferença é que agora a prova seria de natação. Atravessar o Charles e voltar.

Eduardo quase desmaiou só de pensar nisso. O Charles era famoso por sua poluição e, pior, no meio de dezembro, estava começando a congelar. Tentar atravessar o rio a nado já

parecia assustador — que dizer, então, de fazer isso bêbado?

Mas Eduardo não tinha escolha. O Phoenix significava muito para ele para que virasse as costas e fosse embora, e, como os outros calouros, ele começou a tirar os sapatos e as meias. E então se alinhou à margem do rio, se inclinou para a frente e...

Graças a Deus que, naquele momento, os integrantes do clube saíram da escuridão, rindo e gritando. Não haveria nenhuma competição de natação naquela noite — apenas mais bebedeira, mais rituais e confraternizações pelo campus. Em algumas horas, a iniciação se completou e Eduardo se tornou um membro pleno do Phoenix.

Agora ele estava livre para vaguear pelos salões do andar de cima e pelos cômodos privados do clube, livre para circular por todos os aposentos da mansão onde passaria seu tempo livre a partir de então. Para sua surpresa, na noite anterior descobrira que havia até mesmo quartos de verdade no primeiro andar do clube — ainda que ninguém morasse ali. Ele podia imaginar para que serviam aqueles quartos, e só o pensamento lhe fez propor muitos brindes a seus companheiros de clube, que o levaram ao estado terrível em que estava agora.

No entanto, só lamentou de verdade toda aquela ressaca quando já se preparava para sair, ao avistar Mark atravessando a multidão com a cabeça coberta pelo capuz e um brilho estranho e determinado no olhar. Na mesma hora, Eduardo resolveu suportar aquele mal-estar por pelo menos alguns minutos; não era sempre que ele via aquele brilho nos olhos de Mark e era possível antecipar que algo “interessante” estava para acontecer. Algo no mínimo capaz de justificar o fato de aquele encontro ser num restaurante italiano e não no refeitório, onde normalmente almoçavam.

Mark sentou-se em frente a Eduardo enquanto ele se ajeitava na cadeira, atrás de seu copo de água com gelo e o cardápio. Mas pela cara de Mark, eles não fariam um pedido tão cedo. Ele parecia que ia explodir.

— Acho que me dei bem — começou, e então desatou a falar.

Havia um mês desde o incidente com o Facemash — Mark estava desenvolvendo uma ideia. Ela realmente começou com o próprio Facemash — não com o site em si, mas com o interesse frenético que ele despertara. Resumindo, as pessoas reagiram ao site em larga escala. Mas não apenas pelo fato de Mark ter publicado fotos de gostosas num site, pois havia um milhão de outros lugares em que dava para ver gostosas na internet. A diferença é que o Facemash oferecia fotos de garotas que os garotos de Harvard conheciam, às vezes pessoalmente. O fato de muitas pessoas terem clicado e votado no site mostrava que havia um interesse verdadeiro em saber mais sobre os colegas de classe em um ambiente on-line mais informal.

Bem, pensou Mark, se as pessoas realmente queriam entrar na rede para ver os amigos, por que não criar um site que proporcionasse exatamente isso? Uma comunidade on-line de amigos, com fotos, perfis, o que fosse, em que se poderia clicar, visitar, passear. Uma espécie de rede social, mas que fosse exclusiva — a pessoa só entraria se fosse convidada. Como na vida real — nos círculos sociais de verdade —, só que on-line, formada pelas próprias pessoas desses círculos sociais.

Diferentemente do Facemash, ele queria criar um site em que as próprias pessoas colocassem as fotos que quisessem — não só fotos, mas também perfis: onde tinham crescido, que idade tinham, quais seus interesses; talvez até os cursos que frequentavam; o que procuravam na rede — amizades, namorado(s), o que fosse. E então ele daria às pessoas a

possibilidade de convidar amigos para entrar. Iniciá-los, de certa forma, e convidá-los para seu círculo social on-line.

— Estou pensando em deixá-lo bem simples e em chamá-lo de Facebook — disse Mark, com os olhos acesos de excitação.

Eduardo piscou, já totalmente esquecido da ressaca. Bem à sua frente havia uma ideia interessantíssima. Era sensacional, mesmo que em alguns aspectos parecesse familiar. Havia um site chamado Friendster, com uma proposta bastante parecida, mas a navegação não era nada convidativa e ninguém o usava, pelo menos não em Harvard. Alguns meses antes um menino do campus chamado Aaron Greenspan se metera em encrencas depois de sugerir que alguns alunos trocassem informações em um fórum fechado no qual só se podia entrar usando o e-mail de Harvard e os registros na universidade, como login e senha do estudante. Esse mesmo cara criara um negócio chamado housesystem, com algumas características de rede social. O próprio Grossman havia adicionado um Universal House Facebook em seu site, que Mark conhecia; quase ninguém tinha percebido isso, pelo que Eduardo sabia.

Segundo Mark, a ideia do Friendster não fora patenteada. E o site do Grossman, além de tropeçar em questões legais, não oferecia espaço para fotos nem para perfis. A ideia de Mark era mesmo diferente. Era transferir seu círculo social da vida real para a internet.

— A universidade não está criando um anuário on-line?

Eduardo também lembrou de ter lido numa matéria do *Crimson* sobre o Facemash que a própria universidade tinha planos para criar uma espécie de catálogo on-line dos alunos, com fotos; outras faculdades tinham os seus, onde exibiam fotos da universidade e afins.

— Sim, mas o que eles estão fazendo não tem nada de interativo. Não é disso que estou falando. E Facebook é um nome bastante genérico, não acho que importe em que mais ele pode estar sendo usado.

Interativo — uma rede social interativa. Parecia-lhe irresistível. Mas também aparentava ser muito trabalhoso, embora Eduardo não fosse um *expert* em computação. Esse era o departamento de Mark. Se ele quisesse construir um site desses... bem, ele poderia.

E parecia que Mark já tinha pensado muito sobre o assunto — que já estava bem-avанçado, pelo menos na sua cabeça. Eduardo percebeu que o projeto era muito mais complexo do que o Facemash, e também incorporava parte do projeto que Mark usara para o Course Match, onde todo mundo poderia ver as disciplinas que os outros estavam fazendo. O Friendster, claro, também deve ter alimentado essa ideia; certamente Mark conhecia o site, como todo mundo.

Mark deve ter reunido todas essas informações, misturando-as em sua cabeça, e então deu um passo adiante. Eduardo se perguntou quando ele teve o *insight* — quando ele estava em casa, em Dobbs Ferry, na folga de fim de ano? Sozinho em seu quarto, olhando para a tela do computador? Numa aula?

Ele sabia com certeza, porém, que esse momento não tinha acontecido na companhia dos gêmeos Winklevoss. Mark havia descrito o jantar com riqueza de detalhes, bem como o site que os Winklevoss achavam que Mark estava construindo com eles. Segundo a descrição de Mark, tratava-se de um serviço de encontros via internet, um lugar para quem quisesse trepar. Um Match.com sofisticado.

Pelo que Eduardo sabia, Mark não havia trabalhado com os gêmeos. Ele tinha visto o site deles, pensado um pouco e decidido que não valeria investir tempo nele. Na verdade, ele

inclusive desdenhou o site, dizendo que até seus amigos mais idiotas sabiam mais sobre o que as pessoas queriam de um site na internet do que Divya e os Winklevoss. De qualquer forma, ele estava muito ocupado com os estudos para perder tempo com um site de relacionamentos só para impressionar alguns playboys do Porc. Mas Eduardo tinha certeza de que Mark continuava a conversar com eles via e-mail ou telefone, por Deus sabe quais motivos. Provavelmente, por eles serem quem eram e Mark ser quem ele era.

Eduardo tinha certeza de que os gêmeos Winklevoss fizeram uma leitura errada de seu amigo. Eles provavelmente olharam para ele e viram um nerd que toparia na hora a possibilidade de “reabilitar” sua imagem ao construir um site para eles. Mas Mark não queria se reabilitar de nada. O Facemash o tinha metido numa encrenca, mas também havia provado exatamente o que ele queria mostrar: que ele era mais esperto que todo o mundo. Ele derrotara os computadores de Harvard e o Conselho Administrativo.

Com certeza, Mark se via a léguas de distância dos gêmeos Winklevoss. Quem eles achavam que eram para controlar seu talento? Eram apenas dois playboys que achavam que mandavam no mundo. Talvez mandassem nas rodinhas sociais, mas na terra dos sites e dos computadores, Mark era o rei.

— Me parece ótimo — disse Eduardo. O restaurante desapareceu ao fundo e tudo o que ele podia ver agora era a paixão de Mark por seu novo projeto. Eduardo queria participar. E era óbvio que Mark também queria que ele se associasse. Se não, ele iria contar isso para seus colegas de quarto. Um deles, Dustin Moskovitz, era um gênio da computação tão bom quanto Mark. Por que ele não lhe contou antes? Tinha de haver uma razão.

— É ótimo. Mas nós vamos precisar de algum dinheiro inicial para comprar servidores e colocar isso no ar.

Era isso. Mark precisava de dinheiro para botar o site no ar. A família de Eduardo tinha dinheiro e, mais do que isso, o próprio Eduardo tinha dinheiro, 300 mil dólares que ele havia ganhado especulando no mercado futuro de petróleo. O lucro havia vindo de sua obsessão pela meteorologia e pelos algoritmos que lhe permitiram prever padrões de furacões. Eduardo tinha dinheiro, Mark precisava de dinheiro — talvez fosse simples assim. Mas Eduardo queria acreditar que houvesse mais que apenas isso.

Mark estava falando de um site de relacionamento. E ele não tinha nenhuma habilidade social de que pudesse se gabar, nem uma vida social de verdade. Eduardo tinha acabado de se tornar membro do Phoenix. Ele estava começando a fazer rede, a conhecer garotas. Cedo ou tarde ele iria trepar. A que outro amigo Mark poderia recorrer? Eduardo certamente era o mais descolado da turma.

— Estou dentro — disse Eduardo, apertando sua mão ainda na mesa. Ele poderia levantar dinheiro e dar dicas. Poderia administrar esse projeto melhor do que Mark. Este não entendia nada de negócios. Diabos, ele tinha recusado sete dígitos da Microsoft quando estava no ensino médio!

Eduardo foi criado em um mundo corporativo. Com essa ideia, talvez pudesse mostrar ao pai o quanto aprendera. Ocupar um lugar de destaque na Associação de Investidores de Harvard era uma coisa; criar um site popular era outra, inteiramente diferente.

— Você precisa de quanto? — perguntou Eduardo.

— Preciso de mil dólares para começar. O lance é que eu não tenho mil dólares comigo agora, mas se você tiver, nós podemos começar a tirar esse projeto do papel.

Eduardo assentiu com a cabeça. Ele sabia que Mark não era rico; mas ele conseguiria levantar mil dólares em menos de vinte minutos. Tudo o que precisava fazer era ir ao banco mais próximo.

— Vamos criar uma sociedade — Mark sugeriu. — Setenta por cento para mim, trinta por cento para você. Você pode ser o diretor financeiro da empresa.

Eduardo concordou de novo. Parecia justo. A ideia era de Mark, no fim das contas. Eduardo a financiaria e tomaria as decisões administrativas. Talvez eles nunca ganhassem nada, mas Eduardo tinha a sensação de que era uma ideia muito boa, e que não deveria ser desperdiçada.

Todo mundo no campus queria construir um site. Não eram só os Wink-levoss e o tal do Greenspan. Eduardo mesmo sabia de pelo menos uma dúzia de estudantes dispostos a lançar negócios on-line a partir de seus quartos nos alojamentos estudantis. Muitos deles tinham aspectos sociais, como o dos Winklevoss, mas nenhum desses outros de que Eduardo tinha ouvido falar parecia tão legal quanto a ideia de Mark. Simples, sexy e exclusiva.

O Facebook tinha todos os elementos de um site bem-sucedido. Uma ideia simples, uma função sexy e uma sensação de exclusividade. Como um Clube Final, só que on-line. Era o Phoenix que se poderia visitar na intimidade do quarto. E, dessa vez, Mark não precisaria se submeter a um processo de iniciação. Ele seria o presidente.

— Isso vai ser muito interessante — riu Eduardo.

Mark riu de volta.

¹ O Aeroporto Internacional General Edward Lawrence Logan é o aeroporto da cidade de Boston, onde fica o campus de Harvard. (*N. do T.*)

A porta era enorme, preta como breu; bem no meio da Mass Avenue, num portal de pedra ainda mais imponente, ornamentado com barras de ferro, detalhes maçons e uma enorme cabeça de urso esculpida em pedra calcária no alto de seu arco. Não havia como um calouro passar por ali, ver aquela porta do outro lado da rua e não sentir ao menos uma pontada de curiosidade — quando não pura paranoia. O prédio podia fugir a qualquer tipo de classificação, com seus tijolos avermelhados subindo quatro andares sobre uma austera loja de roupas, mas o número 1.324 da Mass Avenue era um endereço lendário em Harvard, que se misturava com a história secreta da própria universidade.

Naquele momento, Tyler Winklevoss, seu irmão Cameron e seu melhor amigo Divya estavam sentados num sofá em L de couro verde atrás daquela porta preta, numa pequena sala de espera conhecida apenas como o Quarto das Bicicletas. Se estivessem apenas Tyler e Cameron, eles seriam conduzidos para um andar acima; mas a escadaria de madeira com carpetes verdes que dava acesso à parte superior do prédio não estava franqueada para Divya. Ele nunca havia sido convidado para subir por aqueles degraus sinuosos e estreitos, e talvez nunca fosse.

O Porcellian era um lugar rígido; por mais de dois séculos o clube esteve no topo da hierarquia dos Finais, o ponto mais alto da ordem social que formou gerações dos melhores e mais brilhantes universitários do país. Era, sem dúvida, o clube mais elitista e fechado dos Estados Unidos — comparável ao Skull and Bones, em Yale. Fundado em 1791, batizado em 1794 em homenagem a um banquete de porco assado regado a vinho que os estudantes serviram a si mesmos — comendo um porco que, como diz a lenda, um sócio do clube trouxe consigo para a aula, escondendo o suíno de estimação numa jardineira sempre que um professor chegava perto —, o Porcellian era a rede social suprema num campus que havia definido esse termo.

O clube — o “velho celeiro”, como os sócios se referiam a ele — era um lugar lendário e histórico. [Teddy Roosevelt](#)¹ tinha sido um Porc, bem como muitos integrantes do clã Roosevelt; Franklin Delano [Roosevelt](#)² foi rejeitado, no incidente que chamou de “a maior decepção de sua vida”. O lema do Porcellian — *dum vivimus, vivamos* (enquanto estamos vivos, vivamos) — não se aplicava apenas à experiência universitária dos seus integrantes, mas também à que viria a seguir, quando eles saíssem e ganhassem o mundo. Os Porcs eram talhados para dominar o universo; havia um mito no campus que dizia que se um Porc não ganhasse seu primeiro milhão de dólares até os trinta anos, o clube simplesmente lhe dava essa quantia.

Verdade ou não, Tyler, Cameron e Divya não estavam no Quarto das Bicicletas para contemplar o caminho para seu primeiro milhão de dólares; eles tinham vindo para se lamentar, pois, de repente, seu sucesso parecia mais distante do que nunca.

A razão para sua frustração tinha um nome: Mark Zuckerberg.

Durante dois meses, desde aquele aparentemente maravilhoso encontro de gênios no refeitório da Kirkland, Mark vinha lhes dizendo que sua parceria no Harvard Connection estava indo de vento em popa. Ele analisou o código do programa, examinou cuidadosamente o que eles já haviam construído do site e estava prestes a colocá-lo no ar.

Cinquenta e dois e-mails trocados entre ele, os Winklevoss e Divya, e meia dúzia de

ligações entre eles — e, em todas as ocasiões, Mark dera a impressão de estar tão animado e comprometido com o projeto quanto naquela primeira noite. Seus e-mails pareciam ser um diário de campo para os Winklevoss, relatórios que mostravam que a programação não parava de fazer progressos, embora mais devagar do que previam:

A maior parte do código está pronta, parece que tudo está funcionando.

Tenho de fazer uns trabalhos para a faculdade, volto logo.

Eu me esqueci de levar o carregador comigo durante o feriado de Ação de Graças.

No fim da sétima semana, como nenhum progresso fora anunciado — nenhum código enviado por e-mail nem adicionado ao site —, Tyler começou a ficar um tanto ansioso. As coisas estavam demorando. Ele achava que conseguiriam colocar o site no ar no final dos feriados de fim de ano. Então ele fez com que Cameron enviasse um e-mail para o garoto, perguntando quando ele iria terminar o trabalho. Mark respondeu quase imediatamente, porém mais uma vez para se justificar.

Desculpem por demorar a retornar para vocês. Estou completamente sobrecarregado de trabalho esta semana. Estou trabalhando em três projetos de programação e tenho um trabalho final para apresentar na segunda-feira, e alguns problemas para resolver até sexta.

Mas no mesmo e-mail, Mark deu a entender que vinha dando o máximo de si para o site:

No que diz respeito ao site, eu fiz algumas das mudanças, não todas, e elas parecem estar funcionando no meu computador. Mas ainda não fiz o upload na internet para ver como estão.

E depois acrescentou algo que deixou Tyler um pouco preocupado, porque parecia ter acontecido inesperadamente, considerando como Mark vinha sendo otimista até então:

Permaneço um pouco cético a respeito de o site não ter funcionalidade suficiente para conquistar a quantidade necessária de usuários para mantê-lo no ar. Do jeito que está, se tiver de fato o acesso considerável que esperamos, não sei se teremos conexão suficiente dos provedores que vocês estão usando para lidar com isso sem uma séria otimização, o que levará mais alguns dias para ser implementada.

Era a primeira vez que Mark mencionava o fato de o site não ter alguma “funcionalidade”; até então, ele parecia muito empolgado com as suas ideias e concordava com eles que o projeto seria um enorme sucesso.

Depois daquele e-mail, Tyler tornou-se insistente e fez pressão para que o garoto encontrasse com eles mais uma vez. Ele esperava ter o site pronto para inaugurá-lo; cada dia que passava era um dia em que alguém poderia lançar algo na frente deles — e colocar um site bom e parecido no ar. Tyler e Cameron eram veteranos, queriam ver o projeto acontecer quanto antes. Mas Mark continuava adiando, dizendo que tinha muitos trabalhos da faculdade, para que pudesse agendar o que quer que fosse.

E foi naquela mesma noite, apenas algumas horas antes de os Winklevoss e Divya atravessarem os portões do Porcellian — doado à Harvard pelo clube em 1901 — e entrarem por aquela porta negra, que Mark concordou em ter um breve encontro no refeitório da Kirkland.

No início, quando Tyler, Cameron e Divya se sentaram com o garoto na mesma mesa dos fundos, parecia exatamente como antes: o garoto elogiando-os por suas ideias, dizendo-lhes

como achava que o Harvard Connection seria ótimo — mas então, do nada, ele começou a soar um tanto vago, explicando que não tinha muito tempo para fazer algo imediatamente, que tinha outros projetos que lhe tomavam bastante suas horas livres. Tyler pensou que ele estivesse falando de projetos em suas aulas de computação, mas Mark soava muito impreciso, muito obscuro.

Ele também se queixou de alguns problemas que vinha enfrentando com o Harvard Connection que até então não mencionara; Mark também estava preocupado com algumas correções na interface, mas que não era bom nisso. Por interface Tyler entendeu que ele estava falando do aspecto visual do site, o que parecia estranho, pois fora esse exatamente o maior talento revelado por Mark no incidente do Facemash.

Mark então começou a agir de modo cada vez mais confuso, dizendo que as tarefas pendentes eram “tediosas”, para as quais não estava com paciência. E depois reiterou que faltava “funcionalidade” ao site. E que eles precisariam de um servidor mais robusto.

Tyler de repente teve a impressão de que aquele garoto estava querendo baixar a bola deles: os aspectos do projeto que o haviam entusiasmado antes eram exatamente os que não o estimulavam mais.

Tyler pensou consigo mesmo: “Talvez esse cara esteja trabalhando muito.” Ele estava pegando pesado, com todas aquelas aulas, e o exemplo de Victor ensinara a Tyler que os engenheiros têm tendência a ficar assim, meio estressados, meio cansados, meio mal-humorados. As desculpas de Mark não faziam o menor sentido. Problemas de servidor? Era só arrumar mais. Interface? Qualquer um poderia projetá-la. Talvez ele só precisasse de um tempo — depois voltaria a trabalhar. Talvez lá pra fevereiro ele voltasse a se empolgar.

Ainda assim, aquilo era extremamente frustrante, e Tyler, Cameron e Divya saíram profundamente deprimidos do encontro. Depois de todas aquelas semanas dizendo que estava tudo bem, agora Mark lhes dizia que o projeto não estava pronto, que ele estava enfrentando dificuldades, que perdera a empolgação. Nenhuma justificativa melhor do que os trabalhos do curso, nada além de desculpas esfarrapadas, e outros dois meses desperdiçados.

Aquilo era muito mais que decepção. Tyler realmente achava que o site já devia estar no ar. Ele realmente pensou que o moleque nerd tinha entrado no projeto, entendido seu potencial. O garoto viu o que eles já tinham feito e concordou que seria fácil terminar — talvez dez, quinze horas de trabalho para um programador competente —, e agora vinha com todo esse papo furado de interface e capacidade de servidor.

Não fazia sentido. Tyler já tinha determinado que o melhor a fazer era dar algumas semanas para o cara. Talvez ele voltasse a agir como antes.

— E se ele não resolver nada nessas semanas? — Divya perguntou enquanto eles se sentavam no sofá do Quarto das Bicicletas. Eles podiam ouvir os carros na Mass Avenue, do outro lado da porta escura. Se Tyler e Cameron subissem ao outro andar, provavelmente conseguiriam ver o trânsito através de um espelho feito de tal forma, que ninguém poderia vê-los olhando; mas Tyler nunca teve muito de voyeur. Ele queria participar, fazer parte das coisas, ir à luta. Ele odiava ter que esperar, enquanto todo mundo fazia e acontecia.

Tyler deu de ombros. Não queria pensar muito no assunto — mas talvez tivessem superestimado o garoto. Talvez Mark Zuckerberg não fosse o empreendedor que Tyler tinha imaginado. Talvez Zuckerberg fosse só outro nerd de computador sem nenhuma visão de futuro.

— Se isso acontecer — Tyler resmungou —, temos que procurar outro programador. Um que entenda toda a situação.

Talvez Mark Zuckerberg não tivesse entendido nada.

1 Theodore Roosevelt (1858-1919) foi o 26º presidente dos EUA (1901-1909). (*N. do T.*)

2 Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) foi o 32º presidente dos EUA (1933-1945). (*N. do T.*)

Eduardo já esperava no salão vazio da Kirkland havia bem uns vinte minutos quando Mark finalmente apareceu nos lances de escada que levavam ao dormitório; Mark andava com pressa, as sandálias pareciam manchas indistintas em seus pés, o capuz de seu agasalho de lã amarela batia atrás de sua cabeça como o halo de um furacão. Eduardo, vendo seu amigo passar correndo, bloqueou-o com o braço na altura de seu tórax.

— Achei que fôssemos nos encontrar às nove — Eduardo começou, mas Mark desconversou.

— Não posso falar — balbuciou enquanto fazia sua chave sair do bolso da bermuda em direção à maçaneta.

Eduardo observou o cabelo desalinhado e os olhos injetados do amigo.

— Você não dormiu?

Mark não respondeu. A verdade é que Eduardo tinha certeza absoluta de que Mark praticamente não dormira na semana anterior. Ele estava trabalhando demais, virando noites. Parecia totalmente exausto, mas não se importava. Naquele momento, nada mais importava para Mark. Ele estava naquele estado de total concentração que qualquer engenheiro pode entender. Recusava-se a ceder a qualquer dispersão, qualquer coisa que pudesse provocar o menor pensamento vago.

— Por que não pode falar? — Eduardo continuou, mas Mark o ignorou. Finalmente a porta se abriu e Mark deslizou para dentro. Suas sandálias se engancharam num jeans jogado no chão e ele perdeu o equilíbrio por um instante, desviando de uma prateleira cheia de livros e de uma pequena tv colorida. Recuperou o equilíbrio e seguiu em frente. Entrou em seu quarto correndo e foi direto para a escrivaninha.

O computador estava ligado, o programa aberto, e Mark foi direto trabalhar. Ele não parecia perceber Eduardo se movendo lentamente às suas costas. Martelava as teclas com fúria, seus dedos se mexendo como se ele estivesse possuído.

Mark estava dando os retoques finais, pensou Eduardo, porque todo o processo de depuração tinha sido concluído às três e a maior parte da interface e do código já estava pronta. A única coisa que faltava era a função na qual Mark vinha trabalhando havia mais de um dia.

Ele estava experimentando os recursos do site, tentando ao máximo limpar e simplificar a interface, ao mesmo tempo que o tornava mais atraente para o visitante. Não era só o voyeurismo que iria fazer as pessoas usarem o thefacebook. Era também a interação com o voyeurismo. Ou, dito de outra forma, era a reprodução do que acontecia diariamente na universidade — o que movia a experiência da vida social universitária, fazia as pessoas irem aos clubes e aos bares e até mesmo às aulas e aos refeitórios. Sair para conhecer pessoas, socializar, conversar, claro — mas o principal catalisador, a força motriz daquelas redes sociais, era simples e básico como a própria humanidade.

— Parece bem legal — disse Eduardo, olhando por cima do ombro de Mark. Mark assentiu, como se estivesse concordando consigo mesmo.

— É.

— Não, quero dizer, está ótimo. A interface é fantástica. Acho que as pessoas vão realmente dar um retorno positivo a esse site.

Mark passou uma das mãos no cabelo, inclinando-se em sua cadeira. A tela mostrava a parte interna do site — um perfil que simulava o que as pessoas veriam depois que se registrassem e informassem os dados pessoais. Havia uma foto na parte superior — qualquer foto que você quisesse colocar. Depois tinha uma lista de atributos à direita: o período em que estava, o curso, onde tinha concluído o ensino fundamental e o ensino médio, a cidade em que morava, os clubes que frequentava, uma frase favorita. Então havia uma lista de amigos — pessoas que você mesmo poderia adicionar, ou então convidar para participar do site. Um aplicativo chamado “cutucar” lhe permitia que visse os perfis de outras pessoas e as avisasse de que o fizera. Em letras maiúsculas, qual o seu “sexo”. O que “está procurando”. Seu “estado civil”. E seus “interesses”.

Eis a genialidade daquilo, a novidade que iria fazer toda a diferença. *O que você está procurando. Qual é seu estado civil. Quais são seus interesses.* Eram os itens de currículo que constituíam o coração da experiência universitária. Aqueles três conceitos resumiam toda a vida na universidade — das festas às aulas e aos alojamentos, essa era a força motriz de todos os alunos do campus.

Na internet, seria a mesma coisa. O que moveria essa rede social seria a mesma coisa que move a vida social na universidade — sexo. Mesmo em Harvard, a escola mais exclusiva do mundo, tudo girava em torno de sexo. Tregar ou não tregar. Era por isso que as pessoas se associavam aos Clubes Finais. Era por isso que eles escolhiam umas aulas em detrimento de outras; o motivo por que se sentavam em determinados lugares nos refeitórios. Tudo era sexo. E, no fundo, no fundo, era disso que o thefacebook tratava. Tinha um apelo subliminar para sexo.

Mark bateu em mais teclas, mudando a página para a tela de abertura do thefacebook.com. Eduardo gostou da barra azul-marinho no topo e dos botões “registrar” e “entrar” num azul mais claro. Era muito simples e clean. Sem luzes piscando, sem sons irritantes. Tudo o que importava era a experiência — nada exagerado ou assustador. Simples e clean:

Bem-vindo ao thefacebook

O thefacebook é um diretório on-line que conecta pessoas através de redes sociais em universidades.

Nós abrimos o thefacebook para uso popular na Universidade de Harvard.

Você pode usar o thefacebook para:

- Procurar pessoas em sua faculdade
- Descobrir quem faz as mesmas aulas que você
- Conhecer os amigos dos seus amigos
- Visualizar a própria rede social

Para começar, clique abaixo para se registrar. Se você já se registrou, é só entrar.

— E para entrar — disse Eduardo, sua sombra pairando sobre a maior parte da tela — você precisa ter um e-mail @harvard.edu e criar uma senha.

— Correto.

O e-mail @harvard.edu era a chave, na cabeça de Eduardo; você precisava ser um aluno de Harvard para frequentar o site. Mark e Eduardo sabiam que a exclusividade faria o site se tornar ainda mais popular; além de reforçar a ideia de que suas informações permaneceriam num sistema fechado, privado. Privacidade era importante; as pessoas queriam ter controle sobre o que elas colocavam na web. Da mesma forma, escolher a própria senha era

fundamental. O tal de Aaron Greenspan se meteu num monte de problemas por fazer com que em seu site os estudantes usassem o login e a senha que usavam para entrar no sistema de Harvard. Mark até havia trocado e-mails com ele sobre sua experiência, o problema que o levava ao Conselho Administrativo. Greenspan imediatamente tentou se tornar sócio de Mark — como os Winklevoss em seu site de encontros Harvard Connection. Todo mundo queria se associar a Mark, mas ele não precisava de ninguém. Tudo de que precisava estava exatamente na sua frente.

— E o que é isso aí no pé da página?

Eduardo se inclinou ainda mais para a frente, apertando os olhos para ler uma pequena linha de texto.

Uma produção de Mark Zuckerberg.

Aquela frase aparecia em todas as páginas, sempre no pé da tela do computador. Era a assinatura de Mark, para que todos vissem.

Se Eduardo fazia alguma objeção, ele não disse. E por que deveria? Mark vinha trabalhando duro — as horas deviam ter se fundido em algo como uma névoa obscura de pura programação. Ele estava comendo mal, quase não dormia. Perdera metade das aulas e corria o risco de perder o ano. Em uma das disciplinas — um de seus cursos extracurriculares, que se chamava Arte no Tempo de Augusto —, ele tinha ficado tão para trás, que quase se esqueceu de uma prova que teria um peso altíssimo na nota final. Ele não tinha tempo para estudar aquilo, então deu um jeito de lidar com a situação de uma maneira estranha: criou um pequeno site em que postava todas as obras de arte que iriam cair na prova, no qual convidava os colegas a comentá-las, instituindo um gabarito on-line para o teste. Na prática, a turma fez o trabalho para ele, que se deu bem na prova, conseguindo sua nota.

E agora, ao contemplar a criação de Mark, parecia que tudo tinha valido a pena. O site estava quase pronto. Eles já haviam registrado o domínio — thefacebook.com — duas semanas antes, no dia 12 de janeiro. Alugaram servidores — cerca de 85 dólares por mês — de uma empresa no estado de Nova York e cuidariam eles mesmos do tráfego de informações e da manutenção; Mark obviamente aprendera a lição após o incidente com o Facemash e não precisaria mais de laptops travando. Os servidores poderiam suportar um enorme tráfego de dados, e assim não haveria risco de o site travar, mesmo que se tornasse tão popular quanto o Facemash tinha sido. Tudo estava no lugar certo.

O thefacebook.com estava pronto para funcionar.

— Vamos lá.

Mark apontou para seu laptop, aberto na mesa ao lado do computador em que estavam. Eduardo foi logo atrás, curvando-se sobre o teclado do laptop, seus ombros encolhidos para a frente enquanto ele atacava as teclas. Abriu rapidamente seu e-mail e apontou para uma série de nomes agrupados no topo da lista de endereços.

— Todos esses caras são do Phoenix. Se mandarmos para eles, todo mundo logo vai saber da novidade.

Mark assentiu. A ideia de ir direto nos caras do Phoenix tinha sido de Eduardo. Afinal, eles eram os queridinhos do campus. E o thefacebook era uma rede social. Se aqueles caras gostassem e divulgassem para seus amigos, a coisa se espalharia muito rápido. E aqueles caras conheciam muitas garotas. Se Mark se limitasse a usar sua própria lista de e-mails, o site não sairia do departamento de ciência da computação. E da comunidade judaica também,

claro. Com certeza não haveria muitas — se é que alguma — garotas. E isso seria um problema.

O Phoenix era uma ideia bem melhor. Aquilo — e a lista de e-mails da Kirkland, que Mark tinha obtido legalmente, por ser um integrante — poderia fazer o site decolar.

— Tudo bem — disse Eduardo, com a voz trêmula. — Vamos lá.

Ele escreveu um e-mail simples, apresentando o site em algumas linhas, e linkou o thefacebook.com. Então respirou profundamente e apertou a tecla, enviando um e-mail coletivo com o simples toque de seu dedo.

Estava feito. Eduardo fechou os olhos, imaginando pequenos pacotes de informação ricocheteando pelo mundo, zunindo por fios de cobre e ribombando até satélites em órbita, atravessando o éter, pequenas explosões de genialidade eletrônica pulando de computador em computador como conexões sinápticas num sistema nervoso, amplo e global. O site estava na rede.

Vivo.

Ao vivo.

Eduardo pôs a mão no ombro de Mark, em estado de choque.

— Vamos beber! É hora de comemorar!

— Não, eu vou ficar aqui.

— Tem certeza? Ouvi dizer que algumas garotas vão aparecer no Phoenix mais tarde. O Fuck Truck foi apanhá-las.

Mark não respondeu. Na hora, Eduardo podia dizer só pela expressão do amigo que ele estava disperso, como o som dos aquecedores perto da parede ou o trânsito na rua sob sua pequena janela.

— Você vai ficar aqui olhando para a tela do computador?

De novo, Mark não respondeu. Ele quase não se mexia na frente do computador, parecia que estava rezando.

Foi uma visão estranha, mas Eduardo obviamente decidiu não julgar seu amigo excêntrico. E por que deveria? Mark tinha trabalhado duro para colocar o thefacebook no ar. Se ele quisesse apenas se sentar e olhar, tinha todo o direito.

Então Eduardo o deixou, cruzando o pequeno quarto quase em silêncio. Em seguida, parou na escada, batendo no portal com seus dedos esticados. Mark ainda não havia se virado. Eduardo deu de ombros, virou-se e deixou o garoto sozinho com seu computador.

Mark ficou ali, sentado em silêncio, perdido no próprio reflexo que se movia na tela.

Tyler estava em alfa. Olhos fechados, músculos contraídos em suas costas, tórax tenso, tríceps, quadríceps e antebraços latejando, dedos brancos de tanto segurar os remos. As lâminas fatiavam a água sem produzir muito mais do que uma onda, reproduzindo com precisão o par de Cameron a apenas alguns centímetros de distância, logo atrás — completamente sincronizados, de novo, de novo e de novo. Tyler podia até sentir a ovação dos fãs que lotavam as margens do Charles, ele podia até sentir a ponte chegando mais perto e mais perto e mais perto

— Tyler! Você precisa ver isso!

Foi quando tudo começou a desabar. Seus remos escaparam de suas mãos e a água começou a espirrar para cima, molhando sua camisa e sua bermuda. Seus olhos se abriram de uma vez — ele não viu as margens do rio Charles passando. Ele viu o interior da garagem de barcos Newell, sede da equipe de remo de Harvard desde 1900. Viu um cômodo que lembrava uma caverna, paredes repletas da venerável memorabilia da equipe: remos, cascos de barcos, blusões, fotos em preto e branco emolduradas e prateleiras cheias de troféus. E viu seu amigo indiano com um ar enfurecido esperando-o a alguns metros com uma cópia do *Harvard Crimson*.

Tyler piscou, deixou seus remos caírem e enxugou o rosto. Olhou de volta para o irmão, que também havia parado de remar. Os dois estavam sentados num dos dois “tanques” modernos da Newell — piscinas de remo fechadas que consistiam num “casco” para oito homens entre paredes de concreto, rodeado por duas valas enormes de água para remar. Tyler sabia que eles provavelmente estavam ridículos, sentados ali no tanque, encharcados — mas Divya não estava sorrindo, isso era óbvio. Tyler olhou para o *Crimson* nas mãos do amigo e revirou os olhos.

— O que há com você e com jornal aí?

Divya o esfregou em sua frente, tão bravo que suas mãos tremiam. Tyler balançou a cabeça.

— Leia você. Eu estou ensopado. E não quero me sujar com tinta de jornal.

Divya bufou, suspirou, abriu o jornal e começou a ler:

— Impaciente com o álbum de fotografias — o anuário on-line oficial de Harvard —, Mark E. Zuckerberg, da turma de 2006, resolveu fazer o próprio projeto...

— Espera aí — Cameron interrompeu. — Que porra é essa?

— É o jornal de hoje — respondeu Divya. — Ouçam isso: “Depois de uma semana trabalhando no código, Zuckerberg colocou o thefacebook.com no ar na última quarta-feira à tarde. O site combina elementos de um anuário padrão de qualquer alojamento com fotos on-line e uma ampla gama de recursos para o perfil, que permite aos alunos procurar uns pelos outros nas turmas, organizações sociais e alojamentos.”

Tyler tossiu. Na última quarta-feira à tarde? Isso acontecera havia quatro dias. Ele ainda não tinha ouvido falar desse site, mas, de novo, ele e o irmão vinham treinando feito animais. Ele mal conseguira checar seu e-mail nos últimos dias.

— Que loucura — disse. — Ele colocou um site no ar?

— É! — Divya respondeu. — Tem uma declaração dele na matéria: “Todo mundo está falando de um álbum de fotos oficial de Harvard. Acho ridículo a universidade fazer isso em

dois anos. O meu é melhor que o deles, e eu fiz em uma semana...”

Em uma semana? Então era por isso que ele deixara Tyler e o Harvard Connection esperando dois meses, dizendo que não tinha tempo para programar o site, que estaria muito ocupado durante as aulas e nos feriados? Meu Deus, pensou Tyler, Mark mentira na cara dura para eles! Na verdade, Cameron havia lhe enviado um e-mail havia menos de duas semanas, para tirar algumas dúvidas sobre a interface do Harvard Connection, e ele sequer havia respondido. Eles acharam que ele ainda estava muito enrolado com os trabalhos da faculdade.

Mark tinha tempo para fazer a porra do próprio site, pensou Tyler, mas não podia passar dez horas programando para eles?

— E pior: “Até ontem à tarde, cerca de 650 alunos já haviam se registrado no thefacebook.com. Zuckerberg acredita que esse número pulará para 900 ainda esta manhã.”

Putá merda. Isso não podia ser verdade. Novecentos estudantes tinham se cadastrado em um site que tinha apenas quatro dias? Como é que isso era possível? O próprio Zuckerberg não conhecia 900 pessoas. Ele não conhecia nem quatro pessoas, pelo que Tyler sabia. Para ele, aquele garoto não tinha amigos. Não tinha vida social. Como ele podia criar um site de relacionamento e ter esse tipo de resposta em quatro dias?

— Eu vi o site assim que li isso. É verdade, ele está bombando. Você só precisa ter um e-mail de Harvard e basta fazer o upload de uma foto sua e acrescentar algumas informações pessoais e acadêmicas. Dá para fazer buscas de acordo com interesses e quando você encontra seus amigos, consegue criar uma rede com eles.

Tyler sentia suas mãos tremerem. Não era a mesma coisa que o Harvard Connection, mas em sua cabeça não era tão diferente assim. O Harvard Connection era baseado na busca de pessoas com interesses semelhantes. E seria centrado nos domínios de Harvard. Será que Zuckerberg tinha pegado a ideia deles e aperfeiçoado? Podia ser uma coincidência, ou será que ele começou a trabalhar no site deles e se apropriou do conceito?

Não, não parecia certo. Para Tyler era... roubo.

— Pelo que ouvi falar, ele foi financiado por um de seus amigos, um brasileiro chamado Eduardo Saverin. Ele é do Phoenix, parece que ganhou dinheiro com ações no verão passado. Agora ele é sócio desse site.

— Porque ele pagou pelo site?

— Acho que sim.

— Por que Mark não nos procurou?

Com certeza Mark sabia que os Winklevoss tinham dinheiro; ele tinha conhecimento de que eles eram do Porc e todo mundo sabia o que aquilo significava. Se ele precisasse de dinheiro para fazer um site, poderia ter falado sobre o assunto com Tyler ou Cameron. *A menos que ele precisasse de dinheiro para bancar algo que tinha roubado deles.* A menos que o site em que ele estivesse trabalhando precisasse ser mantido em sigilo por ser muito parecido com o projeto para o qual eles o tinham contratado. Bem, contratado não, quer dizer, eles nunca falaram sobre remuneração, apenas que ele também se daria bem caso o projeto fosse bem-sucedido.

Não havia nenhum contrato, nenhum papel, nada além de um aperto de mãos aqui e ali. *Porra.* Tyler baixou a cabeça, olhando para a água azul-esverdeada do tanque de remar. Por que eles não tinham escrito nada, pelo menos uma porra de uma folha de papel — você faz isso, a gente faz aquilo —, algo bem simples? Tinham confiado cegamente naquele moleque. E

agora o cara tinha passado todo mundo pra trás. Ele desconversou, ganhou tempo e colocou um site no ar com o mesmo conceito.

— Eis a melhor parte — disse Divya, voltando a ler o *Crimson*. — “Zuckerberg disse que esperava que as ferramentas relativas à privacidade lhe devolvessem o prestígio perdido com o Facemash.com, um site que ele havia criado no semestre passado, durante o outono.”

Tyler deu um tapa em um dos remos, fazendo com que se espalhasse água para fora do tanque. Mark repetia praticamente as mesmas palavras que Tyler usara para convencê-lo a entrar no Harvard Connection. Era como se estivesse tirando sarro deles.

Para Tyler, ele passara dois meses enrolando os dois, trabalhando no próprio site desde os feriados de fim de ano até o período de aulas do inverno. Então simplesmente os abandonou e, menos de duas semanas depois, lançava o thefacebook.com, roubando-lhes sua oportunidade e, para Tyler, o conceito deles.

— O que você vai fazer? — perguntou Cameron.

Tyler não tinha certeza. Mas sabia que não podia deixar barato. Ele não iria deixar a porra daquele magrelo se dar bem às suas custas.

— Primeiro, precisamos fazer uma ligação.



A cabeça de Tyler trabalhava furiosamente enquanto segurava com força o gancho do telefone à orelha. Ele estava em seu quarto na Pforzheimer, ainda ensopado depois de uma ducha rápida, com uma toalha sobre os ombros, vestido numa calça frouxa de moletom. Cameron e Divya estavam em sua escrivaninha a alguns metros, navegando no site de Zuckerberg no computador de Tyler. Toda vez que Tyler olhava para eles e via aquela barra azul no alto da tela, suas bochechas esquentavam e seus olhos ardiam de raiva. Isso não ia ficar assim. Não era justo.

Seu pai finalmente atendeu ao telefone após o terceiro toque. Não havia ninguém em todo o mundo que Tyler respeitasse mais que seu pai, um multimilionário que fizera a própria fortuna e geria uma das mais bem-sucedidas consultorias de Wall Street. Se havia alguém que saberia como lidar com uma situação dessas, era ele.

Tyler falou rapidamente ao telefone, explicando exatamente o que havia acontecido. Seu pai conhecia o Harvard Connection: afinal, eles trabalhavam nisso desde dezembro de 2002. Tyler lhe deu o histórico de sua relação com Zuckerberg, e então lhe contou o que eles haviam lido no *Crimson* e finalmente o que viram no thefacebook.com.

— Tem coisas que são muito parecidas, pai.

Para Tyler, a grande questão era o ambiente, seu caráter exclusivo, que realmente diferenciava o site de Mark de outros como o Friendster. Era preciso ter um e-mail de Harvard para entrar nele, e a ideia de um site focado na vida social da universidade, também era deles. O próprio conceito de restringir o acesso a e-mails que terminassem em .edu era completamente inovador e potencialmente muito importante para o sucesso inicial do site. Era uma espécie de processo seletivo que permitiria mantê-lo exclusivo e seguro. Talvez muitos dos recursos que Mark tenha criado para o thefacebook.com fossem diferentes, mas a concepção, para Tyler, era muito parecida.

Mark havia se encontrado com eles três vezes. Eles tinham trocado 52 e-mails — todos ainda mantidos nos computadores de Tyler, Cameron e Divya. Mark tivera acesso ao código, e isso eles poderiam provar. Ele viu o que Victor já havia feito e falou com eles sobre o número de horas de que precisaria para fazer tudo.

— Não é só o dinheiro — Tyler concluiu. — Ninguém sabe se um dia esses sites vão dar dinheiro. Mas isso não está certo. Não é justo.

Não era assim que o mundo funcionava. Tyler e Cameron cresceram acreditando que a ordem importava. Regras importavam. Você trabalha duro e ganha aquilo que mereceu. Talvez no mundo dos hackers de Mark — em sua visão de nerd — as coisas fossem diferentes. Você poderia fazer o que quisesse — criar sites de brincadeira como o Facemash, hackear os computadores de Harvard, ridicularizar a autoridade e rir da cara dos outros nas páginas do *Crimson* —, mas isso não era simplesmente aceitável.

Isso não era Harvard. Harvard era um lugar de ordem. Não era?

— Vou te colocar em contato com o advogado da empresa — disse o pai de Tyler.

Tyler assentiu, desacelerando a respiração, esfriando o sangue em suas veias. Um advogado, era exatamente disso que ele precisava. Eles precisavam analisar as alternativas, ver o que poderia ser feito.

Talvez não fosse tarde demais. Talvez eles pudessem dar um jeito na situação.

Lá de cima, o homem parecia pequeno e encurvado por trás do púlpito, seu rosto perto demais do microfone e seus ombros magros e desengonçados sob seu suéter bege sem corte. Seu cabelo em forma de cuia escorria em direção aos olhos e seus óculos gigantes cobriam a maior parte de sua cara manchada, que obscurecia qualquer tipo de expressão ou emoção; sua voz reverberando pelos alto-falantes parecia muito alta e nasal e por vezes soava como um zumbido monótono, uma simples nota grave tocada pela laringe repetidas vezes até que as palavras se misturavam umas às outras.

Ele não era um grande orador. E ainda assim, só sua presença, o mero fato de que ele estava de pé na frente do Lowell Lecture Hall agitando as mãos pálidas sobre o púlpito, com seu pescoço de peru subindo e descendo à medida que ele jogava pérolas de sabedoria monótona à plateia lotada, era mais do que apenas inspiradora. O público — composto basicamente de engenheiros e de nerds do departamento de ciência da computação, além de alguns graduandos em economia com aspirações ao empreendedorismo — não deixava nenhuma palavra nasalada escapar. Para os acólitos ali reunidos, era como estar no paraíso, e esse sujeito estranho de cabelo cortado em cuia era Deus.

Eduardo se sentou ao lado de Mark numa das últimas fileiras do balcão, observando a forma como Bill Gates hipnotizava a plateia. Apesar dos maneirismos estranhos e quase autistas de Gates, ele conseguia até mesmo contar algumas piadas — como uma sobre por que ele saiu da universidade (“Eu tinha o péssimo hábito de não ir às aulas”) — e certamente algumas pérolas de sabedoria — por exemplo, ao dizer que o futuro estava na inteligência artificial, que o próximo Bill Gates talvez já estivesse em ação, e podia ser naquela sala mesmo. Mas Eduardo percebeu Mark se animando especificamente quando Gates respondeu a uma pergunta da plateia sobre sua decisão de largar a faculdade para começar seu próprio negócio. Após gaguejar e hesitar um pouco, Gates disse ao público ali reunido que a melhor coisa de Harvard era o fato de que você sempre poderia voltar e terminar o curso. A forma como Mark pareceu sorrir quando Gates disse isso fez com que Eduardo ficasse um tanto nervoso, especialmente considerando o esforço feito por Mark para colocar seu site recém-nascido no ar. Eduardo nunca deixaria a universidade — isso estava totalmente fora de cogitação. Em primeiro lugar, seu pai teria um colapso; para os Saverin, nada era mais importante do que a educação, e Harvard não significava nada se você não conseguisse sair dali com um diploma. Depois, Eduardo sabia que empreendedorismo significava correr riscos, mas até certo ponto. Você não arrisca todo o seu futuro em algo até descobrir como aquilo vai fazer você ficar rico.

Eduardo estava tão ocupado observando Mark assistindo a Gates que ele quase não percebeu as risadinhas que vinham atrás dele; talvez não virasse para olhar caso não tivesse percebido que as vozes que sussurravam depois das risadas eram definitivamente femininas.

Enquanto Gates se arrastava para responder a novas perguntas da plateia que lotava o auditório, Eduardo olhou por cima do próprio ombro. Os bancos atrás dele estavam vazios, mas na fila logo atrás ele viu duas garotas sorrindo e apontando. Ambas eram asiáticas, bonitas e produzidas em excesso para uma palestra como aquela. A mais alta das duas tinha um cabelo escuro e comprido amarrado num rabo de cavalo no alto da cabeça e usava uma saia curta com uma camisa branca que tinha um decote para lá de provocador; Eduardo podia

ver pedaços do sutiã vermelho, que combinava maravilhosamente bem com a cor de sua pele macia e bronzeada. A outra garota também usava uma saia igualmente curta, com uma legging que delineava suas panturrilhas impressionantemente torneadas. Ambas usavam batom vermelho-vivo e sombra demais nos olhos, mas eram muito bonitas — e estavam apontando e rindo para ele.

Bem, para ele e para Mark. A mais alta se inclinou sobre o banco vazio e sussurrou em seu ouvido.

— Seu amigo... ele é o Mark Zuckerberg?

Eduardo ergueu as sobrancelhas.

— Você o conhece? — perguntou Eduardo. Havia uma primeira vez para tudo.

— Não, mas não foi ele que fez o Facebook?

Eduardo sentiu uma onda de excitação percorrer seu corpo, enquanto sentia o fôlego quente da boca da garota em sua orelha e podia aspirar o cheiro de seu perfume.

— É. Quer dizer, o Facebook é nosso... meu e dele.

As pessoas tinham dispensado o “the” e estavam chamando o site apenas de Facebook por todo o campus. E mesmo que só houvesse algumas semanas desde que eles colocaram o site no ar, parecia que todo mundo já estava nele — bem, porque, na verdade, todo mundo em Harvard *estava* mesmo nele. De acordo com Mark, eles agora tinham cinco mil integrantes. O que significava que cerca de 85% dos alunos da graduação tinham se registrado no Facebook.

— Uau, que legal, hein — disse a garota. — Meu nome é Kelly. Essa é a Alice.

Outras pessoas ao lado das meninas também estavam olhando agora. Mas elas não pareciam nervosas porque os sussurros estavam atrapalhando o encanto de assistir a Bill Gates. Eduardo viu alguém apontar e então outro garoto cochichar com um amigo. E então mais gente apontando — não para ele, mas para Mark.

Todo mundo conhecia Mark agora. O *Crimson* havia atestado isso, publicando matéria atrás de matéria sobre o site, três só na semana anterior, com depoimentos de Mark e até mesmo sua foto. Ninguém tinha entrevistado Eduardo, e a verdade é que ele estava tranquilo em relação a isso. Mark queria a atenção; Eduardo só queria os lucros que viriam com a promoção, não a promoção propriamente dita. Era um negócio que eles haviam criado, e circular era importante, mas Eduardo não queria se tornar uma celebridade por causa do site.

E começava a parecer que se tornar uma celebridade era uma possibilidade real. Embora o thefacebook estivesse no ar havia pouco tempo, ele já vinha mudando a rotina de Harvard e se insinuava a entrar na rotina de qualquer um: você acordava, checava o Facebook para ver quem o havia convidado para ser seu amigo e quais convites tinham sido aceitos ou rejeitados. Então você ia cuidar das suas coisas. Quando voltasse para o quarto, depois de ver uma menina bonita ou mesmo alguém por quem você passou no refeitório, bastava procurar no Facebook e convidá-la para ser sua amiga. Talvez você pudesse acrescentar uma pequena mensagem sobre como se conheceram ou o que viu na lista de interesses dela que correspondeu a algum seu. Ou talvez o lance fosse convidá-la friamente, sem mensagens, só para ver se ela sabia que você existia. Quando ela fosse abrir o perfil dela, veria o seu convite, a sua foto, e talvez aceitasse ser sua amiga.

Era uma ferramenta realmente impressionante, que incrementava a cena social, fazendo com que tudo acontecesse mais rápido. Mas não era um site de relacionamentos on-line, como Eduardo via o Friendster. Mesmo com todo o seu charme como rede social, tanto o Friendster

quanto o MySpace — que estava começando a ganhar projeção nacional — eram baseados em procurar pessoas que você não conhecia e tentar dialogar com elas. A diferença do Facebook é que você já conhecia as pessoas que tinha convidado para ser suas amigas. Você poderia não conhecê-las bem, mas as conhecia. Eram suas colegas de classe — ou amigas dos amigos, integrantes de uma “rede” em que você poderia entrar ou pedir para entrar, por intermédio de pessoas conhecidas que já fossem integrantes.

Essa era a grande sacada. Uma sacada de Mark, na verdade, mas Eduardo sentia como se fizesse parte disso. Ele colocou seu próprio dinheiro nos servidores — mas também pôde discutir alguns atributos do site, as ideias por trás de sua estrutura simplificada.

O que nem ele nem Mark sabiam antes de lançar o maldito site era como o Facebook viciava. Você não visitava o site só uma vez. Você o visitava diariamente. E voltava, de novo e de novo, acrescentando coisas ao perfil, mudando fotos, seus interesses e, mais importante, atualizando sua lista de amigos. Ele realmente fez com que boa parte da vida social universitária migrasse para a internet. E realmente havia mudado a cena social de Harvard.

Mas isso ainda não fazia do Facebook um negócio, só um modismo altamente bem-sucedido. Eduardo tinha algumas ideias em relação ao site, e, depois daquela palestra, ele e Mark voltariam ao quarto do amigo para discuti-las. O que Eduardo queria que Mark entendesse é que estava na hora de procurar os dólares da publicidade. Era assim que iriam tornar o Facebook lucrativo: com anúncios. Eduardo sabia que seria difícil vendê-lo; para Mark, o site ainda era um *hobby*, não uma fonte de renda. Continuava a ser o mesmo garoto que havia recusado um milhão de dólares no ensino médio. Quem podia saber se ele algum dia ia querer ganhar dinheiro com o Facebook?

Eduardo tinha uma visão de mundo diferente. Investira dinheiro no Facebook. Não muito, só o custo dos servidores, mas à medida que mais gente entrava, esses custos certamente iriam aumentar. Os mil dólares que Eduardo tinha posto no site não iriam durar para sempre.

Até que a empresa começasse a criar um modelo de negócios, até que eles descobrissem como ganhar dinheiro com aquilo, o site não seria mais que um passatempo. Seu valor certamente iria subir, mas para transformar aquele valor em dinheiro, eles precisavam de anunciantes. Precisavam de um modelo de negócios. Precisavam sentar e tomar decisões. Principalmente, Mark devia deixar Eduardo fazer o que ele fazia melhor: pensar grande.

— Prazer em conhecê-las — Eduardo finalmente sussurrou de volta para as garotas, que riram de novo. A mais alta das duas, Kelly, chegou ainda mais perto, seus lábios quase roçando nele.

— Quando você chegar em casa me adiciona no seu Facebook. Quem sabe a gente não pode sair para beber mais tarde.

Eduardo sentiu suas bochechas corarem. Ele se voltou para Mark, que agora estava olhando para ele. Mark obviamente tinha percebido as garotas, mas nem ao menos tentara falar com elas. Ele ergueu as sobrancelhas por um segundo, depois voltou-se para Gates, seu ídolo, e ignorou-as.



Duas horas depois, já em seu aconchegante e aquecido alojamento na Kirkland —

Eduardo passava os olhos por uma pilha de livros de informática que estava sobre uma pequena TV colorida no canto, enquanto o próprio Mark se enfiava no velho sofá no meio do que podia ser chamado de sala de estar do lugar, com os pés descalços estendidos sobre a mesa de centro a sua frente —, Mark finalmente se lembrou das garotas.

— Aquelas asiáticas eram muito gatas — disse Mark.

Eduardo concordou, folheando um dos livros com a esperança de entender a capa, coberta de equações que ele sabia que jamais compreenderia.

— É, e elas querem sair com a gente mais tarde.

— Isso pode ser interessante.

— Pode ser... Mark, que porra é essa?

Havia um papel embaixo do livro de computação, que escorregou virado para cima sobre os sapatos de couro italiano de Eduardo. Ele não teve a menor dificuldade para, mesmo à distância, reconhecer imediatamente o teor jurídico do documento; era uma carta de um escritório de advocacia de Connecticut, e parecia bem séria. Vinha endereçada a Mark Zuckerberg, e desde a primeira linha Eduardo percebeu que poderia envolvê-lo também. A expressão *TheFacebook* não era difícil de ser reconhecida — bem como as palavras *prejuízos* e *uso indevido*.

De: Cameron Winklevoss

Enviado em: Terça-feira, 10 de fevereiro de 2004, 9:00 PM.

Para: Mark Elliot Zuckerberg

Assunto: Notificação importante

Mark,

Chegou ao nosso conhecimento (meu, de Tyler e Divya) que você colocou um site chamado TheFacebook.com no ar. Antes desse lançamento, nós havíamos entrado em um acordo segundo o qual você nos ajudaria a desenvolver nosso site proprietário (o HarvardConnection) e o entregaria quando pudesse (com a ressalva de que estávamos com um prazo apertado para colocá-lo no ar).

Nos últimos três meses, em uma clara violação de nosso acordo, e nos trazendo prejuízos materiais com suas informações falsas, fraudes e/ou outro comportamento condenável, pelos quais exigimos a reparação das perdas que nos foram impingidas, você paralisou o desenvolvimento do nosso site enquanto desenvolvia seu próprio site, em uma competição injusta conosco, e sem o nosso conhecimento ou acordo. Você também se apropriou do produto de nosso trabalho, incluindo nossas ideias, pensamentos, conceitos e pesquisas.

Já notificamos nossa assessoria jurídica e estamos preparados para tomar providências, baseadas nas considerações legais acima citadas.

Também preparamos um requerimento para o Conselho Administrativo da Universidade de Harvard no tocante à sua violação dos padrões éticos de conduta firmados no Manual do Estudante. Esclarecemos que nosso requerimento será baseado na sua violação das

expectativas da universidade em relação à honestidade e franqueza em suas transações com os companheiros estudantes, sua violação ao padrão de extremo respeito pela propriedade e direitos alheios e sua falta de respeito pela dignidade alheia. Essa apropriação indébita é condenável tanto do ponto de vista moral quanto legal.

Para suspender tais ações em caráter temporário, até que avaliemos plenamente seu site e as ações cabíveis, exigimos o que segue abaixo:

1. Suspenda e desista de qualquer expansão ou atualização do TheFacebook.com;
2. Declare por escrito para nós que você fez isso, e
3. Declare por escrito que você não irá divulgar para terceiros o produto do nosso trabalho, nosso acordo ou esta exigência.
4. Estas exigências devem ser cumpridas no máximo até às cinco da tarde desta quarta-feira, 11 de fevereiro de 2004.

Não obstante sua complacência com o que está descrito acima, nós nos reservamos o direito de considerar outras ações para proteger ainda mais nossos direitos contra você, bem como reparar nossos prejuízos. Sua cooperação prevenirá novas violações de nossos direitos e novos prejuízos.

Caso as exigências não sejam atendidas, sentir-nos-emos na obrigação de considerar ações imediatas tanto no campo legal quanto no ético. Se você tiver alguma dúvida ou pergunta, sinta-se à vontade para me enviar um e-mail ou marcar uma reunião.

Cameron Winklevoss

Cópia impressa também enviada pelo correio da universidade

— Eu acho que é isso que eles chamam de carta de “suspenda e desista” — resmungou Mark, recostando-se no sofá com as mãos atrás da cabeça. — Como as meninas se chamavam? Eu gostei da baixinha.

— Quando isso chegou? — indagou Eduardo, ignorando a pergunta de Mark. Ele sentia o sangue pulsando em sua cabeça. Apanhou a carta do chão e a leu rapidamente. Parecia muito séria. Era cheia de acusações e, no final, em palavras claras, dizia quem as estava fazendo: Tyler e Cameron Winklevoss, em defesa de seu site, o Harvard Connection. Eles estavam acusando Mark de ter roubado sua ideia, seu código, e exigiam que ele e Eduardo fechassem o thefacebook caso não quisessem ser processados.

— Faz uma semana. Logo depois que nós colocamos o site no ar. Eles também mandaram um e-mail dizendo que iriam recorrer à universidade, dizendo que violei o código de ética de Harvard — respondeu Mark.

Deus. Eduardo olhou para Mark, mas, como sempre, ele não conseguia decifrar nada em seu rosto inexpressivo. Os Winklevoss estavam acusando Mark de ter roubado a ideia deles? O site de relacionamento deles? Eles queriam fechar o thefacebook?

Eles podiam mesmo fazer isso? Tudo bem, Mark tinha se encontrado com eles, trocado e-mails, enrolado os caras. Mas ele não havia assinado nenhum contrato nem escrito nenhum código. E para Eduardo, o thefacebook era um site muito diferente. Bem, claro que era um site de relacionamento — mas havia dúzias, se não centenas, desse tipo de site. Droga, todo

estudante de ciência da computação no campus estava desenvolvendo um site de relacionamento. Aquele Aaron Greenspan tinha até chamado uma área de seu portal de “the facebook” ou algo assim. Isso significava que todos poderiam se processar? Só porque tiveram ideias parecidas?

— Eu falei com um pessoal da faculdade de direito — disse Mark. — Respondi à carta. E mandei outra para a universidade. Debaixo daquele livro.

Eduardo procurou outro livro de computação na pilha da TV e achou a segunda carta, escrita por Mark à universidade. Eduardo leu-a rapidamente e sua primeira reação foi um misto de surpresa e felicidade ao ver alguma emoção na resposta de Mark às acusações dos Winklevoss. Mark disse à universidade, sem meios-termos, que o thefacebook não tinha a menor relação com o trabalho que ele havia combinado com os Winklevoss.

No início, eu fiquei curioso com o projeto e me pediram para que eu terminasse o site do Connection... Depois dessa reunião — e não antes — comecei a trabalhar no thefacebook, mas sem usar o código ou a funcionalidade do Harvard Connection. Era uma iniciativa em separado, em momento algum inspirada nas ideias discutidas em nossos encontros.

Além disso, Mark se sentiu ludibriado no primeiro encontro, em que os gêmeos não contaram tudo o que queriam que ele fizesse:

No início deste projeto, eu o vi como uma iniciativa sem fins lucrativos, cujo propósito inicial era desenvolver um produto destinado a ajudar a comunidade de Harvard. Só depois é que percebi que o conceito que fizera do site não condizia com o que inicialmente me fora relatado.

E, principalmente, Mark não os enganara:

Quando nos encontramos em janeiro, expressei minhas dúvidas sobre o site (seus problemas de interface, a quantidade de programação necessária que eu não previra originalmente, o equipamento insuficiente de que dispúnhamos, a ausência de material promocional para lançar o site de forma bem-sucedida etc.). Eu lhes disse que estava trabalhando em outros projetos e que eles eram prioridades maiores do que finalizar [o site deles].

Mark concluía dizendo-se chocado por estar sendo “ameaçado” pelos gêmeos por conta de dois encontros no refeitório da Kirkland e pela troca de e-mails com Cameron, Tyler e Divya. E que via as exigências dos três como um “aborrecimento”, e se sentia “oprimido” pelo tipo de extorsão descarada que sempre se deve esperar quando você lança algo bem-sucedido.

Isso, claro, parecia um tanto exagerado para Eduardo, ainda mais porque o thefacebook não estava rendendo dinheiro algum — e os Winklevoss nem haviam mencionado reparação financeira. Mas era bom ver que Mark sabia se defender sozinho.

Eduardo se acalmou, devolvendo a carta de Mark à pilha de livros sobre computação, junto com a carta de “suspenda e desista”. Se Mark não tinha medo, ele também não iria ter;

afinal de contas, ele não tinha se encontrado com os gêmeos, não entendia nada de programação e só sabia das diferenças entre os dois sites pelo que Mark lhe disse. De acordo com a explicação de Mark, era como se um marceneiro processasse alguém por ter desenhado um novo tipo de cadeira. Havia milhares de tipos de cadeiras e fazer uma delas não lhe dava o monopólio sobre as demais.

Talvez fosse um jeito simplificado de encarar o assunto — mas foda-se, eles eram universitários, e não advogados. A última coisa que eles queriam era entrar em uma batalha judicial. Ainda mais por causa de um site cujo objetivo era conseguir mulher.

— Os nomes eram Kelly e Alice... — Eduardo começou, e antes que pudesse terminar, a porta do alojamento foi aberta abruptamente, quase acertando suas costas. Ele se virou para ver os dois colegas de quarto de Mark entrarem, a dupla de universitários mais diferente da face da terra.

Dustin Moskowitz, à frente, tinha um rosto de criança e um cabelo escuro, sobrancelhas grossas e um olhar muito determinado em seus olhos igualmente escuros. Calmo e introvertido, o estudante de economia e gênio dos computadores também era um cara incrivelmente afável, legal de verdade. Chris Hughes era o mais extravagante dos dois: cabelo loiro desgrenhado, extrovertido, sincero, com um leve sotaque sulista de sua criação em Hickory, na Carolina do Norte. No ensino médio, Chris fora presidente da Young Democrats Society e poderia tranquilamente ser descrito como um ativista em várias questões liberais. Interessado em moda, considerava Eduardo o mais apresentável do grupo, mesmo que vestisse blazers e gravatas conservadores e Chris preferisse camisas e calças de grife. Às vezes Mark o chamava de “Prada” por causa do jeito como ele se vestia.

Os quatro juntos — Mark, Eduardo, Dustin e Chris — estavam longe de ser a nata de Harvard. Na verdade, eles estariam mais para *outsiders* em qualquer universidade, não só naquela que abrigara os Rockefellers e os Roosevelts. Eram todos nerds, cada um de seu jeito. Mas eles se identificavam — e algo mais.

Mark começou a conversa, porque era algo que ele já havia decidido, e Eduardo já estava percebendo que era assim que as coisas funcionavam no mundo dele. O thefacebook estava crescendo rápido, e Mark não estava dando conta de tudo. Ele realmente estava correndo o risco de ser reprovado em algumas matérias, e se quisesse continuar investindo no thefacebook teria de pedir ajuda.

Dustin poderia auxiliar Mark nas questões relacionadas com computação. Como Chris era um ótimo orador — o melhor dos quatro, isso era certo —, poderia assumir a publicidade e a divulgação. O *Crimson* tinha sido um grande parceiro até aquele momento; Mark tinha feito alguns trabalhos com tecnologia da informação para o jornal estudantil quando era calouro, o que explicava as matérias laudatórias. Mas futuramente iriam precisar manter-se em evidência na imprensa, uma vez que o sucesso do Facebook dependia da animação das pessoas, de mantê-las suficientemente interessadas para que continuassem a se conectar.

Caberia a Eduardo cuidar do aspecto empresarial do empreendimento — caso ele crescesse o suficiente para ter um aspecto empresarial. Os quatro formariam a equipe que conduziria o Facebook ao próximo estágio. E eles teriam títulos. Eduardo seria o diretor financeiro. Dustin, o vice-presidente e diretor de programação. Chris, o diretor de publicidade. E Mark — fundador, mestre, comandante e inimigo do Estado. Palavras do próprio Mark. Senso de humor típico de Mark.

Eduardo ouviu tudo, tentando apreender o significado daquela situação. Ele sabia que as coisas eram bem mais simples quando eram só ele e Mark; mas também sabia que tocar uma empresa significava ter funcionários, e eles não tinham receita para arcar com despesas de pessoal. Por isso, a única opção era aumentar o número de sócios. Os companheiros de quarto de Mark eram inteligentes e confiáveis. Eram nerds, como ele. E, em todo caso, isso era uma operação num alojamento estudantil.

Ele concordou com a nova liderança, bem como em rever o contrato social. Dustin teria direito a 5% da empresa, Chris ganharia uma porcentagem que seria estipulada depois, quando eles soubessem quanto estariam faturando. Mark diminuiria sua participação para 65%. E Eduardo manteria os 30%. Parecia mais do que justo. E, de qualquer forma, se ainda não tinha nenhum dinheiro entrando, por que barganhar sobre 30% de nada?

— Primeira ordem de serviço — disse Mark, depois de tudo acertado. — Acho que é hora de abirmos o thefacebook para outras universidades. A expansão me parece natural.

Depois de conquistarem Harvard, estava na hora de ver até onde poderiam ir. Todos concordaram em começar pelas da elite, como Yale, Columbia e Stanford. O site continuaria exclusivo — você só poderia participar se tivesse um e-mail de uma dessas faculdades. Mais tarde, a comunidade poderia crescer e eles permitiriam a interligação de universidades diferentes. O Facebook *tinha* de continuar crescendo.

— Mas acho que precisamos procurar anunciantes — declarou Eduardo, sem querer deixar o assunto passar. — Temos que começar a ganhar dinheiro com isso.

Mark assentiu, mas Eduardo tinha certeza de que ele não concordava inteiramente com aquilo. Mark sabia que eles deviam arrumar dinheiro para cobrir o custo dos servidores, mas parecia não se importar com dinheiro além do mínimo necessário para manter o site funcionando. Eduardo pensava diferente.

Eduardo começou a acreditar, de verdade, que eles iam ficar ricos com o site. Enquanto ele olhava para o time de meganerds reunido naquele quarto, teve a sensação de que nada poderia detê-los.



Quatro horas mais tarde, o coração de Eduardo batia com força enquanto ele avançava para a cabine do banheiro, seus sapatos de couro italiano derrapando no piso de linóleo. A asiática alta e esguia estava se enroscando nele, suas longas pernas nuas presas em torno de sua cintura, sua saia se levantando, seu corpo ágil arqueando à medida que ele pressionava as costas dela contra a parede. Suas mãos perambulavam sob o tecido da camisa branca aberta, avançando pelo delicado material de seu sutiã vermelho, seus dedos acariciando-lhes os peitos grandes e empinados, tocando a textura sedosa de sua pele perfeita cor de caramelo. Ela suspirou, apertando os lábios contra o pescoço dele, sua língua se mexendo para sentir o gosto dele. Seu corpo inteiro começou a se movimentar e ele começou a pressioná-la, empurrando-a com mais força contra a parede, sentindo-a se contorcer sobre ele. Seus lábios procuraram a orelha dela e ela suspirou de novo.

E então outro som reverberou no banheiro. Algo batendo em outra parede de outra cabine do outro lado do alumínio frio — e então um palavrão, seguido de uma gargalhada. Um

segundo depois, a gargalhada parou, e em seu lugar vieram gemidos curtos, o som de lábios encontrando lábios.

Eduardo riu; agora ele e Mark compartilhavam mais do que um site, eles também estavam compartilhando uma experiência. O banheiro masculino do alojamento não era exatamente a biblioteca Widener, mas já era alguma coisa.

E enquanto Eduardo se voltava para a garota enrolada em sua cintura, ao som de seu amigo indo à loucura na cabine próxima à dele, ele não conseguiu conter o sorriso com o pensamento que lhe ocorreu.

Eles tinham *groupies*.

Além disso, constatou, equivocara-se profundamente em relação a uma coisa.

Um programa de computador realmente *podia* fazer com que você trepasse.

A mulher atrás da mesa da recepção estava tentando não olhar. Ela fingia mexer no fichário rolodex em cima da escrivaninha, os dedos passando entre as fichas enquanto o coque preto subia e descia, mas de vez em quando Tyler conseguia ver o movimento rápido dos seus olhos verdes claros. Ela não conseguia não olhar para eles, sentados lado a lado no sofá desconfortável da sala de espera em frente à sua mesa. Tyler não a culpava; ela parecia tão cansada quanto o próprio prédio, e se ele e o irmão gêmeo idêntico pudessem oferecer um pouco de entretenimento à pobre e sobrecarregada mulher, então teriam feito a boa ação do dia. Droga, se ele soubesse que isso poderia facilitar a tarefa que tinham pela frente, ele e Cameron teriam se vestido exatamente iguais, como quando eram crianças; apesar de que aparecer no escritório do presidente da Universidade de Harvard em pijamas listrados e gorros seria um tanto desrespeitoso. Ternos e gravatas escuros pareciam mais apropriados, e a recepcionista não pareceu se importar. Pelo menos, ela não conseguia parar de olhar, por mais que fingisse que não estava olhando. E quem ainda usava esse tipo de fichário de mesa, hoje em dia?

A verdade era que Tyler não iria tentar chamar a atenção de ninguém depois de uma semana como aquela. Ele estava de saco cheio e cansado de ser ignorado. Primeiro, o tutor sênior do Pforzheimer, que até tinha sido receptivo, mas se limitou a repassar as acusações para o Conselho Administrativo. Mas os decanos do Conselho, que também foram compreensivos, leram as dez páginas da acusação contra Zuckerberg e então decidiram que não tinham competência para julgá-la. E o próprio Zuckerberg, que havia respondido à carta de advertência que eles enviaram com uma carta de merda que ele mesmo escrevera. Zuckerberg insistia em que só havia começado a trabalhar no thefacebook.com depois do último encontro com eles, no dia 15 de janeiro. Isso soava no mínimo estranho, já que ele tinha registrado o domínio thefacebook.com no dia 13 de janeiro. E também afirmava que só estava tentando ajudar os seus colegas — de graça, por pura generosidade — e que o seu site não tinha nada a ver com o deles.

A resposta tinha deixado Tyler e seus sócios tão indignados, que eles resolveram procurar Mark. Trocaram alguns e-mails e ligações, tentando convencê-lo a que se encontrassem pessoalmente. Em determinado ponto, ele concordou com a reunião, mas somente com Cameron. Depois a desmarcou e sumiu. O que, para Tyler, era uma boa ideia, porque, de qualquer modo, ele sabia que não podia confiar em Mark. Ele percebeu que, se Mark estava disposto a mentir na cara dele, aquela reunião não poderia trazer nenhuma vantagem.

Então ali estavam eles, sentados lado a lado num sofá que parecia tão velho quanto o próprio Massachusetts Hall, constrangidos diante de uma recepcionista. Para Tyler, tudo naquele lugar parecia antiquado. Na verdade, o Mass Hall, construído em 1720, era o prédio mais antigo do Harvard Yard e o segundo prédio universitário mais antigo do país. Sua entrada era perpendicular ao University Hall, onde ficava a lendária estátua de John Harvard; a estátua era constantemente visitada pelos guias dos passeios pelo campus, que sempre pareciam arrebanhar grupos de futuros alunos pelo Yard e que se referiam à escultura como “a estátua das três mentiras”, devido às palavras esculpidas em sua base — john harvard, fundador, 1638 —, que realmente eram falsas, pois a estátua não retratava John Harvard, John

Harvard não havia fundado Harvard e a universidade fora fundada, na verdade, em 1636. Por isso, a estátua era constante alvo de brincadeiras dos alunos de outras universidades. Os garotos de Dartmouth a pintaram de verde quando seu time de futebol esteve na cidade; os estudantes de Yale tentaram pintá-la de azul e colocar uma réplica de um buldogue em seu colo. Cada escola tinha sua tradição, e mesmo os garotos de Harvard visitavam a estátua no meio da noite para urinar em seus pés, pois aparentemente isso trazia sorte.

Tyler se perguntava se ele e seu irmão não deviam ter tentado o ritual da urina antes de passarem pela estátua rumo ao ambiente ridículo do Mass Hall. Eles precisavam de toda a sorte que pudessem reunir. Conseguir uma audiência com o presidente de Harvard não era uma proeza qualquer. Eles mexeram todos os pauzinhos que puderam — a família, o Porc, os amigos dos amigos. E agora estavam sentados lá, na sala de espera da maior autoridade do campus — era difícil lutar contra um sentimento inevitável de pavor.

Quando o telefone da mesa da recepcionista deu sinal de vida, Tyler quase escorregou e caiu do sofá. A mulher pegou o fone, assentiu com a cabeça e depois olhou na direção dos dois.

— O presidente irá recebê-los agora.

Ela apontou uma porta à sua direita. Tyler respirou fundo e seguiu o irmão rumo à porta. Quando Cameron estava alcançando o trinco, Tyler sorriu para a mulher, implorando em silêncio para que ela os desejasse boa sorte. Ao menos ela sorriu de volta.

O escritório do presidente não era tão suntuoso quanto Tyler imaginara, mas era bem equipado no estilo acadêmico. Havia prateleiras de livros em uma parede, uma imensa escrivaninha de madeira, algumas mesas com cara de antiguidade e uma área com lugares para sentar montada sobre um tapete oriental. Na escrivaninha, Tyler percebeu que havia um computador da Dell. Era significativo, pois era o primeiro computador instalado no escritório do presidente; Neil Rudenstine, o antecessor de Larry Summers, odiava aqueles aparelhos e se recusava a tê-los em seu escritório. O fato de Summers conhecer tecnologia já era um bom sinal — ao menos ele poderia entender o assunto em questão.

Além do computador, as mesas laterais antigas revelavam tudo o que Tyler precisava saber sobre o presidente. Perto das fotos obrigatórias ao lado dos filhos estavam retratos com fotos assinadas por Bill Clinton e Al Gore. Ao lado deles havia uma nota de um dólar emoldurada — assinada pelo próprio Summers, um símbolo de quando ele foi secretário do Tesouro norte-americano, cargo que exerceu entre 1999 e 2000. Formado no mit, Summers fez doutorado em economia em Harvard e se tornou um dos mais jovens professores vitalícios da história da universidade, aos 28 anos. Depois de sua estada em Washington, ele voltou para Harvard como o vigésimo sétimo presidente da universidade. Seu currículo era impressionante, e Tyler sabia que se alguém tinha o poder para resolver situações como esta, esse alguém era Summers.

Quando entraram no escritório, Summers estava sentado em uma cadeira de couro atrás de sua mesa, com um telefone grudado em uma das orelhas. Há alguns metros estava sua assistente-executiva — uma afro-americana bonita, talvez com seus quarenta e tantos anos, vestindo um terninho que combinava com a decoração do escritório. Ela acenou para que os dois se acomodassem, apontando as cadeiras em frente à escrivaninha.

Sem desligar, Summers observou os dois até que eles se sentassem. E continuou falando com sua voz grave por alguns minutos, para quem quer que estivesse do outro lado do

telefone. Tyler imaginou que pudesse ser Bill Clinton, talvez em um avião rumo a mais uma palestra. Ou Al Gore em uma floresta qualquer, sentindo pena das árvores.

Summers finalmente desligou o telefone e olhou para eles. O presidente tinha um rosto largo e rechonchudo, cabelo ralo e quase nenhum queixo; seus olhos eram como pequenas agulhas de uma bússola, apontando ora Tyler, ora Cameron.

Lentamente, Summers se inclinou para a frente e sua mão gorducha começou a rastejar pela escrivaninha. Seus dedos encontraram uma pilha de papéis e ele ergueu-os pelo canto. Tyler pôde ver imediatamente que era a acusação de dez páginas que ele havia digitado, detalhando todas as conversas mantidas com Mark Zuckerberg e uma cronologia de sua associação, desde o primeiro e-mail que Divya havia enviado à edição do *Crimson* com a matéria sobre o Facebook. Aquelas dez páginas foram fruto de muito trabalho e era comovente ver que tinham chegado até a mesa do presidente.

Mas Summers fez algo que pegou Tyler e Cameron completamente desprevenidos. Sem falar uma palavra, ele pegou as páginas pela ponta e as segurou como se estivessem cobertas de merda. Ele voltou a se recostar em sua poltrona, pôs seus pés em cima da mesa e olhou para os dois com desprezo nos olhos.

— Por que vocês estão aqui?

Tyler tossiu, seu rosto ficou vermelho. Ele olhou para a assistente, que tomava notas obedientemente; ela já tinha escrito a pergunta de Summers no início de uma folha em branco de um caderno pautado.

Tyler se voltou para o presidente. O desdém na voz de Summers era palpável. Tyler gesticulou em direção às páginas penduradas nos dedos gorduchos do homem. Ele apontou para a página do início, a carta que ele e Cameron haviam enviado ao escritório do presidente, resumindo o caso:

Carta a Lawrence H. Summers, presidente da Universidade de Harvard

Caro Presidente Summers,

Nós (Cameron Winklevoss, 2004; Divya Narendra, 2004; e Tyler Winklevoss, 2004) estamos escrevendo para solicitar uma audiência com o senhor. Gostaríamos de falar sobre um processo que abrimos recentemente junto ao Conselho Administrativo, que, no entanto, não o acatou. Nossa queixa é um caso bem documentado em relação a um estudante do segundo ano que infringiu o código de honra, quando não foi honesto e franco ao fazer negócios com os integrantes desta comunidade de Harvard.

“A Universidade espera que todos os estudantes sejam honestos e francos ao negociarem com os membros desta comunidade.” (Manual do Estudante)

Para fazer um resumo do caso para o senhor, no início deste ano acadêmico nós três nos aproximamos deste aluno (como já tínhamos feito com outros estudantes anteriormente) para trabalhar no projeto de nosso website. Ele concordou em trabalhar em nosso site e isso deu início à nossa relação de três meses com ele. Durante esse período, em uma clara violação de nosso acordo, e nos trazendo prejuízos materiais com suas falsas informações, este paralisou o desenvolvimento de nosso site enquanto começou a

desenvolver seu próprio site (thefacebook.com), em uma competição injusta conosco e sem nosso conhecimento ou acordo.

Acreditamos que esta questão vai além do domínio acadêmico; contudo, acreditamos também que as ações deste estudante violam diretamente a Resolução de Direitos e Responsabilidades adotada por esta Faculdade de Artes e Ciências no dia 14 de abril de 1970, que declara o seguinte:

“Ao aceitar fazer parte desta Universidade, o indivíduo junta-se conceitualmente a uma comunidade que é caracterizada por livre expressão, livre-arbítrio, honestidade intelectual, respeito pela dignidade alheia e abertura para a mudança construtiva.”

Como o líder desta Universidade, pensamos que o senhor deve ser alertado de incidentes que ferem o código de honra e ameaçam os padrões da comunidade. Acreditamos que as estruturas e associações de Harvard não afetadas nessa questão sofrerão os efeitos negativos a longo prazo para além da comunidade escolar. Portanto, solicitamos um encontro com o senhor para falar sobre este assunto, quando for de sua conveniência. Obrigado.

Atenciosamente,
Cameron Winklevoss, 2004
Divya Narendra, 2004
Tyler Winklevoss, 2004

Depois que se passaram alguns segundos, nos quais o homem fingiu reler sua carta, Tyler pigarreou.

— Acho que está tudo explicado. Mark roubou nossa ideia.

— E o que vocês querem que eu faça em relação a isso? — questionou o presidente.

Tyler olhou fixamente para o homem em estado de choque, e se virou para o irmão. Cameron estava igualmente pasmo, observando boquiaberto as páginas balançarem nos dedos em forma de pinça do presidente.

Tyler piscou com força, deixando a raiva dentro de si espantar o choque. Ele apontou em direção à estante de livros atrás do presidente, onde podia ver uma fileira de manuais de Harvard de anos anteriores. O manual era dado para cada calouro; lá dentro estavam listadas todas as regras da universidade, todos os códigos que a administração deve defender.

— É contra as regras da universidade um estudante roubar outro — disse Tyler, e então citou a frase do manual que sabia de cor: “A Universidade espera que todos os estudantes sejam honestos e francos ao negociarem com os membros desta comunidade. É exigido de todos os estudantes que respeitem a propriedade pública e privada; casos de roubo, apropriações indébitas, prejuízo material ou uso não autorizado de propriedade privada deverão resultar em ações disciplinares, que podem até incluir o afastamento da universidade.” Se Mark fosse ao nosso alojamento e roubasse nosso computador, vocês o expulsariam daqui. Bem, ele fez algo muito pior. Ele roubou nossa ideia, nosso trabalho, e a universidade deveria intervir e aplicar seu código de ética.

Summers suspirou, deixando as dez páginas caírem em sua mesa. Tyler observou-as

caindo perto de uma pilha de bolas coloridas de malabarista. Havia o rumor de que aquelas bolas eram dadas ao novo presidente por seu antecessor, porque era isso que um presidente fazia: equilibrava as coisas, pessoas, projetos, problemas, como um malabarista. Tyler podia dizer, pela cara de Summers, que ele e seu irmão iriam ser expulsos dali.

— Li sua reclamação. E li a resposta de Mark. Não acho que seja uma questão relativa à universidade.

— Mas há um código de ética — interrompeu Cameron, esquecendo-se por um momento de que aquele era o presidente, vendo apenas um homem desdenhoso e rechonchudo cagando e andando para o trabalho que eles tinham feito. — Há um código de honra. Pra que serve um código se ele não é colocado em prática?

Summers balançou a cabeça. Suas papadas repercutiram o movimento, como ondas de pele antes de uma tempestade epidérmica.

— Há um código de ética entre você e a universidade, não entre os estudantes. Essa questão deve ser resolvida entre vocês e Mark Zuckerberg.

Tyler afundou no assento. Ele se sentiu... traído. Por esse homem, pelo sistema, pela própria universidade. Ele sempre viu a si mesmo como integrante da comunidade de Harvard, como parte de um mundo ordenado e honrado. Agora a autoridade máxima desse mundo estava dizendo-lhe que não havia nenhuma comunidade, que era cada nerd por si. Mark hackeara o sistema, mas não era problema de Summers.

— Mas a universidade tem a obrigação de aplicar o código de honra...

— Essa situação não é da alçada da universidade. Essa é uma disputa técnica entre alunos.

— O que o senhor propõe que façamos? — perguntou Tyler, derrotado.

Summers deu de ombros. Seus ombros redondos pareciam duas criaturas presas sob o tecido de sua camisa. Seu silêncio deixara claro que estava pouco se lixando para o que Tyler e Cameron fariam.

— Conversem com ele. Ou encontrem outra forma de lidar com isso, como um processo.

Tyler entendeu o que ele queria dizer. Uma conversa cara a cara com Mark — que talvez não levasse a lugar nenhum, já que o garoto estava disposto a mentir na cara deles. Ou um processo. Que parecia uma opção ainda pior.

Era muito deprimente. O presidente da universidade estava propondo que eles se virassem por conta própria. A administração estava lavando as mãos. O thefacebook era um fenômeno popular no campus. Mark estava ficando famoso, seu site crescia diariamente — e o presidente estava apenas endossando seu sucesso.

Talvez Summers realmente achasse que os gêmeos Winklevoss tinham um problema pessoal com Mark. Talvez acreditasse naquilo que Mark escrevera: que os sites eram bastante diferentes e que os Winklevoss estavam com raiva porque não conseguiram colocar o deles no ar antes. Ou talvez ele nem mesmo se importasse.

Tyler levantou-se de sua cadeira enquanto Summers os despachava com um aceno de mãos.

A única coisa que restava, Tyler constatou, era irem eles mesmos atrás de Mark. Enquanto guiava o irmão para fora do escritório do presidente, Tyler sabia que se lembraria daquele momento, pois teve a nítida impressão de que sua inocência acabara ali.

Para Tyler Winklevoss — estivesse ele certo ou errado —, aquele garoto havia roubado

uma ideia sua e assumido a autoria dela.

E se aquela era a maneira como Harvard lidaria com a situação, Mark Zuckerberg sairia imune dessa.

Foi uma longa e estranha viagem...1

Não é muito difícil imaginar os detalhes daquela manhã em algum dia de março de 2004, mesmo que naquele momento não se pudesse imaginar que se tornaria histórico: os olhos de Sean Parker se abriram quando ele acordou ao som da letra daquela música tocando inesperadamente em seu cérebro, um frenético verme sonoro solto na fina membrana de seu canal auditivo, infectando sua massa cinzenta, fortalecendo suas sinapses, fazendo com que todas as luzes vermelhas ficassem verdes. Ele riu, como sempre ria pela manhã, olhando para o teto branco, tentando lembrar onde estava. *Foi uma longa e estranha viagem...* Sean esfregou os últimos vestígios de sono dos olhos e se espreguiçou, sentindo o tecido aveludado e macio do travesseiro pesado. Foi quando ele se lembrou de tudo.

Ele estava deitado numa cama encostada numa parede levemente colorida em um pequeno quarto, com a cabeça mergulhada naquele travesseiro. Seu cabelo estava uma bagunça, um emaranhado de cachos castanhos multiplicando-se sobre o tecido macio da fronha. Ele estava de camiseta e calça de moletom, mas só porque eram seis da manhã; seu blazer Armani, seu *jeans skinny* d'ny preto e sua camisa Prada estavam pendurados em um gancho atrás da porta do banheiro.

Foi uma longa e estranha viagem... Seu sorriso tornou-se tão largo quanto a cidade, os lábios esticados a tal ponto que quase doíam. Sim, ele sabia exatamente onde estava — e que lugar foda para se estar era aquele.

Ele olhou ao redor do pequeno quarto, observando a mesinha de madeira, a prateleira cheia de livros de informática, o abajur no canto, o laptop no modo de espera na mesinha ao lado da cama. Havia roupas jogadas por todo lado, no chão, na prateleira, até no abajur, mas Sean não se importava pois a maioria era roupa dele, e das que não eram as boas. Ele viu um sutiã rendado e uma saia muito curta, um top e um cinto estiloso — o tipo de roupa que as garotas usam nos campi da Califórnia; mesmo aqui, no norte, onde as palmeiras estavam mais envoltas pela neblina do que pela luz do sol. Felizmente, em Stanford, as garotas ainda se vestiam à moda californiana, apesar do elitismo da universidade. E, claro, todas eram loiras. Deixem as morenas com as universidades de lá, as gatas loiras ficavam aqui no Oeste.

Sean se apoiou em um dos cotovelos. Ele não sabia ao certo de quem era aquele sutiã, aquele top, aquele cinto ou aquele quarto — ele diria que era de alguma das convidadas de seus colegas de quarto ou de alguém que estivera lá para visitá-lo. Ele também não tinha certeza do porquê daquelas roupas estarem em seu quarto. Ele podia conhecer a garota, ou talvez não. De qualquer forma, era provável que ela o conhecesse — ou pelo menos que achasse que conhecesse. Parecia que todo mundo em Stanford conhecia Sean Parker. O que era engraçado, uma vez que ele não estudava ali. Havia muitos caras de Stanford em sua casa, que era quase uma extensão dos alojamentos, perto do campus. Mas Sean não era aluno de Stanford; ele sequer era universitário. Mesmo assim ele era um herói do campus.

Não tão famoso quanto seu primeiro sócio — Shawn Fanning —, mas aqueles que conheciam a história, a conheciam. Os dois adolescentes que mudaram a história da indústria fonográfica ao criarem o Napster, o site de compartilhamento de arquivos que permitia a qualquer universitário baixar gratuitamente as músicas que quisesse, no conforto de seu quarto, simplesmente trocando-as via internet. O Napster tinha se tornado um estrondoso

sucesso, uma criação que revolucionou o mundo — é verdade que ele de certa forma implodiu o que existia, mas foi uma bela implosão.

O Napster — que Sean ajudou a fundar, depois de conhecer Fanning numa sala de bate-papo on-line, quando os dois ainda estavam no ensino médio — era mais uma revolução do que uma empresa. O site havia tornado a música livre e gratuita, permitindo que fosse baixada — e deu a qualquer usuário de computador todo o poder que eles queriam. Liberdade: o rock'n'roll não era isso? Não era isso o que teoricamente era a internet?

Claro que as gravadoras não viam dessa forma. As porras das gravadoras caíram sobre os dois como se fossem as Harpias Vingativas. Eles resistiram com todas as suas forças, mas o final era previsível. Algumas pessoas culparam Sean Parker, quando finalmente tiveram que se render; de acordo com algumas matérias, seus e-mails acabaram municiando as gravadoras em sua batalha judicial, uma indiscrição boba e juvenil que terminou custando o jogo para o Napster. Mas o grande defeito de Sean era também sua principal virtude. Ele falava na cara, não guardava nada.

E ele não se arrependia de nada. De porra nenhuma, não era o estilo dele.

Claro que ele poderia ter se acovardado depois que o Napster afundou. Ou corrido para a casa dos pais. Mas em vez disso ele seguiu no lombo daquele cavalo de silício. Apenas alguns anos depois, ele e dois de seus melhores amigos vieram com a ideia de compartilhamento — dessa vez, eles preferiram e-mails e listas de informações. Começou como um sistema gratuito, um pequeno programa que pedia que você atualizasse suas informações pessoais, e acabou se tornando uma espécie de sistema de cartão de visitas on-line autorrenovável. Eles batizaram a empresa de Plaxo.

E agora, pelo menos na cabeça de Sean, aquilo tudo também tinha acabado de implodir. Não a companhia — a Plaxo ainda estava indo bem e o negócio valia alguns milhões —, mas sua participação tinha acabado, já era, acabou. De seu ponto de vista, ele não tinha mais nada que fazer na empresa, e o fim fora pior do que parecia.

Pior porque para Sean havia um vilão de verdade envolvido — um daqueles vilões de filme de James Bond, um galês bizarro e cheio de segredos, com uma megalomania que só não era maior que sua conta bancária. Tinha sido ideia de Sean trazer esse monstro capitalista, pois ele pensava que, naquele momento, a Plaxo precisava de dinheiro e que estava na hora de aprender a negociar com os tubarões do mercado. Mas Michael Moritz não era um capitalista qualquer; além de ser sócio da Sequoia Capital, era uma lenda entre as pessoas bem-sucedidas do Vale do Silício. Ele investira tanto no Google quanto no Yahoo, e sua fortuna era tão grande, que ninguém mais questionava seus métodos.

Para Sean, Moritz era recluso, misterioso e maluco. Desde o início, ele e Sean discordaram em quase tudo. Sean era um idealista, um jovem e ousado empreendedor; Moritz só pensava em dinheiro, simples assim. Menos de um ano depois de a Sequoia ter bancado sua empresa, Sean acreditava que Moritz não o queria mais lá — na empresa que ele havia fundado! —, mas é claro que ele ficou. Tornou-se uma batalha aberta, uma disputa de posições, e não demorou para que Sean percebesse que perderia tudo. Seus melhores amigos, com quem ele começara a empresa, haviam sucumbido à pressão de Moritz e do Conselho, e de acordo com os relatórios, quando Sean tentou manter sua posição dizendo que só sairia da empresa se comprassem sua parte à vista, isso foi entendido como uma declaração de guerra contra a Sequoia. Sean acreditava que Moritz havia feito o que se devia esperar de um vilão

de filmes de James Bond, e estava certo de que ele contratara um detetive para segui-lo por aí, para tentar reunir munição necessária para forçar sua saída.

Sean havia começado a perceber carros com vidros escuros seguindo-o quando saía de seu apartamento. Percebia cliques estranhos quando falava ao telefone e chamadas ainda mais estranhas de números sem identificação em seu celular. Ele estava começando a ficar apavorado.

E talvez eles estivessem realmente baixando o nível. Como qualquer garoto de sua idade — e graças à fama conseguida com o Napster e a Plaxo —, Sean gostava de baladas. E de garotas. E certamente não era um santo. Ele tinha seus vinte e poucos anos, era uma espécie de popstar do Vale do Silício e falava muito, mas muito rápido. Sua frenética verborragia frequentemente era mal-interpretada.

Então talvez tivessem algo contra ele — talvez não. De qualquer modo, Sean se sentiu encurralado por Moritz, que o fizera pedir demissão da própria empresa. E entregar as chaves da própria criação. Ao mesmo tempo, Sean acreditava que ele tinha perdido tanto uma boa empresa quanto seus dois ex-melhores amigos. Foi feio e patético e, para Sean, foi injusto. Mas, bem, tinha que acontecer. Não era só com ele: isso acontecia o tempo todo no Vale do Silício.

Nisso que dava se meter com grandes investidores em capital de risco. Era incrível, até deixar de ser.

A Plaxo tinha acabado mal, mas isso não significava que era o fim para Sean Parker. Nem perto disso. As revistas de fofocas do Vale do Silício não o deixavam em paz por causa da dobradinha Napster e Plaxo e começaram a pintá-lo como o *bad boy* do lugar. Mulheres. Roupas. E, claro, histórias sem fundamento sobre drogas. Cocaína. Bolinhas. Deus sabe mais o quê. Sean via o dia em que leria no [Gawker](#)2 uma matéria sobre ele injetando sangue de bebê foca.

Achava cômica a ideia de que ele fosse um *bad boy*. Quem o tivesse visto crescendo em Chantilly, na Virgínia, acharia aquilo hilário. Era um garoto magrelo, com alergia a amendoim, abelhas e mariscos, e carregava para onde quer que fosse uma injeção de adrenalina para eventuais choques anafiláticos. Era asmático e também sempre levava uma bombinha. Tinha um cabelo tão desarrumado, que às vezes poderia virar um black power. E, tudo bem, magrelo talvez não fosse a melhor definição, mas para ele não era exatamente um sujeito fisicamente intimidador. Sua cama de casal era grande o suficiente para que pudesse fazer ginástica ali mesmo. *Bad boy* do Vale do Silício? A ideia era quase ridícula.

Ele olhou para o sutiã rendado no chão de seu quarto e sorriu mais uma vez.

Tudo bem, talvez ele tivesse mesmo seus momentos. Um pendor hedonista. Como os detetives descobriram, ele gostava de garotas. Às vezes, de muitas. Ele gostava de sair à noite e de beber. Ele tinha sido expulso de algumas boates. E, bem, ele não tinha feito faculdade. Abandonara o ensino médio quando o Napster decolou e nunca mais olhou para trás.

Mas ele não era um cara mau. Era do bem. Ele mesmo se via como uma espécie de super-herói. Apesar de seu sobrenome ser Parker, sentia-se o próprio Batman. Bruce Wayne durante o dia, circulando entre os executivos e empresários; Homem-morcego à noite, tentando mudar o mundo, uma universitária liberal por vez.

Mas ao contrário de Bruce Wayne, Sean não tinha dinheiro. Ele havia criado duas das maiores companhias de internet da história e não tinha nem um centavo. Claro que a Plaxo

valeria algum dinheiro algum dia. Talvez ele ganhasse uma bolada enriquecedora, dezenas de milhões. Talvez centenas de milhões. E o Napster, se não o enriquecera, certamente lhe dera visibilidade. Algumas pessoas já o haviam comparado a Jim Clark, o fundador da Silicon Graphics, que tinha sido responsável tanto pelo Netscape quanto pelo [Healtheon](#).³ Sean já tinha feito dois golaços; só precisava do terceiro para tornar a analogia justa.

E era por isso que estava sempre cavando uma oportunidade. Dessa vez ele procurava algo que realmente mudasse sua vida. É claro que todo mundo estava procurando a boa. A diferença é que Sean *sabia* qual era a boa. Tinha uma convicção absoluta, quase religiosa: redes sociais.

Meses antes ele fizera algumas conexões para o site de relacionamentos Friendster. Ele os apresentou a alguns grandes investidores que poderiam bancá-los, apresentou-os a amigos que tinha na cidade — mais especificamente Peter Thiel, o sujeito por trás do PayPal, que também havia experimentado alguns dissabores com a máfia da Sequoia.

Mas o Friendster não seria a jogada seguinte de Sean Parker; o site já tinha ido longe demais, e era tarde para Sean pegar esse bonde. E, para ser honesto, achava o Friendster limitado. Era um site de encontros. Um bom site, mais disfarçado do que o JDate ou o Match.com, mas ainda era um site para encontrar garotas que você não conhecia e tentar arrumar o e-mail delas.

E tinha também o MySpace, o site novato e ascendente que estava se destacando rapidamente, e também vistoriado por Sean, que o deixou pra lá. O MySpace era ótimo para o que se propunha, mas para Sean aquilo não era uma rede social. Você não entrava no MySpace para se comunicar com as pessoas, mas para se exibir. Era como se fosse um enorme playground narcisista. Olhem para mim! Olhem para mim! Olhem para minha Banda de Garagem, meu Esquete de Humor, a Cena do meu Filme, meu Book de Modelo, e por aí vai. Todos mostravam seus produtos ali na esperança de chamar a atenção.

Então, se o Friendster era um ponto de encontros e o MySpace era uma plataforma de marcas, o que sobrava? Sean não tinha certeza, mas em algum lugar, por aí, ele sabia que havia um Fanning queimando neurônios em algum porão, trabalhando no Napster das redes sociais. Sean só tinha que manter seus olhos abertos e atentos.

Ele sabia que tinha estabelecido um parâmetro muito alto. Se não fosse uma empresa com potencial para faturar um bilhão de dólares — seu próprio YouTube, seu Google —, não valeria a pena. Mas ele já tinha a Plaxo, e a experiência não fora satisfatória.

Da próxima vez tinha que ser um bilhão de dólares ou nada.

Sean se forçou a sentar, já mais acordado. Era hora de voltar à sua busca. Ele olhou para a mesinha próxima ao futon e percebeu um laptop aberto perto de um relógio cor-de-rosa de menina. Como não era o seu laptop, só podia ser de um de seus companheiros de quarto ou das respectivas convidadas. De qualquer forma, ele estava próximo o suficiente para que o alcançasse da cama, o que o fez sem pestanejar. Era hora de checar seus e-mails e iniciar a rotina matinal.

Ele pegou o laptop e o colocou cuidadosamente no colo. Segundos depois, o computador saiu do modo de espera. Ele viu rapidamente que a máquina estava conectada à internet, e pela rede de Stanford. Ele também percebeu o site aberto na tela. Obviamente, o dono do laptop deixara conectado desde a noite anterior. Com curiosidade, Sean começou a ver o site, descendo a barra de rolagem.

Aquilo era algo que Sean nunca tinha visto antes. O que era estranho, porque ele já tinha visto quase tudo.

Havia faixas azuis na parte superior e inferior da tela. Era obviamente uma espécie de portal. Via-se a foto de uma garota no canto esquerdo — Sean reconheceu seu belo cabelo loiro, seu sorriso maravilhoso, seus incríveis olhos azuis. E logo abaixo da foto havia algumas informações sobre ela.

Seu sexo: feminino. Que era solteira. Que estava interessada em rapazes. Que estava procurando amigos. E então uma lista de amigos que já encontrara naquele site, as redes que havia criado. Os livros de que gostava. As matérias que fazia em Stanford.

Perto do perfil havia uma frase que ela havia escrito, seguida de comentários de suas amigas. Todo mundo parecia ser de Stanford, com e-mails de Stanford. Eram amigos de verdade — não eram pessoas que só queriam trepar com ela, como no Friendster. Não eram pessoas que buscavam exibir sua nova banda de rock ou sua nova coleção de roupa, como no MySpace. Aquilo era a verdadeira rede dela, só que na internet, conectada. Conectada sem parar. Mesmo quando o computador entrou no modo de espera, a rede social seguia ligada. Não era estática.

Era fluente.

Era simples.

Era linda.

— Nossa — cochichou Sean sozinho.

Era brilhante. Ele apertou com força os olhos. Uma rede social focada no mercado universitário. Era o óbvio ululante. A grande lacuna no mercado de redes sociais era a universidade, e a universidade era um mercado perfeito para uma rede social. Universitários são pessoas incrivelmente sociais. A universidade é a época da vida em que mais se fazem amizades. O MySpace e o Friendster ignoraram o grupo de pessoas que melhor usaria uma rede social, mas, e esse site? Esse site parecia ter acertado em cheio o filão.

O olhar de Sean então desceu até o pé da página. Havia uma linha de texto improvável.

Uma produção de Mark Zuckerberg.

Sean sorriu. Ah, ele gostou disso. Gostou demais disso. Quem tinha feito esse site pusera o próprio nome bem no pé da página.

Sean digitou algumas coisas e abriu o Google. E começou a fazer pesquisas. Para seu espanto, ele encontrou muita coisa, e a maioria parecia vir de uma única fonte, o *Harvard Crimson*, o jornal estudantil da Universidade de Harvard.

O site se chamava thefacebook e tinha sido lançado por um garoto do segundo ano havia cerca de seis ou oito semanas. Em quatro dias, a maioria das pessoas do campus havia se cadastrado. Na segunda semana, eles já tinham quase cinco mil integrantes. Então começaram a cadastrar outras universidades. Agora a estimativa era de 50 mil cadastrados. Stanford, Columbia, Yale...

Cristo. Isso estava acontecendo muito rápido.

Sean começou a balbuciar sozinho: “Thefacebook.” Por que não só “facebook”? Esse era o tipo de coisa que o deixava doido. Sua mente estava o tempo todo fazendo aquilo, limpando as coisas, deixando-as mais leves. Ele percebeu que enquanto estivera pensando, os dedos ficaram esfregando o lençol do futon, tentando desfazer as dobras. Acrescentem o transtorno obsessivo-compulsivo à lista de neuroses de Sean. Liguem para o [Valleywag](#):4 *O bad boy*,

asmático, alérgico a amendoim, obsessivo-compulsivo Sean Parker está procurando um novo projeto...

Porque era exatamente isso o que ele iria fazer. Encontraria esse Mark Zuckerberg e veria se o garoto era bom mesmo. E se as coisas fossem tão boas quanto pareciam, ele o ajudaria a transformar o Facebook em algo imenso.

Era a hora do bilhão de dólares ou nada. Simples assim. Nada menos podia ser considerado sucesso.

Sean já tinha acertado com o Napster e a Plaxo.

Será que o Facebook seria o número três?

1 É o refrão da música "Truckin" [What a long strange trip it's been], do Grateful Dead, uma das principais bandas da Califórnia nos anos 1960. (*N. do T.*)

2 Site de fofocas sobre celebridades. (*N. do T.*)

3 Lançado em 1994, o Netscape foi o primeiro programa de navegação de internet (browser) feito após a criação da world wide web, em 1991. O Healtheon foi um software criado em 1996 que permitia acessar o sistema de saúde norte-americano e que foi comprado três anos depois pela Microsoft. (*N. do T.*)

4 Outro site de fofocas sobre celebridades, só que de notícias sobre o Vale do Silício. (*N. do T.*)

“Fala sério, Eduardo. Você acha que eles vão pedir a nossa identidade? Aqui?”

A garota revirava os olhos de raiva, e aquilo só piorava tudo. Eduardo voltou a olhar para ela, mas ela já tinha se virado para a lista de convidados do coquetel, e agora Mark também escaneava a maldita lista. Talvez Kelly tivesse razão e ninguém fosse lhes pedir os documentos. Mas a questão não era essa. O que estava deixando Eduardo furioso era que nem ela nem Mark estavam levando a coisa a sério. E não era só o lance do restaurante. Durante toda a viagem a Nova York Mark ficou brincando, fingindo que era tudo uma grande piada. Ele até entendia Kelly, que só tinha ido para o jantar porque estava visitando a família no Queens. Mas Mark estava em Nova York a trabalho.

Apesar de estarem hospedados na casa de amigos, em vez de num hotel, Eduardo pagara a viagem e todos os táxis e refeições. Mais precisamente, eles estavam sendo financiados pelo thefacebook, aqueles minguados e quase esgotados mil dólares que Eduardo investira em janeiro, havia três meses e meio. Aquilo a definia como uma viagem de negócios, por isso Mark deveria encará-la com seriedade.

Mas ele não estava nem perto disso. Já Eduardo tinha agendado uma série de reuniões com anunciantes em potencial; não foram bem-sucedidos em nenhuma, e não deve ter ajudado muito o fato de Mark dormir durante metade delas, enquanto, na outra metade, se sentava calado, esperando Eduardo aproveitar as oportunidades para fazer algo acontecer. Apesar de todos terem ficado impressionados com o número de pessoas cadastradas no thefacebook — mais de 75 mil, na última contagem —, ninguém estava disposto a fazer investimentos publicitários de porte naquela rede. Simplesmente não entendiam o espírito da coisa e a publicidade na internet parecia algo perigoso e incerto. Era muito difícil fazer os anunciantes entenderem o diferencial do thefacebook. O fato de as pessoas que visitavam o site tenderem a passar mais tempo online do que em qualquer outro site não significava nada para eles. A estatística ainda mais surpreendente — de que 67% dos usuários do thefacebook o visitavam diariamente — fugia completamente à compreensão daqueles caras.

Se Mark tivesse levado tudo um pouquinho mais a sério, talvez pudesse ter sido um pouco melhor. Por exemplo: os dois estavam em um dos restaurantes mais chiques de Nova York, e Mark sentado com aquele maldito moletom com capuz, balançando suas sandálias por baixo da mesa. Tudo bem, eles não estavam no 66 para encontrar um parceiro em potencial, mas ainda assim eram negócios, e Mark deveria fazer parte disso. Pelo menos tentar parecer mais descolado, não um peixe fora d'água.

Localizado no primeiro andar do Textile Building em Tribeca, o 66 era o novo point de Jean George e provavelmente o melhor restaurante chinês que Eduardo conhecera na vida. Pretensioso e minimalista, o lugar era extremamente moderno, da parede de quatro metros de altura em vidro curvado que ocupava boa parte da entrada ao enorme tanque de peixes que separava o restaurante da cozinha. O piso era de bambu, e painéis de vidro chamuscado separavam várias áreas de estar com assentos em couro. Havia também uma mesa imensa para quarenta pessoas, perto de uma parede jateada em frente aos garçons, que passavam correndo e suas silhuetas dançavam para lá e para cá. Faixas de seda chinesa vermelha desciam do teto, mas de qualquer forma o lugar parecia mais *fusion* do que asiático, ao menos para o gosto de Eduardo. Como seu convidado não havia chegado, eles já haviam pedido algumas coisas do

cardápio: porco laqueado com *confit* de gengibre e cebola. Tartar de atum. Pata de lagosta cozida no vapor com gengibre e vinho. E *foie gras* entupido num bolinho com camarões gigantes. A namorada de Eduardo parecia não estar impressionada com esses itens, e ele achava que ela só estava matando tempo até a hora da sobremesa — sorvete caseiro servido em pequenas caixinhas de comida chinesa para viagem. Mas se ela conseguisse convencer o garçom a lhes servir bebidas sem checar suas identidades, era bem capaz que ela esquecesse o sorvete.

Provavelmente aquele namoro jamais ficaria sério, mas mesmo assim Kelly era alta e bonita, e Eduardo tinha conseguido mantê-la interessada desde o episódio no banheiro do dormitório. Mark já tinha dispensado sua amiga Alice havia tempos, mas tudo bem, porque ele não parecia se importar com nada. Naquele momento, no entanto, Kelly não era a maior preocupação de Eduardo. Ele estava mais preocupado com o motivo de estarem naquele restaurante — e com o cara com quem iriam se encontrar ali.

Eduardo não sabia muito sobre Sean Parker, mas não gostara do que descobriu em uma pesquisa na internet. Parker era um animal do Vale do Silício, um franco-atirador que havia quebrado as maiores empresas da internet de um modo absolutamente espetacular. Para Eduardo, ele parecia uma espécie de selvagem, talvez até um pouco perigoso. Ele não tinha nenhuma ideia de por que esse cara queria falar com eles ou o que queria deles. Mas tinha bastante certeza de que não queria nada com Parker.

Falando no diabo, Eduardo viu Parker tão logo ele saiu do vidro encurvado da entrada. Parecia impossível passar batido pelo cara, porque ele fez uma entrada triunfal, batendo nas paredes como um personagem de desenho animado, um diabo da Tasmânia girando pelo restaurante. Ele pareceu cumprimentar todo mundo à medida que avançava pelo local. Primeiro ele cumprimentou a *hostess*, depois abraçou uma das garçonetes. E então parou numa mesa próxima para cumprimentar um cara de terno, enquanto bagunçava o cabelo do seu filho, como se fosse amigo da família. Deus, quem é essa figura?

Ele chegou à mesa e sorriu; havia algo que lembrava um lobo naquele sorriso.

— Sean Parker. Você deve ser Eduardo e você a Kelly. E, claro, Mark.

Sean chegou até a mesa e foi direto para Mark. Eduardo percebeu que o jeito como o amigo olhava, o rubor nas bochechas, o brilho nos olhos, era pura idolatria. Eduardo não teve a menor dúvida de que, para Mark, Sean Parker era como um deus.

Eduardo devia ter percebido isso antes. O Napster era o estandarte nerd definitivo, a batalha travada por hackers no maior palco de todos. E não importava que eles tivessem saído derrotados daquela guerra — de certa forma fora a maior invasão da história dos hackers. E Sean Parker tinha sobrevivido a isso tudo, ido para a Plaxo, onde mais uma vez havia se destacado. Eduardo não precisava lembrar o que havia lido no Google porque o próprio Sean começou a falar sobre o assunto, após se sentar perto de Kelly e pedir a uma garçonete que passava — uma amiga, de visitas anteriores, claro — bebidas para todos da mesa.

Sean começou a contar história atrás de história, com um nível de energia inacreditável. Falou sobre o Napster, as batalhas que travara. Depois sobre a Plaxo e as batalhas ainda mais sangrentas, nas quais perdeu quase tudo. Ele se abriu completamente. A vida no Vale do Silício. As festas em Stanford e em Los Angeles. Amigos que se tornaram bilionários e outros que ainda estavam procurando uma chance. Ele pintou um quadro glamoroso do seu mundo e, pelo que Eduardo via, Mark já tinha sido fígado. Parecia que ele ia sair correndo do

restaurante e comprar uma passagem de avião direto para a Califórnia.

Quando Sean finalmente concluiu suas histórias — por enquanto, cogitou Eduardo —, ele mudou de assunto e perguntou como estava o desenvolvimento do thefacebook.

Eduardo começou a explicar que eles já estavam em 29 universidades, mas Sean virou-se para Mark, perguntando-lhe quais eram as estratégias utilizadas para atrair tantas universidades.

Eduardo se acomodou, ouviu emburrado e Mark discorreu sobre a estratégia deles, usando um exemplo. Ele contou a história da Baylor: a pequena universidade do Texas a princípio se recusara a adotar o thefacebook, porque já tinha o próprio site de relacionamentos. Em vez de atacar a Baylor de frente, eles fizeram uma lista das universidades num raio de cento e cinquenta quilômetros e lançaram primeiro nelas o thefacebook. Logo os garotos da Baylor começaram a ver seus amigos naquele site e praticamente imploraram pelo thefacebook no seu campus. Em questão de dias, o site de relacionamentos da Baylor fazia parte do passado.

Sean parecia realmente animado com a história, e acrescentou, citando uma matéria do jornal de Stanford — o *Stanford Daily* — publicada no dia 5 de março: “Os alunos estão matando aulas, deixam de entregar os trabalhos. Estudantes passam horas em frente ao computador completamente fascinados. A mania do thefacebook.com está varrendo o campus.” Depois dessa matéria, 85% dos estudantes de Stanford entraram no thefacebook em menos de 24 horas.

Mark ficou eufórico ao saber que Sean estava acompanhando seu trabalho. E Sean, por sua vez, estava feliz por Mark ser um fã. Eles se identificaram instantaneamente, não havia como negar. Já Eduardo — bem, Sean não estava ignorando Eduardo de propósito, mas ele definitivamente prestava mais atenção em Mark. Talvez tivesse a ver com o fato de ambos serem experts em informática, mas Sean não estava falando com Mark como se ele fosse um *geek*. Sim, ele era um *geek*, mas era mais chique, como se estivesse representando o papel de um *geek* em um programa do horário nobre. Não era o jeito como ele estava vestido nem seu comportamento extravagante. Ele parecia estar falando para o restaurante inteiro, não apenas para a mesa. Era um *showman*, e muito bom no que fazia.

Logo depois, o jantar terminou bastante rápido, embora tenha parecido uma eternidade para Eduardo, que quase aplaudiu quando Kelly terminou seu sorvete. Quando as caixinhas de comida chinesa foram esvaziadas, Sean pagou a conta, pediu licença e prometeu a Mark que eles voltariam a conversar em breve. E então o dervixe rodopiante foi embora, tão rápido quanto aparecera.



Dez minutos depois, Eduardo e Mark estavam tentando pegar um táxi em frente ao restaurante. A garota de Eduardo tinha ido com Sean e sua namorada para algum bar em Tribeca, onde encontrariam amigos em comum. Eduardo os encontraria depois, mas ele ainda tinha de ligar para possíveis anunciantes, marcando reuniões. Ele não desistiria, custasse o que custasse.

Mão ainda erguida, Eduardo olhou para Mark. Ele percebeu que o amigo ainda tinha aquele olhar excitado no rosto. Parker já tinha ido, mas sua aura ainda pairava no ar.

— Ele é como um vendedor de sonhos — disse Eduardo, tentando quebrar o encanto. — Quer dizer, ele é um aventureiro. Não precisamos dele.

Mark deu de ombros, mas não respondeu. Eduardo franziu as sobrancelhas. Sabia que estava falando algo que entrava por um ouvido e saía pelo outro. Mark gostou de Parker, idolatrava-o. Não havia como mudar isso.

Eduardo achou que não importava, não por enquanto. Parker não ia investir neles; ele também não tinha esse dinheiro todo, pelo que Eduardo sabia. E o thefacebook precisava de dinheiro. À medida que o site crescia, eles precisavam aumentar a capacidade dos servidores. Também haviam chegado à conclusão de que precisariam contratar mais gente para trabalhar na programação do site. Eles chamariam estagiários, mas precisariam pagar alguma coisa a eles.

E era por isso que iriam abrir mais uma conta bancária no dia seguinte, para investir mais dinheiro no projeto. Eduardo iria aplicar os 10 mil dólares que acabara de levantar. Como Mark não tinha nenhuma fonte de renda, eles precisavam contar com o dinheiro de Eduardo por mais um tempo.

Embora Parker não tivesse condições de se financiar, ele provavelmente tinha bons contatos entre os grandes investidores. Mas felizmente — pela primeira vez — o desinteresse de Mark por dinheiro fez com que isso ficasse em segundo plano. Para ele, o site era primordialmente para diversão e tinha de continuar legal. Publicidade não era legal. Capitalismo de alto risco não era legal. Caras de terno e gravata, caras com grana: isso nunca seria legal. Eduardo não devia se preocupar, pois Mark não iria procurar um investidor disposto a bancar o site tão cedo.

Mesmo assim, Eduardo não podia deixar de pensar nisso. Para Mark, mesmo com seus amigos endinheirados, Sean Parker era a *definição* do que é ser *cool*. Mas ele deixou esse pensamento de lado. Tudo estava indo muito bem e ele não precisava se preocupar com mais nada. Todo mundo amava o thefacebook.

Mais cedo ou mais tarde, eles descobririam como ganhar dinheiro com o maldito site, e sem a ajuda de Sean Parker. Eduardo tinha a sensação de que Sean não fora a única pessoa a perceber o pequeno site deles. Mais cedo ou mais tarde alguém com a mala cheia os procuraria. E não pagaria apenas um jantar num restaurante moderninho de Nova York.

CAPÍTULO 19 | O SEMESTRE DA PRIMAVERA

— É. Mais um.

— Você está brincando?

— Nem a pau.

No começo, Eduardo resistiu à tentação de olhar por cima do próprio ombro. Ele tentava se concentrar no professor, um homem de barba grisalha que ia para frente e para trás em um tablado na frente do auditório de médio porte, mas era quase impossível. Para começar, a única coisa que sabia daquela aula é que era sobre uma linguagem avançada de computação da qual não entendia nada. Mais uma vez tinha caído de paraquedas em uma das aulas de Mark. O thefacebook estava invadindo suas vidas acadêmicas e, para dar conta das demandas do site em ascensão, mesmo o tempo das aulas vinha sendo desvirtuado como horas improvisadas de trabalho. Naquele momento, o problema consistia em lutar contra a vontade de se virar para trás e se concentrar na aula, mas foi exatamente o que fez, pois não conseguiu se segurar.

Levou menos de um segundo para localizar o cara — trinta e poucos anos, terno e gravata cinzentos, pasta sob o braço — completamente deslocado, sentado entre dois alunos do segundo ano com pulôveres da equipe de tênis da universidade. Ele exibia um sorriso idiota no rosto, que cresceu ainda mais quando viu que Eduardo estava olhando para ele.

Deus. Isso estava ficando ridículo. Não era o primeiro grande investidor em capital de risco a ir atrás deles no próprio campus; agora que o semestre da primavera estava praticamente no fim e as aulas estavam acabando, eles vinham com uma frequência quase assustadora. Não eram apenas investidores; também havia representantes de companhias de internet e de softwares. Caras de terno os abordavam no refeitório da Kirkland ou na biblioteca; um descobriu até onde era o alojamento de Mark, e o esperou três horas do lado de fora até que ele voltasse de uma reunião no departamento de ciência da computação.

Atenção era formidável, mas o lance é que ninguém ainda estava oferecendo dinheiro de verdade — embora fosse uma boa amostra do potencial financeiro do projeto. Alguns deles até apresentaram números — grandes, bonitos, com sete zeros —, mas ninguém tinha feito uma oferta concreta, e nem Eduardo nem Mark estavam inclinados a levar esse tipo de oferta a sério, mesmo que tivessem a intenção de vendê-lo, assunto que nunca tinham cogitado. Ao mesmo tempo, o thefacebook já tinha mais de 150 mil usuários e milhares se cadastravam e criavam perfis diariamente. Se esse ritmo se mantivesse, Eduardo tinha certeza de que o site renderia um bom dinheiro. Agora que o semestre estava quase no fim, ele e Mark tinham que tomar algumas decisões estratégicas.

Mesmo com a ajuda de Dustin e Chris, o thefacebook estava começando a parecer um emprego em horário integral. Com o fim das aulas, seria mais fácil equilibrar tudo, mas o site certamente continuaria a ser uma prioridade para os dois durante o verão. Eduardo tinha conseguido algum progresso com anunciantes no último mês; vinha fazendo investidas agressivas tanto em nível local quanto nacional, e já fizera contratos experimentais com uma série de grandes empresas, como a AT&T Wireless, a America On-line e a Monster.com. Ele também havia conseguido vender anúncios para um punhado de organizações universitárias de Harvard — o Curso de *Bartender* de Harvard, o Partido Vermelho do Clube Sêneca, o Baile de Espuma anual do Mather. Os Democratas Universitários pagavam 30 dólares por dia para divulgar uma excursão a New Hampshire. E assim o site vinha gerando algum dinheiro. Não o

suficiente para cobrir os crescentes custos com servidores e as atualizações e manutenções necessárias, agora que havia tantas pessoas conectadas, 24 horas por dia. Mas era um começo.

Eduardo também deu entrada na documentação da empresa: ele e Mark se tornaram sócios oficialmente no dia 13 de abril, criando a Thefacebook LLC,¹ registrada na Flórida, onde vivia a família de Eduardo. No contrato da sociedade eles determinaram os mesmos percentuais que haviam definido no alojamento de Mark: 65% para Mark, 30% para Eduardo e 5% para Dustin. Chris teria uma parte no futuro, mas isso ainda não havia sido decidido. De qualquer modo, só o fato de ter aqueles documentos da sociedade fez com que a empresa parecesse mais real, mesmo que ainda não estivesse lucrando nada.

Apesar dos documentos e do crescimento viral do thefacebook, ainda não sabiam o que fazer quando as aulas terminassem. Tanto Mark quanto Eduardo se candidataram a empregos de verão. Mark não havia achado nada que o tivesse entusiasmado, mas Eduardo, graças aos contatos no Phoenix e aos amigos de sua família, tinha conseguido um concorrido estágio num banco de investimentos em Nova York.

Eduardo discutiu várias vezes sobre esse estágio com o pai, e era clara a preferência dele. O thefacebook estava crescendo e era incrivelmente popular, mas ainda não estava gerando dinheiro. O estágio era um trabalho respeitável e uma oportunidade impressionante. E já que a maioria dos possíveis anunciantes para o thefacebook estava em Nova York, não fazia mais sentido pegar o estágio e trabalhar para o site durante o tempo livre?

Antes de Eduardo discutir o assunto com Mark, o próprio Mark soltou sua bomba: embora sua prioridade também fosse o thefacebook, ele passou a desenvolver um projeto paralelo chamado Wirehog com alguns amigos da computação — Adam D’Angelo, amigo do ensino médio com quem ele havia criado o Synapse, e Andrew McCollum, colega de classe do curso de ciência da computação.

O Wirehog era basicamente um filho bastardo do Napster com o thefacebook, uma espécie de programa de compartilhamento de arquivos com uma aparência de rede social. Seria um software gratuito por meio do qual as pessoas poderiam compartilhar o que quisessem — músicas, vídeos, fotos — com os amigos, através de páginas personalizadas conectadas a páginas de outros amigos de forma pessoalmente controlada pelo usuário. A ideia de Mark era, depois de terminar o Wirehog, poder transformá-lo em um aplicativo do thefacebook. Enquanto isso, ele e Dustin continuariam a atualizar o site. Eles esperavam que até o fim do verão o número de universidades usando o site tivesse saltado de trinta e poucas para mais de cem.

Era uma meta ambiciosa, especialmente se combinada com o projeto Wirehog. Mas Mark parecia mais animado do que exausto. E o fato de ele ter planejado dividir o tempo entre dois projetos facilitou a decisão de Eduardo de aceitar o estágio.

Foi preciso que Mark soltasse a segunda bomba para que Eduardo começasse a ficar realmente preocupado. Ele contara a novidade na véspera, depois de Eduardo ter aceitado o estágio e já estar procurando apartamento para alugar em Nova York.

Em algum momento, explicou Mark, com um pacote de cervejas Beck’s em seu quarto, ele se mudaria para a Califórnia para passar os próximos meses. Ele queria trabalhar com o Wirehog e o thefacebook no Vale do Silício: um lugar lendário para programadores como Mark, a terra de todos os seus heróis. Coincidentemente, Andrew McCollum tinha conseguido um emprego lá — para trabalhar na divisão de esportes da EA,² e Adam D’Angelo também

iria. Mark e seus amigos da computação já tinham até achado um lugar barato em uma rua chamada La Jennifer Way em Palo Alto, perto do campus de Stanford. Para Mark, o plano parecia perfeito. Ele levaria Dustin, montariam sua base na casa alugada e o thefacebook e o Wirehog estariam exatamente onde deveriam estar. Califórnia. Vale do Silício. O epicentro do mundo virtual.

Já se passara um dia, e Eduardo ainda não havia assimilado os efeitos da segunda bomba de Mark. Na verdade, ele não gostava nada daquilo: além de ficar muito longe de Nova York, a Califórnia lhe parecia um lugar sedutor e perigoso. Enquanto Eduardo estivesse em Nova York procurando anunciantes, engravatados como o investidor sentado algumas fileiras atrás deles iriam atrás de Mark. E ainda piores do que os engravatados seriam os caras como Sean Parker, que conheciam o ponto fraco dele. Tocar a empresa da Califórnia jamais fizera parte dos planos. Supostamente Mark e Dustin eram programadores, enquanto Eduardo era o executivo. Se eles se separassem, como Eduardo tocaria os negócios de forma que todos concordassem?

Mas Mark ignorou as preocupações de Eduardo quando ele as verbalizou. Não havia motivos para não trabalharem em duas cidades ao mesmo tempo. Mark e Dustin poderiam continuar programando enquanto Eduardo procuraria anunciantes e administraria as finanças. De qualquer modo, não havia tempo para discutir o assunto; Mark já tinha tomado sua decisão e Eduardo aceitara o estágio em Nova York. Eles só tinham que achar uma forma de fazer isso funcionar.

Eduardo detestava a ideia, mas percebeu que eram apenas alguns meses; logo depois eles retornariam às aulas e voltariam a ser assediados por grandes investidores em ridículos ternos cinzentos.

— Acho que eu vou lá falar com ele — sussurrou Eduardo enquanto desviava do sorriso de 100 watts do sujeito. — Você vem? No mínimo rola um almoço grátis. Eles sempre são bons para pagar um almoço.

Mark balançou a cabeça.

— Temos que entrevistar estagiários hoje.

Eduardo concordou, lembrando-se. Mark e Dustin decidiram levar pelo menos dois estagiários para a Califórnia se quisessem mesmo alcançar a meta das cem universidades até o fim do verão. Isso implicaria custos, claro; ninguém iria segui-los para o outro lado do país de graça. O boato que circulava no departamento de ciência da computação era de que eles pagariam algo em torno de 8 mil dólares pelo trabalho durante o verão, além de oferecerem casa e comida no apartamento da La Jennifer Way. Parecia muito — considerando que a empresa não estava faturando nada ainda —, mas Eduardo concordou em financiar mais uma vez o projeto com os próprios recursos. Em alguns dias, ele planejava abrir mais uma conta no Bank of America, dessa vez no nome da empresa. Ele conseguiu 18 mil dólares para depositar nessa conta e ia dar o talão de cheques para Mark administrar a operação na Califórnia. Como ele era o responsável pela operação, parecia a coisa certa a fazer.

— Depois que encerrar o assunto com esse mané — respondeu Eduardo —, eu apareço para ajudar vocês com os estagiários.

— Seria interessante — Mark respondeu, e Eduardo teve certeza de ver uma ponta de sorriso maligno.

Interessante poderia significar qualquer coisa no universo singular de Mark.

— E já!

Dá para imaginar a cena que Eduardo testemunhou assim que atravessou a soleira da porta da sala de aula do porão exatamente na hora da explosão; seus ouvidos doíam com os gritos, gargalhadas e aplausos e ele teve que atravessar a multidão para ver o que estava acontecendo. A multidão era formada basicamente por homens, a maioria calouros e segundanistas e todos os estudantes de ciência da computação — o que era óbvio pela palidez de suas faces e pela forma como eles pareciam completamente à vontade num laboratório de informática ultramoderno com o teto baixo. Eles ignoraram completamente Eduardo enquanto ele tentava passar pela turba até a frente, quando finalmente conseguiu ver o que estava acontecendo. O jogo ia a todo vapor e era infinitamente mais “interessante” do que ele poderia imaginar.

O centro do laboratório tinha sido esvaziado; no meio, cinco mesas tinham sido alinhadas com um laptop sobre cada uma delas — perto de uma fileira de copos cheios de Jack Daniel’s.

Cinco nerds estavam às mesas, digitando furiosamente os teclados dos computadores. Na cabeceira das mesas estava Mark, com um cronômetro na mão.

Eduardo podia ver as telas de onde estava, mas para ele era só um emaranhado de números e letras. Não havia dúvida de que os garotos nas mesas estavam percorrendo um código de computador complexo e bizantino; provavelmente bolado por Mark e Dustin para testar se eles eram bons de verdade. Quando um dos garotos chegava a um ponto em que o código fazia com que a tela piscasse, ele olhava para cima e então virava uma das doses de uísque. A multidão irrompia em aplausos mais uma vez e o garoto voltava à programação.

Eduardo se lembrou imediatamente da corrida de barco da qual ele participara em sua noite de iniciação no Phoenix. E isso aqui também era uma espécie de iniciação: ao mundo de Mark, ao Clube Final que ele havia criado em sua imaginação e com suas proezas no computador. Era uma corrida, um teste, e provavelmente a entrevista de estágio mais estranha que esses garotos iam ter em sua vida; mas se aquilo os incomodava, não dava para perceber. As expressões em seus rostos eram de puro deleite. Eles estavam hackeando enquanto se embebedavam, provando não apenas sua capacidade de programar sob pressão, mas também sua determinação de seguir Mark para onde fosse. Não só para a Califórnia, mas também para onde ele quisesse levá-los. Para eles, Mark não era só um colega de classe. Ele estava rapidamente se tornando um deus.

Depois de dez minutos de gritos, teclas marteladas e copos virados, dois dos garotos pularam de seus assentos — quase simultaneamente — e viraram as cadeiras em que estavam sentados.

— Temos nossos vencedores! Parabéns!

Naquela hora, alguém ligou um MP3 player conectado às caixas de som no canto do quarto e uma música do Dr. Dre explodiu: *California/ It’s time to party...3*

Eduardo tinha de sorrir. A multidão chegou mais perto dele, ocupando quase toda a área central, e o lugar logo virou uma zona, todo mundo se juntando a fim de parabenizar os novos estagiários. Eduardo foi empurrado para a frente e se deixou levar pela confusão, feliz apenas

em observar Mark tendo seu momento. Ele viu Mark e Dustin se juntando aos estagiários, formando uma pequena irmandade secreta ali no meio da sala. Percebeu que havia uma menina asiática muito gatinha perto de Mark: alta, chinesa, com cabelo bastante preto e um sorriso lindo. Ela estava com Mark havia umas boas semanas. Seu nome era Priscilla, e ele estava começando a achar que ela iria se tornar namorada de Mark — um conceito que parecia impensável quatro meses antes.

As coisas realmente tinham mudado para ambos. Pela primeira vez Mark parecia genuinamente feliz, no meio de um bando de programadores de computador que o idolatravam. E Eduardo também estava feliz, apesar de estar apenas olhando, totalmente deslocado.

Foi ali que ele admitiu que aquele arranjo poderia funcionar; ele poderia tocar a empresa a partir de Nova York enquanto Mark, Dustin, McCollum e os estagiários cuidavam da programação na Califórnia. Talvez eles pudessem fazer bons contatos no Vale do Silício enquanto estavam por lá, contatos de que Eduardo poderia tirar proveito para o crescimento do site. Eles eram uma equipe e ele trabalharia em equipe. Mesmo que isso significasse acompanhá-los a mais de cinco mil quilômetros de distância.

E, de qualquer maneira, em três meses eles estariam de volta às aulas — Eduardo entrando em seu último ano, Mark no segundo — e a vida voltaria ao normal. Talvez eles pudessem estar ricos quando voltassem. Ou talvez estivessem exatamente onde estavam agora, acompanhando o crescimento da empresa. Em todo caso, eles já tinham ido muito além de onde estavam quando começaram essa aventura, e Eduardo não tinha dúvidas de que o futuro seria grandioso. Ele afastou todas as preocupações, porque era isso que quem trabalha em equipe faz. Ele não precisava ser tão paranoico.

E, na verdade, ele se perguntava: o que poderia acontecer de tão errado em alguns meses?

1 Limited Liability Company (LLC), ou sociedade limitada, é uma empresa que pressupõe a divisão de seu capital social em cotas entre os sócios, que se tornam responsáveis pelo pagamento das obrigações da empresa. (*N. do T.*)

2 Electronic Arts, uma das maiores produtoras de videogame do mundo. (*N. do T.*)

3 Califórnia/ É hora de festa. Na verdade, o início da letra de "California Love", parceria de Dr. Dre com Tupac Shakur e Roger Troutman lançada em 1996, fala em "California/ Knows how to party" ["Sabe como fazer festa"]. (*N. do T.*)

— Três.

— Dois.

— Um...

Tyler sentiu seus dedos ficarem brancos contra a *flûte* de cristal de champanhe enquanto Divya e Cameron se curvavam na frente do computador. O dedo de Divya estava no ar, pairando sobre o teclado do computador; ele estava criando uma grande expectativa, tentando tornar o momento o mais solene possível. Em tese, aquele momento *era* solene: o lançamento do site em que eles vinham trabalhando desde 2002, havia quase dois anos. Rebatizado ConnectU — basicamente para que eles conseguissem superar o trauma que tinham passado nos últimos meses, mas também pelo fato de que o thefacebook tinha provado que a ideia por trás do Harvard Connection poderia funcionar em várias universidades ao mesmo tempo —, o site finalmente estava pronto para entrar no ar. Depois de tantas horas de discussão, planejamento, ansiedade, tantos dias gastos se preocupando com o design, a interface, os recursos. Era um momento espetacular.

E, ainda assim, não parecia tão espetacular nem tão dramático. Talvez porque, na prática, fosse só um garoto indiano apertando uma tecla num computador, assistido por dois gêmeos idênticos num quarto no alojamento frio e estéril do Quad.

A maior parte dos pertences de Tyler já tinha sido empacotada em caixas de papelão, que haviam sido etiquetadas e empilhadas nos cantos daquele pequeno quarto. O pai dos gêmeos estaria ali em algumas horas para ajudar os dois a fazerem a mudança, e assim eles estariam deixando Harvard de vez rumo ao mundo real. Bem, talvez não fosse o mundo real. Cameron e Tyler iriam direto para o treino: um regime ainda mais intenso do que o que eles estavam acostumados a encarar em Harvard. Para ajudá-los em sua missão, o pai deles reformara uma garagem de barcos em Connecticut. Eles contrataram um treinador e, agora que estavam formados, iriam começar a levar a sério a possibilidade de disputar os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Até lá, claro, haveria milhares e milhares de horas de treino. Ia ser difícil, doloroso e, às vezes, incrivelmente insuportável.

Mas não seria por causa do treinamento que deixariam de monitorar a carreira do ConnectU. E de atrair usuários cadastrados pelas universidades do país, essa era a esperança deles. De alguma forma, concorrendo com o thefacebook, o MySpace, o Friendster e todas as outras redes sociais que já estavam no ar, espalhando-se por aí como vírus pela web.

Tyler sabia que eles estavam começando com uma enorme desvantagem. Ele sabia tudo sobre o conceito econômico em relação à vantagem da empresa pioneira no mercado. O pai dele lecionou economia em Wharton por 12 anos depois de fundar sua consultoria, e explicara muitas vezes esse conceito para Tyler. Em alguns tipos de negócio, o mais importante não era a qualidade do produto ou mesmo a estratégia empresarial. Era ser o primeiro. Era chegar antes, e o ConnectU estava entrando tarde na brincadeira.

E era exatamente isso que era tão frustrante em relação ao que Mark Zuckerberg fizera com eles. Para Tyler, pior do que lhes roubar a ideia fora atrasá-los dois meses. Se ele tivesse dito que não iria programar o site, eles teriam encontrado outra pessoa. Eles ficariam putos, mas iriam em frente, e não o culpariam por ter estragado seu sonho. Talvez eles conseguissem lançar o site antes, e seria do ConnectU que todo universitário dos Estados Unidos estaria

falando. Seria o ConnectU que mudaria a vida social de tantas pessoas.

Era mais do que frustrante. Todo dia, Tyler, Cameron e Divya tinham que ouvir seus colegas de classe falar sem parar sobre o thefacebook. E não era só em Harvard; a porcaria estava por todos os lugares. Nos alojamentos, nos laptops em cada quarto. Nos noticiários da TV, quase toda semana. Nos jornais, às vezes todo dia de manhã.

Mark Zuckerberg. Mark Zuckerberg. Mark Zuckerberg. A porra do maldito Mark Zuckerberg.

Tudo bem, talvez Tyler estivesse ficando meio obcecado. Ele sabia que do ponto de vista de Mark, ele, Cameron e Divya eram só um pontinho na história do thefacebook. Na cabeça de Mark, ele trabalhara algumas horas para uns playboys, encheu o saco e seguiu seu rumo. Não houve contratos assinados, acordos de trabalho ou cláusulas exigindo sigilo ou exclusividade. Mark os enrolou via e-mail, claro, mas, do ponto de vista dele, o que ele poderia dever a um par de playboys que não entendia nada de programação? Quem eles achavam que eram para segurá-lo no momento em que ele voava mais alto?

Claro, Tyler havia lido a carta de Mark para o Conselho Administrativo, sua resposta via e-mail para a carta em que Cameron pedia que ele parasse e desistisse de continuar com o site. “Originalmente”, Mark escrevera para Cameron, “eu fiquei intrigado com o projeto e fui requisitado para terminar parte de Conexão do site. E eu fiz isso. Depois dessa reunião, e não antes, comecei a trabalhar no projeto do thefacebook, sem no entanto usar nenhum dos códigos ou recursos do Harvard Connection. Os únicos aspectos em comum são o fato de que os usuários poderiam fazer o upload de informações e das próprias fotos e de as informações poderem ser encontradas em uma busca”.

E ele também havia lido a irônica resposta de Mark para a universidade, quando Tyler e Cameron tentaram envolver o Conselho Administrativo:

Tento não me envolver com as iniciativas de outros alunos, uma vez que elas exigem muito tempo e não abrem espaço para que eu seja criativo e faça meu próprio trabalho. Entretanto, fiz um esforço para usar minha experiência para ajudar quem está tentando desenvolver as próprias ideias para fazer sites. Talvez tenha havido alguma confusão e entendo que eles possam ter ficado aborrecidos pelo fato de eu ter lançado um site bem-sucedido, enquanto o deles nem sequer tinha sido concluído, mas eu definitivamente não lhes prometi nada. Francamente, me sinto um tanto chocado com as ameaças que recebo dos dois após trabalhar de graça para eles, mas após negociar com vários grupos que têm dinheiro e legítimas articulações, como empresas como a Microsoft, não posso dizer que esteja surpreso.

Mas era a última linha daquela carta para o Conselho que mais enojava Tyler. Depois de destruir seu site, Mark concluía: “Eu tento relevar esses pequenos incômodos porque sempre que consigo fazer algo bem-sucedido surge todo tipo de capitalista querendo um pedaço do que é meu.”

Na cabeça de Tyler, aquilo era uma completa idiotice. Pois para Tyler, Cameron e Divya a questão nunca tinha sido dinheiro. Nunca. Tyler não ligava para dinheiro, Deus, sua família tinha muita grana.

A questão aqui era honra. Justiça. Talvez nos negócios essas coisas pudessem ser subestimadas. Talvez no mundo dos hackers essas coisas fossem secundárias em relação ao que se pode ou não fazer, a provar quanto se pode ser mais esperto que o outro cara. Mas para Tyler não havia nada mais importante que honra.

Obviamente, Mark tinha uma visão diferente do assunto. Algumas vezes, nas últimas

semanas, Tyler pensava apenas em ir ao alojamento do garoto e confrontá-lo, cara a cara. Mas ele resistia à tentação, pois sabia que isso não terminaria bem.

Na semana anterior, Cameron estava saindo de uma festa em uma das casas na margem do rio quando viu Mark no meio da rua. Quando deu um passo em direção a ele — só para conversar —, Mark virou as costas e caiu fora.

Tyler não tinha dúvida de que a situação jamais seria resolvida com uma simples conversa. Não havia mais clima para isso. A única opção era seguir em frente, do melhor jeito.

Enquanto Divya terminava sua contagem regressiva, Tyler apagou os pensamentos mais rancorosos, concentrando-se no irmão e no amigo em frente ao computador. Aquele momento não tinha nada a ver com Mark Zuckerberg ou o thefacebook. Era a hora do ConnectU, e se tudo desse certo eles estariam virando uma nova página em suas vidas.

— E aqui vamos nós! — continuou Divya, aumentando o volume da voz. — Decolar!

Seu dedo desceu sobre o teclado, a tela piscou — e já era. O ConnectU estava no ar. No hiperespaço, se Deus quisesse, as pessoas começariam a notá-lo. Se tudo desse certo, universitários se cadastrariam e o site não pararia de crescer.

Tyler ergueu a taça enquanto Divya e Cameron brindavam com as suas. Depois deu um longo gole, sentindo as bolhas em sua garganta. E, apesar do clima festivo, ele não conseguia deixar de notar que o gosto em sua boca ainda era excessivamente amargo.

Ele sabia, no fundo, que aquele sabor desagradável não tinha nenhuma relação com o champanhe.

No fundo, aquele era um problema de física. Força *versus* uma força equivalente no sentido contrário. Um objeto em movimento tende a seguir em movimento, não importa quão estranho, involuntário ou simplesmente desagradável esse movimento possa ser. Força é igual a massa vezes velocidade — e não havia como evitar a questão física; com 70 quilos e pingando de suor, Sean Parker não tinha como impedir que a gigantesca cômoda de mogno escorregasse pelos degraus da varanda da frente do pequeno bangalô, e por isso nem sequer tentou.

Em vez disso, ele apenas ficou vendo o maldito móvel tombar de lado, aterrissando com um baque seco sobre um tufo de grama perto da entrada. Ele esperou alguns segundos, aguçando os ouvidos, mas não ouviu nenhuma reclamação vinda de dentro da casa, o que foi um bom sinal. Obviamente sua namorada não tinha ouvido o baque, o que significava que agora ele podia colocar a monstruosa e levemente danificada peça de mobília na traseira de sua bmw estacionada a alguns metros da entrada da casa. A namorada nunca ficaria sabendo.

Ele dobrou um joelho, pôs as mãos sob a madeira pesada e fez uma tentativa para levantar a peça com bastante força. Seus caríssimos sapatos italianos afundaram na grama enquanto sua face corava com o esforço. Seus pulmões começaram a se fechar e ele tossiu, desistindo rapidamente. Pensou por alguns instantes se algumas aspiradas em sua bombinha de asma poderiam tornar essa tarefa menos árdua. Provavelmente não, concluiu. Era bastante possível que não conseguisse e tivesse que pedir ajuda à namorada. Não era a opção mais honrosa, mas passara a maior parte do último semestre de seu último ano em Stanford no apartamento dela; então, agora que ela estava voltando para casa, seria um bom momento para compartilhar essa intimidade, mesmo que consistisse em carregar uma escrivaninha de 50 quilos por um pequeno trecho do jardim da frente...

— Sean Parker?

A voz veio do nada e interrompeu os pensamentos de Sean em relação ao móvel. Ele olhou para cima quando percebeu que a voz vinha de trás, da tranquila rua onde vivia a família de sua namorada em Palo Alto. Ele se virou e apertou os olhos para tentar ver algo quando a luz do sol incidiu sobre seu rosto.

Quando seus olhos ajustaram o foco, ele viu quatro caras vindo em sua direção. Engraçado ver gente jovem nessa área: o ambiente sonolento não era propriamente a parte mais descolada daquele bairro residencial, que consistia em várias casinhas no estilo bangalô, com piscinas e gramados bem-aparados, talvez com uma ou outra palmeira solitária; e Sean cogitou que a idade média dos habitantes do local fosse pelo menos 30 anos a mais que a desses moleques. Universitários, ele percebeu, pela forma como estavam vestidos: moletons, jeans e um deles usava um casaco com capuz.

Sean não reconheceu nenhum dos garotos a princípio, mas quando se aproximaram, logo percebeu que conhecia um deles.

— Que coincidência bizarra! — murmurou ele ao perceber quem era.

Mark Zuckerberg parecia tão surpreso quanto ele, apesar de ser difícil interpretar o rosto do garoto. Mark rapidamente apresentou seus companheiros de quarto e explicou que eles tinham acabado de se mudar para uma casa na vizinhança — na verdade, Mark apontou para a casa, a quase um quarteirão de distância da casa da família da namorada de Sean. Mark e seus colegas literalmente trombaram com Sean por acidente, apesar de ele nunca ter realmente

acreditado em acidentes dessa natureza. Destino, sorte: chame do que quiser, mas toda a vida dele às vezes parecia uma sequência de eventos fortuitos.

Ele se esforçou tanto para localizar Mark Zuckerberg em Nova York, e agora, na Califórnia, o geniozinho tinha caído bem no seu colo. Para ser sincero, ele e Mark já haviam combinado de se encontrar nos e-mails que trocaram depois daquele jantar no 66; na verdade, algumas semanas antes, eles achavam que iam conseguir se reunir num evento high-tech que aconteceu em Las Vegas, mas os planos não deram certo. Mas isso era melhor. *Bem melhor.*

Enquanto isso Sean explicava sua situação: que a namorada concluíra o semestre e ele estava ajudando-a se mudar para a casa dos pais, mas que em alguns dias não teria onde ficar. Ele percebeu o brilho nos olhos de Mark. Afinal, Mark se mudara para o Vale do Silício por acreditar que lá era o lugar ideal para se montar uma empresa de internet. O que então poderia ser melhor do que ter como consultor, morando na mesma casa que ele, alguém que já havia lançado duas das empresas mais badaladas da cidade? Mark não havia feito uma proposta formal, mas Sean percebia que a possibilidade estava ali, se fosse algo que o interessasse, e ele sabia que seria.

Ele quis se associar ao thefacebook tão logo viu o site; se tudo desse certo, ele estaria dividindo teto com o cara que o criara.

Não havia oportunidade melhor do que essa.



O cara estava voando como um Peter Pan numa produção escolar bizarra, só que em vez de estar preso a um equipamento seguro de sustentação, ele vinha pendurado num cabo que ia da base da chaminé no topo da casa até o poste telefônico do outro lado da piscina. O cara estava gritando feito um louco, mas Sean sabia que ele estava mais bêbado do que com medo. Mesmo assim ele conseguiu se soltar no momento exato, ainda dando uma cambalhota no ar que o fez cair bem no meio da piscina. A água se espalhou para todos os lados, ensopando a churrasqueira e até o deque de madeira dos fundos da casa na La Jennifer Way — aquela mesma rua tranquila e residencial a alguns quilômetros do centro de Palo Alto.

Sean não poderia estar mais feliz vendo a cena; a casa era ótima e tinha o astral de uma república de estudantes, mesmo que Mark e seus amigos tivessem acabado de se mudar para o lugar. Eles compraram o cabo por 100 dólares numa casa de material de construção ali perto e eles mesmos o instalaram, com algumas avarias — até agora — na chaminé e no poste.

A casa foi alugada mobiliada, e o interior não precisava de muitas melhorias. Mark e seus amigos levaram poucas coisas com eles. Talvez uma mala ou duas, alguma roupa de cama, e só. Como os pais de Mark tinham mandado equipamentos de esgrima, havia florins e capacetes espalhados pela casa. Eles também haviam comprado lousas brancas numa Home Depot ali perto — sobre as quais se podiam ver códigos de computação escritos em cores vivas. O piso da casa estava coberto de caixas de pizza, latas de cerveja e diversas embalagens de computador. A ampla sala parecia uma mistura de alojamento estudantil com laboratório de engenharia, e a qualquer hora do dia tinha alguém pendurado em um dos computadores ou laptops espalhados, cujos fios lembravam as entranhas de uma nave alienígena abatida. A trilha sonora era uma mistura de rock tradicional e alternativo — muito

Green Day, Sean percebeu, o que parecia apropriado para um grupo de hackers com tendências anarquistas.

Sean também estava feliz com o fato de Mark ter reunido uma maravilhosa equipe de soldados-engenheiros; todos brilhantes, até os estagiários — Stephen Dawson-Haggerty e Erik Shilnick, ambos calouros de ciência da computação, com vasto conhecimento de Linux e programação de interface para usuários. Com Dustin e Andrew McCollum, Mark tinha formado uma equipe de confiança e altamente qualificada. A ética de trabalho da casa era espetacular; quase literalmente, o grupo programava dias e noites. Incluindo Mark — especialmente Mark. Quando não estavam dormindo, comendo ou se atirando na piscina depois de escorregar pelo cabo, eles estavam nos computadores. Do meio-dia às cinco da manhã, programando sem parar, adicionando usuários um por um ao thefacebook, resolvendo problemas, acrescentando aplicativos e desenvolvendo o Wirehog. Era uma equipe profissionalíssima, possivelmente a melhor que Sean tinha visto em uma *start-up*.

Quem Sean *não* viu naquela casa foi Eduardo Saverin. O que, a princípio, parecia um tanto confuso, já que em Nova York Eduardo fora apresentado como o diretor-executivo do thefacebook e várias vezes fez questão de deixar claro que ele gerenciaria todos os aspectos empresariais do site. Mas no minuto em que entrou na casa da La Jennifer Way, ficou claro para Sean que Eduardo não tinha nenhuma responsabilidade pelos progressos diários do thefacebook.

Na verdade, pelo que Mark dissera, Eduardo tinha ido para Nova York fazer uma espécie de estágio em um banco de investimentos. O que imediatamente disparou um alerta na cabeça de Sean. Tendo participado de duas grandes empresas — e tendo testemunhado inúmeros sucessos e fracassos —, ele sabia que o sucesso de uma nova empresa em grande parte se devia à energia e ambição de seus fundadores. Se você quisesse se dar bem de verdade, fazer sucesso de verdade, teria que viver e respirar seu projeto. Cada minuto de cada dia.

Esse era o caso de Mark Zuckerberg. Ele tinha o gás, a perseverança e a capacidade. Era obviamente um gênio — porém, mais do que isso, ele tinha a estranha e rara concentração necessária para fazer um projeto dar certo. Ao vê-lo programar às quatro, cinco da manhã — todos os dias —, Sean não tinha dúvidas de que Mark possuía as qualidades essenciais para a criação de uma das verdadeiras histórias de sucesso do moderno e revitalizado Vale do Silício.

Mas onde estava Eduardo Saverin? Ou, mais precisamente: Eduardo Saverin ainda fazia parte dessa equação?

Eduardo parecia um ótimo garoto. E, claro, ele estava ali desde o começo. Ele colocou mil dólares, de acordo com Mark, para pagar os primeiros servidores. E era o seu dinheiro, naquele instante, que financiava toda a operação. Isso lhe dava certo peso, claro, como qualquer investidor em uma empresa *start-up* teria. Mas era só isso?

Eduardo se via como um homem de negócios, mas o que ele queria dizer exatamente com isso? O Vale do Silício não era um lugar de negócios, era uma guerra contínua. Você precisava fazer coisas para sobreviver que não são ensinadas em aulas de administração de empresas. O próprio Sean nem sequer tinha ido para a universidade, começou com o Napster quando ainda estava no ensino médio, porra. Bill Gates nunca se formou em Harvard. Nenhuma das verdadeiras histórias de sucesso dali chegou até onde estava por conta de aulas. Elas se tornaram um sucesso por aparecerem ali — às vezes apenas com uma mochila nas

costas e um laptop na mão.

Eduardo não estava ali e, pelo que Sean podia ver, ele não estava interessado em estar ali. Por isso Sean o afastou de seus pensamentos. Ele tinha Mark e sua equipe — isso era ter o thefacebook. Com a ajuda deles, ele realmente acreditava que poderiam fazer essa companhia crescer e se tornar o projeto de um bilhão de dólares que ele procurava. O destino o colocara no lugar certo pela terceira vez — ora, ele estava dormindo em um colchão na sala, a maior parte de suas coisas estava num depósito e ele iria fazer isso dar certo.

Em primeiro lugar, ele ajudaria esses caras a entender o que significava participar de uma revolução, porque, pelo que Sean via, era exatamente isso que movia o Vale do Silício. Uma revolução constante, contínua. Sean lhes mostraria esse mundo como só ele poderia fazer.

Observando o movimento da casa, desses caras que faziam esgrima e acumulavam caixas de pizza, ficava claro que eles precisavam de algumas aulas sobre as melhores formas de viver essa vida. Afinal, eles estavam criando uma rede social de primeira classe. O mínimo que precisavam entender é o que significa ser verdadeiramente social. Sean sabia que era o cara capaz de mostrar o que era possível fazer. Ele era um popstar nessa cidade — mas não havia motivos para duvidar de que Mark Zuckerberg pudesse ofuscá-lo, mais cedo ou mais tarde. O thefacebook se tornaria foda, o que significa que Mark, com toda a sua excentricidade e os seus defeitos, iria se tornar o centro das atenções. Festas, restaurantes chiques, garotas: Sean poderia ensinar o caminho para tudo isso.

Ele lamentava que Eduardo não pudesse acompanhar a fase seguinte da empresa. Mas isso acontecia o tempo todo nesse jogo. Eduardo estivera no lugar certo, na hora certa. Mas o lugar tinha mudado e o tempo estava passando à velocidade da luz. Eduardo podia tentar aparecer, mas já estava claro que lhe faltava o essencial.

Pobre garoto, Sean pensou consigo mesmo.

O que acontece quando um raio cai na cabeça do cara que está ao seu lado? Ele o leva direto para a estratosfera?

Ou simplesmente o carboniza antes que você possa se salvar?

Chovia muito na hora em que o 757 da American Airlines começou a taxiar rumo à pista de decolagem. Eduardo havia colocado a cabeça na janela circular, mas não conseguia ver nada além da chuva. Não tinha a menor ideia do número de aviões à sua frente, mas como ele estava no aeroporto internacional John F. Kennedy, numa sexta à noite e com o tempo péssimo, era bem provável que eles fossem ficar na fila por um tempo. O que significaria que ele ia chegar a São Francisco bem depois das dez da noite, o horário previsto de chegada do avião — e ele teria a sensação de que era uma da madrugada. Ele estaria exausto quando Mark e sua turma fossem pegá-lo no aeroporto, mas sabia que não faria diferença nenhuma. Pela noite que eles haviam planejado, ele mal teria tempo para aterrissar.

A trepidação dos motores ligando à medida que o avião deslizava lentamente para a frente reverberava em seus músculos cansados e ele se recostou na estreita poltrona da janela, procurando a melhor posição. Mesmo que ainda estivesse em seus habituais terno e gravata, ele não duvidava de que dormiria durante as seis horas de viagem. Tinha trabalhado pesado no último mês em Nova York. Dias de dez horas pegando no batente, em reuniões com anunciantes, investidores em potencial, fabricantes de software, quem estivesse interessado, por quaisquer razões, no thefacebook. Fora os jantares e baladas em diferentes casas noturnas de Nova York, quase sempre com amigos do Phoenix que também passavam o verão na cidade; e, claro, o tempo gasto com Kelly, que já começava a se apresentar como sua namorada, muitas vezes com razão, apesar de ele ter começado a achar que ela era um pouco doida.

Ele não se arrependia — nem mesmo por um momento — de ter abandonado seu estágio no primeiro dia. Na verdade, minutos após ter sentado no cubículo que ele supostamente ocuparia pelas dez semanas seguintes e olhado para a pilha de avaliações de ações que deveria analisar, Eduardo percebeu que não se tornaria um homem de negócios de verdade como seu pai se negligenciasse a empresa que ele e Mark fundaram no alojamento. Assim, ele estava ansioso com o thefacebook, principalmente à noite, pensando em como as coisas estavam indo na Califórnia com Mark e o restante da equipe: o que eles estariam fazendo, quanto tinham avançado, e por que não ligavam com mais frequência.

Ele se ligou e parou de pensar nisso enquanto se esticava no assento duro e minúsculo; talvez estivesse começando a agir como a namorada maluca com a qual ele vinha pensando em terminar, talvez estivesse com um pouco de ciúme. Não era essa a principal razão de ele ter embarcado de última hora para a Califórnia, para ver com os próprios olhos que seus medos eram infundados?

Tinha certeza de que até o fim da noite voltaria a se sentir tranquilo em relação ao thefacebook. Ele e Mark e o resto se divertiriam, trabalhariam e tudo seria colocado em pratos limpos. E tudo começaria em grande estilo.

Mark falara de uma festa para a qual Sean Parker conseguira convites para eles — uma festa beneficente a que todos os empresários fódões compareceriam. Além de se divertir, teriam a oportunidade de conhecer mais investidores em capital de risco, alguns dos principais nomes do Vale do Silício e até algumas celebridades do mercado de internet. Segundo Mark, Parker já os tinha levado a algumas festas parecidas; desde que chegaram à Califórnia, havia um mês, Mark já tinha conhecido o melhor da região. Eles conseguiram

participar da cena de verão de Stanford, do mundo high-tech de São Francisco e até fizeram algumas viagens a Los Angeles para as festas badaladas de Hollywood.

Sean Parker conhecia todo mundo e todo mundo conhecia Sean. Todo mundo também estava conhecendo Mark por seu intermédio. O thefacebook estava longe de ser a nova sensação, mas aos poucos estava se tornando algo bastante comentado e parecia que todos queriam conhecer o garoto genial por trás da tão falada rede social. Eduardo terminava as conversas com Mark cada vez mais preocupado; ficava sabendo de outra façanha, das festas, dos jantares que perdera porque estava em Nova York. Pior ainda, Mark era o Mark: se era difícil entendê-lo pessoalmente, pelo telefone então ele era puro mistério. Às vezes parecia que estava conversando com um computador. Mark ouvia o que você dizia, digeriria, mas só respondia se achasse necessário. Às vezes não respondia nada.

Se ficou impressionado com o fato de Eduardo finalmente ter feito algum progresso com anunciantes — especialmente o contrato com a y2m e algumas promessas que conseguiu arrancar de alguns dos principais *players* —, ele não deixava transparecer. Justiça seja feita: Mark e sua equipe estavam virando dia e noite adicionando recursos ao site e cadastrando novas universidades. No ritmo em que estavam crescendo, até o fim de agosto alcançariam a marca de 500 mil usuários, um número espetacular. Mas com esse crescimento incrível, surgiram novos problemas.

O mais importante é que eles precisariam logo de dinheiro. A empresa ainda sobrevivía com os 18 mil dólares que Eduardo depositara no Bank of America, por meio dos cheques em branco que dera para Mark quando a conta foi aberta. O faturamento publicitário não era suficiente para suprir a demanda; 500 mil usuários exigiam servidores poderosos. E logo, logo dois estagiários não seriam suficientes para manter a empresa funcionando. Eles precisariam contratar funcionários de verdade, ter um escritório de fato, advogados etc., etc., etc.

Eduardo estava preparado para discutir todas essas coisas assim que conseguisse ficar a sós com Mark. Não era um assunto que interessaria a Parker, pois não dizia respeito às visitas, independentemente do número de festas a que ele pudesse tê-los levado.

Eduardo sentiu uma súbita vibração no bolso e olhou de lado, meio confuso. Foi quando percebeu que não havia desligado o celular. O telefone saíra da área de cobertura no táxi a caminho do aeroporto, mas parece que finalmente tinha encontrado um satélite. Pela janela, viu que ainda não tinha decolado e sacou o aparelho do bolso.

Quando viu a tela, ficou de queixo caído.

Vinte e três mensagens de texto, todas de Kelly. Que beleza.

Ela estava em Boston, ainda no alojamento, fazendo um curso de verão. Na noite anterior, ele tinha cometido a besteira de contar que iria para a Califórnia, passar alguns dias com Mark e os garotos. Ela não demorou a demonstrar sua contrariedade, vociferando ideias paranoicas de que iriam fazer farras com garotas que conheceram no thefacebook. Era ridículo, embora, verdade seja dita, eles tivessem conhecido um monte de meninas no site e, mais do que isso, estivessem se tornando bastante conhecidos, dentro e fora do campus, devido ao site. Ou pelo menos, Mark. Seu nome estava em todas as páginas.

Mas Kelly estava pirando. Eles não iriam cair na farra com garotas ao acaso, mas trabalhar no Vale do Silício. Eduardo lhe mandou um torpedo, dizendo para que se acalmasse. Ele lembrou que havia deixado um presente no armário do alojamento dela na última vez que a visitara — uma jaqueta nova, ainda na caixa de presentes da Saks. Disse para ela abrir a caixa

e que só pensava nela, e que ela não precisava se preocupar.

Em seguida, Eduardo desligou o telefone e o enfiou de volta no bolso. Com uma pressão nos motores, o avião engasgou, fazendo-o bater em seu assento. Como se ele já não tivesse motivo de sobra para se preocupar...

A última coisa de que precisava agora era de uma namorada ciumenta.



“Não tenha medo. Tudo bem, pode ter medo. Mas ele anda bem para caramba.”

Eduardo ergueu as sobancelhas enquanto seguia Mark até a saída do terminal e viu o carro estacionado perto do meio-fio; ele nem conseguia identificar qual era a marca, só que era velho e estava caindo aos pedaços. Parecia que um dos pneus era ligeiramente maior do que os outros três, devido a uma inclinação no chassi. Em outras palavras, o carro era uma bosta.

Não podia ser de outra forma, já que Mark o comprara na [Craigslist](#) havia apenas alguns dias. Ele dava partida não com chave, mas com ligação direta. O lado bom é que ninguém precisava se preocupar com a possibilidade de o carro ser roubado.

Eduardo jogou sua mochila de lona no porta-malas e escorregou para dentro do carro, no banco de trás. Dustin estava no volante e Sean Parker não estava por perto. Mark explicou que Sean já tinha ido para a festa em seu bmw série i, e ia esperá-los em uma mesa vip. Ele deixara o nome deles na entrada, de forma que não haveria problema para entrarem.

O que era bom, pois do trajeto do aeroporto até a festa daria tempo para Eduardo voltar a se acertar com Mark.

Durante toda a viagem ele falou e Mark ouviu, como era de hábito entre os dois. Ele detalhou o acordo com a y2m e o andamento das negociações com outros anunciantes em potencial. Falou um pouco sobre possíveis planos de financiamento, algumas ideias para conseguir anunciantes locais em cada um dos lugares onde o thefacebook já estava. E falou também de sua namorada maluca, que tinha deixado 12 novas mensagens durante o voo de Nova York.

Mark parecia ouvir tudo, mas suas respostas monossilábicas não davam muitas pistas para Eduardo do que ele realmente estaria pensando. Seu relatório sobre o próprio progresso, sobre o que acontecera na Califórnia no último mês, sobre Sean Parker e os estagiários e tudo era o de sempre: “Tem sido interessante.” O que não ajudava nada.

Enquanto isso, a cidade piscava à distância à medida que eles avançavam lentamente pelas ruas estreitas e congestionadas da cidade cintilante na colina. Eduardo achou que era um dos lugares mais bonitos que já tinha visto, mas também um dos mais estranhos. As casas pareciam ser construídas umas sobre as outras; as ladeiras eram tão íngremes e sinuosas — algumas de paralelepípedo, outras com cabos para bondes elétricos —, que mais pareciam montanhas; um dos lados era lindo e opulento feito um cartão-postal, no outro uma turma de sem-teto se reunia ao redor de uma lata de lixo em chamas.

Tão logo passaram por baixo da Geary e entraram no coração do distrito de Tenderloin, começaram a ver cada vez mais sem-teto e cada vez menos opulência. O clube ficava para lá de O’Farrell, no centro de uma rua de aspecto insalubre, cheia de caixas eletrônicos,

lanchonetes e casas de massagem. Enquanto eles passavam por uma entrada inclassificável, Eduardo viu uma fila enorme do lado de fora e, na porta, um sujeito gigante de terno preto com um comunicador pendurado no ouvido.

— Parece promissor — disse ele, enquanto Dustin estacionava o carro perto de uma pilha de sacos de lixo que parecia engolir a calçada. Os sem-teto que estavam por perto nem olharam para o carro quando eles chegaram. — Tem muito mais meninas do que caras nessa fila. Isso é um bom sinal.

Eles saíram do carro e se aproximaram da porta principal do night club. Como sempre, Mark ficou meio para trás, de forma que Eduardo pudesse tomar a iniciativa e fosse falar com o sujeito com o comunicador. O homem olhou para ele — reparando no terno e na gravata — e depois viu Mark e Dustin, vestidos como programadores de computador, uns passos para trás. O olhar na cara do sujeito dizia tudo. *Esses garotos acham que vão entrar aqui?* Tudo bem que estivessem em São Francisco, mas até ali era preciso manter padrões mínimos. Eduardo lhe deu seus nomes e o homem os repetiu profissionalmente para o comunicador. Depois deu de ombros, surpreso, e os deixou passar.

O lugar era escuro e estava frenético. Dois andares com teto baixo, muitas luzes estroboscópicas e uma escada fluorescente que dava a volta no bar e subia em direção à área VIP, com suas cordas de veludo e mesinhas circulares com bancos de couro. A música estava muito alta — uma mistura de rock alternativo e dance music — e as garçonetes de saias e tops curtíssimos contorciam-se pela multidão, carregando bandejas cheias de martinis coloridos e cheios de fru-frus. O lugar estava realmente lotado e só com muito malabarismo as garçonetes não derrubavam os martinis.

Eduardo e seus amigos tinham avançado poucos metros no meio da multidão, quando ouviram uma voz sobre a música, vindo da escada. Foi quando ele viu Sean Parker no meio da área VIP, acenando animado para eles.

— Aqui!

Precisaram de quase cinco minutos para alcançar a escada, onde informaram seus nomes para outro segurança com um comunicador. Então eles seguiram Sean pela área VIP e sentaram com ele em uma das mesas redondas. Ele lhes serviu uma vodka absurdamente cara.

Quando estavam sentados bebendo, Sean começou a contar uma história sobre a última vez que fora àquele lugar — com os fundadores do PayPal, depois de alguma cerimônia de premiação. Ele falava muito rápido, do jeito excêntrico e agitado que lhe era peculiar: derramando a bebida na mesa, batendo no chão com seu pequeno sapato de couro que parecia uma bota. Mas Sean era sempre assim, Eduardo sabia, seu cérebro funcionava num ritmo mais rápido do que o da maioria das outras pessoas.

Enquanto Sean falava, Eduardo não pôde deixar de notar a mesa ao lado, com as maiores gatas que ele já tinha visto. Quatro delas, para ser exato, uma para cada um. Duas loiras usando pretinhos básicos, as pernas tão longas que elas pareciam alienígenas. E duas morenas, ambas de origem étnica imprecisa, uma explodindo dentro de um bustiê de couro enquanto a outra usava um vestido de verão tão fino que poderia se passar por lingerie.

Demorou um tempo para Eduardo perceber que havia reconhecido aquelas garotas, e elas eram, literalmente, as garotas mais gatas que ele já tinha visto, porque eram modelos da Victoria's Secret, do próprio catálogo. E então ele viu algo que o deixou ainda mais impressionado: enquanto Sean tagarelava sobre Deus sabe o quê, uma das garotas se inclinou

no espaço entre as duas mesas e começou a conversar com Mark.

Eduardo não conseguia acreditar. A garota estava inclinada tão para a frente que seus seios fartos mal cabiam no bustiê. Sua pele era bronzeada a ponto de brilhar e seus ombros nus cintilavam sob as luzes estroboscópicas. Ela era perfeita. *E estava conversando com Mark.*

Ele não tinha a menor ideia de qual seria o assunto daquela conversa. Ou como tinha começado. Mas a garota parecia estar realmente se divertindo. Mark, por sua vez, parecia um animal aterrorizado pelos faróis de um caminhão vindo em sua direção. E que faróis maravilhosos eram aqueles. Ele mal respondia, sequer falava, mas ela parecia não se importar. Ela estava sorrindo e chegou mais perto, encostando-se à perna de Mark.

Eduardo engasgou. Parker continuava falando sem parar do lado dele. Agora o empresário estava contando de novo a história de sua batalha contra a Sequoia Capital — como ele acreditava que aquele galês maluco que o havia forçado a sair da Plaxo tinha contratado um detetive para constrangê-lo até a sua permanência na empresa se tornar insustentável. Ninguém sabia se aquilo era verdade ou não, o que importava era que a história era bem cabeluda. Sean jurava que um dia ia se vingar, de algum jeito. E então começou a falar sobre o thefacebook, como era incrível e como ele achava que o projeto ia arrebentar a boca do balão. E ele realmente parecia acreditar naquilo. Na verdade, a única coisa que o incomodava no site era o *the* no nome. Era desnecessário. Ele odiava coisas desnecessárias.

E ele falava, falava, falava e falava enquanto Eduardo ouvia e continuava observando Mark e a garota.

E quando ele percebeu, Mark se levantou de repente e foi conduzido pela garota da Victoria's Secret. Ela o tirou da área VIP e o fez descer as escadas fluorescentes. E Mark tinha ido embora.

A cabeça de Eduardo estava girando. Ele tinha visto o que acabara de ver? Mark realmente tinha ido embora daquele lugar? Ele não estava namorando aquela asiática em Harvard?

Putá merda. Eduardo tinha quase certeza de que tinha visto Mark Zuckerberg levar uma modelo da Victoria's Secret para casa.

Para Eduardo, era um sinal claro de que Parker tinha razão: o thefacebook ia arrebentar a boca do balão.



Quatro dias depois, Eduardo estava de volta àquela mesma poltrona na janela do mesmo maldito 757 da American Airlines, a cabeça enfiada na janela redonda à sua direita. Dessa vez não tinha chuva, mas o tempo continuava pesado, fechado e ruim, só que dessa vez na cabeça de Eduardo, atrás de seus olhos, moendo seus pensamentos como um liquidificador a toda.

Tudo doía. Seu corpo doía quase tanto quanto sua cabeça — e ele não tinha mais ninguém a quem culpar a não ser a si mesmo. Os últimos dias haviam sido um redemoinho de negócios, definição de estratégias — e bebedeira. Muita, muita bebida. Começando naquela maldita festa, que terminara bem depois das quatro horas, depois de o clube ter fechado. Eduardo não

viu Mark até o dia seguinte e Mark tinha sido bem evasivo em relação à modelo da Victoria's Secret. Mas Eduardo tinha certeza de que algo acontecera. Quanto mais ele pressionava, mais Mark se esquivava — para ele, um sinal claro de que estava escondendo algo. Eduardo ficara impressionado. Parecia que o mundo tinha virado de cabeça para baixo e agora eles estavam no País das Maravilhas.

As coisas só fizeram piorar a partir daí. Sean armou vários jantares, reuniões e coquetéis durante a temporada de Eduardo, com grandes investidores, representantes de software, quem tivesse bala na agulha e parecesse interessado no thefacebook. E tinha muita gente interessada. Na verdade, eles vinham sendo acintosamente cortejados pelos principais nomes da cidade. Algo certamente havia mudado e agora surgiam várias propostas de verdade, números que chegavam a vários milhões sussurrados em seus ouvidos.

E todos aqueles jantares e bebidas eram mais do que exagerados. Eles foram aos melhores e mais caros restaurantes de São Francisco; frequentemente os interessados lhes enviavam limusines para as festas ou os pegavam em reluzentes utilitários esportivos. Certa manhã, Mark não conseguiu fazer seu carro da Craigslist pegar e todos se atrasaram para uma reunião num café da manhã, o que terminou com o investidor com quem iam se encontrar oferecendo-se para comprar uma suv para eles. Eduardo sabia que o cara falava sério. No encontro seguinte ele realmente esperava ver Mark com um carro novo.

Mas a coisa mais estranha aconteceu na noite anterior à volta de Eduardo para Nova York. Ele e Mark foram convidados para o iate de um dos fundadores da Sun Microsystems. O sujeito era um apreciador de comidas exóticas, conhecido por gostar de pratos bizarros. Depois de passarem algumas horas falando de negócios, um dos funcionários da embarcação trouxe uma bandeja de prata, com um pedaço de carne de aparência fibrosa. Eduardo teve medo de perguntar, mas o homem ofereceu a informação voluntariamente, no ato. Era carne de coala, que não era apenas exótica, mas, ele acreditava, ilegal. Ainda assim, seria deselegante recusar o prato.

Sentado no avião, esperando os motores serem ligados, Eduardo ainda não conseguia acreditar. Ele comeria coala num iate. Ele enchera a cara em alguns dos lugares mais caros do norte da Califórnia. E lhe cochicharam números que fariam dele e Mark homens ricos, muito ricos.

Fossem quais fossem os números, no entanto, Eduardo sabia que eles não venderiam o thefacebook. Para ele, ainda era cedo. Ele sabia que o thefacebook valeria muito mais no futuro; porra, eles estavam com quase 500 mil usuários, e essa base crescia dia a dia. E daí que eles não estavam ganhando dinheiro? E daí se, na verdade, eles estivessem cada vez mais endividados, que estavam drenando rapidamente os 18 mil dólares que ele havia investido na conta de banco? Ele não iria vender. Mark não queria vender. Sean Parker — quem se importa com o que Sean Parker quer? Ele não fazia parte da direção. Ele era um consultor. Ele não estava envolvido. Ele não era ninguém.

Uma nova onda de pensamentos sombrios provocou uma careta em seu rosto. Ele foi interrompido por uma vibração conhecida e, de novo, lembrou que havia esquecido de seu telefone celular.

Ele tirou o aparelho do bolso. E viu que tinha alguém ligando — era Kelly, claro, com quem ele evitara ao máximo falar enquanto estava na Califórnia.

Pensou em colocar o telefone de volta no bolso, mas como sabia que decolaria em alguns

minutos, achou que fosse uma boa hora para falar algo.

Apertou o botão para aceitar a chamada e pôs o telefone na orelha.

Ela estava soluçando do outro lado da linha, com sirenes altas tocando no fundo. Os olhos de Eduardo se arregalaram e ele se endireitou no assento.

— Mas o que está acontecendo?

Ela falou rapidamente, entre soluços. Como não ligara para ela depois de ir para a Califórnia, ela fez o que lhe pedira e procurou o presente que ele tinha deixado no armário do alojamento. E então ela ateou fogo na porra do presente. E depois em todas as roupas dele, que estavam nas gavetas. Quase todo o seu quarto tinha sido engolido pelas chamas. Chamaram os bombeiros, que apagaram tudo com extintores. Agora eles estavam falando em levá-la presa.

Eduardo fechou os olhos, balançando a cabeça. Maravilha. Era uma das grandes alegrias de se ter uma namorada maluca.

Você nunca sabe qual é a próxima que ela vai aprontar.

¹ [Craigslist](#) é um site que permite a publicação de anúncios classificados gratuitamente. (*N. do T.*)

Dois segundos.

É a diferença entre ser um campeão e ser esquecido, entre gravar seu nome numa placa, num troféu e numa parede ou ir para casa de mãos abanando, com uma simples menção honrosa e algumas lembranças.

Dois segundos.

Tyler sentiu seu corpo fraquejar quando se inclinou para a frente, exausto, as mãos calejadas soltando-se dos remos agora impotentes. O barco para oito pessoas ainda deslizava na água, quase na mesma velocidade da corrida, que tinha acabado. Mesmo se ele não tivesse visto com os próprios olhos — o bico do barco holandês passando na frente deles por míseros dois segundos —, saberia o resultado pelos gritos de empolgação vindos de ambas as margens do rio. Eram vozes holandesas cumprimentando seus amigos e conterrâneos, não vinham do pequeno contingente de americanos que tinha viajado meio mundo para ver ele e seu irmão remarem.

No fundo, Tyler sabia que só o fato de participar da Regata Real de Henley era uma honra e uma experiência que ele lembraria pelo resto da vida. A competição ocorria anualmente desde 1839 e era disputada no mais longo trecho natural de água em linha reta da Inglaterra — dois quilômetros do Tâmis, localizado na singular cidade medieval de Henley, fundada em 1526.

A própria cidade parecia ter saído de um conto de fadas. Alguns dos prédios originais ainda se mantinham de pé, e Tyler e o irmão passaram os cinco dias do evento passeando pelas ruas estreitas com as famílias que os acolhera, conhecendo pubs, igrejas e lojas — bem, para falar a verdade, mais os pubs.

Mas apesar da experiência cultural durante a semana, eles foram a Henley por uma razão: para disputar a Grand Challenge Cup contra a melhor equipe do mundo. E, apesar de seus esforços, eles não foram suficientemente bons.

Por dois míseros segundos.



Quando desceram do barco rumo à doca para a cerimônia de premiação, a maior parte do seletor público já tinha saído do *Steward's Enclosure* — uma área ampla e altamente prestigiosa que só podia ser frequentada por sócios ou seus convidados — e se afastava, à espera do início das honras feitas pelo príncipe Albert. O príncipe parecia menor pessoalmente, mas Tyler ficou bastante impressionado quando o nobre o cumprimentou e pareceu saber seu nome de cor. O simples fato de que Albert estava lá era uma sorte. Normalmente era um membro menor da realeza que conduzia a cerimônia de premiação, mas Albert tinha viajado de Mônaco numa deferência a seu avô, que fora um dos principais remadores de seu tempo — embora, ironicamente, Jack [Kelly](#) tenha sido banido das competições de Henley por seu passado como pedreiro, agora Albert compensava como o anfitrião do próprio evento.

Mas um aperto de mãos foi tudo o que Tyler e Cameron receberam do príncipe garboso; o verdadeiro troféu foi para o time holandês, que recebeu a honraria graciosamente. Era um tanto amargo ver o outro time erguendo o troféu acima de suas cabeças, mas Tyler era um bom esportista e os aplaudiu com o resto do público.

Depois, ele e Cameron deram uma volta pelo *Steward's Enclosure* — receberam credenciais da própria família que os acolhera, que eram sócios — e passaram os minutos seguintes admirando a moda, às vezes bizarra, dos aficionados pelo remo britânico; os ternos e gravatas de cores vivas, os longos vestidos esvoaçantes, os chapéus de verão — o estilo completo. Era a primeira semana de julho e o sol estava forte, mas ninguém parecia perceber o calor. Talvez fosse pelo fato daquela área exclusiva e tradicional — *Steward's Enclosure* — ter quatro bares, além de haver uma área coberta para restaurantes e uma tenda de chá.

— Não dá para ganhar todas. Bom trabalho, garotos. Foi apenas um nariz de diferença.

Tyler forçou um sorriso quando viu o patriarca da família que os acolheu nos fundos da *Steward's Enclosure*, separando-se de um grupo de amigos e mancando na direção dos dois. Ele era atarracado, tinha seus cinquenta anos e bochechas cor-de-rosa margeando um nariz arrebitado, além de olhos de um azul profundo. O afável sujeito fizera sua vida como advogado em Londres — a pouco mais de cinquenta quilômetros de distância —, mas o próprio tinha ele mesmo remado na equipe de Oxford 25 anos atrás. Ele nunca havia deixado de ir a uma Henley desde então, e hospedava competidores de todos os lugares havia quase uma década.

— Obrigado — respondeu Tyler, tentando não parecer abatido. — Foi difícil. Mas eles mereceram. Eles se empenharam mais.

E Tyler tinha convicção daquilo que disse. Provas em equipe não costumam ser tão equilibradas, e para a equipe holandesa ter chegado com dois segundos de vantagem — por mais clichê que possa soar — era uma simples questão de quem tinha desejado mais.

— Bem, minha filha tirou umas fotos lindas — disse o advogado. — Mas ela já foi para casa, infelizmente.

— Quem sabe ela pode nos enviar por e-mail — cochichou Cameron. Alguém que eles não conheciam lhes entregou uma caneca de vidro fosco cheia de cerveja morna. Era difícil se acostumar àquela tradição, mas Tyler e Cameron vinham tentando desde que haviam chegado a Henley.

— Bem, vocês estão no thefacebook?

Tyler congelou, com a caneca grudada em seus lábios. Ele não tinha certeza de que tinha ouvido o homem direito. Claro, ele escutara muita gente falando do maldito site nos últimos meses, mas nunca com sotaque britânico. Ele nunca imaginaria que ouviria falar do site em uma cidade medieval britânica às margens do rio Tâmesa.

— Como disse? Repita, por favor. — gaguejou, esperando ter ouvido errado.

— Vocês sabem, esse site. Minha filha me falou que os universitários nos Estados Unidos estão usando esse tal site. Ela acabou de passar um ano no exterior, sabem, em Amherst. E ela fica o tempo todo nesse site. Eu tenho certeza de que vocês a encontrarão lá, quando quiserem, e ela enviará as fotos.

Tyler olhou para o irmão. Ele podia ver os próprios sentimentos refletidos nos olhos de Cameron. Mesmo aqui, do outro lado do oceano, a milhares de quilômetros de Harvard, eles

estavam falando no thefacebook. Mesmo que ainda fosse acessível somente a universitários norte-americanos — mas quantas universidades? Trinta? Quarenta? Cinquenta? O site estava fazendo sucesso de uma forma que ninguém poderia ter previsto.

E enquanto isso, o ConnectU praticamente estagnara na saída.

Além do fato de o site ter muito mais recursos, e ter sido lançado em várias universidades ao mesmo tempo, ele não podia competir com a natureza viral do thefacebook. Não importava se era a tal da vantagem daquele que sai na frente ou se as pessoas gostavam mais do thefacebook — o ConnectU era insignificante no radar das redes sociais.

O thefacebook era um monstro em comparação. Um Godzilla, destruindo tudo pelo caminho.

Tyler forçou um sorriso nos lábios e afastou o thefacebook da conversa com o advogado — mas volta e meia os pensamentos eram atraídos pelo tema que vinha evitando havia quatro semanas.

Ele, Cameron e Divya tentaram superar o rancor e a frustração e tirar o melhor proveito da situação. Não tinha dado em nada. Eles lançaram o site, procuraram o público do thefacebook de várias formas diferentes, e simplesmente não conseguiam competir. Os garotos de universidade iriam entrar em sites de relacionamentos em que seus amigos já estivessem, e não em um lugar do qual eles nunca ouviram falar. O thefacebook estava esmagando todos os concorrentes.

A verdade é que eles tinham sido derrotados. Harvard havia lavado as mãos sobre a situação. Mark havia ignorado seus e-mails e suas cartas. Só lhes restava uma opção. Larry Summers praticamente a tinha soletrado para eles — e, até agora, era algo a que eles resistiam.

Tyler e Cameron sabiam um pouco sobre processos judiciais devido ao trabalho de seu pai; Wall Street estava transbordando de advogados e eles ouviram muitas histórias de conflitos em julgamentos do mundo corporativo. Eles sabiam que um processo era algo abominável, independentemente do valor da indenização. Era um ato de desespero. Era o último recurso. E não era exatamente por aquilo que eles passavam? A hora do último recurso? Vencidos por dois segundos por um garoto num computador, que não demonstrava nenhum remorso e que não havia deixado outra opção para eles.

Tyler sabia que não só o processo seria abominável; ele podia imaginar como as coisas iam sair na imprensa. Ele sempre fora consciente das coisas e podia imaginar o que as pessoas iriam dizer, ao colocá-lo com seu irmão ao lado de Mark Zuckerberg. Saco, o *Crimson* já os havia atacado em vários editoriais; em um deles, os dois foram chamados de neandertais. Depois eles descobriram que aquele texto havia sido escrito por uma garota que havia namorado um dos colegas de Tyler no Porc e passado todo o namoro importunando o coitado sobre a natureza “maligna” dos Clubes Finais. Mas era um indicativo do que eles teriam de encarar caso processassem Mark Zuckerberg.

Se isso fosse um filme da década de 1980, Tyler e Cameron certamente seriam os vilões. Eles se fantasiariam de esqueletos para assustar o Karatê Kid em algum baile escolar. Eles eram playboys de uma família rica e elegante. Mark era um nerd bicudo que hackeou o próprio caminho rumo ao estrelato. Essa situação era uma guerra de classes que não poderia ser ignorada pelos jornalistas: garotos ricos e cheios de privilégios, que acreditavam que o sistema existia para proteger seus direitos, contra um hacker que sempre quis romper as

normas. O código de honra contra o código dos hackers.

Tyler sabia como ele e seu irmão seriam retratados.

Mas se isso era o que precisava ser feito para que eles tivessem ao menos a chance de brigar por justiça, eles estavam dispostos a vestir as fantasias de esqueleto e tentar.

Mark Zuckerberg não havia deixado nenhuma outra opção para eles.

¹ Em 1920, o remador John Brandon Kelly Sr., o Jack Kelly, vencedor de seis Campeonatos Nacionais nos EUA e detentor de três medalhas de ouro em Olimpíadas, teve sua inscrição na *Henley Royal Regatta* negada devido ao fato de ter trabalhado como aprendiz de pedreiro. O regulamento da regata vetava a participação de assalariados com funções de mecânico, artesão ou operário – o que se tornou uma polêmica no Reino Unido. John B. Kelly era pai de Grace Kelly, atriz americana e depois Princesa de Mônaco, portanto avô de Albert II, Príncipe de Mônaco. Em 1937 essas restrições do regulamento da *HRR* foram suspensas e uma prova feminina, *Princess Grace Challenge Cup* foi instituída em 2003, homenageando John B. Kelly e sua filha Grace Kelly. (*N. do E.*)

Olhos fechados.

Coração batendo.

Suor escorrendo pelas costas.

Eduardo estava com raiva, isso era certo. Onde ele estava — vagando pelas ruas de Nova York confuso e amargurado ou preso no metrô, sacolejando a cinquenta quilômetros por hora, seus braços agarrados com força a uma barra de metal, seu corpo indo para frente e para trás à medida que a multidão de estranhos o espremia de todos os lados —, não dava para ter certeza. Mas onde quer que estivesse, estava com muita raiva e prestes a fazer algo que iria mudar sua vida.

Havia começado três dias antes. Na época, Eduardo estava realmente estressado; desde que voltara da Califórnia e terminara com Kelly, cortando aquele dramalhão desequilibrado pela raiz, as coisas estavam dando muito certo em Nova York e ele estava satisfeito o progresso que tinha feito com a Y2M e outros anunciantes que atraíra para o site. Então ele ligou para Mark na casa da La Jennifer Way para dar as notícias, e foi aí que as coisas começaram a degringolar.

Dizer que Mark não tinha valorizado o trabalho duro de Eduardo em Nova York era um eufemismo; para Eduardo, Mark mal o ouviu enquanto ele explicava o que tinha feito e logo começou a falar de uma festa a que Sean Parker os tinha levado na noite anterior, envolvendo um alojamento feminino de Stanford e um caminhão de Jägermeister.¹

Depois disso, a conversa voltou para o novo refrão repetido por Mark — que Eduardo devia ir para a Califórnia, porque era ali que as coisas estavam acontecendo. A programação do site, os contatos e encontros com grandes investidores em potencial e bambambãs do software — Mark basicamente disse que Eduardo estava perdendo seu tempo em Nova York e que tudo o que eles precisavam para o thefacebook podia ser encontrado ali, no Vale do Silício.

Eduardo tentou argumentar que Nova York também era um centro importante para o que uma *start-up* precisava — de dinheiro de publicidade a contatos com bancos —, mas Mark não queria saber nada daquilo. E então, para piorar as coisas, Sean Parker tomou o telefone e começou a falar sobre dois investidores em potencial que ele iria apresentar a Mark. Na verdade, disse Parker, os investidores estavam prontos para colocar dinheiro de verdade, e se Mark gostasse deles e eles de Mark, isso poderia acontecer logo.

Eduardo quase chutou o balde no telefone. Ele tratou logo de explicar a Parker que quem administrava o thefacebook era ele e que qualquer reunião desse tipo devia incluí-lo — e por que diabos Parker estava marcando esse tipo de reunião, hein? Para Eduardo, não era nem trabalho de Mark procurar investidores em potencial. Ele só precisava tocar o lado técnico da empresa. E Parker não era sócio. Ele só estava morando com Mark por um tempo. Só isso. Morando na porra da casa!

Depois daquela primeira ligação, as emoções de Eduardo começaram a oscilar entre a frustração e o puro ódio. Perdera o controle, talvez apenas por raiva ou talvez porque naquela hora ele tinha achado que era a coisa correta a ser feita. Para enquadrar Sean e lembrar a Mark que não podia agir à sua revelia.

Escreveu uma carta reiterando especificamente a sociedade dos dois; e ressaltou o

contrato que ambos assinaram quando começaram o thefacebook, de acordo com o qual Eduardo cuidaria dos negócios da empresa; acrescentou ainda que Mark estava na Califórnia supostamente para cuidar da programação do site. Mais do que isso, Eduardo fez questão de frisar que, já que ele tinha 30% da empresa, ele tinha o poder de vetar qualquer acordo com o qual não concordasse. Mark tinha de aceitar a realidade e Eduardo queria uma confirmação por escrito de que ele poderia administrar o thefacebook da maneira que considerava mais apropriada.

Quando escreveu a carta, Eduardo tinha consciência de que Mark Zuckerberg não reagiria bem, mas queria deixar tudo às claras. Claro, Sean Parker os levou para várias festas legais, talvez até o tenha ajudado a comer aquela modelo da Victoria's Secret, mas para Eduardo ele não era sócio do thefacebook. Eduardo era o diretor financeiro, ele investira o dinheiro que tornou o thefacebook possível, era ele quem estava financiando a aventura na Califórnia e mesmo que ele ainda estivesse em Nova York, era ele quem mandava.

Depois de receber a carta, Mark deixou algumas mensagens na caixa postal do celular dele: mais súplicas para Eduardo se mudar para a Califórnia, mais histórias corroborando o acerto da mudança, mais certezas de que estava tudo bem com a empresa e que não havia motivos para eles brigarem por coisas estúpidas e elementares, na sua visão bizarra de mundo. Finalmente, Eduardo ligou de volta, havia pouco tempo, e as coisas começaram a ir de mal a pior.

Mark disse que havia encontrado os dois investidores de quem Sean Parker falara para Eduardo e que eles realmente estavam interessados em fazer um investimento inicial, basicamente dar o dinheiro de que o thefacebook precisava para manter o ritmo de crescimento. Thefacebook precisava de dinheiro, uma vez que estava começando a dar prejuízo; quanto mais gente se cadastrava no site, mais eles precisavam de servidores para gerenciar o tráfego, e logo eles teriam que contratar mais pessoal para lidar com aquilo.

Mas para Eduardo aquele não era o ponto. Na sua opinião, Mark deliberadamente não entendera o espírito de sua carta e estava participando de encontros de negócios sem a sua presença. Ele não estava apenas pisando o calo de Eduardo; parecia que ele e Sean Parker estavam dispostos a cortar seus pés fora.

Talvez Mark não achasse que Eduardo estava falando sério, que a carta fosse só um jeito de desabafar. E talvez fosse isso mesmo, de alguma forma. Mas a atitude de Mark estava deixando Eduardo fora de si. Para Eduardo, eles estavam lá curtindo a vida na Califórnia às suas custas. A casa na Califórnia? Os computadores? Os servidores? Tudo era pago pela conta bancária que ele tinha aberto, pelo que lembrava. Que Eduardo tinha financiado com os próprios investimentos particulares. Eduardo estava pagando por tudo, ele achava, e Mark estava ignorando-o. Tratando-o como uma namorada ciumenta pela qual não estava mais interessado.

Talvez Eduardo estivesse exagerando, mas depois de três dias se remoendo em Nova York, era cada vez maior sua convicção de que precisava fazer algo para mostrar a Mark exatamente o que estava sentindo.

Ele tinha que mandar uma mensagem, e essa Mark não poderia ignorar.

Dá para imaginar o que aconteceu depois: Eduardo entrando pela porta giratória de uma agência do Bank of America no centro da cidade, em seu rosto a máscara da pura determinação, sua camisa social ensopada de suor tanto da viagem no metrô quanto dos vinte minutos preso no trânsito dentro de um táxi.

Ele passa pelos caixas eletrônicos em um dos lados da ampla área retangular na frente do banco e vai direto para um dos cubículos dos gerentes da agência. Na hora em que o bancário careca de meia-idade gesticula para que ele se sente e pergunta como pode ajudá-lo, Eduardo está com o talão de cheques na mão. Ele jogou o talão de cheque na mesa do funcionário e lançou seu olhar mais adulto e sério.

— Quero bloquear essa conta. E cancelar todos os cheques e linhas de crédito relacionados a ela — disse.

Quando o homem começou o processo, Eduardo com certeza sentiu uma explosão de adrenalina atravessando seu corpo. Ele sabe que está atravessando uma fronteira, mas isso será uma mensagem de verdade para Mark, para que ele saiba o quanto Eduardo estava falando sério. Eduardo só podia tomar essa atitude por culpa do próprio Mark: quando abriu a primeira conta para o thefacebook no Bank of America, ele mandou os formulários necessários para que Mark abrisse uma conta conjunta com ele, bem como os cheques em branco que estavam financiando sua boa vida na Califórnia. Mark, sendo Mark, nunca preencheu aqueles papéis. Nem tinha posto nenhum centavo seu para abrir a empresa. Ele se sentia totalmente à vontade com o dinheiro de Eduardo. Como se Eduardo fosse um banqueiro particular. O problema é que o sócio começara a tomar decisões sem comunicá-lo, e Eduardo precisava fazer com que ele soubesse que isso simplesmente não estava certo. Eduardo precisava fazer com que Mark soubesse o que é um bom sócio. Ele não se importava com o fato de todas as páginas no site serem uma produção de Mark Zuckerberg. Mas a empresa tinha sido o resultado de um trabalho coletivo. Eduardo era o empresário, e o que ele estava fazendo naquele momento era puro negócio.

Enquanto Eduardo observava o bancário apertar as teclas necessárias em seu computador para bloquear a conta, talvez tenha se perguntado, por um breve segundo, se não estaria indo longe demais. Nesse caso, ele preferiria substituir esse pensamento por outro: a imagem de Mark e Sean cruzando a Califórnia no BMW de Parker, marcando reuniões com investidores, talvez até rindo do esforço de Eduardo para controlá-los.

Eles não iriam rir quando tentassem sacar o próximo cheque — não iam mesmo.

¹ Jägermeister é um digestivo alcoólico alemão a base de ervas. Usualmente tem sido misturado com Redbull para fazer um drink conhecido como Jager Bomb. (*N. do E.*)

Dessa vez, a revolução não começaria com uma explosão.

Em vez disso, Sean Parker percebeu, começaria com o zumbido de um elevador moderníssimo, subindo a toda pela espinha de um sólido arranha-céu em São Francisco — e os acordes insuportavelmente suaves de uma canção dos Beatles brutalmente mutilada, pulsando nas caixas de som escondidas acima das luzes fluorescentes que iluminavam aquele elevador quadrangular e acarpetado.

Sean tinha de admitir, havia algo estranhamente poético nesse ambiente: era o possível começo do próximo grande abalo sísmico digital-social, e a única coisa que registrava a passagem do tempo rumo àquele evento épico era o ritmo enfadonho de uma música ambiente enlatada.

Ele conteve a vontade de rir ao lado de Mark no centro do elevador vazio, olhando os pequenos números piscarem à medida que subia no arranha-céu. Naquele momento, eles estavam em algum lugar entre o nono e o décimo andar do edifício de 52 andares, avançando a uma velocidade incrível. Sean sentiu uma pressão nos ouvidos com a mudança na altitude — o que foi uma coisa boa, pois por um milésimo de segundo impediu-o de ouvir a música ambiente e lhe permitiu organizar seu raciocínio, ou, ao menos, lhe dar o máximo possível de ordem ao caos reinante em seu cérebro.

As coisas estavam acontecendo rapidamente, muito mais do que o próprio Sean esperava. Fazia apenas algumas semanas que ele se mudara para a casa do gênio excêntrico ao seu lado no elevador, e ali estavam eles, a caminho de uma reunião que poderia selar a parceria que transformaria a própria internet e lhes traria os bilhões de dólares visualizados por Sean quando viu o thefacebook naquele quarto de alojamento no campus de Stanford pela primeira vez.

Sean olhou o garoto de vinte anos de idade a seu lado. Se Mark estava nervoso, não aparentava. Ou, mais precisamente, ele não parecia mais desconfortável ou ansioso do que o normal. Seu rosto era uma máscara de indiferença, olhos grudados naqueles mesmos números ascendentes sobre as portas do elevador.

Desde que se encontraram em uma rua de Palo Alto, Sean passou a conhecer bem aquele garoto excêntrico, e começava a gostar dele de verdade. Certamente, Mark era estranho; complicado era insuficiente para identificar uma pessoa com tanta inabilidade social. Apesar dos muros que o garoto construía ao redor de si mesmo, Sean podia dizer que sua opinião inicial sobre o menino-prodígio estava longe de ser equivocada. Mark era brilhante, ambicioso e tinha um senso de humor cáustico. Na maioria das vezes, ele era uma pessoa tranquila; Sean o havia levado a inúmeras festas, mas Mark não se sentiu à vontade em nenhuma delas. Era mais feliz em frente ao seu computador, às vezes durante vinte horas seguidas. Ele ainda tinha aquela namorada da faculdade que via uma vez por semana e gostava de dirigir sem rumo quando se cansava do computador, mas no geral era uma máquina de codificar. Ele vivia, respirava e comia a empresa que tinha criado.

Sean não podia querer mais de um jovem empresário; na verdade, às vezes precisava lembrar a si mesmo que o garoto a seu lado mal tinha vinte anos de idade. Seu estilo de vida ainda era um tanto imaturo, mas era extremamente focado, e Sean sabia que ele faria qualquer sacrifício para que o site continuasse crescendo. Por isso mesmo ele sabia que estavam dando

o passo certo: que a reunião para a qual estavam indo seria o catalisador do desenlace bilionário que até hoje ele não conseguira fechar, apesar de suas duas bem-sucedidas *start-ups* e de meia década navegando pelos altos e baixos de um revigorado Vale do Silício.

Era estranho, mas Sean tinha que agradecer pela precipitação de Eduardo Saverin; não fossem suas ações nas últimas semanas, talvez Mark tivesse levado um verão inteiro para chegar até ali. Mas Eduardo colocou Mark no colo de Sean do jeito mais bizarro e incomum.

Primeiro, veio aquela carta idiota. Sean achou que parecia um pedido de resgate. Poderia muito bem ter sido escrita com palavras recortadas de jornais e revistas coloridas. Ameaçador, chantagista, autoritário — o garoto estava com sérios problemas de autoafirmação. A ideia de que ele administrava uma empresa de internet em Nova York, enquanto o restante dos sócios estava construindo o site na Califórnia, era o cúmulo do absurdo. E ao tentar usar seus 30% na sociedade como se fossem um tipo de arma contra Mark, Eduardo perdera a linha.

Apesar de tudo, Mark tentou ser razoável com o amigo, e Sean sempre a seu lado com um espírito apaziguador. Não era preciso superdimensionar a carta: um pedido desesperado e infantil para ser mais ouvido no destino da empresa, o que Mark certamente poderia ter aceitado.

Mas antes que Mark e seu amigo chegassem a um acordo, Eduardo mais uma vez ultrapassou os limites: bloqueou a conta da empresa, deixando Mark e Dustin enforcados. Esse simples gesto quase feriu a empresa de morte. Conscientemente ou não, ele por pouco não destruiu tudo que Mark havia feito, pois, sem dinheiro, a empresa não podia funcionar. Se os servidores saíssem do ar por um dia que fosse, isso comprometeria a reputação do thefacebook — possivelmente de maneira irreparável. Usuários são criaturas indóceis; uma prova disso tinha sido o Friendster. Se um grupo de pessoas abandonasse o site, isso poderia ter um efeito cascata desastroso. Mesmo um êxodo em pequena escala reverberaria por toda a base de usuários, porque todos eles estavam interconectados. Os garotos da universidade estavam on-line porque seus amigos estavam on-line; e quando uma peça do dominó cai, ele derruba o jogo todo.

Talvez Eduardo realmente não tivesse entendido o que estava fazendo; talvez tivesse agido apenas por raiva, frustração, ou Deus sabe lá o quê — mas, para Sean, sua manobra infantil só contribuiu para dificultar sua permanência na empresa. E, para Sean, aquilo era um comportamento de criança, não de um homem de negócios como Eduardo achava que era. Uma criança no parquinho, gritando para os amigos: “Se vocês não fizerem as coisas do meu jeito, vou pegar meus brinquedos e voltar pra casa!” Bem, Eduardo levou seus brinquedos, e agora Mark tinha tomado uma decisão que mudaria o thefacebook de uma forma tal que Eduardo nem poderia imaginar.

Primeiro, orientado por Sean, Mark mudou a razão social para Delaware LLC, a fim de protegê-la dos caprichos de Saverin, e também para começar a reestruturação que Sean sabia ser necessária para levantar o dinheiro que a empresa precisava para seguir adiante. Ao mesmo tempo, Mark reuniu os recursos que pôde, e botou seu próprio dinheiro na empresa de modo a mantê-la viva até as coisas se ajustarem. Mark conseguiu manter os servidores funcionando com o dinheiro da sua poupança universitária, mas ele não podia ignorar a situação econômica da empresa, cada vez mais delicada.

Os servidores ou a necessidade de novos funcionários estavam longe de ser os únicos

problemas à vista. Para completar o quadro, eles receberam uma carta de um escritório de advocacia contratado pelos criadores do ConnectU — os gêmeos Winklevoss, os playboys veteranos que tinham chamado Mark para trabalhar em um site de relacionamentos no último ano letivo. A carta era o primeiro passo no começo de um processo — uma espécie de tiro de alerta no thefacebook, pelo que Sean entendia.

Mesmo antes da carta do escritório de advocacia, Sean já havia conversado longamente com Mark sobre o processo do ConnectU, além de também ter feito sua própria pesquisa sobre o assunto. Para ele, os gêmeos Winklevoss eram um aborrecimento, mas não uma ameaça real ao futuro da companhia. Uma pequena preocupação, no máximo; para Sean, suas alegações eram infundadas e exageradas. Mark fez alguns trabalhos para seu site de relacionamentos antes de ter a ideia para o thefacebook? E daí? Havia centenas de redes sociais por aí; todo nerd em cada alojamento universitário estava trabalhando em algum programa como o thefacebook; não era por isso, no entanto, que estavam expostos a um processo. E todas essas redes sociais no fundo eram bastante parecidas. O próprio argumento de Mark — de que as variações de design para uma cadeira não significam que o criador de uma cadeira a esteja roubando de alguém — parecia bom o suficiente para Sean. No máximo, estavam todos bebendo na mesma fonte: o Friendster; os gêmeos do ConnectU não tinham exatamente inventado a roda, isso era certo. Mark não tinha feito nada de errado, nada que qualquer outro empresário no Vale não tivesse feito uma dúzia de vezes antes.

Mesmo assim, se os gêmeos persistissem — e a carta de seus advogados parecia indicar que eles o fariam —, a defesa de Mark não custaria menos de 200 mil dólares. O que significava que ele precisava levantar mais dinheiro — rápido. E já que vender a empresa não era uma opção — com certeza não estava nos planos nem de Sean nem de Mark —, eles precisavam de um capital de giro que lhes permitisse sobreviver até a empresa se valorizar a um ponto tal que todos esses problemas parecessem mesquinhos e insignificantes. Sean adoraria ter esse tipo de dinheiro, mas depois de tudo o que aconteceu com o Napster e a Plaxo, não tinha a menor possibilidade de conseguir o que Mark precisava para manter o thefacebook funcionando.

Em vez disso, Sean fez o que fazia melhor: arrumou um contato — um que ele estava certo de que seria a chave no que estava para acontecer, para fazer do thefacebook o que sabia que ele poderia ser.

Acompanhando a frenética passagem dos números enquanto o elevador os levava cada vez mais perto do objetivo, Sean sabia que mais uma vez tinha feito a coisa certa. Tudo que Mark precisava fazer era impressionar na reunião, e era isso que ia acontecer.

Olhou novamente de relance para o garoto-prodígio e, mais uma vez, não conseguiu decifrá-lo. Lembrou-se de que o silêncio de Mark não significava nada. Mas o moleque ia arrasar quando chegasse a hora. Tudo que Sean precisava dele eram quinze minutos.

— Você sabia que foi aqui que filmaram *Inferno na Torre*? — perguntou Sean, tentando manter o clima leve e tranquilo no elevador. Ele achou ter visto um leve esboço de sorriso nos lábios de Mark.

— Que reconfortante... — Mark respondeu roboticamente. Sean estava certo de que ele estava sendo irônico, e se permitira aquele sorriso contra o qual vinha lutando.

Era realmente um lugar apropriado para o encontro; não por causa do filme, mas porque era um dos marcos mais impressionantes na cidade. Antiga sede do Bank of America, o

colosso do número 555 da California Street era uma maravilha da arquitetura, uma torre de granito enorme e sofisticada com milhares de janelas, que podia ser vista a quilômetros, um pináculo de 230 metros no coração do centro financeiro da cidade.

E o homem com o qual iam se encontrar — bem, ele era quase tão impressionante quanto o próprio prédio, tanto em reputação pessoal quanto em termos de conquista.

— Peter vai adorar você — respondeu Sean. — Quinze minutos, entrar e sair, é só o que precisamos fazer.

No fundo, ele não tinha dúvidas de que estava certo. Peter Thiel — a força motriz por trás do incrivelmente bem-sucedido [PayPal](#),¹ dono do fundo de investimento multibilionário Clarium Capital, ex-mestre de xadrez e um dos homens mais ricos no país — era intimidador, falava rápido e era um verdadeiro gênio, mas também era exatamente o tipo de investidor com a coragem e a visão para entender quão importante e quão inovador o thefacebook poderia ser. Porque Thiel, como Sean Parker e Mark Zuckerberg, era mais que um mero empresário: ele via a si mesmo como um revolucionário.

Formado em direito por Stanford, Thiel era um conhecido libertário. Durante a faculdade, ele fundara o *Stanford Review*, e era um defensor convicto do valor da livre circulação de informação que o thefacebook celebrava em suas redes sociais. Apesar de reservado e incrivelmente competitivo, Thiel estava sempre à procura da próxima grande novidade, e Sean sabia que ele também estava interessado em investir em redes sociais.

Sean nunca havia trabalhado diretamente com Thiel, mas foi graças a ele que Thiel se tornara um dos acionistas minoritários do Friendster, e sempre manteve o ex-diretor executivo do PayPal na agenda, para o caso de surgir outra oportunidade.

A oportunidade estava chegando, aproximando-se cada vez mais à medida que o elevador subia os andares em direção ao escritório de vidro e aço de Thiel, onde, junto com Reid Hoffman, seu colega no PayPal e também diretor-executivo e cofundador do [LinkedIn](#),² e Matt Cohler, um brilhante engenheiro e estrela em ascensão no Vale, ele estaria esperando para escutar a proposta do garoto excêntrico que estava tomando a internet de assalto.

E se Thiel gostasse do que eles tinham para falar, bem, Sean não podia pensar numa forma melhor de dizer: a revolução que era o thefacebook ia realmente começar.



Quinhentos mil dólares.

Três horas depois, o número reverberava pelo crânio de Sean enquanto ele esperava o elevador descer em silêncio quase total ao lado de Mark, acompanhando os mesmos números piscarem de trás para frente enquanto retornavam ao lobby do grande edifício de granito no número 555 da California Street.

Quinhentos mil dólares.

No plano geral, claro, não era um valor astronômico. Não era dinheiro para mudar a vida de ninguém, não era dinheiro para se construir um império, não era dinheiro suficiente para apertar o botão do “foda-se” — não era nem mesmo o tanto de dinheiro que Mark havia recusado ainda na escola, quando criou um plug-in para MP3, simplesmente porque não dava a mínima para dinheiro, fossem mil dólares emprestados por um amigo para abrir uma

empresa ou um milhão de dólares oferecidos por uma empresa ainda maior. Até onde Sean sabia, Mark ainda não se importava com dinheiro, mas já não podia ignorar o sentimento que veio com aqueles 500 mil dólares, a promessa de um futuro para a empresa que ele havia começado naquele alojamento de Harvard.

Peter Thiel agira como Sean havia previsto. Assustadoramente brilhante e disposto a apostar. Mais que isso, ele transformou o que seria uma apresentação de 15 minutos em um almoço e uma tarde discutindo os detalhes do acordo que garantiria a sobrevivência do thefacebook de uma vez por todas. Em determinado momento, Sean e Mark foram até excluídos da reunião e dispensados para dar uma volta pela cidade enquanto Thiel, Hoffman e Cohler discutiam o projeto — mas, no final da tarde, Thiel deu a boa notícia: iam investir no thefacebook.

Ou, como a empresa passaria a ser chamada dali em diante, apenas “Facebook”. Ideia de Sean, que jamais gostara do artigo *the* na frente do nome do site, e que finalmente convenceu Mark a cortá-lo na reorganização que agora era inevitável, uma etapa necessária para atrair os 500 mil dólares que salvariam seus pescoços.

Uma incubação, como Thiel a chamava. Suficiente para sustentá-los pelos próximos meses, aquela bolada vinha acompanhada da promessa de mais quando chegasse a hora, quando surgisse a necessidade. Em troca, Thiel levaria cerca de 7% da recém-formada empresa, e uma cadeira num conselho de cinco diretores que a administraria. Mark controlaria a maior parte dos assentos e, por extensão, a própria empresa. Ele também seria o acionista majoritário, mesmo em sua nova formação. Mas Thiel seria uma fonte de inspiração e orientação, levando o projeto à frente, junto com Sean e Mark. Nada poderia ser melhor que isso.

De pé naquele elevador, ouvindo a música ambiente — uma avacalhação com uma música dos Rolling Stones que deu ânsias de vômito em Sean —, aquele era um momento incrível. Ainda assim, Sean sabia que tinha muito trabalho pela frente: a reestruturação da empresa custaria muito suor.

Reestruturar era necessário, ele e Thiel concordavam. O Facebook deveria se tornar uma nova entidade, renegando sua gênese universitária e procurando um status de “Novo Testamento”. Eles iriam lançar novas ações de modo a acomodar a nova organização, incluindo Thiel e, claro, o próprio Sean, que estava trabalhando como sócio de Mark desde a mudança para a casa, Dustin e Chris.

O que levantava a questão Eduardo. Inicialmente, Mark tinha decidido — e Sean, concordado — que Eduardo continuaria a receber seus 30%. A intenção era incluir Eduardo e envolvê-lo tanto quanto ele quisesse. Mas a nova corporação teria regras diferentes — *precisava* ter regras diferentes. Simplesmente não havia como fazer o negócio funcionar sem a capacidade de lançar novas ações de acordo com as necessidades. A partir de então, as pessoas seriam remuneradas com base na quantidade de trabalho dedicada à empresa. Esse não era mais um projeto de alojamento, era uma empresa de verdade, com investidores de verdade. As pessoas deviam ser pagas como em qualquer outra empresa, de forma que se pudesse criar um valor real para o Facebook com base em suas conquistas.

O que significava que se Mark, Dustin e Sean estavam fazendo todo o trabalho para tornar a empresa um sucesso, eles receberiam mais ações. Se Eduardo estava em Nova York, correndo atrás de novos anunciantes, ele receberia ações proporcionais. Mas se não

produzisse, bem, ele não teria nada, bem como todos os outros. Se precisassem levantar mais capital no futuro, paciência, todos perderiam algum dinheiro.

Do ponto de vista de Sean, Eduardo cometera um erro imperdoável: colocara a empresa em risco no seu momento mais vulnerável. Mark parecia não guardar rancor de Eduardo — não tinha a capacidade, ou o interesse, em odiar alguém. Mas para Sean, Eduardo havia escolhido seu lado. Para Mark, Dustin e Sean, o Facebook era tudo. Era suas vidas.

De fato, Mark dissera a Thiel que provavelmente não retornaria a Harvard quando o verão terminasse: ficaria na Califórnia e continuaria a aventura. Faria as coisas aos poucos, mês a mês. Se o Facebook continuasse crescendo, ele não imaginava voltar a Harvard tão cedo. Como Bill Gates dizia: “Se a Microsoft não desse certo, sempre poderia voltar para Harvard.”

Claro, se o Facebook não desse certo, Mark sempre poderia voltar para a faculdade, mas Sean duvidava que isso acontecesse. Ele ia continuar seu verão interminável, e, muito provavelmente, Dustin ficaria na Califórnia também.

Mas e Eduardo? Bem, pelo que Sean já conhecia dele, Eduardo nunca iria abandonar a faculdade. Ele já tinha mostrado que não abandonaria tudo pelo Facebook. A vida dele não se resumia ao site. Ele tinha outros interesses. Por exemplo, em Harvard, conforme Sean ouvia falar, ele tinha o Phoenix. Em Nova York, tinha aquele estágio, mesmo que o tivesse largado na primeira semana.

Eduardo voltaria para a faculdade. Mas Mark Zuckerberg tinha encontrado seu lugar no mundo.

Sean acompanhou a contagem regressiva do elevador, a excitação interior finalmente começando a passar. Ele fez um esforço para controlar o pulso, como os bytes e bits do HD de um computador processando dados.

Ele sabia que ainda haveria obstáculos pela frente. Muito trabalho a ser feito.

Provavelmente a primeira providência de Mark seria convencer Eduardo a concordar com os detalhes legais — só para pôr as coisas em pratos limpos, do ponto de vista jurídico. Eduardo entenderia. Essa não era uma questão pessoal, mas de negócios. E Eduardo se via, antes de tudo, como um homem de negócios.

Sean e Peter eram empresários bem-sucedidos, e explicaram a Mark como as coisas funcionavam. *Start-ups* como o Facebook na verdade tinham dois pontos de partida diferentes. Havia o primeiro, com uns moleques num alojamento de universidade, hackeando computadores. E então havia o segundo: aqui, em um arranha-céu no centro de São Francisco.

Se você estivesse no alojamento, teria uma história maravilhosa e excitante para contar. Você foi parte de algo bem legal, aquele lampejo de genialidade, a chama irrompendo do nada, um raio de imaginação.

Se você estava no arranha-céu — bom, aí era outra história. Aquilo era o verdadeiro começo da Companhia com “C” maiúsculo. Esse era o negócio de verdade, a corporação — o segundo raio, aquele que realmente te leva aos céus.

E isso era algo que Eduardo deveria entender de verdade. Não se tratava mais de dois moleques em um alojamento.

E se ele não sacasse? Se não entendesse? Se não quisesse entender?

Bem, se Eduardo não entendesse — então, para Sean, ele não se importava com o Facebook da mesma forma que eles. Então ele era igual aos gêmeos Winklevoss, segurando os

tornozelos de Mark enquanto ele decolava rumo ao paraíso.

Em todo caso, Mark precisava saber que estava tomando a decisão certa para a empresa. Sean e Thiel deixaram claro: nenhum investidor iria lhes dar dinheiro se houvesse um garoto rodando por Nova York, afirmando ser o diretor-financeiro da empresa, exibindo seus 30% de status como um sabre, pronto para cortar suas cabeças.

Bloqueando suas contas bancárias.

Ameaçando-os.

Ameaçando o Facebook.

Tudo girava em torno dele — o Facebook. A empresa. A revolução. Sean sabia, isso era tudo que importava a Mark agora. Ele sabia que estava à frente de algo gigantesco. Essa *produção de Mark Zuckerberg* mudaria o mundo. Como o Napster, só que maior. Tudo no Facebook girava em torno da liberdade de informação. Uma rede social verdadeiramente digital. Colocando o mundo real na internet.

Eduardo teria que entender. Mas e se não entendesse?

Então, ele seria carta fora do baralho. Deixaria de existir.

No elevador, Sean pensou sobre a última coisa que Peter Thiel dissera a Mark logo após fechar o acordo que catapultaria a empresa. Logo depois de dizer que Mark poderia dar uma voltinha na sua Ferrari Spyder 360 quando o Facebook tivesse 3 milhões de usuários. Logo após preencher a papelada que permitiria a Mark contar com aqueles 500 mil dólares para fazer o Facebook como bem quisesse, tão grande quanto seu sonho.

Thiel inclinou-se para a frente sobre a mesa e olhou Mark bem nos olhos.

— Só não foda com tudo — disse Thiel.

Sean sorriu enquanto via os números piscando sobre as portas do elevador.

Thiel não tinha com o que se preocupar. Sean conhecia seu novo amigo. Mark Zuckerberg não ia deixar ninguém foder com o Facebook. Ele lideraria a revolução, fosse qual fosse o seu custo.

¹ O site [PayPal](#) permite transações financeiras entre pessoas do mundo inteiro. Muitos analistas apontam que o sistema que inaugurou pode ser a base para os bancos do futuro. (N. do T.)

² [LinkedIn](#) é uma rede social voltada para o compartilhamento de currículos e experiências profissionais. (N. do T.)

Se Eduardo fechasse os olhos e forçasse um pouco a imaginação, talvez pudesse achar que ainda estava na bagunça do quarto de Mark na Kirkland e visse o amigo conectando seu laptop. Até a mobília no amplo escritório central, a nova e recém-alugada “casa Facebook” em Los Altos, na Califórnia, parecia ter sido trazida de Harvard: cadeiras de madeira gasta, futons, mesas surradas e sofás que pareciam uma mistura de um quarto da Ikea com o Exército da Salvação. Do lado de fora, a varanda estava manchada com tiros de *paintball*, e havia caixas de papelão por todo canto, fazendo-os parecer mais com um bando de sem-teto do que com uma empresa *start-up* em plena atividade. Claro, havia computadores espalhados — nas mesas, no chão, nos balcões, ao lado de caixas de cereal e sacos de batatas fritas —, mas mesmo com todo o hardware, a casa tinha o astral de um alojamento de faculdade — como Mark e os outros queriam. Apesar de estarem trabalhando ininterruptamente — naquele exato minuto, Mark e Dustin estavam atrás de telas de computador, conectados, enquanto dois jovens engravatados (advogados, Eduardo os conhecia da firma contratada pela empresa para cuidar dos novos contratos de incorporação) atravessavam a porta que levava à cozinha —, eles não queriam perder o clima universitário da empresa, porque ela sempre seria, no fundo, no fundo, um experimento de faculdade que se tornara viral.

E apesar do caos um pouco coreografado, a casa de cinco quartos ainda era mais apropriada para Mark e sua gangue do que a anterior em Palo Alto. Não que a mudança tivesse sido exatamente escolha deles. Após uma série de cartas de reclamação e visitas do senhorio, eles basicamente tiveram de rescindir o contrato da La Jennifer Way por, entre outros motivos, escalar o telhado, ouvir música a todo volume, atirar os móveis do jardim na piscina e quebrar a chaminé para instalar o cabo da tirolesa. Eduardo tinha certeza absoluta de que tão cedo não receberiam o cheque do depósito.

Mas isso agora não era mais um problema, pois o Facebook tinha seu próprio capital de giro; um adiantamento de Peter Thiel, que estava pagando a casa nova, por todos esses computadores, mais servidores do que Eduardo podia imaginar que eles algum dia precisariam, além dos advogados, que recepcionaram Eduardo com sorrisos e apertos de mão quando ele entrou na casa após um longo voo e uma corrida de táxi que o trouxeram de Cambridge naquela mesma manhã.

Eduardo dormiu durante a maior parte da viagem; oito semanas do novo ano letivo — seu último — e ele já estava exausto. Embora tivesse reduzido a carga horária para poder continuar seu trabalho no Facebook, sempre havia muita coisa a fazer em Harvard: da monografia em que já estava trabalhando para o seu projeto de conclusão de curso à Associação de Investimentos da qual ainda fazia parte, e claro, o Phoenix, que mantinha seus fins de semana ocupados, especialmente desde que terminara com Kelly e ficara solteiro. E agora, que estava começando uma nova temporada de admissão de calouros, era sua vez de ajudar a colher a nova safra de reis da popularidade no campus.

Mas a prioridade, claro, era o Facebook.

Eduardo reclinou-se na cadeira, posicionada ao lado da mesa redonda que ocupava a maior parte da principal sala de reuniões da casa, e observou Mark trabalhando em seu laptop. O brilho da tela jorrava sobre suas bochechas pálidas, pequenas sequências de códigos refletindo através dos globos azulados de seus olhos. Mark mal o cumprimentara

quando ele entrou pela primeira vez na casa — na verdade, apenas um aceno e uma palavra ou duas —, mas isso não era raro, e Eduardo não conseguiu decifrar o significado daquela indiferença. Na verdade, as coisas estavam indo bem entre eles nas últimas oito semanas, desde que ele voltara para a faculdade.

As semanas turbulentas de verão agora pareciam praticamente esquecidas; Mark tinha ficado puto da vida com o cancelamento da conta bancária e continuou se reunindo com investidores até conseguir o adiantamento de Thiel, contrariando a vontade de Eduardo. Eles discutiram diversas vezes pelo telefone — brigando como só dois amigos envolvidos em algo que se tornou maior que ambos poderiam discutir —, mas chegando a uma espécie de armistício, finalmente concordando que o importante era a empresa, que ela mantivesse seu ritmo de crescimento de maneira tranquila. Eduardo exagerou com o episódio da conta bancária; e Mark tinha sido um pouco distante e egoísta ao não deixar Eduardo a par dos acontecimentos. Mas Eduardo estava tentando ser razoável e seguir adiante, pelo bem da empresa. Isto eram negócios, e eles, amigos; encontrariam uma saída digna para a situação.

Para que isso acontecesse, Mark pediu a Eduardo que se afastasse um pouco, com o objetivo de amenizar suas próprias preocupações, e também para que Eduardo pudesse se concentrar em terminar a faculdade. Ele convenceu Eduardo de que a empresa estava ficando grande demais para uma pessoa administrá-la sozinha, e o que ele estava exigindo era simplesmente impossível. Por causa do crescimento do projeto: eles já estavam chegando à casa dos 750 mil usuários, rumo ao primeiro milhão! — Mark e Dustin resolveram dar um tempo na faculdade, talvez um semestre, provavelmente não muito mais que isso — e eles também estavam planejando contratar um executivo de vendas para aumentar a produtividade e cuidar de algumas das coisas em que Eduardo estava trabalhando em Nova York. Eles também haviam acrescentado diversos recursos ao site, alguns deles maravilhosos: uma função chamada mural [wall] permitia que as pessoas se comunicassem com uma abertura até então inédita nas redes sociais. E agora havia grupos disponíveis para as pessoas se associarem e elas mesmas criarem: uma ideia sobre a qual Eduardo tinha conversado com Mark quando eles ainda estavam criando o site. O ritmo de invenção era simplesmente inacreditável, quase se igualando ao crescimento viral da base de usuários.

No fim das contas, Eduardo, mais calmo após sua explosão de raiva em julho, havia chegado à conclusão de que Mark faria as coisas à sua maneira. E agora que o verão tinha acabado e Eduardo estava de volta às aulas, talvez fosse mesmo melhor assim. O importante era que a empresa estava prosperando. Com o dinheiro de Thiel, Eduardo não estava mais arriscando seus próprios recursos; e como Thiel realmente parecia ter um bolso sem fundo, então não havia risco de que a empresa não conseguisse lidar com imprevistos.

Eduardo, por sua vez, estava realmente satisfeito de estar de volta às aulas. Uma das grandes emoções de seu último ano acontecera durante a primeira semana; ele ouvira, de amigos no Phoenix, que o presidente Summers tinha anunciado aos calouros que lera o perfil de cada um deles no Facebook. Era um conceito incrível: o presidente de Harvard estava usando o site deles para conhecer os novos alunos. Apenas dez meses antes, Mark e Eduardo eram só dois nerds desconhecidos; agora o presidente de Harvard estava citando sua criação pelo nome.

Sob essa ótica, será que toda a confusão entre ele e Mark realmente importava? Quando Mark pediu que fosse assinar alguns papéis na Califórnia — relacionados com a nova razão

social da empresa, para a reestruturação necessária à homologação da entrada de Thiel no Conselho —, Eduardo deu de ombros, imaginando que seria para o bem de todos.

Então, quando um dos advogados cruzou o escritório central e lhe entregou uma pilha de documentos, ele respirou fundo, olhou para Mark novamente e começou a ler todo o juridiquês.

À primeira vista, era tudo muito complicado. Quatro documentos ao todo, somando diversas páginas. Para começar, havia dois contratos de compra de ações que, na prática, lhe permitiam “comprar” as ações do novo “Facebook”, no lugar das “ações”, agora sem valor algum, que tinha sua antiga razão social, o thefacebook. Em segundo lugar, havia um acordo de troca, substituindo suas velhas cotas do thefacebook por novas cotas na empresa nova. E por último, havia um acordo sobre votação, que Eduardo não havia entendido inteiramente, mas parecia mais juridiquês necessário para a nova companhia funcionar.

Os advogados fizeram o melhor que podiam para esclarecer os documentos enquanto Eduardo folheava as páginas. Após a renegociação, Eduardo teria um total de 1.328.334 ações da nova empresa. De acordo com os advogados — e com Mark, que de vez em quando tirava os olhos do computador para ajudar a explicar a nova estrutura —, Eduardo no momento teria cerca de 34,4% do Facebook. O aumento em seu percentual se comparado aos originais 30% se devia a eventuais necessidades de dar participação a novos executivos e remunerar os investidores que certamente apareceriam. O percentual do próprio Mark havia caído para cerca de 51%, e Dustin agora detinha 6,81% da companhia. Sean Parker ficaria com 6,47% — mais do que merecia, para Eduardo — e Thiel, com cerca de 7%.

Anexada aos documentos, havia uma agenda de *vesting* — como tão cedo Eduardo não poderia vender suas ações, sua posse ainda era teórica — como também tinham Mark, Dustin e Sean, ele supunha. Além disso Eduardo também teve de assinar um documento abrindo mão de quaisquer alegações contra Mark e a empresa; basicamente, se Eduardo assinasse os papéis, ele estaria dizendo que esses novos documentos corroboravam sua posição no Facebook integralmente e que tudo o mais pertencia ao passado.

Sentado naquela casa que parecia um alojamento universitário, ouvindo os dedos de Dustin e Mark baterem as teclas do computador, Eduardo leu os documentos várias vezes. Parte dele sabia da importância desses papéis — eram documentos legais, assiná-los representaria um passo decisivo para a empresa —, mas ele se sentia protegido, primeiramente, porque os advogados estavam lá (advogados do Facebook, o que, na sua cabeça, significava que também eram *seus* advogados) e, mais importante, porque Mark, seu amigo, estava lá, e dizia que esses documentos eram necessários e bons. Parker estava em algum outro lugar da casa — e agora, legalmente, eles seriam parceiros para sempre —, mas ele *tinha* conseguido dinheiro de investidores, e era uma das pessoas mais inteligentes no Vale do Silício.

O importante era que Eduardo ainda teria seu percentual na empresa. Claro, haveria diminuição do valor nominal de cada ação, mas isso afetaria todos os sócios, não? Será que importava que não seria mais thefacebook — ele não estaria na mesma posição com o Facebook?

Ele relembrou algumas conversas que tivera com Mark recentemente sobre a faculdade, sobre a vida, sobre o que ele deveria estar fazendo em Cambridge enquanto Mark estava na Califórnia. Para Eduardo, havia algum ruído na comunicação dos dois. Em determinados

momentos, Mark parecia estar lhe dizendo que ele não precisava trabalhar tão duro pela empresa enquanto estivesse na faculdade, que eles iriam contratar vendedores, que ele podia se afastar, e Eduardo, por sua parte, afirmava que ainda tinha tempo para fazer o que fosse necessário pelo Facebook.

Bem, esses papéis pareciam dizer — no entendimento de Eduardo — que ele permanecia sendo muito importante na companhia, como desde sempre. As coisas poderiam mudar um pouco no caminho quando entrasse mais dinheiro e mais gente fosse contratada, mas esses papéis eram só uma reestruturação necessária.

Não eram?

De qualquer forma, Mark também contou a ele que haveria uma festa, algo muito legal, quando o site atingisse um milhão de membros. Peter Thiel daria a festa no restaurante dele em São Francisco, e Eduardo precisaria fazer outra viagem de volta, pois esse voo valeria a pena.

Ao pensar sobre a festa, Eduardo não teve como não sorrir. *Só uma reestruturação necessária, uma papelada legal que precisava ser resolvida.* Tudo iria se resolver. Um milhão de usuários. Que loucura.

Ele certamente voltaria à Califórnia para isso, pensou consigo mesmo enquanto pegava uma caneta com um dos advogados e começava a assinar os documentos. Afinal, ele agora possuía 34% do Facebook e tinha motivos para celebrar.

Não tinha?

Os olhos de Eduardo queimavam e seus ouvidos apitavam enquanto ele caminhava esbarrando na multidão de pessoas bonitas e descoladas, sua cabeça girando com a música — uma mistura pulsante de techno, rock e alternativo — e as luzes brilhantes e multicoloridas que giravam pela cúpula no teto: tons de roxo, de amarelo e alaranjados, padrões circulares rodando e se retorcendo como galáxias virando supernovas, banhando todo o restaurante num brilho verdadeiramente psicodélico.

O lugar se chamava Frisson e era naquele momento o lounge mais badalado de São Francisco. A decoração era de certa forma excessivamente moderna e dolorosamente retrô ao mesmo tempo — um ponto equidistante entre a plataforma de comando da nave estelar *Enterprise* e uma viagem de drogas psicodélicas dos anos 1960. A cabeça de Eduardo estava realmente girando no momento em que ele conseguiu atravessar a multidão compacta, em parte devido à grande quantidade de álcool que havia ingerido, mas principalmente por causa do gigantesco choque cultural na cabeça de uma pessoa que estava acabando de chegar mais uma vez do sóbrio e congelado campus de Harvard.

Ele parou a alguns metros da cabine do DJ fincada no começo da área circular onde ficavam as mesas, avaliando a multidão e o restaurante. Ele tinha de admitir que o restaurante era uma bela escolha para a festa do Milionésimo Usuário do Facebook — a festa para o qual tinha sido convidado por Mark para celebrar a milionésima conta ativada no site apenas alguns dias antes —, e fazia pouco mais de dez meses que haviam colocado o site no ar no quarto de Mark, na Kirkland. O Frisson era moderno, descolado e exclusivo, assim como o Facebook. E também era propriedade de Peter Thiel, que estava bancando a festa com recursos do próprio e profundo bolso.

Eduardo observava a juventude do norte californiano se sacudir ao som da música, quase todos vestidos com jeans, camisas de colarinho e jaquetas pretas surradas ao estilo europeu. No geral, a festa era bem Vale do Silício, bem São Francisco moderninha. E também era bem Facebook. O salão só tinha jovens universitários na mesma faixa etária. Muitos garotos de Stanford e recém-formados. Todos bebiam drinks coloridos e todos pareciam estar se divertindo. Eduardo não podia deixar de perceber o grupo de belas garotas do outro lado da cabine do DJ. Uma delas parecia sorrir para ele, e ele corou, desviando rapidamente o olhar. Sim, ele ainda era bastante tímido, apesar de todas as mudanças em sua vida.

A festa também estava indo muito bem para ele. Desde que atravessara a porta, estava contando a quem quisesse ouvir que ele era um dos fundadores do Facebook, com Mark e Dustin. Às vezes as garotas sorriam, e às vezes elas o olhavam como se ele fosse louco. Era estranho: em Harvard, todo mundo de certa forma o conhecia e sabia o que tinha feito. Aqui, estavam todos olhando para Mark — e só para Mark.

Mas tudo bem, de verdade. Eduardo não se incomodava em ficar nos bastidores aqui na Califórnia. Ele não tinha entrado nessa pela fama. Ele não se importava, de verdade, se as pessoas sabiam ou não que ele estivera naquele alojamento ou que ele possuía mais de 30% da empresa ou que ele era o principal responsável por aquele milhão de membros — depois de Mark. Ele só queria que as pessoas amassem o site, que estava se tornando um dos maiores negócios na história da internet.

Ele sorriu desleixadamente ao pensar naquilo, e então voltou seu olhar para a pista de

dança, para as mesas do lounge do outro lado do restaurante. Em direção ao fim da sala, sentados em volta de uma mesa circular, ele mal reconheceu Mark, Sean e Peter, sentados juntos, concentrados na conversa. Ele sabia que, coincidentemente, também era aniversário de Sean — quantos anos ele tinha? Vinte e cinco? Cogitou ir até eles, mas naquele momento se sentiria mais à vontade perdido na multidão, anônimo — sozinho. O choque cultural, novamente; este lugar era tão distante de Harvard Yard que ele poderia muito bem estar na *Enterprise*.

Ele piscou, deixando-se banhar pelo turbilhão de luzes.

Esse lugar, esse restaurante — era coisa demais para assimilar. Tudo parecia tão estranho, tão... rápido. Percebeu no momento em que o táxi estacionou. A Ferrari Spyder de Peter Thiel estava estacionada na calçada do lado de fora. O Infiniti de Mark — que ele se deu de presente depois de se atrasar para a reunião de negócios por causa do carro comprado na Craigslist — estava um pouco adiante. Talvez ao lado da BMW de Parker.

Eduardo ainda morava num alojamento. Ele ia a pé para as aulas, pela área agora coberta de neve, perdido nas sombras frias da Biblioteca Widener.

Tudo bem, ele estava errado — as coisas mudaram drasticamente desde o início do verão. Mas tudo bem. Foi uma escolha que ele fez. Ele era o único culpado. Ele poderia ter se mudado para a Califórnia. Ele poderia ter dado um tempo na faculdade. De qualquer jeito, ele estava no último período agora, faltavam apenas cinco meses para a formatura. Então ele poderia se dedicar ao Facebook como o restante do grupo, voltar ao ponto exato onde ele e Mark começaram.

No entanto, essa noite ele iria se divertir. Tomaria mais uma dose. Iria dar em cima da bela garota do outro lado da cabine do DJ. E, no dia seguinte, voaria de volta para Cambridge e retornaria à rotina universitária. Mark tinha o Facebook sob controle.

Ele tinha certeza de que tudo terminaria bem.



Sentado na mesa circular no lounge depois da pista de dança, Sean Parker se reclinou em uma cadeira *déco*, ouvindo Thiel e Mark falarem sobre os novos recursos que estavam planejando para o Facebook. Formas melhores de permitir que universitários se encontrassem na rede. Novas versões para o já popular mural onde os garotos compartilhavam informação. Quem sabe até um aplicativo de compartilhamento de fotos no futuro — talvez para daí a seis meses —, que superaria qualquer coisa que já tivesse sido criada. Inovação após inovação, após inovação.

Sean sorriu sozinho, tudo ia conforme o planejado. Thiel e Mark formavam uma grande dupla, tal como ele havia suspeitado.

Ele respirou fundo, observando a multidão atrás de seus sócios. Quase imediatamente, viu Eduardo Saverin conversando com uma bela garota asiática ao lado do DJ. Eduardo parecia grandalhão e desajeitado como sempre, curvando-se sobre a garota que paquerava. Ela parecia estar sorrindo, o que era bom. Eduardo estava feliz, a garota estava feliz, todos pareciam felizes.

Tudo acontecera muito tranquilamente. Eduardo tinha assinado os papéis necessários,

sacramentando os acordos de reestruturação. Thiel lhes deu o dinheiro de que precisavam para continuar voando. O Facebook havia ultrapassado um milhão de usuários, e eles estavam adicionando dezenas de milhares a cada semana. Em breve, talvez escolas do segundo grau, outros campi. E depois disso — quem sabe? Talvez o Facebook um dia fosse aberto para todo o mundo. O formato universitário, a exclusividade, já tinham feito sua magia. As pessoas *confiavam* no Facebook. As pessoas *amavam* o Facebook.

As pessoas iriam querer pagar bilhões pelo Facebook.

— Então é isso. É oficial. A primavera chegou à Nova Inglaterra.

Eduardo sorria enquanto seu amigo AJ apontava para a garota de pernas excepcionalmente bem-torneadas subindo a escada de pedra da biblioteca, seu nariz enterrado em um livro de economia, seu cabelo louro esvoaçante escorrendo ao redor dos fios de seu iPod marfim.

— É — Eduardo respondeu. — A primeira saia curta da estação. Daqui pra frente é só ladeira abaixo — comentou.

Eduardo não achava que fosse se acostumar com o prolongado inverno em Harvard; apenas uma semana atrás, o pátio estava branco com a neve, esses mesmos degraus cobertos de gelo, o ar tão cortante e frio que doía para respirar. Parecia que o mês de março tinha sido surrupiado do calendário de Harvard — era só fevereiro, fevereiro, e mais o maldito fevereiro.

Mas finalmente, finalmente, tinha parado de nevar. O ar tinha cheiro de vida, o céu estava brilhante e azul e praticamente sem nuvens, e as garotas tinham começado a rearrumar seus armários, guardando os suéteres grossos e feios e procurando as saias, as blusinhas bonitinhas, os sapatos que mostravam os dedinhos. Bem, talvez as blusinhas não fossem tão bonitinhas — era Harvard, afinal —, mas havia a pele à mostra, e isso era uma coisa maravilhosa.

Claro, tudo podia mudar num segundo; amanhã, aquelas nuvens cinzentas poderiam retornar e o pátio voltaria a ser uma paisagem lunar inóspita. Mas tudo bem, no dia seguinte Eduardo não estaria na Nova Inglaterra. Ele estaria na Califórnia mais uma vez, porque tinha sido convocado para uma reunião de diretoria.

AJ acenou e subiu os degraus de pedra, rumo a um seminário do outro lado do Harvard Yard. Eduardo o seguiria em alguns minutos, mas não estava com pressa. Eles eram veteranos, a quase dois meses da formatura. Eles podiam chegar atrasados. Saco, podiam matar todas as aulas que não faria a menor diferença. Desde que passassem nas provas que ainda restavam, eles estavam praticamente de saída de Harvard, com aqueles diplomas dourados que supostamente significam tanto no mundo real.

O mundo real. Eduardo nem tinha mais certeza do que aquela expressão significava. Certamente não era a Califórnia, onde Mark ainda estava entrincheirado, em uma casa alugada em outro bairro arborizado, construindo furiosamente o Facebook, dez mil usuários por vez. E não era o novo escritório do Facebook em Palo Alto de que Mark lhe falara, onde eles estavam dando os retoques finais antes da nova rodada de contratações — a expansão de que também falaram no outono, quando assinaram todos os documentos da reestruturação da empresa.

O mundo real não tinha nada a ver com o Facebook, porque o mundo real simplesmente não andava tão rápido.

Um milhão de usuários subitamente viraram dois milhões e já estavam a caminho de três. E o pequeno site baseado em Harvard agora estava simplesmente em tudo quanto era lugar — em quinhentos campi, em todos os jornais que Eduardo via na banca, em todos os noticiários de TV a que ele assistia entre as aulas. Todo mundo que conhecia estava no Facebook. Até seu pai tinha se conectado, usando sua conta, e tinha amado o que viu. O Facebook não era o

mundo real — era muito maior que isso. Era todo um novo universo, e Eduardo não podia deixar de se sentir orgulhoso por aquilo que ele e Mark haviam conseguido.

Mesmo que nos últimos meses praticamente não tivesse interagido com o pessoal na Califórnia, além de um ou outro telefonema, um ou outro pedido de um contato de alguém em Nova York, um ou outro nome de sua lista de possíveis anunciantes. Na verdade, Eduardo esteve tão distante de Mark nos últimos meses que até teve tempo de lançar um novo website — chamado Joboozle, uma espécie de Facebook de empregos, onde o pessoal podia procurar possíveis empregadores, compartilhar currículos, fazer contatos. Eduardo não acreditava que o Joboozle repetisse o fenômeno do Facebook, mas certamente serviu para passar o tempo enquanto esperava Mark entrar em contato.

E finalmente, Mark *entrou* em contato — um e-mail, há apenas alguns dias, pedindo que ele voltasse para a Califórnia. Algo sobre uma importante reunião de negócios, e um novo funcionário que Eduardo supostamente treinaria.

No e-mail, Mark ainda mencionava algo que deixou Eduardo um pouco preocupado. Recentemente, alguns grandes fundos de investimento haviam sondado a empresa — o Sequoia Capital, o maior no Vale do Silício, administrado pelo velho inimigo de Sean Parker, Michael Moritz; e o Accel Partners, um prestigioso fundo de Palo Alto, que atuava na área desde a última década. Mark deixara entender que o grupo aceitaria a entrada de um desses fundos. O e-mail também fazia referência ao interesse de Don Graham, diretor-executivo da Washington Post Company.

Além disso, Mark mencionara que ele, Sean Parker e Dustin estavam pensando em vender parte de suas ações se esse acordo fosse fechado — cada um ficaria com 2 milhões de dólares, segundo deu a entender no e-mail.

Eduardo estava mais do que surpreso com aquilo; primeiro, pelos papéis que tinha assinado, estava quase certo de que não podia vender ações — não pelo menos sem esperar um longo, longo tempo. Então por que Mark, Sean e Dustin podiam embolsar dois milhões? Eles não tinham assinado os mesmos papéis durante a reestruturação?

E, segundo, por que Mark estava falando em vender ações? Desde quando ele se importava com dinheiro? E por que Sean Parker podia embolsar 2 milhões de dólares apesar de oficialmente só ter se tornado sócio havia cerca de dez semanas? Eduardo estava lá desde o começo.

Aquilo certamente não parecia justo.

Talvez Eduardo não estivesse entendendo a situação direito. Talvez Mark fosse esclarecer as coisas quando eles se encontrassem na Califórnia. De qualquer maneira, Eduardo estava decidido a não se deixar levar pela emoção dessa vez, já que sua raiva não tinha ajudado em nada no verão passado. Desta vez ele seria calmo, racional e compreensivo. Era primavera, as saias estavam nas ruas e as aulas, quase acabando.

No dia seguinte, Eduardo faria a viagem de seis horas para vistoriar as obras dos novos escritórios, participar da reunião de negócios e treinar o novo funcionário, quem quer que fosse. Se tudo corresse bem, poderia ser um recomeço, um retorno à normalidade no relacionamento com Mark — assim, quando se formasse, poderia voltar ao seu velho papel de sócio-fundador ao lado de Mark. A ideia o agradava bastante — porque, de certa forma, significava uma extensão de sua vida universitária, pois, mesmo com o expressivo crescimento do Facebook, Eduardo estava certo de que, para ele, a faculdade pareceria

continuar. No Facebook, ele poderia continuar adiando o mundo real, assim como Mark estava fazendo. Talvez para sempre.

A ideia alegrou Eduardo quando começou a descer a escada da biblioteca em direção ao pátio. No dia seguinte, ele estaria novamente com Mark — e Mark explicaria tudo.

Eduardo lembraria daquele momento pelo resto de sua vida.

Ele começou a tremer enquanto, no escritório praticamente vazio, olhava os documentos que o advogado o entregara no momento que atravessou a porta. Não apenas o advogado era diferente, mas a porta era diferente; não tinha nada a ver com a casa alugada em um bairro residencial arborizado com um astral de alojamento estudantil. Agora era um escritório de verdade, na University Avenue, no centro de Palo Alto, com paredes de vidro, mesas de madeira, novos monitores de computador, carpetes, e até uma escada grafitada por um artista local contratado para a tarefa. Um escritório de verdade, e outro advogado de verdade — entre ele e Mark, que estava em algum lugar lá dentro, em um dos computadores, onde ele sempre parecia estar, em segurança sob o brilho daquela maldita tela.

Inicialmente, Eduardo achou que o cara estava brincando ao recebê-lo com mais contratos para assinar, mesmo antes de ter uma chance de vistoriar o lugar, e perguntar a Mark sobre a nova contratação, a venda de ações de 2 milhões de dólares, o e-mail. Mas quando começou a ler o juridiquês, Eduardo percebeu que não fora convidado para participar de uma reunião de negócios na Califórnia.

Era uma armadilha.

Eduardo precisou de alguns minutos para entender o que estava lendo, mas quando entendeu, seu rosto ficou lívido e sua pele ficou gelada. Então a compreensão absoluta o atingiu como um tiro, estraçalhando seu peito de dentro pra fora, destruindo uma parte de si que ele sabia que nunca mais teria de volta. Não havia hipérbole, adjetivos ou palavras, nada podia descrever o que ele sentia, até porque, lá no fundo, ele devia ter imaginado, devia saber — maldição, ele devia ter visto os sinais —, ele simplesmente não viu. Ele foi muito cego. *Burro pra caralho.*

Ele simplesmente não esperava isso de Mark, de seu amigo, do garoto que conheceu quando ambos eram dois nerds em uma fraternidade judaica *underground*, tentando se adaptar a Harvard. Eles tiveram seus problemas, e Mark podia ser bastante frio, distante, mas isso era demais.

Para Eduardo, era traição, pura e simples. Mark o tinha traído, destruído, levando tudo embora. Estava tudo ali, nos papéis em suas mãos, tão evidente quanto as letras negras como breu impressas nas páginas brancas como marfim.

Primeiro, havia um documento datado de 14 de janeiro de 2005 — uma permissão por escrito dos acionistas do thefacebook para aumentar o número de cotas que a empresa estava autorizada a emitir para até 19 milhões de ações comuns. Em seguida, havia uma segunda ação datada de 28 de março, emitindo até 20.890.000 ações. E por fim havia um documento permitindo a emissão de 3,3 milhões de ações adicionais para Mark Zuckerberg; 2 milhões de ações adicionais para Dustin Moskovitz; e mais de 2 milhões de ações adicionais para Sean Parker.

Eduardo viu os números e rapidamente fez os cálculos de cabeça. Com as novas ações, sua participação no Facebook não estava nem perto dos 34%. Se as novas ações só tivessem sido emitidas em nome de Mark, Sean e Dustin, ele já estaria com bem menos de 10% — e se todas as novas ações autorizadas fossem emitidas, não lhe restaria quase nada.

Eles estavam tirando Eduardo de sua própria empresa.

O advogado começou a falar enquanto Eduardo analisava os documentos. Eduardo se perguntou o que Mark esperava que ele fizesse. Ou talvez Mark não achasse que Eduardo fosse reagir. Talvez Mark acreditasse que Eduardo já tinha deixado a empresa havia muito tempo — ainda no outono, quando assinou os papéis que tornaram tudo isso possível. Ou talvez ainda antes disso, no verão, quando bloqueou as contas bancárias. Duas vibrações diferentes, dois pontos de vista diferentes.

O advogado se arrastava, explicando que as novas ações eram necessárias, que havia grandes investidores interessados nelas, que a assinatura de Eduardo era uma mera formalidade, que as cotas já tinham sido autorizadas de qualquer jeito, que era bom e necessário para a empresa, que era uma decisão que já havia sido tomada...

— Não.

Eduardo ouviu sua própria voz ecoar em sua cabeça, ricocheteando nas paredes de vidro, subindo as escadas grafitadas, atravessando o escritório quase vazio.

— Não!

Ele se recusou a abrir mão de sua parte no Facebook. Ele se recusou a abrir mão de sua conquista. Ele estava lá no começo. Ele estava naquele alojamento. Ele era um fundador do Facebook e ele merecia seus 30%. Ele e Mark tinham um acordo.

A resposta do advogado foi imediata.

Eduardo não era mais um sócio do Facebook. Ele não pertencia mais à direção, nem era um empregado — não tinha mais vínculo algum. Ele seria expurgado da história corporativa da empresa.

Para Mark Zuckerberg e o Facebook, Eduardo Saverin não existia mais.

Eduardo sentiu as paredes se fecharem em torno de si.

Ele precisava sair dali.

De volta a Harvard. De volta ao campus, seu lar.

Ele não podia acreditar no que estava ouvindo. Ele não podia acreditar na traição. Mas não tinha escolha, disseram-lhe. A decisão já havia sido tomada por Mark Zuckerberg, o fundador e diretor-executivo, e pelo novo presidente do Facebook.

Ocorreu-lhe uma pergunta enquanto as notícias horríveis se abatiam sobre ele.

Quem diabos era o novo presidente do Facebook?

Ele já sabia a resposta.

Sean Parker pisou a calçada, saindo de sua BMW em um rompante de pura e frenética energia. Seu cérebro estava a dez mil rotações por minuto, ainda mais rápido que o normal, porque ele estava, metaforicamente, a caminho da sobremesa mais doce de sua vida.

Ele bateu a porta do carro e deu um passo para o lado, encostando-se com os braços cruzados contra o peito. Olhou para o prédio de vidro e aço que abrigava o principal escritório da Sequoia Capital. *Deus, como ele odiava esse lugar.* Ele lembrava, não sem ironia, quão diferente ele já se sentira, como tinha vindo aqui antes, atrás de financiamento, de uma parceria, de atenção, de qualquer coisa. Como ele conseguira a atenção e terminou com um pé na bunda, expulso da própria empresa que ele mesmo havia criado, que construía com seu suor e suas lágrimas.

Como as coisas tinham mudado. Dessa vez, era a Sequoia quem implorava. Ligação após ligação, eles perseguiram os escritórios do Facebook, tentando marcar uma reunião, tentando falar com Mark ao telefone, tentando fechá-lo numa sala para uma proposta. Ora, todo mundo estava ligando agora, todos os grandes nomes. Greylock, Merritech, Bessemer, Strong, todo mundo. E não eram só grandes investidores em capital de risco. Aumentavam os rumores de que a Microsoft e o Yahoo estavam de olho. E o Friendster já havia feito uma proposta informal; dez milhões — dinheiro de merda, que os dois tranquilamente recusaram. O MySpace também estava interessado — porra, agora todo mundo queria entrar. E a Sequoia, o cara mais forte do bairro, certamente não queria ficar fora dessa.

Então Sean os enrolou por um tempo, imaginando Moritz bufando em sua toca secreta, gritando com seus peões naquele sotaque galês bizarro e abominável. Sean imaginava que agora Moritz já devia saber que ele estava por trás da resistência do Facebook em recebê-los; mas, na opinião de Sean, o megalomaniaco provavelmente pensava que eles se renderiam mais cedo ou mais tarde. E assim que eles começaram a espumar pela boca, Sean aparentemente cedeu, marcando a reunião dessa manhã.

Agora aqui estava ele, sorrindo feito um macaco maluco. Vestia-se todo de preto, como o carro, das calças apertadas DKNY ao cinto de couro de crocodilo. Batman estava nas ruas do centro de São Francisco para fazer justiça.

Ele ouviu a porta do lado do motorista bater, e se virou para ver Mark passando pela frente do carro.

— Meu Deus — murmurou Sean, e seu sorriso se transformou em uma sonora gargalhada.

Mark estava vestindo um pijama de cores vivas, com o laptop debaixo do braço. Seu cabelo estava completamente despenteado, mas seu rosto tinha uma expressão séria.

— Você tem certeza disso? — perguntou Sean.

Sean riu ainda mais alto. Ah, sim, ele estava mais certo disso que de qualquer coisa que já tivesse feito na vida.

— Está perfeito — disse Mark.

Então Sean conferiu o relógio. Realmente, perfeito.

Mark estava não apenas chegando dez minutos atrasado para uma reunião com a maior firma de investimento do Vale do Silício, como iria entrar no lugar como o filho da puta mais louco da cidade. Sean não iria à reunião — isso seria demais, até mesmo para ele —, mas Mark seria capaz de dar conta de tudo. Mark pediria desculpas, diria que dormira demais e

nem tivera tempo de se arrumar. E de imediato começaria a defender seu projeto. Quando estivesse quase terminando, ele apresentaria o PowerPoint que tinham desenvolvido especialmente para a turma da Sequoia, e a apresentação seria ainda mais cruel. E então Mark iria embora.

A Sequoia Capital nunca — *nunca* — teria a oportunidade de investir no Facebook. Sean garantiria isso. Mark entendera exatamente o que Moritz e os caras da Sequoia haviam feito com ele, botando Sean para correr da Plaxo, sufocando-o. E Thiel estava de pleno acordo, porque a Sequoia também o sacaneara na época do PayPal. A Sequoia iria aprender a grande lição dessa pequena cidade: aqui se faz, aqui se paga.

E Mark e Sean seriam indiferentes, porque agora todo mundo queria um pedaço do Facebook. Claro, eles recusaram o Friendster, mas havia um acordo esperando guardado na manga que ambos sabiam que iriam aceitar. A Accel Partners, uma das firmas de investimento mais prestigiosas da área, estava procurando-os havia semanas. Sempre que Jim Breyer, principal acionista da Accel, um dos investidores mais brilhantes no mercado, ligava, Sean pegava o telefone e berrava números ensandecidamente. Avaliação de cem milhões ou nada! Duzentos milhões ou que se explodam! Até que Breyer finalmente entendeu.

Ao mesmo tempo, Mark vinha conversando bastante com Don Graham, presidente da Washington Post Company, que havia se tornado uma espécie de amigo e mentor de Mark. Era uma dupla interessante, uma ideia interessante: um gigante da mídia junto ao gênio por trás da revolução social baseada no compartilhamento de informação. Mark estava cogitando um acordo com Graham e o *Washington Post* — o que forçou a Accel a levar o negócio mais a sério, e os ventos começavam a soprar para o lado certo.

Muito em breve, a Accel compraria uma pequena parte da empresa por cerca de 13 milhões de dólares — um investimento que elevaria o valor de mercado do Facebook para cerca de cem milhões de dólares. Após apenas 14 meses. *Cem milhões*. E isso, também, seria apenas um ponto de partida. Dentro de seis meses, Sean estava certo de que poderia triplicar aquele valor. No fim de 2005? Quem sabe onde eles poderiam estar? Se as pessoas continuassem a se cadastrar no ritmo atual, eles chegariam aos cinquenta milhões de usuários em um ano.

Sean tinha o forte pressentimento de que seu bebê de um bilhão de dólares estava para nascer.

Ele sorriu enquanto Mark passou por ele, caminhando lentamente em direção ao prédio da Sequoia. Parte dele desejava poder participar da reunião com Mark, mas já era bom o suficiente imaginar em sua mente o que aconteceria. Ele deu uma última palavra de apoio a Mark.

— Isso vai ser demais — comentou Sean.

Então Sean olhou mais uma vez para aqueles pijamas e riu alto.

Aquilo seria incrivelmente foda.

“Dez mil homens de Harvard...”

Os joelhos de Eduardo rangeram enquanto ele contorcia seu corpo grandalhão sob as pesadas dobras da túnica de poliéster preto, ao tentar encontrar uma posição confortável na pequena cadeira dobrável de madeira debaixo dele, em busca de alguma forma de acomodar sua grande estrutura naquele pequeno espaço, espremido que estava entre cadeiras similares por todos os lados. Estava insuportavelmente quente sob a beca, e não ajudava que o maldito chapéu quadrado sobre sua cabeça fosse pelo menos dois números menor do que deveria, beliscando a pele encharcada de sua testa e arrancando fios de seu cabelo pela raiz.

Ainda assim, Eduardo se viu sorrindo. Mesmo depois de tudo o que acontecera, ele estava sorrindo. Ele olhou a longa fileira de colegas de turma à direita, com seus chapéus bobos e becas pretas iguais. Então olhou sobre seus ombros e viu fileiras e fileiras de veteranos vestidos da mesma forma até metade do Harvard Yard, onde as becas pretas davam lugar aos blazers leves de verão e às calças cáqui, ao mar de famílias orgulhosas com suas câmeras e filmadoras.

“Dez mil homens de Harvard...”

Eduardo se virou para o palco, que estava uns bons dez metros à sua frente. O presidente Summers já estava atrás do pódio, cercado pelos decanos, uma enorme pilha de diplomas à sua direita. A qualquer minuto agora, o microfone no púlpito à sua frente ganharia vida, e o primeiro nome ecoaria pelo pátio, ressoando nos antigos prédios de tijolos cobertos por hera, reverberando sobre os degraus de pedra da Widener, escalando os grandes pilares gregos da biblioteca em direção ao céu azul-claro.

Já tinha sido uma longa manhã, mas Eduardo estava cheio de energia e podia dizer que seus companheiros formandos se sentiam igualmente alvoroçados, remexendo-se ansiosos nas pequenas cadeiras de madeira.

O dia tinha começado cedo, com a marcha das Casas do Rio — a longa fila de formandos desfilando com suas becas pretas pela Harvard Square a caminho do pátio. Embora estivesse quente do lado de fora, Eduardo usava terno e gravata sob a beca. Após a cerimônia, ele iria passar a maior parte da tarde com sua família. Ele não tinha muita certeza de onde eles estavam na plateia reunida atrás da área em que os formandos estavam sentados, mas sabia que estavam lá.

Na verdade, o pátio estava tomado de gente — mais gente do que Eduardo jamais tinha visto num só lugar, além de um ou outro show de rock a que tinha ido na época da escola. E eles ficariam ali o dia todo. Ainda naquela tarde, John Lithgow, o ator e formando de Harvard, discursaria. Antes disso, os formandos se reuniriam nos degraus da Widener para uma foto da turma. Eles iriam a um piquenique com suas famílias, e então se despediriam uns dos outros e da faculdade. Talvez alguns deles jogassem seus chapéus quadrados para o ar — pois tinham visto o procedimento clichê na televisão e, bem, os chapéus eram bem estúpidos de qualquer forma.

Eduardo voltou sua atenção para o palco. Ele ficou impressionado com o colorido, o flagrante contraste com o mar de preto que o cercava. O pessoal do grêmio estudantil, os professores titulares, os ex-alunos homenageados — todos estavam presentes agora, enfileirados atrás do presidente em suas becas brilhantes, quase psicodélicas. O olhar de

Eduardo correu novamente para a pilha de diplomas. Ele sabia que em algum lugar naquela montanha de papel enrolado havia um com o seu nome; uma folha de papel com palavras em latim que custara mais de 120 mil dólares aos seus pais.

De certa forma, aquele diploma custara a Eduardo muito, muito mais.

“Dez mil homens de Harvard...”

A melodia vinha de algum lugar à esquerda de Eduardo. Ele não podia acreditar que alguém realmente conhecia a letra do velho grito de guerra da universidade. Bem, parte dela pelo menos. Quem quer que fosse, estava cantarolando a maior parte da música. Eduardo *realmente* conhecia a letra, porque a aprendera em seu ano de calouro com a banda marcial, que a cantou durante o jogo entre Harvard e Yale. Ele tinha sido um eufórico “Crimson” na época, orgulhoso por ser parte dessa história, dessa universidade. Orgulhoso porque seu pai estava orgulhoso, porque todo o trabalho duro no ensino médio tinha valido a pena. A difícil travessia — aprender uma nova língua, ser aceito por uma nova cultura — o tinha levado a este lugar, este belo pátio envolto por prédios históricos. Ele tinha aprendido a canção porque esse era seu momento, tanto quanto de qualquer um que já esteve enfileirado ao lado de outros alunos nesse lugar. Ele havia merecido cada segundo daquilo.

*Ten thousand men of Harvard want vict'ry today,
For they know that o'er old Eli
Fair Harvard holds sway.
So then we'll conquer old Eli's men,
And when the game ends, we'll sing again:
Ten thousand men of Harvard gained vict'ry today!*

Ele voltou sua atenção para o palco. Summers estava quase pronto atrás do púlpito, sua cara larga e rechonchuda a centímetros do microfone. Eduardo sabia que levaria um tempo até que chegassem ao seu nome, e quando o fizessem, ele também sabia que o presidente provavelmente o pronunciaria errado. Tiraria o “O” do primeiro nome, ou enfatizaria a segunda sílaba do sobrenome. Ele estava acostumado com aquilo, não se importava. Ele marcharia até lá e pegaria aquele diploma, pois merecia. Era assim que o mundo deveria funcionar. Aquilo era justo.

Assim que o microfone ganhou vida e o primeiro nome foi lido, um flash disparou de algum lugar atrás de Eduardo, uma câmera poderosa capturando o primeiro formando a caminho do palco.

Eduardo não pôde deixar de se perguntar se aquela foto um dia seria publicada no perfil do Facebook de alguém. Ele estava certo de que, mais cedo ou mais tarde, sim.

Pela primeira vez naquele dia, seu sorriso quase desapareceu.



Duas da manhã.

Dezoito longas horas depois.

Mãos enfiadas no fundo dos bolsos de seu blazer, cabeça mergulhada em um dia de

família, temperaturas escaldantes, e um quarto de garrafa de uísque caro, Eduardo se afundou num sofá de couro no terceiro andar do Phoenix, observando um grupo de garotas loiras que ele não conhecia dançarem ao redor de uma mesa de centro com garrafas de bebida empilhadas tão alto que parecia uma metrópole de vidro, reluzindo sob a noite enluarada.

No andar de baixo, a festa estava a todo vapor. O prédio inteiro de três andares pulsava com a música que vinha da pista de dança no primeiro andar, uma mistura de hip-hop e sucessos do rádio; Eduardo podia imaginar a agitada multidão de moleques fazendo o chão de madeira estalar, inalando a fumaça da fogueira do lado de fora, levantando a poeira de duzentos anos de história enquanto balançavam e giravam com o ritmo. Ele podia imaginar todas as gatas, muitas delas mal saídas do Fuck Truck, e todos os afoitos jovens integrantes do Phoenix, buscando aquela conexão especial, aquela noite inesquecível, aquele momento congelado no tempo.

Mas no terceiro andar as coisas estavam mais tranquilas. Apesar das loiras dançando, o lugar parecia uma elegante sala VIP. E a decoração também era puro VIP: carpete carmin macio, revestimentos de madeiras de vários tons nas paredes e no teto, os sofás de couro, as mesas repletas de bebidas de marcas famosas e caras. Este salão do terceiro andar era exclusivíssimo, apenas para convidados, do tipo reservado com corda de veludo.

Desde que Eduardo havia voltado da Califórnia — desde o momento a que ele agora se referia como a traição de Mark —, ele passara bastante tempo nessa sala, sentado nesse sofá. Pensando. Contemplando. Planejando seu futuro.

A faculdade tinha acabado e agora Eduardo estava deixando a segurança do campus. Ainda não sabia ao certo para onde iria — talvez Boston, talvez Nova York. Mas sabia que não era mais uma criança. Ele não se sentia mais como uma criança.

Pelo menos, ele tinha iniciado o processo legal de reclamar seus direitos. Contratou advogados, enviou cartas, deixou claras suas intenções para Mark e o restante da equipe do Facebook: ele pretendia processá-los. Odiava a ideia de um tribunal, de depor contra seu “amigo” na frente de um juiz ou um júri. Mas sabia que não havia outra maneira. Não era mais apenas Mark e ele.

Sentado ali no sofá de couro, ele se perguntou se Mark tinha algum arrependimento diante da maneira como as coisas se passaram.

Provavelmente não, lamentou, fazendo uma careta. Mark provavelmente nem pensava que tinha feito algo de errado. Do ponto de vista de Mark, ele fizera apenas o que era necessário para os negócios.

Afinal, inicialmente o Facebook tinha sido ideia de Mark. Era *ele* quem investia dias e noites, investia trabalho. *Ele* construiu a empresa em seu alojamento. *Ele* escreveu o código, colocou o site no ar, foi para a Califórnia, trancou a faculdade, conseguiu o financiamento. Para ele, tinha sido uma produção de Mark Zuckerberg desde o primeiro dia. E todo o resto estava apenas tentando pegar a onda. Os Winklevoss. Eduardo. Talvez até Sean Parker.

Na verdade, do ponto de vista de Mark, provavelmente foi Eduardo quem agiu de maneira imprópria, que traiu sua amizade. Do ponto de vista de Mark, Eduardo tentou atingir a empresa ao bloquear a conta bancária. Do ponto de vista de Mark, Eduardo tentou dificultar o processo de alavancagem financeira da empresa para garantir seu próprio cargo de diretor financeiro. Do ponto de vista de Mark, Eduardo fez até outras coisas que poderiam ter prejudicado o Facebook, como começar um site à parte, o Joboozle, buscando a mesma base

de anunciantes em potencial com a ajuda daquilo que Mark poderia enxergar como informações privilegiadas de seu site. Mark tinha tanta razão para se ver como vítima quanto Eduardo.

Mas Eduardo não via assim. Ele acreditava, completa e integralmente, que estivera lá desde o começo. Que tinha sido fundamental para o sucesso do Facebook. Fora ele quem tinha investido o capital inicial. Tinha investido seu tempo. E ele merecia o que tinham combinado. Pura e simplesmente.

Ele e Mark concordavam em pelo menos uma coisa: não era a amizade que estava em questão. Eram negócios. Simplesmente negócios.

Eduardo iria atrás do que acreditava ter direito. Levaria Mark ao tribunal. Ele precisaria se explicar e fazer o que era correto.

Enquanto via as garotas girarem ao som da música, cabelos loiros escorrendo e se retorcendo em uma tempestade dourada sobre elas, se perguntou se Mark se lembrava de como tudo havia começado. Como eles tinham sido dois nerds tentando criar algo especial, tentando ser notados, e realmente tentando comer alguém. Ele se perguntava se Mark percebia como as coisas tinham mudado.

Ou talvez Mark nunca houvesse mudado, de verdade. Talvez Eduardo tivesse cometido um erro de avaliação. Como os gêmeos Winklevoss, Eduardo tinha projetado suas próprias ideias naquele papel em branco, desenhando os atributos que mais gostaria de ver.

Talvez ele nunca tivesse conhecido o verdadeiro Mark Zuckerberg.

Ele se perguntava se, lá no fundo, o próprio Mark Zuckerberg realmente se conhecia.

E Sean Parker? Sean Parker provavelmente achava que conhecia Mark Zuckerberg também. Mas Eduardo estava certo de que essa dupla teria vida igualmente curta.

Para Eduardo, Sean Parker era como um pequeno cometa cortando o céu; e já tinha se queimado em duas outras *start-ups*. A questão não era *se* ele se queimaria com o Facebook também, mas *quando*.

1 Dez mil homens de Harvard querem a vitória hoje./Pois eles sabem que sobre o velho Eli/A justa Harvard se mantém firme./Então conquistaremos o povo do velho Eli/E quando o jogo terminar, cantaremos novamente:/Dez mil homens de Harvard conquistaram a vitória hoje!

CAPÍTULO 32 | TRÊS MESES DEPOIS

O mais estranho foi que ninguém chegou a ouvir as sirenes.

Um minuto antes, tudo estava ótimo. A festa estava a toda, a casa cheia de gente bonita e feliz. Garotas da faculdade e alunos de pós-graduação, moderninhos e jovens estilosos de vinte e poucos anos, de mochila e bonés de beisebol, fazendo contatos com profissionais em jeans apertados e camisas de colarinho — o lugar era igual a qualquer casa noturna de uma metrópole, só que em um ambiente universitário. Como uma festa de fraternidade para a molecada que não sabia nada sobre fraternidades. A bebida jorrava, a música martelava no piso de madeira e reverberava pelas paredes ocas de gesso...

Foi quando, *bum*, num piscar de olhos, tudo deu errado.

Ouviu-se um grito e em seguida a porta da frente foi arrombada. Lanternas rasgavam a escuridão da pista de dança lotada, mergulhando nas paredes de gesso como ovnis atacando uma planície desguarnecida. E então eles entraram às pencas, como uns capangas da Gestapo, gritando e xingando e empurrando, empunhando aquelas lanternas como malditos sabres de luz.

Uniformes azul-marinho. Cassetetes em punho, distintivos e até algumas algemas. Nenhuma arma à vista, mas os coldres estavam claramente expostos, o cruel pedaço de metal retorcido fazendo volume sob as grossas tiras de borracha escura.

Com sirenes ou não, festa já *era*.

Alguém poderia imaginar que o primeiro pensamento de Sean Parker foi o de que alguém tinha cometido um engano. Era só uma festa sem importância, nas imediações de um campus universitário. Era totalmente inócua. Ele chegou lá com uma das muitas estagiárias do Facebook, uma garota bonita com quem tinha feito amizade — diversão pura e inocente. Só uma festa, como milhares a que já fora. Completamente inofensiva, sem nada louco acontecendo.

Quer dizer, tudo bem, talvez *houvesse* álcool no local. E talvez a música estivesse um pouco alta demais. E, claro, talvez *alguns* dos garotos estivessem cheirando cocaína, fumando maconha. Sean não tinha como saber, fora poucas vezes ao banheiro da casa, pois estava mais interessado na pista de dança. Além da bombinha de asma no bolso de sua calça e a injeção de epinefrina no bolso da camisa, ele estava limpo. Sua asma crônica e suas ridículas alergias de merda garantiriam isso.

Mas quem é que se importava com isso? Era uma *festa*. Havia um bando de universitários ali. A faculdade não deveria ser um período de experimentação?

Revolução?

Liberdade?

Os policiais não deveriam ter sido mais indulgentes, considerando o lugar?

Porém, o olhar na cara deles tinha tudo, menos a disposição de deixar por menos. Sem dúvida, Batman estava atrás de grandes emoções.

Mas ele logo desconfiou que talvez não fosse uma questão de azar — de estar no lugar errado na hora errada—, mas sim de ser Sean Parker no lugar errado, na hora errada. Talvez, e apenas talvez, isso não fosse tão simples como uma festa que ficou barulhenta demais. Talvez, de novo, ele tivesse se tornado um alvo.

Graças aos contatos de Sean, o Facebook não era mais uma pequena empresa

universitária; Sean tinha tratado disso pessoalmente. Era agora uma grande corporação, prestes a valer um bilhão de dólares. E ele e Mark não eram duas crianças brincando com um programa de computador, mas executivos comandando uma empresa — uma empresa que nenhum deles queria vender, uma empresa que ambos agora acreditavam que um dia valeria muito, muito mais que um bilhão de dólares.

O crescimento dos últimos meses era nada menos que espetacular. Do ponto de vista de Sean, o que estava acontecendo com o Facebook era verdadeiramente transformador, o ápice de um conjunto de ideias brilhantes aplicadas a uma rede excessivamente bem-sucedida, formada por participantes impetuosos.

O primeiro e mais recente desenvolvimento transformador era o aplicativo de compartilhamento de fotos, a ideia de que o Facebook agora era um lugar onde você compartilhava e visualizava imagens que retratavam a sua vida social. Era a verdadeira digitalização da vida real: você não ia mais a uma festa agora, mas a uma festa com sua câmera digital para poder reviver aqueles momentos com seus amigos no dia seguinte — ou às duas da madrugada — via Facebook. E a possibilidade de acrescentar tags às fotos, o conceito que lhe permitia vincular o perfil de quem você quisesse às fotos em que eles apareciam, para que as pessoas pudessem se encontrar e ver quem estava lá, literalmente enxergando sua rede social pelo formato digital — aquilo era pura genialidade. E havia levado a uma explosão de usuários — agora talvez oito, dez milhões. Meu Deus, o Facebook crescia rápido demais.

E eles não estavam nem perto de terminar: o próximo passo tão transformador quanto as fotos era o canal de atualizações, uma ideia que Sean e Mark já tinham analisado independentemente. Esse *feed* de notícias apresentaria uma atualização constante de informações sobre as pessoas em sua rede social, o que linkaria as pessoas ainda mais umas às outras através de suas páginas no Facebook — um arquivo vivo de cada mudança no perfil de cada um sendo transmitido instantaneamente para todos os seus amigos. Quando concluído, seria uma sofisticada obra de engenharia tecnológica que Dustin e Mark teriam de criar — exponencialmente complexo, pois seria uma espécie de canal de divulgação limitado a grupos de amigos que devia ser constantemente atualizado, momento a momento. Para Sean, a ideia veio depois de passar horas monitorando o que as pessoas faziam quando entravam no Facebook; de perceber que elas sempre conferiam as mudanças de status de seus amigos, viam os amigos que tinham atualizado seus perfis, as fotos. A ideia de um canal de atualizações foi uma daquelas inspirações brilhantes, do tipo “heureka!”. Se houvesse uma forma de fazer isso automaticamente, Sean notara, melhoraria a experiência do usuário do Facebook da mesma forma que o compartilhamento e o reconhecimento de fotos também fizeram.

Não eram apenas ferramentas, eram marcos na construção, mudando o que começou como uma ideia de uma empresa de “garagem” em uma companhia bilionária que mudava a vida das pessoas. Construir o maior e mais bem-sucedido site de compartilhamento de imagens *em cima* da rede social mais popular? Criando um canal de atualizações em cima de tudo aquilo?

O Facebook seria maior que qualquer coisa na web, Sean tinha certeza. Em breve eles abririam o site para o público geral — a próxima grande transformação, o próximo marco —, e então se tornariam internacionais. E depois disso, bem, então nada nunca chegaria perto do Facebook novamente. Sean não estava pensando no Friendster ou mesmo no MySpace: ele estava pensando em Google e Microsoft.

O Facebook seria grande a esse ponto.

E quando as coisas se tornam realmente grandes, bem, Sean Parker sabia melhor que ninguém o que costumava acontecer. As pessoas começavam a agir de forma diferente. Perdiam amigos. Problemas surgiam, aparentemente, do nada.

Talvez, e apenas talvez, à medida que o Facebook se tornasse “mais do que grande”, à medida que o dinheiro continuasse a entrar e os grandes investidores comesçassem a pensar em termos de bilhões, talvez houvesse quem achasse que não precisaria mais de um Sean Parker.

Já tinha acontecido antes: duas vezes. Estaria mesmo acontecendo de novo?

Ou ele só estava sendo paranoico? Talvez as aparências não enganassem. A polícia estava dando uma dura na festa, e ele bem ali no meio de tudo.

Azar.

No lugar errado, na hora errada.

O pensamento seguinte de Sean, enquanto o levavam preso, foi o de que precisava fazer uma ligação. A especulação era uma fera que poderia causar muito mais estragos do que um cassetete ou um par de algemas. Inocente ou não, não ficava exatamente bem para o presidente de uma empresa bilionária, que estava mudando o mundo, ser preso ao lado de uma estagiária em uma festa. Ele não achava que acabaria na prisão, mas de uma coisa estava certo: inocente ou não, armação ou puro azar, Mark Zuckerberg ficaria muito puto com ele.

Em algum momento naquela noite, ou mesmo no dia seguinte, Mark Zuckerberg provavelmente recebeu um telefonema; talvez dos advogados da empresa, talvez do próprio Sean. Era bem provável que Mark estivesse no escritório do Facebook no momento, porque ele quase sempre estava naquele escritório. Podemos imaginá-lo sozinho, com o rosto iluminado pelo brilho esverdeado da tela do computador em sua frente. Talvez fosse tarde da noite, ou talvez madrugada; tempo nunca foi um conceito muito útil para Mark, apenas números em um relógio que não tinham a menor função, nenhum valor em si ou adquirido. Informação era bem mais importante, e a informação que Mark tinha acabado de receber devia ser imediatamente processada — e com absoluta eficiência.

Sean Parker era um gênio, e ele tivera um papel fundamental para levar o Facebook até onde estava. Sean Parker era um dos heróis de Mark, e sempre seria um mentor, um conselheiro, talvez até um amigo.

Mas podemos imaginar o que Mark deve ter pensado após ouvir os detalhes da festa que tinha acabado de ser interrompida pela polícia: Sean Parker tinha que sair.

Fosse qual fosse a razão, mesmo que Sean não fosse julgado ou indiciado por algo que tivesse feito — para algumas pessoas, a atual situação de Sean representaria uma grande ameaça ao Facebook. Para seus inimigos, ele sempre fora imprevisível, selvagem. As pessoas nem sempre o compreendiam, algumas achavam sua vitalidade assustadora. Mas agora era diferente. Era preto no branco. Não importava o motivo — fosse azar ou outra coisa —, as consequências eram tão óbvias quanto o fato de os dados entrarem e saírem.

Sean Parker tinha de sair.

Como Eduardo, como os Winklevoss, como qualquer um que se tornou uma ameaça — não importasse o motivo —, a situação tinha de ser resolvida, pois, em última instância, o Facebook era a única coisa que importava. Era a criação de Mark Zuckerberg, seu bebê, e havia se tornado a sua razão de viver. No começo, talvez tivesse sido algo simplesmente divertido, algo interessante. Outro jogo, um brinquedo, como a versão de Risk que ele havia construído no colégio, ou o Facemash, a proeza que quase lhe custou a expulsão de Harvard.

Mas agora, estava claro, o Facebook era a extensão do único amor verdadeiro da vida de Mark — o computador, aquela tela brilhando em frente ao seu rosto. E assim como o computador pessoal que o ídolo de Mark, Bill Gates, dera à humanidade por meio de seu software inovador, o Facebook era uma revolução, capaz de mudar o mundo, criando um livre canal de informação entre redes sociais que o digitalizaria de um modo que ninguém jamais concebera.

Mark não deixaria nada, nem ninguém, ficar no caminho do Facebook.

A menor tradução para Mark Zuckerberg estava no seu simples e elegante cartão de visitas, com uma única frase impressa no meio, que ele tinha criado, provavelmente sentado em frente ao computador, a tela brilhando no rosto; o cartão de visitas que ele mandou imprimir para carregar consigo para onde fosse.

De certa forma, o cartão sintetizava o peculiar senso de humor de Mark Zuckerberg. Mas por outro lado, o cartão era mais que uma piada — porque era verdade. Não importa no que qualquer um quisesse acreditar, não importa o que tentassem fazer, a emoção contida no cartão sempre seria verdadeira.

Inevitavelmente, indelevelmente verdadeira.

Podemos imaginar Mark lendo em voz alta para si mesmo as letras no cartão, um resquício minúsculo de sorriso surgindo através de seu rosto normalmente impassível.

“Eu sou o CEO — porra.”

Merda, tinha sido uma noite daquelas.

Eduardo não sabia ao certo o nome da boate, ou mesmo como tinha chegado ali, exatamente. Ele sabia que era Nova York, e em que região estava — no Meatpacking District. Lembrava-se vagamente de um táxi e de pelo menos dois amigos de faculdade, além do fato de que em algum momento tinha aparecido uma garota, porque há sempre uma garota no meio das farras, não é? E ele tinha quase certeza de que ela era gostosa, possivelmente asiática, e podia até tê-lo beijado.

Mas em algum momento entre o táxi e a boate ela desaparecera, e agora ele estava sozinho, esparramado em um banco de couro azul brilhante, encarando seu próprio reflexo em um copo de uísque, vendo seu próprio rosto derretendo pelas reentrâncias do gelo ali dentro, como uma imagem de uma casa de espelhos, ou talvez uma daquelas pinturas de Salvador Dalí de que ouvira falar em uma matéria obrigatória — Manchas e Pontos, era como achava que a chamavam, arte moderna para garotos que não estavam nem aí para arte moderna.

Ele estava sozinho, e bêbado, mas não *completamente* bêbado. Um conjunto de coisas deixara sua vista turva, e o álcool não estava nem sequer no topo da lista. Primeiro, havia as noites maldormidas. Já fazia quase três semanas que ele não dormia antes das quatro; por causa da nova *start-up* em que estava trabalhando e que envolvia o sistema de saúde, redes sociais e tudo que estivesse entre os dois, e do processo que dominava muitos de seus dias, e claro, da sua vida social — dividida entre Boston, Nova York, às vezes Califórnia, e o Phoenix, sempre o Phoenix. Ninguém se importava se ele era um pouco mais velho que todo mundo no clube, porque eles ainda eram irmãos, eles sempre seriam irmãos. E todo mundo no Phoenix ainda sabia exatamente quem ele era. *O que ele tinha feito*. Mesmo que o resto do mundo nunca tivesse ouvido falar nele. Mesmo que o resto do mundo relacionasse o Facebook apenas com um nome, um garoto prodígio.

Sim, Eduardo estava cansado. Não vinha realmente dormindo bem havia semanas. Ele se reclinou na poltrona, encarando aquele copo de uísque, quando foi assaltado por lembranças de uma noite como aquela, em que mais uma vez não conseguira manter a boca fechada.

Foi uma noite daquele verão que tinha passado em Nova York, ainda em 2004. Eduardo não tinha certeza do dia e do mês exatos, mas tinha sido depois de ter bloqueado a conta bancária, depois das ligações que fizera para Mark, que vistas do presente, haviam sido o começo do fim, as rachaduras que eventualmente se transformariam em fraturas estruturais. Eduardo tinha ficado indignado, e se sentia lesado — e tinha saído para beber, exatamente como nessa noite, e tinha terminado em uma boate, exatamente como essa.

Ele foi para a pista de dança com a esperança de se dar bem com alguma garota, quando percebeu que um cara o estava observando do canto do salão.

Eduardo reconheceu o rapaz imediatamente — pois, bem, seria difícil não reparar nele. Grande, musculoso, um atleta com rosto de estrela de cinema e porte olímpico. Eduardo o tinha visto muitas vezes no campus, com seu irmão gêmeo idêntico. Na verdade, Eduardo não sabia nem para qual dos gêmeos Winklevoss estava olhando. Apenas que era um deles, bem à sua frente, a menos de cinco metros em uma boate qualquer de Nova York.

Naquele momento, Eduardo se deixou levar pelas emoções e pelo álcool. Talvez, no fundo, ele tivesse tido uma premonição sobre o que aconteceria entre ele e Mark. Ou talvez

ele só estivesse bêbado.

Não importa o motivo, ele foi até o gêmeo Winklevoss e estendeu a mão.

Enquanto o rapaz o encarava, surpreso, Eduardo deixou as palavras serem cuspidas de sua boca:

— Desculpem. Ele também me passou para trás — disse.

E sem mais uma palavra se virou e desapareceu na pista de dança.

EPÍLOGO | ONDE ELES ESTÃO AGORA?

SEAN PARKER ► Após deixar o Facebook, Sean Parker continua sendo uma referência na comunidade do Vale do Silício. Recentemente, associou-se à Founders Fund, uma firma criada por Peter Thiel que investe em empresas de tecnologia em formação, buscando acordos similares ao investimento de 500 mil dólares que Thiel fez no início da expansão do Facebook, investimento que agora é avaliado em mais de um bilhão de dólares. Mais recentemente, Sean fundou outra empresa, misteriosamente batizada “Projeto Agape”, uma rede social que dá suporte ao ativismo político em larga escala pela internet.

TYLER E CAMERON WINKLEVOS ► Tyler e Cameron Winklevoss travaram uma batalha judicial contra Mark Zuckerberg e o Facebook, entre o final de 2004 e o último verão, quando as duas partes finalmente chegaram a um acordo. Apesar de os detalhes do acordo terem sido mantidos em segredo de justiça, há poucos meses a firma de advogados que representou os Winklevoss e o ConnectU vazou uma informação que descrevia os termos do acordo, envolvendo uma indenização na casa dos 65 milhões de dólares. Apesar de a quantia parecer significativa, há uma série de evidências de que Tyler e Cameron não ficaram felizes com o resultado do acordo, e é provável que sua batalha contra o Facebook esteja longe de terminar. Uma notícia mais alegre: Tyler e Cameron obtiveram tempo para as Olimpíadas de Pequim de 2008, nas quais terminaram em sexto lugar na competição masculina em duplas. Não pararam de treinar desde então, e atualmente estão decidindo se vão ou não disputar as Olimpíadas de Londres, em 2012.

EDUARDO SAVERIN ► Eduardo Saverin segue dividindo seu tempo entre Boston e Nova York, e continua a ser um assíduo frequentador dos sagrados andares de cima do Phoenix. Os detalhes de seu processo contra Mark Zuckerberg e o Facebook, e daquele iniciado por Mark contra Eduardo, permanecem envoltos em mistério; entretanto, em janeiro de 2008, o nome de Eduardo e o título de cofundador foram abruptamente incluídos no estatuto de fundação do Facebook, sua própria existência readmitida na história corporativa da empresa. Esse desdobramento só pode ser visto como indício de que Eduardo obteve algum sucesso em sua batalha pelo reconhecimento de seu papel na criação do Facebook. Problemas legais à parte, se Eduardo e Mark ainda serão capazes de retomar a amizade permanece uma incógnita.

FACEBOOK E MARK ZUCKERBERG ► Sobre o próprio Facebook, em outubro de 2007, após uma disputa breve e ruidosa com o Google, a Microsoft comprou uma cota de 1,6% da empresa por 240 milhões de dólares, avaliando o Facebook em mais de 15 bilhões de dólares, ou mais de cem vezes seu faturamento anual de 150 milhões de dólares. A crise econômica diminuiu o valor de mercado do Facebook, mas a empresa manteve seu surpreendente padrão de crescimento. Ao final de 2008, o Facebook vai ter bem mais que duzentos milhões de usuários, e de acordo com anúncios recentes, a empresa ganha cerca de cinco milhões de novos usuários por semana.¹ Erros amplamente divulgados, como a quase polêmica envolvendo questões sobre propriedade de conteúdo e o mau uso de “informação particular” com propósitos publicitários, não conseguiram desacelerar a revolução social, e parece bastante provável que o Facebook continue a beneficiar um enorme número de pessoas por anos a fio. A pequena produção de alojamento universitário de Mark Zuckerberg se tornou uma das mais influentes empresas da internet; e apesar de não ser claro o quanto Mark Zuckerberg vale hoje, ele é certamente um dos rapazes de vinte e cinco anos mais ricos no planeta — e tem sido descrito como o mais jovem bilionário que começou do zero de todos os tempos.

1 Segundo o jornal *Financial Times*, em agosto de 2010 o valor do Facebook chegou a US\$ 33,7 bilhões, ultrapassando gigantes da internet, como o Yahoo e o eBay. Dados oficiais do site registravam 515.617.460 usuários cadastrados, e a agência Reuters noticiou que os lucros de 2009 chegaram a US\$ 800 milhões. (*N. do E.*)

AGRADECIMENTOS

Este livro começou — como essas coisas costumam começar — com um e-mail que chegou completamente do nada, para mim, às duas da madrugada. Tenho uma dívida com Will McMullen por ter dado o primeiro passo, e por me apresentar a esta história como só ele poderia. Meus sinceros agradecimentos também a Daryk Pengelly, Alasdair McLean-Foreman, e a todos em Harvard e no Phoenix-S K, que me auxiliaram em minha pesquisa sobre o mundo por trás dos portões cobertos de hera.

Sou imensamente grato a Bill Thomas, meu fantástico editor, e a toda a sua equipe na Doubleday/Random House. Também devo agradecer a Eric Simonoff e a Matthew Snyder, extraordinários agentes. Muito obrigado aos meus irmãos em Hollywood, Dana Brunetti e Kevin Spacey, e a Mike DeLuca, Scott Rudin e Aaron Sorkin, todos pessoas que contribuíram com esse projeto de numerosas maneiras. Agradeço também a Niel Robertson e Oliver Roup a necessária orientação sobre o mundo do Vale do Silício. E muito obrigado a Barry Rosenberg, obviamente o melhor no que faz.

Além disso, este livro não poderia ter sido escrito sem a generosa, apesar de às vezes relutante, ajuda de minhas diversas fontes especiais. Apesar do pedido para permanecerem anônimas, fiz o melhor que pude para honrar a cooperação delas ao contar esta história da forma mais honesta e respeitosa possível. Sou um grande fã de todos os personagens deste livro; estou deslumbrado com a genialidade deles, e sou grato pela oportunidade de ter tido uma amostra de um mundo de criação que nunca conhecera até então.

Como sempre, devo muito a meus pais maravilhosos, meus irmãos e suas famílias. E a Tonya e Buggy: eu não poderia fazer nada disso sem vocês.

BIBLIOGRAFIA

- BALOUN, Karel M. *Inside Facebook*. Victoria, BC, Canadá: Trafford Publishing, 2007
- BRICKMAN, S. F. "Face Off", *Harvard Crimson*, 6 de novembro de 2003.
- DREMANN, Sue. "In Your Face", *Palo Alto Weekly*, 7 de abril de 2005.
- FEENEY, Kevin J. "Business, Casual", *Harvard Crimson*, 24 de fevereiro de 2005.
- FM Staff. "How They Got Here", *Harvard Crimson*, 24 de fevereiro de 2005.
- FORBES.COM, "Facing the Future", 13 de setembro de 2006.
- GREENSPAN, Aaron. *Authoritas*. Palo Alto, CA: Think Press, 2008.
- GRYNBAUM, Michael M. "Mark E. Zuckerberg 06: The Whiz Behind thefacebook.com", *Harvard Crimson*, 10 de junho de 2004.
- _____. "Online Facebook Solicits New Ads", *Harvard Crimson*, 7 de maio de 2004.
- HOFFMAN, Claire. "The Battle for Facebook", *Rolling Stone*, 26 de junho de 2008.
- KAPLAN, Katharine A. "Facemash Creator Survives Ad Board", *Harvard Crimson*, 19 de novembro de 2003.
- LACY, Sarah. *Once You're Lucky, Twice You're Good*. Nova York, NY: Gotham Books, 2008.
- MCGINN, Timothy. "Online Facebooks Duel over Tangled Web of Authorship", *Harvard Crimson*, 28 de maio de 2004.
- MCGIRT, Ellen. "Hacker. Dropout. CEO", *Fast Company*, maio de 2007.
- MILOV, Sarah E. F. "Sociology of thefacebook.com", *Harvard Crimson*, 18 de março de 2004.
- NEYFAKH, Leon. "Columbia Rebukes thefacebook.com", *Harvard Crimson*, 9 de março de 2004.
- O'BRIAN, Luke. "Poking Facebook", *02138 Magazine*.
- SCHATZ, Amy. "BO, UR So GR8", Wall Street Journal Online, 26 de maio de 2007.
- SCHWARTZ, Barry M. "Hot or Not? Website Briefly Judges Looks", *Harvard Crimson*, 4 de novembro de 2003.
- SEWARD, Zachary. "Dropout Gates Drops in to Talk", *Harvard Crimson*, 27 de fevereiro de 2004.
- SKALKOS, Anastasios G. "New Online Facebook Launched", *Harvard Crimson*, 19 de março de 2004.
- TABAK, Alan J. "Harvard Bonds on Facebook Website", *Harvard Crimson*, 18 de fevereiro de 2004.
- _____. "Hundreds Register for New Facebook Website", *Harvard Crimson*, 9 de fevereiro de 2004.
- VARA, Vauhini. "Facebook CEO Seeks Help as Site Grows Up", Wall Street Journal Online, 5 de março de 2008.



Ben Mezrich formou-se em Harvard e publicou outros dez livros, incluindo *Bringing Down the House*, que se tornou *best-seller* do *The New York Times*. Atualmente, é colunista do *Boston Common* e colaborador da revista *Flush*. Mora em Boston, com a esposa Tonya.

Ben Mezrich nasceu em Princeton, New Jersey. Alguns de seus livros foram escritos sob o pseudônimo Holden Scott. Criou o próprio estilo para pesquisar e escrever histórias de não ficção que contam a vida de jovens gênios que fazem toneladas de dinheiro nos limites do impossível, da ética e da moralidade.

Ao escrever essas histórias verdadeiras, obteve acesso a mundos raramente expostos, de apostadores, mafiosos e clubes eróticos.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Nota do autor](#)

[1. Outubro de 2003](#)

[2. Harvard yard](#)

[3. No charles](#)

[4. Galinhas canibais](#)

[5. A última semana de outubro de 2003](#)

[6. Mais tarde, naquela noite](#)

[7. O que acontece depois](#)

[8. O quad](#)

[9. A conexão](#)

[10. 25 de novembro de 2003](#)

[11. Cambridge, 1.](#)

[12. 14 de janeiro de 2004](#)

[13. 4 de fevereiro de 2004](#)

[14. 9 de fevereiro de 2004](#)

[15. American idol](#)

[16. Veritas](#)

[17. Março de 2004](#)

[18. Nova York](#)

[19. O semestre da primavera](#)

[20. Maio de 2004](#)

[21. Acaso](#)

[22. California dreaming](#)

[23. Henley-on-Thames](#)

[24. 28 de julho de 2004](#)

[25. São Francisco](#)

[26. Outubro de 2004](#)

[27. 3 de dezembro de 2004](#)

[28. 3 de abril de 2005](#)

[29. 4 de abril de 2005](#)

[30. Aqui se faz...](#)

[31. Junho de 2005](#)

[32. Três meses depois](#)

[33. CEO](#)

[34. Maio de 2008](#)

[Epílogo. Onde eles estão agora?](#)

[Agradecimentos](#)

[Bibliografia](#)

[Sobre o autor](#)